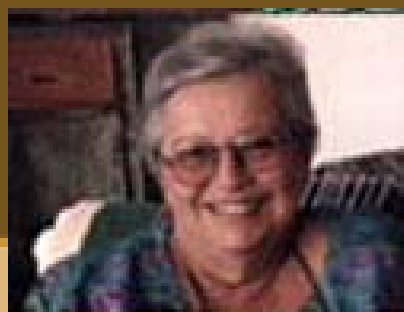
Biblioteca Virtualbooks

NO GIRO DO TEMPO

Mariza Bandarra

Mariza Leite Bandarra nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1935. Em 1951 casou-se com o então 2º Tenente Aviador da Força Aérea Brasileira, Mario Alberto Pillar Bandarra. Mãe de três filhos, avó de seis netos e bisavó de três bisnetos.

Criada na religião Católica, iniciou sua busca espiritual ainda adolescente. Procurou os conhecimentos espirituais através da leitura esotérica e no decorrer de sua juventude freqüentou centros espíritas Kardecistas e Umbandistas. E foi na Umbanda Esotérica, em 1980, que começou o seu desenvolvimento mediúnico.

Estudou também a Apometria, técnica de libertação da obsessão, desenvolvida por um psiquiatra espírita de Porto Alegre, Dr. José Lacerda de Azevedo. Por dois anos, freqüentou no Rio de Janeiro, um grupo formado por este, adquirindo tais conhecimentos.

Mas foi a partir de 1986, sob a orientação de Vovó Maria Baiana, entidade que muito a ajudou, que ela principiou a psicografar. Manifestou-se então o seu Mestre Oriental, preparando-a para o trabalho espiritualista, despertando o seu desenvolvimento mediúnico.

Desde 1987, quando um grupo foi formado, ela preside esse trabalho. Em 1990, mudando-se para a cidade de Cruz Alta no Rio Grande do Sul, continuou se dedicando a esse mesmo trabalho, formando e dirigindo um novo grupo.

Sem ser filiada a Federação Espírita, numa linha espiritual independente, a Casa do Amor Universal, sob a coordenação do Mestre Oriental e com o auxílio da Corrente da Luz de Jesus, se dedica a um trabalho de expansão de consciência. Transmitindo palestras, auxiliando a quem necessita de ajuda, despertando a conscientização da Unidade com o Nosso Criador e buscando desenvolver a Energia do Amor Cósmico, o grupo de médiuns se reúne três noites por semana, num atendimento ao público.

Em 1999, Mariza passou a escrever os livros que hoje apresenta, sob inspiração de seu Mestre, através da intuição. Baseados nas experiências por ela mesma vividas e de outras pessoas amigas ou conhecidas, a autora espera conseguir com estes livros, através da Internet, atingir seu objetivo: Ajudar no despertar de consciência daqueles que estão em busca de uma maior compreensão da Vida Eterna.

Tendo que retornar ao Rio de Janeiro em 2001, fixou novamente residência nessa cidade. Mas o grupo mediúnico da Casa do Amor Universal continuou, em Cruz Alta, o trabalho espiritual do despertar da consciência.

Aqui no Rio a autora filiou-se a editora virtual Hotbook, colocando seus livros gratuitamente, através do site www.hotbook.com.br – item espiritualidade, onde tem conquistado um grande número de leitores.

E-mail: mmband@rjnet.com.br

NO GIRO DO TEMPO

De maneira singela e linguagem simples, este livro nos faz pensar e nos leva a meditar sobre um dos mistérios ainda não totalmente compreendido em séculos e séculos de especulação de várias religiões.

O que somos ? Por que aqui estamos ? Para onde vamos ?

À luz da Doutrina Espiritualista ou Esotérica como o quiserem, a autora narra a saga de alguns espíritos, que em suas sucessivas reencarnações nos dá uma idéia bastante precisa da lógica cósmica e das suas leis absolutamente perfeitas.

As reencarnações dos personagens desse romance esotérico nos dão uma noção lógica, clara, absolutamente normal da seqüência dos estágios de sua evolução. Da busca da redenção através das oportunidades que lhes são dadas rumo ao aperfeiçoamento.

Essa, a estória de alguns espíritos que estiveram no massacre aos índios Guaranis e Jesuítas nas Missões, em 1756. Uns algozes, outros vítimas... Sob a Lei do Amor Cósmico, caminharam juntos, uns resgatando, outros auxiliando, envoltos na Energia do Perdão e do Amor, alçando assim mais um degrau rumo à evolução.

É claro que este é apenas um flash, que abrange um pequeno trecho da trajetória desses espíritos. Muitas e muitas experiências de vida neste e noutros planos, ainda deverão acontecer até que finalmente eles possam ocupar o seu verdadeiro lugar de Luz na Eternidade.

O livro nos faz pensar. Nos abre a consciência sobre as perguntas iniciais. Lança uma luz clara sobre nossas dúvidas.

Você irá sentir a vida como ela é no seu quotidiano e a sua razão de ser. Você irá conhecer o problema social do racismo. Da discriminação inaceitável. Você irá compreender a ecumenicidade das religiões. Você irá emocionar-se às lágrimas. Por fim irá compreender que somente o Amor poderá redimir e elevar o espírito seja qual for o corpo ou a forma que adotar!

Vale a pena ser lido e principalmente compreendido, independente de sua religião, pois que todos os caminhos nos levam ao Criador.

Mario Alberto Pillar Bandarra

“Que a Luz de Jesus
ilumine nossos espíritos, clareando nossas mentes,
expandindo nossas consciências para uma compreensão maior da
Vida Eterna...

Louvado seja Deus Nosso Criador e Louvado seja Jesus nosso Mestre Divino!"

Li-Cheng

AGRADECIMENTO

A DEUS pela VIDA!...

Ao meu Mestre Li-Cheng e a Corrente da Luz de Jesus, pela orientação dada sob intuição, com a missão de transmitir através da escrita os ensinamentos espirituais recebidos.

À minha família, pelo seu apoio e incentivo...

Em especial aos meus filhos Mario Márcio e Mario Jorge que tornaram possível a minha entrada no mundo da informática... A minha nora Adriana e meu neto Pedro que colaboraram para a concretização de minhas idéias de arte gráfica... A minha filha Adriana pela revisão dos textos...

Aos amigos, que fazem parte do corpo mediúnico da Casa do Amor Universal, José Rosa, Maria Helena, Neuzinha, Guacira, que através de sua mediunidade me transmitiram também orientação ao meu trabalho... E a Sonia que pacientemente me ensinou a manejar o computador...

E a meu marido que com o seu carinho e compreensão, suportou as minhas ausências, incentivando-me o tempo todo...

“Muitas são as moradas de Meu Pai neste Universo...” Assim disse Jesus.

Quando o ser humano conseguir fixar o olhar além da matéria, sua visão alcançará outros planos de vida e seus sentidos captarão as vibrações neles existentes... E o intercâmbio entre irmãos cósmicos se tornará uma realidade...

Um Irmão na Luz

NO GIRO DO TEMPO

Primeira Parte: Ano 1952

O sol brilhante da bonita manhã de verão resplandecia o verde dos trigais que, agitados pelo moderado vento, assemelhavam-se a um ondulante mar a se perder no extenso horizonte. E as árvores dos poucos capões ainda existentes, balançavam seus galhos, como a acompanhar uma alegre música, animando mais ainda a vida dessa bela paisagem campesina.

Com o rosto apoiado na janela do ônibus, Daniel apreciava a vista, que corria célere, sob seu olhar atento. Absorto em pensamentos, vagando pelo tempo, encontrava-se alheio à balbúrdia de seus colegas que, entre risos e gritos, demonstravam a alegria que sentiam por participar de uma excursão escolar.

"Como seria esta paisagem àquele tempo...? Deveriam existir muito mais árvores... Acho que não havia plantações assim... Sei lá!...Será que era mais bonita ?!"

Seu coração ansioso deixava sua mente cheia de expectativas. Eram muitas as perguntas à espera de respostas.

"*Puxa vida*!... Parece até que estou sonhando, que não é verdade!... Finalmente vou conhecer a terra de meus antepassados... Tomara que chegue logo!!!"

Desde que estudara, há três anos atrás, sobre os Sete Povos das Missões, Daniel aguardava com ansiedade o momento de conhecer as ruínas de São Miguel. Sabia que uma excursão a este local, fazia parte da programação de estudo sobre a História do Rio Grande do Sul, mas, por motivos diversos, tal projeto fora adiado por vezes, deixando-o angustiado, aumentando ainda mais o desejo crescente de conhecer suas raízes.

Porém agora, durante as férias escolares, como estava ocorrendo um torneio escolar de futebol entre os municípios vizinhos e a partida final seria na cidade de Santo Ângelo, sua escola acrescentara à esta programação, um rápido passeio pelas Ruínas de São Miguel. Seria uma forma de compensação pela frustrada excursão dos últimos anos. Iriam almoçar por lá, descansando um pouco antes do jogo, marcado para as quatro horas da tarde.

Chegara assim o tão sonhado momento!... À medida que o ônibus avançava, seu coração ia se acelerando com a expectativa do que o aguardava.

"Como será que vivia a minha gente por aqui...? Seriam felizes...?! Pelo menos devia ser bom conviver com gente igual a gente !"

Apesar de se sentir amado por seus pais e sua irmã, sua pele morena e suas feições indígenas, contrastando de maneira gritante com a tez branca, os cabelos louros e os claros olhos azuis de sua família de origem germânica, criavam por vezes situações embaraçosas e tristes para ele.

Amava os pais adotivos e, na compreensão de seus quatorze anos, era grato por sua acolhida. Mas, não obstante, um profundo sentimento de rejeição habitava escondido em seu coração. Sentia a discriminação racial existente entre a população da pequena cidade aonde morava, colonizada por alemães no início deste século.

Os pais nunca esconderam dele a sua origem e costumavam chamá-lo de “filho querido do coração, presente dos céus”. Porém, fora através de maldosos comentários de terceiros, que ficara sabendo da realidade de sua adoção.

“Pobres de meus pais... O quanto não sofreram pelo abandono que seu povo sentiu através do tempo... Coitada de minha mãe!... E o meu pai, o que terá acontecido com ele...?! Será que um dia poderei saber notícias dele...?”

Pensamentos assim, ultimamente afloravam à sua mente, deixando-o angustiado e, ao mesmo tempo sofria, temendo estar sendo ingrato ao amor que recebia. Mas, especialmente neste momento em que admirava a paisagem próxima às Missões, não conseguia conter nem a mágoa escondida, nem a revolta pela discriminação racial. Seus pensamentos voavam, relembrando as situações de menosprezo, sofridas por seus pais de sangue.

Fazia frio naquele dia chuvoso de inverno. A pequena cidade de colonização alemã se encontrava quase deserta. Era hora do almoço. As casas em sua maioria estavam fechadas.

Um jovem casal de bugres, com um filho de apenas meses, chegara a pouco à cidade para tentar vender alguns cestos de sua fabricação. A fome roía seus estômagos, deixando-os aflitos, principalmente a jovem mãe, que pela falta de alimentação adequada, se encontrava doente, produzindo pouco leite para seu pequenino filho.

Passando em dado momento, frente à uma pequena mercearia que ainda se encontrava aberta, o rapaz resolveu entrar na esperança de trocar seus cestos por alimentos. Esta se encontrava vazia. O dono havia se retirado por alguns instantes para o interior da casa. A visão dos pães e demais alimentos expostos, aguçou a fome do jovem bugre que, ansioso, ficou respeitosamente aguardando seu retorno. Entretanto, como este demorasse a voltar, ele cometeu o erro de antecipar-se separando alguns artigos para a troca, sobre o balcão.

De repente, do lado de fora na rua, sua mulher começou a tossir e, assustado, o filho também desatou a chorar. Aflito, mas confiante na comercialização de sua mercadoria, sem pensar, ele precipitou-se a levar para a mulher um pedaço de salame e um pão. Neste momento o dono da mercearia retornou e, indignado com o que via, sem querer ouvir as explicações do bugre, pois considerava este um ser de sub-raça, ladrão por índole, começou a gritar pedindo auxílio.

Aos brados de “Pega ladrão!!!”, um vizinho acorreu e juntos dominaram o rapaz que, aturdido, não soubera reagir. Levaram-no então, às pressas, para a delegacia próxima dali. A jovem mãe, desesperada, gritava pedindo que nada fizessem com ele. Sendo totalmente ignorada esta ficou para trás aos prantos. Sem saber o que fazer olhava à sua volta, desorientada, tossindo cada vez mais.

De uma casa próxima, saiu um pastor luterano para ver a causa de tantos gritos. Entretanto não chegara à tempo de assistir o que havia se passado, portanto não pudera intervir, impedindo o acontecido. Mas, ao ver a jovem mãe naquele estado desesperador, acolheu-a na igreja. Fraca, angustiada, ardendo em febre, esta desmaiou em seus braços.

O jovem bugre ficara preso na delegacia, aguardando julgamento pelo suposto roubo. A mulher do pastor, condoída com a situação, abrigou a pobre mãe em sua casa, tratando-a com cuidado. Entretanto, a pneumonia dupla que esta adquirira pela fraqueza em que se encontrava, levou-a à morte prematura. E o pequenino índio ficou só.

O casal religioso, que possuía apenas uma filha pequena, resolveu adotar o menino, criando-o com amor como se fosse filho legítimo. Quanto ao pai, enviado para a penitenciaria estadual, nunca mais se soube dele. E os anos se passaram...

Mas a maledicência da população racista, não deixou que a verdadeira história dos pais de Daniel fosse veiculada. À boca pequena, corria a estória do bugre ladrão e do filho abandonado, que o pastor na sua infinita bondade acolhera para criar.

Daniel crescera forte e desenvolvendo inteligência acima da média, deixava seus pais orgulhosos mas, em contrapartida, isso criava inveja entre os colegas, que o discriminavam disfarçadamente. Não fosse ele o filho do pastor, essa discriminação seria mais forte e flagrante.

Porém, quis o Destino que ele fosse dotado também de grande habilidade com a bola de futebol. Tornando-se o craque do time escolar, ganhou popularidade e nele, agora, estavam depositadas as esperanças da escola ganhar o título de campeã neste torneio intermunicipal. Esta já havia vencido todas as partidas anteriores, com Daniel sendo considerado o artilheiro do torneio. Ele fizera o maior números de *gols* de toda a campanha. Seria agora, na terra das Missões, a grande decisão.

- E aí, *Bugrão* ?! *Tá* concentrado pra vitória...?! - batendo no ombro de Daniel, o menino louro fala num tom amistoso, misto de admiração e esperança no toque de bola do campeão.

Despertado de seu devaneio, Daniel sorri, sem demonstrar a mágoa que ainda lhe causava tal apelido: - Vou fazer força, Alemão!... Por isso estou aproveitando pra descansar...

- *Bacana,* cara!... Então continua concentrado... *Tô* indo! - sorrindo, este volta para seu lugar, sem se dar conta do menosprezo embutido no aumentativo da raça de seu companheiro.

Há muito Daniel deixara de se ofender com isso. Quase todos colegas o chamavam assim... De início, sentia-se discriminado e, portanto, humilhado com a sua origem. Fora seu pai quem o fizera valorizar sua raça e se orgulhar dela. Nos momentos difíceis lembrava-se sempre de seu conselho.

"Filho, ao invés de se ofender, responda à altura... Usa da tua inteligência privilegiada, para colocar-se acima dos que procuram te ofender. O teu povo, filho, era valente e também dotado de inteligência e grande sensibilidade para as artes... Apenas foram impedidos de desenvolver suas qualidades, descobertas pelos jesuítas. Eles não foram dizimados por incompetência ou covardia. Muito pelo contrário... Apenas não dispunham de exército treinado e armas poderosas. E além do mais, honravam a sua palavra e seus tratados. Por isso acreditaram nos espanhóis e portugueses, que os enganaram com falsas promessas... Lutaram bravamente até o fim..."

Tal opinião de seu pai, sobre os índios missioneiros, era bem diversa da maioria de seus conterrâneos de origem alemã, que consideravam os índios uma sub-raça, sem nenhuma aptidão.

O pastor luterano Tomás acreditava na versão histórica, ainda com mais admiração sobre o potencial que os índios demonstraram àquela época e que, por falta de apoio dos brancos, não puderam desenvolver. Caçados como animais e escravizados, os índios, oprimidos, foram aos poucos se desmoralizando e a raça Guarani, se extinguindo. E isto causava tristeza àquele homem profundamente religioso, seguidor fiel da doutrina de Cristo, quando encontrava algum miserável descendente dos guaranis. Fora, portanto, com um sentimento de respeito e também em reconhecimento a certos fatos vividos por seu avô com alguns índios, na época do início da colonização alemã na região das Missões, que Tomás adotara com amor, o pequeno índio.

Assim, apesar da mágoa que causava a disfarçada discriminação à sua origem, Daniel passou a aceitar ser chamado de Bugre e, com determinação, buscava sempre ser vitorioso em tudo no que se empenhava. Em sua mente, amadurecida para a sua idade, a cada vitória

conquistada sobre seus colegas, ele honrava a sua origem. Ao mesmo tempo, dedicava-a a seu pai em retribuição a tudo o que este lhe ensinava com tanto amor.

À medida que o ônibus ia se aproximando da cidade de Santo Ângelo, o entusiasmo ia crescendo entre os estudantes que, com grande algazarra, treinavam a torcida para o tão esperado jogo.

O barulho não impedia que Daniel continuasse absorto em seus pensamentos. Seu temperamento introvertido deixava-o quase sempre à parte de tais demonstrações de euforia. Na verdade, por mais que se esforçasse, não conseguia se achar parte integrante do grupo. Em seu íntimo, sentia-se sempre um estranho em seu meio.

Quando o ônibus diminuindo a velocidade, passou frente à estrada de acesso para Santo Ângelo, a algazarra aumentou. Aos brados de "Aguardem por nós!!!...Chegaremos aí para vencer!!! Nossa escola é campeã, campeã!!!" os jovens atletas acenavam entusiasmados para os transeuntes que por ali se encontravam, sem darem ouvidos aos dois professores que procuravam manter a ordem.

A visão da grande cruz de Lorena, símbolo das Missões jesuíticas, que demarcava o caminho para a cidade, fez o coração de Daniel bater mais forte. Destacando-se na paisagem, esta cruz missioneira significava para ele o marco que indicava, nesse momento, que estava adentrando na terra que pertencera a seus ancestrais. E alheio ao tumulto à sua volta, ele continuou olhando-a, até que esta saiu do alcance de sua vista. Os quilômetros da estrada de terra que ainda o separavam das ruínas, pareceram-lhe daí para a frente, intermináveis...

Com o olhar distante quase não reparava mais na paisagem. Sua mente inquieta, trouxe à lembrança a conversa que tivera com seu pai, dias antes desta viagem.

Entrando em casa após o culto dominical, o pastor Tomás enquanto aguardava que Elisa, sua mulher, preparasse o almoço, pegou de seu violino como de costume e começou a tocar para os filhos. Ele fazia questão que estes conhecessem a boa música.

O som vibrante de Bethoven encheu a modesta sala. Daniel, embevecido, fechou os olhos para sentir melhor a música. Ele adorava ouvir o pai tocando. Apesar de não possuir talento para executar nenhum instrumento, a música clássica sempre o sensibilizava.

Já o mesmo não acontecia com sua irmã. Sempre que podia, procurando não magoar o pai, ela arranjava uma desculpa para sair. Assim, com o pretexto de ajudar a mãe, foi ligeiro para a cozinha, falando consigo mesma: -" Ai... O pai é um *saco* com esse *firim-fim-fim* na cabeça da gente!...Não sei como o Dani agüenta... Nessas horas ele nem parece um guri... Parece que a cabeça fica de velho... Acho que é por essas e outras que ele não consegue se *afinar* direito com a turma!..."

Na verdade, Daniel gostava de todo tipo de música. Da popular à erudita. Para ele a música estava em toda parte...No canto dos pássaros, no som do vento assobiando por entre as árvores, nas tempestades, no correr das águas do rio...E imaginava a maravilha que seria ouvir o marulhar das ondas no mar... Na sua concepção de vida, toda a natureza, assim como a humanidade e todo o universo, formavam uma grande orquestra, regida por Deus. Ele escutava a música em tudo. Ela estava em sua alma...

Tendo terminado a execução, Tomás, colocando o violino sobre o colo, volta-se com admiração para o filho: - Sinto-me feliz por ter um ouvinte tão atento... Acho uma pena, filho, tu não insistires em aprender a tocar algum instrumento... Com esta tua sensibilidade para a música, certamente darias um ótimo instrumentista!

E estendendo para este o violino, insiste: - Toma, filho, sente a vibração deste meu velho e excelente companheiro. Herdei-o de meu pai que também era violinista... Se ainda fosse vivo, teu avô ficaria feliz, em tocar para ti... Para o artista, nada é mais recompensador do que a sintonia com seu ouvinte.

Alisando com cuidado o instrumento, Daniel comenta com uma certa tristeza: - É realmente lindo...Mas nas minhas mãos, ele não poderia transmitir o som perfeito que tu consegues, pai. Eu não tenho o teu talento!... E como poderia herdá-lo...?!

Tomás olhando nos olhos do filho, responde com carinho: - Mas tu tens a herança da música no teu sangue. A tua raça, Dani, era musical. Foi através da música que os jesuítas atraíram para as missões, o povo guarani. Eles aprenderam a cantar e a tocar a música erudita com perfeição, como se tivessem estudado nos melhores conservatórios europeus. E sabes o quê mais...? Aprenderam também a fabricar violinos e flautas, e estes eram tão perfeitos, que os jesuítas os exportavam para a Europa.

- Mas, pai, se os jesuítas educavam dessa forma o povo guarani, por que as Missões foram destruídas...?! Não consigo entender uma coisa dessas...

- Exatamente por elas estarem se tornando uma nação forte, os espanhóis e os portugueses começaram a temer a sua força crescente. Os guaranis aprenderam com facilidade a fundir sinos, utensílios, armas para caça. Esculpiam santos em madeira, pintavam afrescos, teciam panos para vestimenta, fabricavam tijolos e outras tantas coisas mais... E aprenderam principalmente a falar e a escrever o português e o espanhol. E um pouco de latim também, sem esquecer a sua língua original.

- Então eles eram inteligentes!... Não ignorantes como a maioria das pessoas que pensam e falam assim!

- Inteligentes e sensíveis às artes. E, sobretudo, tinham senso de moral e honra. Os jesuítas os ensinavam, protegendo-os e libertando-os da escravidão, que pelo poderio das armas, os conquistadores empunham a eles. Viviam livres e em paz, segundo as leis que lhes eram ensinadas, passando a adotar um Deus único e o Cristianismo.

- Mas assim é que deveriam ter continuado!... Teriam alcançado um grande progresso!

- Exatamente por sentirem esta possibilidade, que os reis de Portugal e Espanha começaram a temer as Missões. Elas poderiam crescer cada vez mais e um dia se tornarem independentes, e eles perderiam parte dos territórios conquistados.

- Como é triste, pai, ver que sempre o motivo de violência e desgraça na vida é o desejo do poder... Pobre de meu povo guarani!... Mas, por que os poucos descendentes que ainda vivem aqui pelo Sul, não são assim como tu falas...? Por que não conseguem mais progredir ?!

- Porque depois do massacre onde milhares morreram, os que conseguiram fugir para a mata, eram na sua maioria crianças que não sabiam se orientar e principalmente não sabiam viver fora das Missões. Os ensinamentos dos jesuítas foram sendo esquecidos e eles não tinham mais valores próprios a lhes orientar na vida. Assim, entraram em decadência. E hoje vivem na miséria, sem raízes, abandonados à sua própria sorte.

- Então, da maneira como tu me contas, o crime cometido contra eles foi muito maior do que eu imaginei quando estudei sobre isso... - Daniel se cala emocionado. Segurando a custo uma lágrima que começava a brotar em seus negros olhos amendoados, cheios de tristeza, volta a falar com a voz embargada: - Sinto em meu peito uma dor tão profunda, como se eu fosse uma daquelas crianças perdidas... E olhando para ti, meu pai, vejo o jesuíta que tudo me ensina com amor...

Tomás sorri comovido com tais palavras e com carinho segura a mão do filho, que torna a questionar.

- Eu não entendo por que a Igreja, que era tão forte naquela época, não impediu o massacre. Por que...?

- Porque também isto interessava a ela.

- Mas como isto poderia interessar à igreja...?! Destruir uma obra sua...??? Não entendo o porquê!

- Política!... Luta de interesses... O Marques de Pombal, que tinha domínio influente sobre Dom José I, rei de Portugal, era contra o poder da Igreja e conseguiu convencer o rei,

que se as Missões fracassassem, tal poder ficaria abalado. Contando com o apoio da Espanha, Portugal exigiu então a destruição das Missões e o retorno dos jesuítas para a Europa. Caso estes não concordassem, além de excomungados seriam banidos e a Ordem dos Jesuítas também banida de Portugal, Espanha, Itália e etc... Para evitar um confronto com os reinos poderosos daquele tempo e um cisma na Igreja, esta concordou, considerando perniciosa a obra da Companhia de Jesus, contrária à orientação do Santo Padre. Assim, pela luta do poder de ambos os lados, as Missões foram sacrificadas...

- Ei, campeão... Acorda! Estamos chegando!!! - voltando-se para Daniel, grita entusiasmado um colega que se encontrava em pé no corredor do ônibus. - Olha só que *incrível*!!!

Retirado bruscamente de suas lembranças, um pouco atordoado, ele coloca a cabeça para fora da janela, para ver melhor as Ruínas. A emoção toma conta dele. Finalmente pisaria no chão de suas raízes...

Em seguida a saltar do ônibus, Daniel ao invés de correr como a maioria de seus colegas, fica parado, olhando admirado a grande ruína.

"Mas ela é bem maior do que eu imaginava... Como foi possível, num tempo em que nada aqui existia, eles construírem uma obra assim tão grande...?"

Com o coração batendo mais apressado, ele caminha devagar apreciando cada detalhe daquela construção que se impunha altaneira na paisagem, num testemunho vivo da força de um trabalho realizado com amor.

Separado de seus colegas, ele fica percorrendo cada canto, alisando as paredes, imaginando que mãos teriam feito aqueles tijolos... E, ao visitar o museu, admirando as obras de arte que foram preservadas pelo tempo, sua mente ativa guardava como um tesouro especial, cada palavra explicativa do guia.

Quando todos começaram a se dirigir para o restaurante, Daniel resolveu se sentar um pouco sobre o que restava do grande muro que circundava outrora as edificações. Desejoso de levar consigo algo de lembrança, ele apanha uma pequena pedra encravada entre os tijolos. Apertando-a de encontro ao coração, tomado de emoção, ele sente uma pequena vertigem e, de repente, começa a ouvir vozes em seu íntimo... Risos alegres de crianças brincando, ruído de carroças circulando pelo pátio e quando um vulto começa a se delinear no quadro de sua mente, é despertado pela voz de seu professor que, sorrindo, fala num tom compreensivo.

- Que fazes aqui sozinho, Daniel...? Estavas por acaso sonhando com teus antepassados...?! - e num gesto afetuoso, bate de leve em suas costas - Venha...O almoço já está sendo servido. E o nosso artilheiro tem que estar bem alimentado.

- Oh, me desculpa professor!... Acho que me distraí...- e disfarçadamente, guarda com cuidado a pequena pedra em seu bolso. E ainda surpreso com o que acabara de sentir, pensa emocionado: "Esta pedra será o talismã sagrado que me ajudará a conquistar a vitória no jogo..."

O final do torneio fora tranqüilo e a escola "Eugène Roupp" tendo vencido o jogo, é sagrada campeã intermunicipal. Como capitão do time, Daniel levanta o troféu conquistado com bastante garra. E entre brados de alegria, seu pensamento voa para as Ruínas de São Miguel: "Esta minha vitória eu dedico ao meu povo guarani!!!"

As comemorações começaram no campo de futebol e continuaram durante todo o trajeto de retorno a Nova Dresden. O *Bugrão* fora mais uma vez o grande goleador. Homenageado pelos colegas, sentia-se extremamente feliz, imaginando que havia sido abençoado por seus ancestrais.

Chegando exausto em casa, foi recebido com vivas por sua família. E à noite, sozinho em seu quarto ao deitar, agradeceu a Deus de todo o coração, pelo dia maravilhoso que tivera. Segurando com força sobre o peito a pequena pedra recolhida nas Missões, Daniel adormeceu rememorando tudo o que vira por lá...

O sol vermelho do cair da tarde já se escondia por trás da coxilha. Os sinos da torre da igreja tocavam sonoros e vibrantes. Aos poucos os índios iam se encaminhando para o grande portão das Missões.

Solitário, um velho bugre continuava sentado sob uma frondosa árvore. Pensativo, apreciava o pôr-do-sol.

Inesperadamente Daniel surge em meio a esta cena e, surpreso por se encontrar ali, sem entender o que está se passando com ele, olha tudo à sua volta. Deparando-se com o velho índio, cautelosamente vai se aproximando dele. Este, espantado também com o menino desconhecido, pergunta curioso:

- O que fazes aqui...? De onde vens ?!

- Estou de passagem... - desconsertado, Daniel responde sem saber bem o que dizer - Venho de outro lugar...

- Da missão de São Luiz...? É a mais próxima daqui...

- Talvez... Não sei bem como explicar. Mas, quem é o senhor...?

- Eu sou um velho cacique... Estou como aquele sol vermelho, chegando ao fim da minha caminhada. Por que perguntas ?!

- Porque me pareceu preocupado e triste... O que se passa aqui...?! Porque tocam os sinos ?! Aconteceu algo...?!

- Não...Tocam sempre avisando o término do trabalho. É hora de nos recolhermos para dentro da *Ocaruçu*.

- *Ocaruçu*...? O que quer dizer ?

- Grande praça. Aonde todos se reúnem ao final de tarde. Contamos sobre o trabalho que fizemos durante o dia e combinamos as tarefas que iremos fazer no dia seguinte.

- Mas então, por que continuas aqui e me pareces tão triste...? Não gostas da vida daqui?

- Gosto... Sinto-me bem neste lugar. Mas, às vezes, tenho saudades da vida na mata. Das coisas que fazíamos por lá... Da liberdade de viver à vontade, sem muros nos cercando... - e, balançando a cabeça, conclue um tanto desanimado: - Mas também não sei se saberíamos viver outra vez daquele jeito...

- Mas os muros são para proteger de ataques, não é verdade...?

- Sim... Ataques de inimigos... Mas não nos protegem das ordens dos reis dos jesuítas...

- Como assim...?!

Dando um longo suspiro e olhando ao longe, o velho cacique responde pausadamente: - Aqui aprendemos muito e nossos filhos estão cada vez mais sabidos de coisas novas... Vivemos em paz... Tudo isso é bom, mas talvez não continue assim... Por isso estou triste.

- E por que acha que não vai continuar ? - segurando a vontade de falar para o cacique, tudo o que sabia que iria acontecer, Daniel se calou. Fascinado, quis ouvir o testemunho de alguém que vivera naquela época.

- Porque chegaram notícias ruins...Os padres estão muito preocupados... Falam que os reis brancos, da terra longe, querem que abandonemos tudo o que nós construímos com tanto esforço. Vamos ter uma reunião na próxima lua, com um representante da Igreja que está vindo para cá... Os jesuítas e nós os caciques. Por isso também estou preocupado...

Daniel ia perguntar mais alguma coisa, quando a voz de sua mãe, vinda de bem longe, o trouxe de volta à seu quarto.

- Filho... Acorda!... Estás atrasado para a entrega das medalhas!... Será às nove horas e já passa das oito!...

Atordoado, sem saber bem aonde estava, ele abre os olhos: - Medalhas...?! Que medalhas ???

- O que é isso, campeão ? Já te esqueceste do jogo de ontem...?

Finalmente Daniel recobra a consciência: - É mesmo!...O jogo...A entrega dos prêmios! Nossa!...Tenho que me apressar, mãe!!! - e de um salto pula da cama, correndo para o banheiro.

Sacudida pelo lençol atirado às pressas, a pedrinha missioneira rola para o chão, ficando esquecida sob a cômoda...

Aos gritos entusiasmados de "Campeão!... Campeão!", Daniel é recebido pelos colegas. Sob aplausos recebe, juntamente com os demais atletas, a medalha de participação nos jogos estudantis intermunicipais, de programação de férias escolares. Mas, surpreso, é alvo de uma outra homenagem, que nem de longe esperava conquistar. Fora considerado não apenas o artilheiro de sua escola, mas o artilheiro do torneio. Assim, neste momento, recebe o tão cobiçado prêmio oferecido pelos promotores do torneio. Participar de uma excursão, durante as férias de inverno, à Capital, acompanhado de dois familiares, com todas as despesas pagas. Em dez jogos, ele fizera 17 *gols*. Demonstrara ser um excelente artilheiro.

Emocionado, também neste momento ele percebe que finalmente não seria mais discriminado pelos colegas. Havia conquistado o seu lugar.

Seu pensamento voa até às Missões... Então almeja mais... Muito mais!...Em seu coração brota uma promessa. Irá conquistar algo intelectualmente, para provar que a sua raça é inteligente, é capaz... Quer provar que seu pai tem razão... Os guaranis caíram em decadência pelo desprezo e violência dos conquistadores brancos e por falta de oportunidade para se reerguerem novamente...

À noite, em seu quarto, procura aflito o talismã, sua pedrinha missioneira. Ao encontrá-la, sentado no chão, aliviado, segura-a fortemente de encontro a si. Num repente, sente-se tonto... Uma luz brilhante inunda sua mente e, como num torvelinho, viaja através do tempo...

Sentado sobre um tosco banco de madeira, escondido dos jesuítas que se encontravam reunidos, Daniel segurando firme seu talismã, ouve com atenção o que estes conversam entre si.

- Mas eu não posso acreditar que eles tenham assinado tal tratado... Que tenham resolvido tamanho absurdo!

- Mas é a pura verdade! O Tratado de Madri exige que nós e os índios abandonemos imediatamente a margem oriental do rio Uruguai...

- O rei de Espanha está trocando as Missões pelas terras de Sacramento...

- Mas Sacramento é uma terra que nada produz... Ao passo que as Missões produzem riquezas à Coroa espanhola... Não entendo o porquê disso!

- É uma tentativa de acabar com o contrabando português que, pela colônia de Sacramento, rouba as riquezas da terra.

- Mas isto é inadmissível!... Trocar terras, como pedras em um jogo de xadrez, por pura conveniência política!... Como exigir que um povo abandone, do dia para a noite, uma obra sua que levou dois séculos de dedicação e trabalho extremo...?! Não posso conter minha revolta!!!

- Sinto o mesmo que tu, irmão... Só aqui em São Miguel, são trinta mil índios que lançaram suas raízes por 130 anos... Gerações que fazem parte dessas terras... Que doaram seu sangue e trabalho para construírem no meio da mata, esta obra grandiosa.

- E tudo o que produzimos aqui... Violoncelos, violinos, órgãos, violas, flautas e até uma harpa por nós inventada... Tudo vendido por toda a Europa, dando lucro, tanto para os guaranis, como para a Espanha...

- E as belas esculturas talhadas em madeira, feitas com tanta arte e também exportadas...? Nossas missões só têm sido motivo de orgulho para a Espanha!... Os índios são amigos fiéis... Vassalos obedientes da Coroa!... O que mais eles desejam...?!

- E por que será que os portugueses também não nos querem aqui...???

- Porque devem temer a nossa capacidade de organização e trabalho. Sabem que os guaranis são um povo valente que, apesar de pacífico, não receia a luta. Acho que temem perder as terras para nós...

- Mas a nossa intenção não é esta!!! Deus é testemunha de que desejamos apenas o bem deste povo inteligente, musical e trabalhador. Eles só desejam viver em paz!...

- Nós sabemos disso... Mas a coroa portuguesa teme o nosso potencial de crescimento, por isso deve estar querendo a nossa destruição...

- E como poderemos convencer os caciques da necessidade de obedecer as ordens do Marquês de Valderíos...?! De abandonar suas terras, tudo o que construíram...? Saindo apenas com os bens móveis para iniciar no meio da mata tudo outra vez...?!

- Como construir moradias, escolas, olarias, celeiros, plantações... Enfim, tudo o que aqui temos, num repente, em terras virgens...??? Vamos precisar de pelo menos, meio século!...

- Eu acredito, irmãos, que se este tratado for irrevogável, eles vão querer lutar pela terra que, na verdade, sempre pertenceu a eles... Se isto acontecer, será uma luta sangrenta, como foi no início da nossa colonização...

- Concordo contigo, irmão... Quantos jesuítas, naquela época, sacrificaram suas vidas para que a obra de Deus se realizasse... Para conquistar com amor, a paz com nossos irmãos índios...

- A única esperança que nos resta, é esta reunião com o emissário do Santo Padre... Certamente a Igreja irá interceder por nós, favoravelmente... Se o poder da força é o certo, então por que Jesus veio até nós para nos ensinar a amar...?!

- Vamos aguardar... Mas de antemão, posso afirmar... Prefiro morrer do que derramar sangue... Afinal, seguimos ou não o exemplo de Cristo...? Em que se baseia nossa fé? No amor ou na força...?

Triste com tudo o que estava ouvindo, Daniel num gesto nervoso, esfrega entre as mãos seu talismã... Como num passe de mágica, um torvelinho de luz o envolve, transportando-o de volta a seu quarto.

- Filho, o que fazes dormindo sentado no chão...?! Tão grande assim é o teu cansaço pelo dia de hoje ?!- pergunta Tomás, que acabara de entrar no quarto. E sorrindo com carinho, ajuda Daniel a se levantar, levando-o para a cama.

O domingo amanheceu ensolarado, com a temperatura mais amena, em virtude da chuva que caíra à noite... Estava uma manhã agradável... As árvores copadas, de exuberante verde, onde os pássaros cantavam alegremente, enfeitavam mais ainda a praça central da cidade. Os canteiros cuidadosamente plantados margeavam os caminhos, colorindo-os com os diversos matizes das flores bem tratadas.

Um número reduzido de pessoas heterogêneas, por ali circulava àquela hora. Algumas passeavam com seus filhos pequenos, empurrando carrinhos de bebê. Outras se aqueciam ao

sol, conversando, trocando notícias. Apenas três, isoladamente, liam com calma o jornal dominical. Um público bem diverso do cotidiano, quando muitos, na sua lida diária por ali transitavam apressados, sem prestar atenção à beleza do local. Mas o tranqüilo domingo de verão convidava ao lazer...

Sendo uma cidade de colonização alemã, Nova Dresden tem como principal religião a Luterana. Sua igreja de uma beleza simples, fica situada frente à praça, em local nobre, fronteira à Prefeitura.

Aos poucos, fiéis vestidos com capricho além do usual, vão se aproximando. É a hora do culto e a congregação hoje está em festa. Vai receber uma visita muito importante, vinda da terra de seus antepassados.

Sentada em frente ao pequeno órgão, Elisa, um pouco tensa, seleciona as partituras necessárias ao ato litúrgico. Dona de uma voz clara e suave, além de tocar bem o piano, ela entoa os hinos com emoção, deixando transparecer o profundo sentimento religioso, traço marcante de sua personalidade. De temperamento sempre calmo, entretanto neste momento encontra-se um tanto ansiosa com a perspectiva de um inusitado acontecimento. Ela irá acompanhar o coral "As Jovens Vozes de Berlim". São estudantes de uma escola luterana da Alemanha, apresentando-se durante as férias, pelas cidades brasileiras de colonização alemã, com a finalidade de um intercâmbio cultural. Esta a razão do nervosismo que está sentindo... Na véspera, havia ensaiado bastante junto a eles e tudo correra bem. Mesmo assim sentia o peso da sua responsabilidade.

Na entrada da Igreja, Matilde, sua filha, conversava com os companheiros que formavam o grupo encarregado da recepção aos cantores. Eram poucos os universitários luteranos, da mesma faixa etária dos componentes do coral. As moças, na sua maioria normalistas e ginasianas, aguardavam ansiosas o encontro... Estavam alvoroçadas, não só pela oportunidade de ouvirem um grupo artístico que fazia sucesso na Alemanha, mas com a perspectiva de conhecerem jovens diferentes de seus conterrâneos. Os rapazes, em sua maioria comerciários, apesar de fazerem parte do comitê de recepção, sentiam-se inseguros em virtude da sua pouca instrução. Assim, não se sentiam muito à vontade. Enciumados, temiam serem considerados tolos interioranos, no confronto com os universitários europeus...

Tendo finalizado o 2º ano da faculdade de Direito, Matilde com a cabeça cheia de idéias novas, contesta tudo o que pode. Para tristeza de seus pais, se recusa a aceitar os dogmas de sua religião, sem explicações plausíveis para ela... Não aceita fé sem provas concretas. Porém, é por amor e respeito à eles, que está sempre presente nos cultos dominicais. Mesmo que em seu íntimo acredite que para se falar com Deus não há necessidade de rituais e locais específicos. Para ela, Deus está realmente em toda a parte, considerando-O a essência de cada ser.

Com tais pensamentos, ansiava por saber qual a filosofia religiosa dos componentes do coral.

"Afinal, vivendo no 1º mundo, certamente eles devem ter uma mente mais aberta a esse respeito. Tomara que falem inglês, para podermos conversar sobre tudo isso que eu sinto... Que pena eu não ter seguido os conselhos do meu pai e estudado o alemão... O pouco que sei, não dá pra nada!..." Assim pensava, escondendo das amigas o que pretendia, para não comprometer o pai....

Daniel, entretanto, é o oposto da irmã. Apesar de questionar certos ensinamentos da Bíblia, tem uma índole religiosa. Sente prazer em ajudar o pai nos preparativos do ato litúrgico. Acompanha com fé os cânticos religiosos que sempre o deixam enlevado. Ouvir o pastor Tomás pregando no púlpito, é constantemente para ele motivo de satisfação. Mesmo que, às vezes, não compreenda ou não aceite o teor da pregação, embevecido pela veemência da voz paterna, escuta tudo atentamente.

A igreja está lotada. Toda a congregação, com poucas ausências, encontra-se presente. Conforme fora combinado anteriormente, já se encontrava ordeiramente sentada, quinze minutos antes da chegada dos tão ansiosamente esperados visitantes.

Ao término dos preparativos, o pastor sobe ao púlpito para falar aos fiéis sobre a apresentação dos jovens. Sua origem e o porquê de suas excursões pelo mundo. Daniel, que pela pouca idade não fazia parte da comissão recepcionista, se posiciona junto à mãe, para melhor apreciar o coral.

Ao som vibrante de um hino religioso, o jovem grupo de cantores, inicia sua entrada na igreja. Toda a congregação se levanta, recebendo-os com uma salva de palmas. Agradecendo com sorrisos para ambos os lados da nave, eles se dirigem para o local previamente preparado, junto ao órgão.

O pastor Tomás, dando graças a Deus pela rara oportunidade de receber em sua igreja tão agradável visita, dá início ao culto.

Quando as maviosas vozes bem treinadas em uma harmonia perfeita, ecoam pela igreja, o coração de Daniel entra em ritmo acelerado, tal a sua emoção. Fecha os olhos para melhor sentir a música em seu íntimo. E, ao se recostar na cadeira, cruzando os braços em busca de uma posição mais confortável, sem querer, comprime contra seu peito o talismã que guardara no bolso do paletó. E num repente, acompanhando um momento de maior vibração vocal, sua consciência se expande, fazendo-o retornar no tempo...

Adorando a Deus e exaltando a fé, as vozes harmoniosas do coral guarani soavam angelicamente por toda a majestosa igreja. Construída pelas hábeis mãos indígenas, era adornada de belas imagens de Jesus, Maria, santos e anjos, esculpidas em madeira e pintadas com cores matizadas a ouro. Contritos, os fiéis rezavam ajoelhados. Eram jesuítas e bugres unidos na fé divina.

Sua Eminência, o Cardeal enviado pelo Papa, olhava comovido tal espetáculo. Após ter percorrido durante o dia toda a Missão de São Miguel, pode comprovar o trabalho fantástico ali realizado. Uma obra de amor, com enorme potencial de crescimento! Era impressionante o que os jesuítas haviam conquistado e continuavam realizando...

Anunciando o término da missa, o som vibrante e harmonioso do carrilhão se fez ouvir por todo o território missioneiro. Os sinos, de enormes proporções, foram fundidos ali mesmo pelos índios. Mais uma incrível obra de arte a ser admirada pelo Cardeal...

"Seu modo de vida, organizado e pacífico faz parecer que selvagem é a vida européia... Talvez isto é que esteja perturbando e preocupando as Coroas... Trabalho livre, produtivo e consciente... Viver em paz... Liberdade respeitando o bem comum!" - Tais pensamentos fervilhavam na mente do emissário da Igreja.

Com a vibração do som ainda ressoando em seu íntimo, ele eleva o pensamento a Deus. Pede com fervor que, na reunião marcada com os caciques e os padres para logo depois da missa, ele consiga a compreensão de todos, para que se retirem das Missões, ordeiramente e em paz.

Em seu coração o Cardeal repudia a ordem de destruição. Ainda mais após ter visto com seus próprios olhos a grandiosidade daquela obra...A reunião era uma farsa, ele bem sabia... Viera até eles com ordens expressas do Santo Padre, de obrigá-los a se retirar imediatamente para a mata. Sentia-se um traidor frente a todos, que supunham encontrar nele um aliado, um mediador a ajudá-los... E isto o deixava envergonhado.

Daniel que ao chegar neste tempo, achava-se sentado próximo a este, pode observar seu rosto tenso e o olhar triste. E quando, suspirando, o pomposo padre se levanta melancólico, deixa escapar bem baixinho o final de sua prece, mas que o menino atento, consegue ouvir:

"Meu Deus, estou sofrendo muito... Me envergonho do que vim aqui fazer... Se eu não conseguir convencê-los Pai, haverá um massacre que eu não poderei evitar... Se isso acontecer, me ajuda Senhor, porque nunca mais terei paz em minha vida!..."

Despertado de seu devaneio pelos aplausos entusiasmados da congregação luterana, dirigidos ao coral, Daniel ainda um pouco aflito e confuso, se levanta da cadeira. Aplaudindo também com o mesmo vigor, dirige-se a Elisa: - Que maravilha, mãe, o coral dos guaranis! *Adorei*!...

Ainda bem que, com o barulho das palmas, esta não ouviu direito o comentário do filho, apenas o final da frase e sorrindo satisfeita, concorda com ele: - Eu também!... Essas "Vozes de Berlim" são lindíssimas!... Fico feliz de tu apreciares tanto a boa música... Venha, vamos cumprimentar os artistas!

O almoço oferecido aos visitantes transcorreu bem alegre e organizado. Encontrando vários jovens que falavam inglês, Matilde pode conversar bastante com moças e rapazes que cursavam diferentes faculdades, porém, decepcionada, percebeu que todos eles pensavam à maneira de seus pais. Um deles, se preparando para seguir a carreira religiosa e um tanto fanático nos seus conceitos luteranos, irritou-se com os questionamentos da filha do pastor, sendo até mesmo de certa forma, indelicado para com ela.

- *Me admiro muito que você, moça inteligente, criada na nossa religião e com o exemplo de seus pais, discorde de seus ensinamentos... É uma incoerência perigosa... Corre o risco de se perder no caminho!...*

Matilde, sentindo-se agredida com as palavras ásperas do rapaz fica de tal forma encabulada, que não consegue encontrar em inglês, de imediato, uma resposta à altura. Olhando-o surpresa, perde naquele momento sua facilidade em responder rápida e precisa. Qualidade que tanto se orgulhava de possuir.

Entretanto, um rapaz que a estava observando há tempos e escutava com interesse o que ela estava falando, aproxima-se, salvando-a daquela situação incômoda com uma desculpa banal.

- *Por favor... Me desculpem interromper a conversa....* - e esticando a mão segurando um copo vazio, dirige-se a ela com um sorriso - *Ficaria muito agradecido se você pudesse me arranjar um pouco mais deste delicioso suco de frutas tropicais...*

Aliviada com a interrupção, Matilde dá as costas ao futuro pastor, sem nem ao menos pedir licença para se afastar dele.

Sorrindo, comenta com seu salvador: - *Em ótima hora tu chegaste... Estava me sentindo uma tola, sem saber o que dizer para aquele atrevido, mal-educado, bronco idiota!...*- porém, se dando conta de que também estava sendo grosseira, procura corrigir: - *Oh, me desculpa, afinal ele é teu companheiro e nosso convidado. Não deveria me referir a ele, dessa forma!...*

Rindo, o rapaz se apresenta: - *Ele mereceu!...Meu nome é Hans... Estava apreciando você falar, durante um bom tempo... Porém não quis me intrometer na conversa. Seria indelicado de minha parte. Mas, quando ouvi o Frederich falando de forma tão grosseira, para não brigar com ele, achei melhor afastá-la dele.*

- *Foi a melhor coisa que poderias ter feito por mim... Muito obrigada!... Eu me chamo Matilde...*

- *Já sabia o seu nome... Fiquei de olho em você, desde o culto na igreja. Na verdade estava procurando-a, quando a vi conversando com o Frederich. Enquanto aguardava uma oportunidade de roubá-la dele, aproveitei para apreciar sua desenvoltura em conversar num idioma estrangeiro. Fala muito bem o inglês!*

- *Obrigada...* - sorrindo, ela agradece lisonjeada - *Mas, então não me achaste tola e ímpia com minhas opiniões...?!*

- Absolutamente!... Muito pelo contrário. Eu também penso como você.

- Sério...? Verdade...?! - ela se espanta feliz.

- Bem... Eu estou cursando arquitetura... Devo me formar este ano. Tempos atrás, desenvolvendo um trabalho sobre a arquitetura dos templos religiosos, comecei a me interessar pelo estudo das várias religiões do mundo. Tanto ocidental, quanto oriental... E achei fascinante tal estudo. Por isso também tenho me questionado bastante sobre os conceitos de Lutero...

- Mas que alívio te encontrar!... Não sabes o quanto me deixas feliz!!! Mas fala, me conta alguma coisa do que pesquisaste... Na verdade nada sei sobre as religiões antigas...

- Pois veja bem... Amanhã, durante o dia, irei conhecer um dos locais mais interessantes de minhas pesquisas... Vamos nos apresentar à noite na cidade de Santo Ângelo*... Acho que fica perto daqui, não é ?*

- Mais ou menos... São cinqüenta quilômetros... Mas o que tem de interesse religioso em Santo Ângelo ? *Lá era terra dos índios* guaranis...

- Pois tão perto de você e não sabe o quanto era interessante a religião deles antes do descobrimento da América... Antes de Cristóvão Colombo em 1492. Bem antes dos espanhóis chegarem lá.

- Realmente nada sei sobre isso. Fala então para mim. Agora me deixaste curiosa!...

- Eles viviam em pequenas tribos independentes e autônomas, praticando a agricultura, a pesca e a caça.

- Bem... - interrompe Matilde - *Até aí não vejo nada que eu não saiba...*

- Não seja apressada...- continua ele, sorrindo - *O inusitado é que eles possuíam uma fé muito evoluída para um povo considerado selvagem... Eles acreditavam numa Força Suprema, Universal e Única. Não idolatravam vários deuses... Não tinham sacerdotes nem rituais... Não ofereciam sacrifícios a esta Força Única que eles adoravam, sem ter nenhum ídolo ou forma a representá-la. Simplesmente ofereciam como culto suas vivências cotidianas, onde o amor entre todos era a energia que coordenava sua sociedade... Não é incrível...*?!

- Realmente esta revelação me deixa espantada! É impressionante sim, tamanha evolução espiritual num povo primitivo... - e mais curiosa ainda, pergunta: - *Mas como despertaste o interesse pelo povo* guarani *?*

- Ao me apaixonar pela beleza de sua arquitetura, desejei estudar a sua história. Por isso, quando soube que o coral faria apresentações num intercâmbio cultural nesta região, resolvi participar desta excursão. E aqui estou...

- Para minha alegria, pois estou adorando te conhecer!... - fala com sinceridade, no seu jeito impetuoso.

- Pois eu sabia, através de minha intuição, que algo de muito especial iria me acontecer por aqui... Foi preciso vir de tão longe para conhecer alguém como eu sempre desejei... Inteligente, sensível e linda!... - fala ele sério, olhando-a bem dentro de seus olhos azuis. - *Pena que parto ainda hoje. Será que poderíamos nos corresponder...? Assim ficaríamos nos conhecendo melhor.*

Matilde sente seu coração bater mais rápido e uma sensação de prazer a envolve toda. Corpo e alma... Era como se estivesse se reencontrando com alguém muito querido. Nunca se sentira assim antes... Sem pensar, responde ligeiro, olhando-o também fundo em seus olhos castanhos: - *É claro... É o que eu mais desejo!... Parece que eu já te conheço há séculos!...*

Ele sorri, satisfeito com a espontaneidade dela que, em seguida, fala rápido lembrando-se de contar sobre Daniel: - *Já que tu aprecias os índios* guaranis, *vou apresentar-te a meu irmão... Ele é descendente direto deste povo.*

Admirado, ele estranha o que ouve: - *Como assim ?! Teu irmão...?!*

- Sim. Meus pais o adotaram quando ele tinha apenas dois meses de idade. Seus pais biológicos haviam morrido... Mas nós o amamos como se fosse nosso próprio sangue! E ele é

um menino muito especial. Tenho certeza que tu gostarás muito dele. Venha... Vamos procurá-lo! - e puxando-o pela mão, encaminha-se para o jardim, onde certamente lá o encontrariam, continuando a falar: - *Meu pai sabe tudo, tudo mesmo sobre os* guaranis. *Penso que gostarás de conversar com ele...*

Porém Hans, segurando firme a mão dela, faz com que fique parada perto dele. Com uma expressão séria, fala com voz firme e suave ao mesmo tempo:

- *Espere um pouco... Me responde primeiro: Você acredita em amor à primeira vista?!*

Daniel já se encontrava deitado na cama, preparando-se para dormir, quando a irmã entrou no seu quarto. Com uma expressão de felicidade, como ele nunca vira antes em seu rosto, ela começou a falar.

- Dani, eu não poderia dormir enquanto não te contasse uma coisa que ouvi hoje no almoço... Te procuramos, eu e o Hans, por toda a casa paroquial. Queria muito que ele te conhecesse e ouvisses dele mesmo, o que vou te contar agora... Aonde tu te meteste...?!

- Eu saí cedo para providenciar umas coisas que o pai me pediu... Depois fui para uma reunião esportiva no colégio, que eu não podia faltar. Mas o que tem de tão interessante para me contar...? E quem é esse tal de Hans? Fala logo, que eu estou morrendo de sono!

- Sabe que tu às vezes és um *chato...*? Com esta simpatia toda, acho que não te conto mais nada... Vou dormir também! - Desapontada com o desinteresse dele, faz menção em sair. Este, arrependido, segura-a pela mão.

- Desculpa, mana... É que estou mesmo muito cansado... Mas quero ouvir o que tu tens para falar... Quem é o Hans, é do coral?

- É sim... É estudante de arquitetura e veio participando desta excursão, apenas com o intuito de conhecer as ruínas de São Miguel...

A esta altura, o irmão senta na cama, já demostrando grande interesse, interrompendo: - De verdade mesmo ? Não é brincadeira tua...?

- Ah, agora não estás mais com sono, seu *malandro...* - comenta rindo - Claro que é sério! Escuta só!... - e com entusiasmo, relata tudo o que aprendeu com o amigo alemão.

Daniel, completamente desperto, ouve com satisfação. Ao término da narrativa, a irmã brinca com ele: - Estás vendo só...? Tu que descendes desse povo, és um *carola* luterano. E eu, descendente de Lutero, penso como os primitivos guaranis... Esse mundo tá mesmo louco! Agora trata de dormir, que eu vou pra minha cama, sonhar com o Hans... Mas fica de *bico calado* sobre este detalhe, tá...?! Senão, *te arranco o pêlo*!!!

Sacudindo carinhosamente os negros cabelos do irmão, dá um beijo em sua testa. Ela sai, deixando Daniel excitado com o que ouvira. Apanhando a pedrinha missioneira, que se achava escondida sob o travesseiro, ele a comprime com ansiedade e, sem querer, mais uma vez é levado no giro do tempo...

Sete povos habitavam as sete reduções, já sedimentadas e que formavam as Missões jesuíticas. São Nicolau, a primeira, São Miguel, São Luiz Gonzaga, São Francisco de Borja, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo Custódio. São Miguel por ter se desenvolvido com um maior número de tribos, era a capital. A mais importante das reduções... Por esta razão a sua igreja fora escolhida para sede da reunião com o Cardeal emissário do Santo Padre.

Daniel, escondido em um canto da sacristia, observava os jesuítas e os caciques guaranis. Os bugres, vestidos com suas *aimarás* e portando seus cocares reais, em respeitoso silêncio aguardavam que o Cardeal iniciasse a conversa. Apesar de tensos e preocupados com

a situação inesperada e perigosa que precisavam enfrentar, continuavam ainda confiantes na proteção e no poder mediador da Santa Igreja de seus irmãos jesuítas.

Torcendo disfarçadamente as mãos, para não demonstrar o nervosismo de que era acometido, o Cardeal inicia cautelosamente a reunião.

Elogiando a grandiosidade da obra e a harmonia que envolvia a todos nas Missões, ele agradece em primeiro lugar as homenagens recebidas, com tanta deferência... A seguir, com o coração angustiado, procurando convencer a si mesmo da real necessidade de fazer cumprir as ordens do Santo Padre, tenta explicar as razões que moviam as Coroas Espanhola e Portuguesa a exigirem a retirada do povo guarani, para o interior da mata. A contragosto, comunica não haver a menor possibilidade de mudança na decisão. Eles teriam, inapelavelmente, de abandonar as Missões, em curto espaço de tempo...

É grande a surpresa dos jesuítas, que não esperavam tal decisão da Igreja. A revolta explode entre os caciques. Os padres tentam acalmá-los em vão... Tomados de um vigor que causa espanto e receio ao emissário do Papa, eles respondem a este:

- Não deveríamos nunca ter acatado ordens dos reis da terra longe!...

- Somos chefes do nosso povo, portanto também somos reis!...Não precisamos obedecer tais ordens!!!

- Não vamos sair das terras que são nossas! Nunca!!!

- Jamais deveríamos ter confiado nas palavras e nos tratados dos reis da Europa! Eles não têm honra!!! Nós somos honrados, por isso acreditamos neles!... Fomos enganados!...

- Confiamos na Igreja que nos ensinou a fé num Deus semelhante à Força Universal que regia, no passado, a vida de nosso povo... Adotamos rituais que não achávamos necessários... Recebemos e ordenamos sacerdotes, abandonando a crença de nossos ancestrais... E para quê ?!!! Para sermos traídos por esta mesma Igreja!!! Como, com que direito ela nos expulsa de nossas terras...??? Isto jamais!!!

Com estas palavras tão decididas, cheias de bravura, os caciques mostram a união de pensamento entre eles e o desejo de proteger o seu solo pátrio.

Ouvindo tais conceitos, traduzidos por um dos padres, o Cardeal sente dificuldade de esconder em seu olhar a admiração pela coragem e determinação dos caciques. Em seu íntimo, se admira com a postura real dos índios. É para ele uma enorme surpresa, pois os considerava abúlicos e covardes. Não fazia idéia de que estes não haviam sido dominados, mas sim despertados pelos jesuítas, para uma evolução maior... Sente-se um Judas, traindo a confiança deles... Cresce o seu tormento em cumprir ordens desumanas, selvagens, completamente afastadas da realidade da obra da Companhia de Jesus e dos ensinamentos de Cristo...

Levantando-se no fundo da sala, um jovem índio, com a testa marcada por um estranho sinal de nascença que formava um lunar, pede a palavra. Com o braço estendido como se empunhasse uma lança, desafia o Cardeal.

- Senhor Chefe da Igreja... Me chamo Sepé Tiarajú e aqui estou representando o povo guarani, como seu líder guerreiro. Portanto afirmo... Obedeceremos apenas as ordens de nossos caciques! Se houver guerra, lutaremos!... Jamais abandonaremos a terra que é e sempre foi nossa! Sacudindo energicamente o braço, ele brada: " *Co ivi oguerecó yara* !!!"

Em uníssono, os caciques repetem o brado destemido: "*CO IVI OGUERECÓ YARA* !!!" e, em seguida vão se retirando do recinto, um a um, dando as costas ao Cardeal em sinal de repúdio, sem que os jesuítas procurem impedi-los.

- O que eles gritaram agora...?! - abalado com tal reação dos índios, pergunta ao tradutor.

Comovido, com os olhos marejados de lágrimas, o jesuíta traduz: - "Esta terra tem dono!!!" - e profundamente triste, conclui: - Haverá um grande derramamento de sangue. Apesar de toda a sua bravura, o povo guarani não poderá resistir ao poderio dos exércitos dos reis de Portugal e Espanha...

- Isto me causa grande sofrimento... - e um leve tremor se faz sentir na sua voz - Mas estou cumprindo com o meu dever... Quanto a vocês jesuítas, se não acatarem as ordens do Santo Padre, serão excomungados e a Companhia de Jesus banida da Europa...Infelizmente, para que a Igreja continue forte, as Missões terão que ser destruídas...Nada posso fazer...Não tenho poder para impedir este ato insano!...

- Nós já havíamos decidido sobre que atitude tomar, caso esta ordem bárbara, indigna de um povo considerado civilizado e cristão, viesse a ser executada... Nós não vamos debandar, nem resistir... Nos posicionaremos ao lado de nossos irmãos guaranis... Sua sorte será a nossa sorte também... Porém, seguindo o exemplo de Jesus, nós não oporemos resistência aos ataques, nem derramaremos sangue... Preferimos morrer do que abandonar aqueles que em nós confiaram integralmente.

- Meu Deus...Será um massacre!... - fala num tom baixo o Cardeal. E não conseguindo mais disfarçar o desespero da luta interna que o domina, o emissário do Santo Padre conclue com a voz embargada pela tristeza: - "Quantos crimes, ó Pai, nós, os Teus falsos seguidores, cometemos por covardia e pelo desvario do poder, em nome da Tua Igreja..."

Um sentimento misto de dor e orgulho pelos seus ancestrais, faz Daniel apertar com força de encontro ao peito, o pequeno talismã... Então, como se um raio explodisse sobre ele, retorna ao presente.

O pastor Tomás abrindo a janela, deixa a luz do sol inundar o quarto. A claridade incidindo sobre o filho, faz com que este desperte de vez...

- Estás atrasado para o colégio, meu filho!... Já te esqueceste que hoje recomeçam as aulas...? Levanta ligeiro que tua mãe já serviu o café da manhã...

Esfregando os olhos ele se senta cansado na cama: - É mesmo!... Desculpa, pai, estava num sonho tão interessante que não tinha vontade de voltar...

Tomás olha preocupado para o filho: - Tenho notado Daniel, que ultimamente andas muito aéreo, diferente, dormindo à-toa... O que está se passando contigo...?! Pelo amor de Deus, filho, não andas bebendo escondido...?!

- Não meu pai... Nunca!!! Tu me ensinaste a jamais fazer isso!...

- Pergunto, filho, porque caso esteja acontecendo algo neste sentido, conta para mim, para que eu te ajude!... Esteja certo de que sou e sempre serei o teu melhor amigo...

- Disso tenho certeza, meu pai... Mas, desde que visitei as Missões, algo estranho tem me acontecido. Sonho freqüentemente com o povo guarani e os jesuítas... Tenho assistido, como se fosse ao vivo, passagens daquela época.

- Então precisamos conversar sobre isso. Logo mais à noite analisaremos esses sonhos... - espantado com esta revelação, entretanto mais aliviado, Tomás apressa o filho: - Mas agora corra para o banheiro. Já está quase na hora da entrada no colégio!

Uma surpresa aguardava Daniel na escola. Logo após a hora do recreio, a classe da 4ª série ginasial, da qual ele fazia parte, recebeu uma visita inesperada da Diretora.

Enquanto a professora distribuía uma circular para os alunos, a Diretora comunicava que, naquele momento, eles estavam sendo convocados para um concurso muito importante, tanto para eles, quanto para a escola. Pois seria a oportunidade de mostrarem o alto padrão de ensino, a que a sua escola se propunha ministrar.

- Esse convite tão especial, é da Secretaria Estadual do Ensino, para todos os estudantes do último ano do Curso Ginasial, dos colégios municipais, estaduais e particulares, em todo o Estado. Todos alunos gaúchos terão a oportunidade de participar de um concurso literário. Será em comemoração à semana Farroupilha, com um tema bem amplo. Não se limita apenas à Guerra dos Farrapos, mas abrange toda a História do Rio Grande do Sul. O aluno vencedor

de cada município receberá como prêmio uma Enciclopédia e a sua escola uma Menção Honrosa, em uma solenidade na sede da Secretaria de Ensino de sua cidade...

Nessa altura, os estudantes já com o interesse despertado, começam a cochichar entre eles.

- Um momento, meus jovens, eu ainda não terminei! - fala a Diretora, impondo silêncio - Ainda tem mais!...Prestem bem atenção! O trabalho premiado de cada município, participará de um outro concurso, dessa vez à nível estadual.

Surpresos, os alunos olham para ela apreensivos... Um mais afoito, levantando o braço pede licença para perguntar, demonstrando o seu receio: - Vamos concorrer também com a Capital, Diretora...???!

Percebendo que eles se assustaram com a responsabilidade de um trabalho de caráter estadual, ela procura tranqüilizá-los: - Sim!... Com os colégios de Porto Alegre também... Mas acredito que vocês estejam bem preparados. E além do mais, terão até as férias de Junho para entregarem os trabalhos... Até lá vocês poderão pesquisar e estudar à vontade, com tempo suficiente para escreverem com calma e segurança, as quinze laudas mínimas exigidas pelo concurso.

Os alunos voltam a cochichar temerosos do confronto com todo o Estado e a Diretora elevando a voz, exclama: - Atenção, meus jovens!!! O vencedor desse concurso receberá como prêmio, além de um estojo de caneta e lapiseira Parker 51, uma moderna máquina fotográfica Kodak, com seis filmes! - nessa altura ela faz uma pausa sorrindo, ao perceber a surpresa nos rostos agora atentos - Isso mesmo!... E um álbum com uma coletânea de fotografias de fatos históricos ocorridos no nosso Estado. Este prêmio será entregue durante uma solenidade em Porto Alegre. E, no mesmo ato, a escola do vencedor, ganhará também um troféu.

Os alunos ficam alvoroçados com esta notícia, voltando a fazer comentários dessa vez, animados.

Pedindo novamente silêncio, ela continua: - A circular que estão recebendo, contém todas as explicações necessárias... Leiam-na com muita atenção. Deixo-os agora conversando à vontade com sua professora e conto com a colaboração de todos, para que possamos apresentar um trabalho à altura de tão importante certame. Dignificando assim, o nome da nossa escola e da nossa cidade... Muito obrigada a todos!

Antes mesmo do término desse discurso, Daniel já não escutava mais nada!... Segurando a circular com um cuidado especial, uma torrente de pensamentos enchia sua mente. Sentia alegria, medo, esperança e dúvida ao mesmo tempo...

"Meu Deus... Não acredito que isso esteja acontecendo... Parece um sonho!!! A oportunidade que eu esperava para mostrar algo inteligente!... Que eu não sou apenas *bom de bola*... Sou igual a eles, a minha raça também é inteligente!... Mas será que eu consigo...?! Se conseguir vencer apenas na minha escola, já será ótimo!... Na minha cidade ainda mais!... Em todo o estado, então...*Maravilha*!!! E ainda por cima, ganhar uma Kodak *novinha*, com seis filmes...?! É demais, é demais!!!...Mas, será que eu consigo...? Vão ser muitos candidatos, será difícil, muito difícil... Será que eu tenho capacidade para tanto...? Mas vou me esforçar muito, muito... Eu preciso vencer!!!"

Assim pensando e sonhando, ele retornou para casa como se *andasse nas nuvens*... Tão logo chegou, foi correndo contar para a mãe a grande novidade.

- Adivinha, mãe!... Adivinha o que me aconteceu...!!!

Estranhando o comportamento agitado do filho, que na maior parte do tempo era calmo e comedido, ela se assusta: - Não posso imaginar o que te deixou tão perturbado assim... - colocando a mão sobre sua testa, se preocupa: - Será que estás com febre alta...?! Tua cabeça está tão quente!...

- Se estou com febre, mãe, é de alegria... Muita alegria!!! E a *mana*, onde está ?! Tilde!!! Tilde!!! Cadê você...???

Ao ouvir todo este barulho, Matilde sai correndo do quarto: - O que está acontecendo...?

Rindo, com os olhos brilhando de euforia, ele explica: - Vou participar de um concurso literário e o prêmio, sabem qual é...??? Uma Kodak *novinha, novinha*!!! Com seis filmes!... E um estojo Parker 51!!! Não é o máximo...?!

- Sim... Realmente é ótimo, mas te acalma, filho... - e Elisa abraçando-o, fala sorrindo: - Desse jeito, se ganhares o prêmio, serás capaz de explodir a casa toda! Tu me deixaste assustada...

- Que bom, Dani!... Tu mereces ganhar... És um ótimo aluno... E assim que eu chegar em Porto Alegre, vou pesquisar na Biblioteca Pública fatos importantes para te mandar! - e brincando, ela afirma: - Vou torcer muito por ti, para que tu me deixes tirar bastante fotos, *OK* ?!

- *Mana*, eu sabia que podia contar contigo!!! - fala feliz - E o pai, aonde ele está agora ? Quero também contar para ele...

- Seu pai está na igreja, marcando um casamento... Espera um pouco filho, não vá interromper... Ele já vem para o almoço...

Porém, sem acatar o que a mãe acabara de falar, ele sai correndo: - Não vou atrapalhar, mãe... Prometo que fico esperando no banco da igreja... - e assim ele faz, uma vez que encontra o pai ocupado.

A luz brilhante do sol do meio-dia atravessando os vitrais coloridos, que adornam as altas janelas, deixa a igreja num agradável e acolhedor ambiente...

Sentindo a paz do local, Daniel começa a rezar, pedindo para encontrar inspiração no seu trabalho... Contrito, coloca a mão sobre o coração e toca, sem querer, sua pedrinha talismã, guardada no bolso da camisa. Subitamente sente uma vertigem e, como num redemoinho, é transportado para a Igreja de São Miguel à época das Missões.

Apenas os padres, as mulheres, as crianças e os velhos lá estão reunidos... Entoam com fé um cântico mavioso. Apesar de não conhecer a língua guarani, ele sem saber como, compreende que estão cantando a prece Ave-Maria. E é tão lindo, que ele começa a acompanhar o cântico...

"*Tu-pã rande-ra a-ro Ma-ri-a ndere ni he Tu-pã gra-ci-ar-che...*" Neste ponto é interrompido por uma voz rude, violenta, num português carregado:

- Que fazes parado, imbecil ?!!! Atira, vamos!... Vamos acabar logo com isso!!!

Daniel assustado ouve tiros e gritos. E, mais apavorado ainda, percebe que seu corpo é adulto e está vestido como soldado, carregando na mão uma escopeta... Continua a ouvir os gritos a seu lado:

- Que mercenário de *bosta* és tu, *palerma*...??? *Tás encagaçado*...? Anda, senão atiro nesta tua cara de idiota!...

- Mas pra que matar esses inocentes... ?! Não vês...? São crianças, velhos...

- Olha, seu *merda*... Somos pagos para isso!... Anda logo!!! - e ambos então, começam a atirar...

O desespero toma conta da maioria. Corpos tombando, sangue se espalhando pelo chão da igreja, alguns tentando fugir... Gritos e gemidos por toda parte...

- Nããoooo!!! - soltando um grito lancinante, ele retorna à realidade. - Tonto pela súbita volta, ouve seu pai que, olhando-o aturdido, fala aflito:

- Filho, o que houve ?! Estavas dormindo quando cheguei... Foi um pesadelo...?!

Chorando, Daniel se abraça no pai, sem conseguir pronunciar uma única palavra. - Meu filho, tenho a impressão de que cantavas em guarani... Quando aprendeste ?! E por que gritaste tão desesperado...???

Sacudido pelos soluços, sua voz sai entrecortada: - Pai... Eu... Pai... Eu matei... - desesperado, se agarra com força de encontro ao peito paterno: - Pai... Eu matei meu povo!!!...

- Que tolice é essa, meu filho...? Tu só podes estar delirando, com febre alta...Tua testa está quente... Acalma-te, querido... Foi só um pesadelo!

Tomás afaga com carinho a cabeça de Daniel e, angustiado, reza mentalmente pedindo proteção, sem entender o que está se passando com o filho... Aos poucos, este vai se acalmando, até que cessa de chorar.

- Vamos para casa, meu filho... Deves estar com alguma infecção... Vou marcar uma hora, para hoje mesmo à tarde, com o Dr. Toledo. Quero que ele te examine...

- Não precisa, meu pai... Não estou doente... Como tu estavas demorando na conversa com aquele casal, acabei dormindo... Foi mesmo um pesadelo! Desculpa, pai... - e procurando disfarçar a angústia que está sentindo, convida: - Vamos almoçar ?! Estou morrendo de fome.

- Bem... Isto é um bom sinal!... Então vamos! Mas não penses que vais escapar do Dr. Toledo.

E, abraçados, os dois se dirigem para casa.

No exame clínico, o médico não encontrou nada demais em Daniel. Achou-o aparentemente normal, entretanto, requisitou alguns exames a serem feitos no dia seguinte. Mas aconselhou o pastor a levar o filho a um psiquiatra, para pesquisar o porque dos sonhos freqüentes.

Não querendo pressionar o filho, Tomás nada mais lhe perguntou, deixando que este descansasse até a hora do jantar. Afinal, já haviam combinado de conversar à noite.

A família, reunida na sala, escutava com bastante atenção o relato minucioso que Daniel fazia, sobre o que estranhamente estava acontecendo com ele.

- Meu filho, - Tomás, profundamente impressionado, procura falar com extremo cuidado: - Sinceramente não sei como avaliar o que estás nos contando... É uma situação nova para mim... Talvez seja melhor seguir o conselho do Dr. Toledo... Vamos conversar com um psiquiatra... Não que eu ache que tu estejas com algum problema mental... Longe disso!... Mas creio que ele poderá nos orientar como agir neste teu caso...

- Mas pai, eu me sinto normal!... Eu não sei como explicar, só que de repente, é como se eu viajasse no tempo... E isso começou acontecer, logo depois da excursão às Ruínas...

- Quem sabe, meu filho, - argumenta Elisa - Se pelo enorme desejo de conhecer tuas origens, tua imaginação não começou a criar tudo isso...?!

- Mas, minha mãe, eu vejo tudo como se eu estivesse presente naquele local... Não imagino nada!...Vejo coisas que eu não aprendi e que também não conhecia...

- Isto é verdade...- interrompe o pai - Ele nunca aprendeu guarani e penso que era nesta língua que ele estava cantando adormecido...Também não entendo o que possa ser isso...

Matilde, que até então somente ouvia e analisava o que era descrito com detalhes, munindo-se de coragem, resolve se intrometer: - Dani, pelo que entendi, tu adormeces e sonhas, quando apertas em tuas mãos a pedrinha que trouxeste de lembrança das Ruínas... Não é assim...?

- É isso mesmo... Por que será ?!

- Bem... Essa pedra deve ser o agente energético que ajuda a despertar em ti, lembranças de uma vida passada... Isso é explicado nos estudos espíritas!

Surpreso com tal conceito da filha, Tomás pergunta preocupado: - Onde andaste tomando conhecimento desses estudos...?!

- São estudos profanos, minha filha!... Só pode ter sido na faculdade ou assistindo aos absurdos filmes nos cinemas de Porto Alegre! - fala a mãe indignada e voltando-se para o marido exclama: - Bem que eu não queria que ela fosse estudar na Capital!... Faculdade para moças é nisso que dá!

- Por favor, deixem eu falar... Se vocês dois continuarem tão radicais assim, não poderão acompanhar a evolução da vida!...

- Matilde, não sejas atrevida! Tu não podes renegar tudo o que teu pai tem te ensinado! São leis divinas!... - repreende a mãe.

- Não estou sendo atrevida... Adoro vocês e aprecio tudo o que o pai faz... Nem estou renegando nada!...Mas creio que devemos ter a nossa mente aberta ao Novo! Não somos a última palavra! A vida está em contínua evolução! - e cada vez mais empolgada, ela continua - Por acaso, há 50 anos atrás se falava, ou melhor, poderia se imaginar que hoje o mundo teria uma televisão a trazer para dentro de nossas casas a imagem do que acontece nas ruas e de dentro de um estúdio...?! E que, dentro em breve, estará interligando todos os estados do nosso país...? E quem sabe, se mais adiante não estará interligando os demais países, por este nosso mundo afora...?!

Apreensiva, a mãe volta a censurá-la: - Filha, tu andas muito rebelde!...Acho que são os colegas da faculdade que estão enchendo a tua cabeça!

- Mãe... Não é nada disso!...

O pastor Tomás, apreciando a eloqüência da filha, olha pensativamente para ela. Apesar do aparente radicalismo religioso, particularmente e em silêncio, ele estuda outras teorias religiosas... Entretanto não deixa transparecer isso aos demais, porque a seu ver causaria um abalo profundo na crença dos fiéis de sua igreja. E afinal, ele havia abraçado a missão de orientá-los na religião Luterana. Não poderia agir de outra forma...Era um sério compromisso, que ele jamais iria transgredir, sem uma certeza absoluta... Era um compromisso com Deus!...

Há muito vinha observando a filha, através de suas contestações. E sabia que um dia teria que abordar tais assuntos com ela e temia este momento. Temia também a reação de Elisa, que não admitia nenhuma religião que não fosse a de Lutero. Só que agora, com a situação de Daniel, ele teria também que enfrentar as próprias dúvidas...

- Elisa, tenha calma... Deixe que ela fale o que pensa!... Vamos filha, continue expondo o teu raciocínio!...

Surpreendida com a inesperada reação do pai, sente-se aliviada. Seus temores desaparecem e com desenvoltura, começa a explicar o que tem aprendido à revelia deles.

- Bem, pai... Realmente a mãe tem razão... A universidade abriu a minha mente para muitas coisas novas. Faz tempo que venho me questionando e buscando respostas para compreender melhor a vida. - ela faz uma pausa, com receio de magoar o pai, porém compreende que a hora do verdadeiro diálogo entre eles havia chegado. Com serenidade continua: - Tudo o que aprendi contigo, pai... não preenche um vazio que existe dentro de mim. Me desculpa, não gostaria de ter que dizer isso, para ti... Mas, apesar de reconhecer o grande amor a Deus que existe em teus ensinamentos, sinto que há algo mais!...

- Que absurdo, Matilde!... Que vazio é esse...?! - interrompe Elisa, sentindo-se ofendida com a atitude da filha.- Então, tudo o que te ensinamos todos estes anos, com tanto amor, não valeu de nada...?!

- Mãe, por favor, me compreenda!... Sou muito grata por tudo que tenho recebido. Não estou menosprezando nada, somente quero ir além do que já sei!...

- Elisa, deixa que ela abra o coração para nós!... Não fiques interrompendo... Talvez eu possa ajudá-la a encontrar suas respostas... O que tens aprendido, filha...?!

- Como já disse, há muito que eu venho me questionando sobre religião... Assim, ando conversando e trocando idéias com dois colegas que tem os mesmos questionamentos que eu... Andei lendo um livro esotérico A Filosofia Hermética, publicado em 1936, pela FEU... Mexeu muito comigo... E dois meses atrás, um outro colega que é espírita, nos convidou para assistirmos a uma sessão de espiritismo na casa dele. Os pais se reúnem semanalmente com um pequeno grupo...E nós fomos...

- Milha filha!... - interrompe Tomás, muito preocupado - Por que não me contaste sobre isso ?!

Elisa, de tão indignada, exclama nervosa: - Essa faculdade não presta mesmo para a nossa filha!!! Eu sabia!... Não deveríamos tê-la deixado ir para lá!

- Por favor, mãe... Me escuta! Deixa eu continuar...

- Sim, Elisa, te acalma e deixe que ela continue! - interfere Tomás, insistindo preocupado - Mas por que, filha não falaste sobre isso comigo...?!

- Me desculpa, pai... Eu sei que errei, mas tinha medo da tua reação, de não me compreenderes... Mas foi lá, conversando com os pais do meu colega, que eu aprendi o que eu falei sobre o Dani... E quando o coral de Friburgo esteve aqui, resolvi conversar com vários jovens para saber qual a opinião deles a esse respeito. Se eles tinham as mesmas dúvidas que eu...

- E encontraste eco às tuas idéias ?! - interrompe Tomás, agora também desejoso de conhecer o pensamento da juventude luterana alemã.

- Pois eu pensava pai que, na Alemanha moderna do 1º Mundo, a cultura espiritual estivesse mais evoluída!... Foi uma decepção para mim!... Levei até um *contra*, de um deles!...

- E o Hans ?! - se intromete Daniel, que até então escutava espantado o desenrolar da conversa.

- Quem é Hans...? De quem estás falando, filho ?! - Elisa, já ansiosa, quer saber.

- É um dos rapazes do coral, mãe... - responde Matilde - Foi aquele que conversou contigo pai... Queria saber sobre as Missões... Não te lembras...?!

- Ah, me recordo sim. Rapaz muito simpático por sinal... Mas o que tem ele de especial?

- É que ele foi o único que encontrei com o pensamento igual ao meu...Estamos nos correspondendo.

- Mas como ?!... Se ele ainda não deve ter voltado para a Alemanha...

- Mas de cada cidade em que se apresenta, ele me manda um postal. E ele me aconselhou a procurar um livro, que estou lendo. É o Livro dos Espíritos, de Allan Kardec... Um francês que codificou os fenômenos espíritas no século passado. Ele publicou este livro em 1857 e já foi traduzido em várias línguas.

- E aonde encontraste este livro?

- Aqui mesmo, pai... A Dona Erminda, da livraria "O Saber", tem um pequeno *sebo*... Nesse livro, Kardec explica várias situações pelas quais o ser humano passa, que talvez possam ajudar na compreensão do que está ocorrendo com o Dani.

Irritada, Elisa reclama: - Este tal de Hans, vir de tão longe para perturbar ainda mais a cabeça de minha filha! Era só o que faltava!!!

- Ele não está me perturbando, mãe. Apenas nós dois estamos sintonizados na mesma faixa de pensamento. E simpatizamos muito um com o outro!...

- Gostaria de ler o livro, filha... Me emprestas ?!

- Claro, pai... Tu vais ver... Ele mostra a existência de uma longa jornada evolutiva, onde vivemos muitas e diferentes vidas na matéria.

- Tomás, como tu podes aceitar este tipo de conversa...? Tinhas mais que mostrar à nossa filha, o quanto ela está equivocada! - nervosa ela se levanta, falando aborrecida e saindo em direção à cozinha: - Vou preparar um chá de camomila para me acalmar!...

Tomás, paciente, concorda: - É muito bom, querida... Podes preparar para nós também! - e dirigindo-se à filha, chama-a para junto dele: - Venha, meu bem... Senta aqui perto. Estou realmente muito interessado no que estás falando. Continua!

- *Mana*, que *incrível*! Se tu conseguires explicar o que está acontecendo comigo, será um alívio... Assim não preciso do psiquiatra!

- Espera um pouco, filho!... Não penses que vou dispensar o atendimento médico. Isso não!... Mas vamos ouvir o que mais tua irmã tem para contar! Continua, filha!

- Bem... Não deve ter sido propriamente a pedra que fez o Dani se lembrar de fatos passados, mas a visita ao antigo local onde ele viveu aquele drama... Com certeza, quando

segura a pedra, sua mente se liga no passado... Penso que deve ser mais ou menos isso o que acontece com ele. É bom mesmo, pai, que tu leias o livro ao mesmo tempo que eu, para vermos se Kardec explica algo semelhante... E de Porto Alegre vou te enviar a "Filosofia Hermética". Acho que vais gostar!

- Interessante, filha... Vou estudar o assunto e depois conversaremos... - batendo de leve no joelho de Matilde, Tomás se levanta, chamando os filhos: - Bem, queridos, vamos tomar o chá com a mãe, para confortá-la. Vocês têm que entender que, para ela, é extremamente difícil aceitar idéias novas... A fé luterana sempre foi o alicerce de sua vida!...

Entretanto, assustado, Daniel finalmente expõe de uma só vez, todos os pensamentos que estão causando dor e perplexidade dentro dele: - Mas... Se é verdade que eu fui um mercenário naquela vida, que matava os índios por dinheiro, era então um criminoso!!! Por que, se matei os guaranis, nasci bugre...? E por que, se sou bugre, vivo feliz com uma família adotiva, separado de meu povo que vive em sofrimento, exatamente porque foi massacrado por gente como eu...??? Não compreendo isso... A vida assim é muito confusa!... Tenho medo...

Com pena do irmão, Matilde abraça-o, procurando consolá-lo: - Não fica triste, *mano*, mais tarde vou conversar contigo em teu quarto!...

- Esteja tranqüilo, Dani, que haveremos de encontrar as respostas para tudo isso! Se Deus permitiu isso, é porque deve ter algum motivo.

Daniel estava com medo. Deitado na cama, tentava dormir... Mas o sono não vinha... Sua irmã, conforme prometera, fora conversar com ele. Na tentativa de distraí-lo, falara apenas sobre o concurso literário. Só que ele perdera o entusiasmo. Não tinha mais vontade de escrever, nem inspiração sobre qual o tema. Estava com idéia fixa no que se passara na igreja.

- Não fica preocupado, meu filho... - lhe dissera o pai, pouco antes - Tu acabarás por esquecer todos esses sonhos... Procura dormir. Faça uma prece a Nosso Pai. Ele te ajudará e amanhã te sentirás melhor...

"Mas como parar de pensar nessas coisas estranhas...?! Eu vi, não inventei!..." - pensa, se agitando angustiado sob as cobertas.

Entrando novamente no quarto, Elisa senta na cama ao lado do filho, olhando-o preocupada: - Não fica *matutando* as tolices da tua irmã... Tu tiveste apenas pesadelos... Nada demais! Te amo, meu filho... Não queres mesmo que eu fique contigo até adormeceres?

- Não, mãe... Estou bem! Já estou com sono... Não fica preocupada assim...

Ajeitando as cobertas, com o intuito de esconder a aflição que está sentindo, ela tenta confortá-lo: - Mas não seria melhor se eu ficasse pelo menos mais um pouco...? Eu gostaria...

- Não precisa, mãe... Tu estás cansada, deves deitar...Eu estou com sono, sim!

A contragosto, beijando-o, ela se retira. Mas ele mentira... Não tinha sono, tinha medo. Medo de sonhar de novo, mas não queria que sua família pensasse que ele era um covarde.

"Jesus... Me ajuda!!! - rezava ele - Me explica porque está acontecendo isso comigo!... Será verdade que a gente vive muitas vidas...? E, se é verdade, como eu fui um assassino...? Eu não tenho coragem de matar nem um bicho!... E por que nasci bugre agora...? E por que minha mãe morreu e eu fui adotado?!" - e com verdadeiro pavor, pergunta: " Será, Jesus, que eu estou ficando louco...???"

Com a mente assim, cheia de perguntas, sentindo-se profundamente angustiado, cobre a cabeça com o cobertor, numa tentativa de se proteger. Aos poucos vai adormecendo...

O sol brilhava resplandecente no céu azul sem nuvens. Sua luz intensa iluminava o campo verde, salpicado de pequenas flores onde, por sobre elas, volteavam belas borboletas coloridas. Em um lago tranqüilo, alguns patos selvagens nadavam nas águas límpidas. Por

entre as árvores, passarinhos em seu vôo, entoavam alegre canto... Completando a beleza dessa paisagem, crianças brincando corriam ao longe, enquanto adultos trabalhavam a terra. Sentia-se harmonia e paz neste local...

Daniel caminhava descalço por sobre a relva, vestido em seu pijama, aturdido sem saber como fora parar ali...

Bem próximo, sob uma florida árvore, encostada no tronco, uma índia ainda jovem descansava, com o braço apoiado sobre um cesto cheio de ervas e raízes. Sorridente, olhava para ele...

Ao perceber sua presença, Daniel se surpreende, principalmente porque a jovem acenando, convidava-o a se sentar junto à ela.

- Venha, Maoni... - ela insiste, com uma voz suave - Estava te aguardando...

- Como me aguardando...? - fala surpreso, enquanto se senta próximo a esta - Estás me confundindo com outro...Não me chamo Maoni... Meu nome é Daniel!

- Eu sei, foi o nome colocado pelo abençoado pastor e sua amorosa mulher... - responde ela sorrindo com carinho - E Maoni foi o nome que teu pai e eu te demos quando nasceste...

- Mas então...- arregalando os olhos cheios de surpresa, ele pergunta esperançoso: - Tu és a minha mãe guarani ?!

- Isso mesmo, meu filho querido!...

- Mas como podes estar viva, se tu morreste há tanto tempo...?

- Não morri. Nenhum de nós morre...Apenas o que se chama de morte na Terra, é o momento do espírito abandonar o corpo físico e mudar de plano. A vida é eterna! Nosso Criador nos dá a oportunidade de vivermos várias experiências de vida na matéria, utilizando um corpo físico, provisório, adequado ao plano material.

- Mas, para que...?!

- Para aprendermos a viver com amor e corrigir nossos defeitos... E quando o nosso tempo de experiência termina, ou seja, quando aprendemos a lição que precisávamos, abandonamos o corpo físico e retornamos, com a nossa alma que é um corpo sutil, ao plano espiritual onde habitamos, entre uma encarnação e outra. Em cidades ou locais também sutis.

- Se é assim que funciona, que difícil de entender é a vida!...

- Nem tanto, meu filho... Aos poucos irás compreendê-la.

- E como sabias que eu vinha...?

- Porque nunca me separei de ti! Os espíritos que se amam jamais se separam na vida eterna. Apenas nos afastamos temporariamente, para aprendermos as lições necessárias à evolução de cada um de nós...

- Mãe, estou tão feliz! Tinha tanta vontade de saber como tu eras... És tão bonita!... E o pai, o que foi feito dele ?!

- Teu pai também está aqui... Mas no momento está trabalhando em outro lugar... Ele terminou sua vida física na prisão. Foi muito maltratado, sofreu demais... Sentiu desespero por nada saber sobre nós dois... E por não poder nos proteger... Sofreu física e moralmente! Acabou seus dias na Terra ferido, atirado num canto, como um animal sarnento...

- Coitado dele, mãe!!! Mas porque Deus nos castiga assim...?

- Não é Deus que nos castiga, filho... Somos nós que nos castigamos. Quando agimos errado, recebemos de volta o que fizemos. Sofremos o mesmo que causamos aos outros... Lembra do teu companheiro mercenário nas Missões...? Aquele que te forçou a matar os guaranis indefesos...?

- Sim... Mas o que tem ele ?!

- Pois ele é o teu pai guarani... Lembra, que naquela ocasião ele achava natural matar mulheres e crianças...? Por isso precisou reencarnar passando pelo sofrimento de perder a mulher e o filho e sentindo dores atrozes até à morte física... Entendeste agora ?!

- Mais ou menos... Mas, se eu também estava lá matando, como eu não sofro agora o mesmo que ele...?

- Porque tu, meu querido Maoni, tendo errado um pouco menos que ele, teve um resgate de sofrimento menos intenso que o dele.

- Como assim...?!

- Acontece que ambos já viveram outras vidas, após aquela da época das Missões. Sofreram muito, resgatando quase todas as atrocidades que cometeram... E, finalmente nesta última, quando ele foi o pai que te gerou, ao sofrer a dor de nos perder, seu resgate, como ser humano encarnado na Terra, terminou... Continuará trabalhando aqui na Espiritualidade... Porém tu ainda tens algo a realizar no plano material, não através da dor, mas pelo amor e doação...

- E o que preciso fazer...?

- Nada posso adiantar... Quando chegar a hora, saberás por ti mesmo, através da tua intuição. Todavia, por merecimento, tens a permissão de poder enxergar situações passadas, orientando o teu caminho... Por isso eu pude me comunicar contigo, através do sonho, para te ajudar a perder o medo do desconhecido e te acalmar...

- Falando assim contigo, mãe, acho que eu perdi o medo... Obrigado! Sinto-me mais seguro...

- Agradeço ao Pai por esta graça! Mas, apesar de querer muito permanecer mais tempo ao teu lado, tenho que ir agora, meu filho. Meu prazo terminou...

Daniel se aconchega com força no regaço materno, que o acolhe com amor. No calor desse abraço, uma grande paz o envolve...

- Que bom te conhecer, mãe... Nos veremos outras vezes...?

- Não sei se será possível, meu filho... Mas tenha a certeza de que sempre estarei ao teu lado! Quando sentires uma brisa suave a te envolver, saberás que sou eu te abraçando!

- Então, antes de ir, me diga o teu nome!... Quero guardá-lo em meu coração.

- É Potira... E do teu pai, Guaraci...

E sem que ele pudesse falar mais alguma coisa, o abraço materno foi perdendo o calor, a luz se apagando e tudo o mais desaparecendo...

Após uma longa noite de sono tranqüilo e profundo, Daniel acordou estranhamente calmo e feliz, para surpresa de sua família. Sem tocar no perturbador assunto da véspera, aprontou-se ligeiro para o colégio.

Tudo para ele se apresentava satisfatório... Comunicou-se tão alegre com os colegas que esses se surpreenderam. E quando a professora participou que os ensaios para o desfile comemorativo da fundação da cidade seriam intensificados, ele achou ótimo. Ao contrário das semanas anteriores, quando sempre reclamava por ter que ensaiar.

A comemoração estava marcada para a semana seguinte. Ele havia sido escalado para levar a Bandeira do Brasil. Seu tipo físico não permitira que ele se apresentasse com os trajes característicos da Alemanha, que iriam prestigiar os colonos alemães, fundadores de Nova Dresden. Aliás, também não era de seu desejo, mas isso na ocasião acirrara mais ainda o sentimento de discriminação, que tanto o abalava. Entretanto, hoje, tal sentimento desaparecera por completo.

Durante toda a manhã no colégio, ele se sentiu feliz, de bem com a vida, como nunca acontecera antes...

Porém, ao chegar em casa, uma surpresa desagradável o aguardava. Iria ao final da tarde, consultar com o médico psiquiatra... Seu recente otimismo sofre um baque. Mas como contrariar o pai...?

Assim, às seis horas lá está ele no consultório, acompanhado pelo pai.

Numa sala simples, completamente despojada de qualquer enfeite, o psiquiatra se encontra sentado por detrás de uma mesa antiga, onde vários papéis e livros se empilham desalinhados.

O Dr. Claudionor Whers é um homem de aparência austera. Alto, magro, cujas faces murchas se escondem sob uma barba grisalha, encimada por um grande bigode. Seu aspecto não é dos mais animadores para um jovem adolescente com pouco menos de quinze anos. Daniel se retrai, tomado de uma súbita timidez temerosa.

Entretanto, quando o médico se dirige a ele com um largo sorriso, sua voz soa suave e cheia de calor humano.

- Então, meu jovem, o que anda acontecendo com você...? À primeira vista, me parece um adolescente tranqüilo e bem equilibrado...

A inesperada afabilidade deste e o olhar sereno dos olhos intensamente azuis, que se enchem de brilho quando sorri, desarmam Daniel.

- São os meus sonhos, Dr. Claudionor... - responde contrafeito, uma vez que não gostaria de falar mais sobre suas visões. Com ninguém, muito menos com um estranho.

- Pode me dizer como são esses sonhos... ?

Daniel olha relutante para o pai, como se pedisse socorro, porém este insiste com ele:

- Filho, se tu queres ficar bem, liberto dos pesadelos, precisas colaborar com o Dr. Claudionor... Só assim ele poderá te ajudar.

- Mas pai, eu gostaria de não falar mais sobre isso. Já te disse que estou bem...

O médico observa atentamente a ambos e, em forma de sugestão, pede com gentileza ao pastor que se retire.

- Talvez seja melhor que seu filho fique a sós comigo... Por favor, Pastor Tomás, eu gostaria que fosse assim.

Este se retira e Daniel se vendo a sós com o psiquiatra, se intimida ainda mais, firmando o propósito de ficar calado.

"Não vou contar que falei com minha mãe! Isso é um segredo meu, só meu...Ninguém mais pode saber"... - pensa, apertando fortemente os dedos contra a palma das mãos.

- Daniel, não vou lhe pedir para que fale aquilo que não deseja... Quero apenas que saiba que o que está acontecendo com você, é mais comum do que pensa... Eu sei que não é imaginação sua... A meu ver, pelo o que seu pai me contou por alto, acredito que sua consciência esteja se recordando de fatos passados em outras vidas... Porém, somente com a sua colaboração, poderei avaliar a veracidade dessas visões...

Daniel surpreendido, interrompe: - Outras vidas passadas...?! Então o senhor não me acha louco...?!

Novamente o simpático sorriso e o tom de voz do médico fazem com que Daniel se sinta mais à vontade, mais confiante...

- Meu jovem, nós psiquiatras não tratamos somente de loucura... São muitos os fatores que perturbam o equilíbrio emocional do ser humano, causando distúrbios passíveis de tratamento. Assim como a angústia, a depressão, etc...

- Mas o senhor falou em vidas passadas... Isso existe, é verdade ?!

- Para mim é verdade... Acredito! - ele se cala por alguns momentos enquanto olha profundamente para Daniel.

Este, voltando a se sentir inseguro, pergunta temeroso: - E eu posso saber porque o senhor acredita nisso ?!

- Claro, meu jovem... Estava lhe observando e acho que é bastante inteligente para entender o que vou explicar... Há alguns anos atrás, me tornei espírita... Assim, tenho estudado profundamente sobre esse assunto de vivermos muitas vidas, que ainda é muito desacreditado no Ocidente...

- Por que...? Acreditam isso no Oriente ?! - interrompe Daniel, surpreso.

- Sim... Os orientais acreditam nisso, há muitos milênios. Aqui, na civilização ocidental, é que este assunto surgiu como uma teoria nova que, por contrariar a medicina acadêmica e as religiões ocidentais, é desacreditada... Entretanto, através da fé que eu abracei, tem me ajudado a entender alguns de meus pacientes... Venho observando que determinadas situações

negativas, pelas quais passamos em um passado remoto, perturbam a nossa vida presente. E eu acredito nisso!

- Então, se isso existe... - fala Daniel muito impressionado - O que se pode fazer para não se lembrar desse passado...?

- Dissolver a negatividade do que fizemos de errado e que mantém a nossa consciência presa naquele passado. E somente através da nossa compreensão, poderemos dissolvê-la.

- Como assim...?! Não estou entendendo!...

- Vou lhe dar um exemplo: Se numa vida anterior eu fui um criminoso, e os meus atos feriram alguém, volto numa outra vida para pagar o que fiz. Isto é, passo pelo mesmo sofrimento que eu causei aos outros. E, compreendendo e aceitando que o que estou sofrendo hoje, está me ajudando a corrigir os antigos erros, me liberto do passado...

- Até que parece certo... O que a gente faz, recebe de volta, é isso ?!

- Vejo que você é um jovem inteligente, que entende as coisas com facilidade. Isso ajuda muito a restaurar o seu equilíbrio. Se você desejar e confiar em mim, Daniel, posso ajudá-lo a esquecer o que passou. E assim, viver livre, conquistando uma vida mais feliz...

A simpatia e o jeito atencioso do psiquiatra acabaram por conquistar de vez a confiança de Daniel, que concorda em relatar minuciosamente o que estava acontecendo com ele.

Escutando-o com atenção, o médico se surpreende com a espantosa facilidade dele, de se transportar à vivências passadas.

- O seu filho, Pastor, é um sensitivo impressionante. Ainda não tinha visto ninguém tomar conhecimento de tempos passados, com tal naturalidade... - explica para o pai, ao término da consulta.

- O que então, o senhor sugere que se faça ?! - pergunta Tomás surpreso com o conceito do médico.

- Duas coisas: A primeira vai de encontro à sua fé religiosa, mas apesar disso, sugiro que o senhor leia o livro "Nosso Lar" do sensitivo Francisco Xavier, um mineiro da cidade de Uberaba... Nele o senhor encontrará alguma explicação para o fenômeno que acontece com o seu filho. - Nesse ponto, o médico faz uma pausa para observar a reação do pastor.

Este, perplexo com tal sugestão, pergunta receoso: - E qual a segunda...?!

- Que ele venha ao meu consultório uma vez por semana. O caso dele necessita de um acompanhamento assíduo e um estudo profundo. Sei que para o Pastor isso é um tanto constrangedor, devido à sua crença. Mas fique tranqüilo quanto à minha discrição à respeito. Num consultório médico, o sigilo também é sagrado... A meu ver, o importante é a harmonização e o perfeito equilíbrio emocional de seu filho. Pelo menos assim eu suponho...

- Evidente que sim... Concordo consigo! E se Daniel assim o desejar, tudo bem! - e, estendendo a mão para o médico, se despede, concluindo: - Obrigado, Doutor... Penso que se Deus permitiu tal situação, deve ter algum motivo. Que Ele nos ilumine, para que possamos chegar a um bom termo.

Já passava das onze horas da noite, quando Tomás, vendo luz sob a porta do quarto de Daniel, preocupado, resolve entrar. Encontra-o mergulhado na leitura.

- O que foi, meu filho... Perdeste o sono? Estás preocupado ?! Parecias-me tão bem à hora do jantar...

- Estou estudando... Por causa do concurso literário, a professora de história está fazendo vários testes conosco, para refrescar a nossa memória...

- Isso é muito bom!... Vai ajudá-los a desenvolverem o tema. Qual o teste de amanhã...?

- É sobre a escravidão negra, aqui no Sul... Sabias, pai, que bem antes da abolição, aqui já se faziam carteiras de trabalho para eles...? E que eles se tornaram livres antes da assinatura da Lei Áurea...?!

- Mas que interessante!...

- A tia da nossa professora, tem guardada com ela uma carteira de ama de leite de uma escrava que serviu à sua família... Ela nos mostrou!

- Isto é uma preciosidade histórica. Deveria estar num museu!... - e beijando o filho no rosto, aconselha: - Talvez seja melhor parares de estudar agora... Já é tarde...Amanhã estarás cansado!... - e vai se retirando - Tenha uma boa-noite, filho!...

- Tu também, pai!... Daqui a pouco vou dormir. Já estou ficando com sono!...

Realmente, com os olhos já pesados, ele fecha o livro e apaga o abajur. E pegando a pedrinha missioneira, coloca-a sob o travesseiro, murmurando com voz sonolenta: - Hoje não, querido talismã... Esta noite vais ficar escondida! Nada de viagens...

Porém, mal acabara de fechar os olhos, o torvelinho de luz o envolve, carregando-o ao início do século passado...

A tarde caia cinzenta sobre o extenso campo, onde um grande rebanho de gado e ovelhas começava a se reunir. Correndo à pé, os negros escravos iam tangendo os animais, sob o comando do feitor que, à cavalo, ia gritando as ordens. Vez por outra, ouvia-se o estalar do chicote no dorso de algum negro, para ativá-lo, quando por cansaço ia diminuindo o ritmo da corrida.

O tempo estava se preparando para a chuva. O vento norte que já se fazia presente há três dias, levantava a fina poeira vermelha, que se espalhava pelo largo avarandado da grande casa, toda feita em madeira.

Daniel, aturdido, se dá conta de que está agachado, junto a um dos troncos de sustentação do telhado. Olhando para suas mãos, leva um susto! São negras, bem negras. Verifica então, que seu corpo é de um guri negro, vestido apenas com um calção de pernas longas. Seu torso nu, de um negro luzidio, é bem magro. Assustado, se sente enfraquecido, com o estômago roído de fome... Ouvindo vozes, percebe dois homens conversando.

Sentados em confortáveis cadeiras de balanço, o dono da fazenda e seu capataz, falavam sobre a lida do dia, enquanto observavam ao longe o reunir do gado.

- É, Fulgêncio... Gostei da tua idéia de trazer esses negros para cá... O trabalho com os bugres não rendia tanto! Tinhas razão... Dobrou o rendimento da fazenda este ano...

- Obrigado, patrão! O Capitão Antunes, da fazenda Campo Verde, estava certo!... É uma raça resistente! Sol e chuva pra eles não causam muitos problemas. Só no inverno é que tivemos algumas baixas... Mas também eles não estavam acostumados com o frio...

- Mas acabam acostumando... Eles são da mesma estirpe que a nossa *cavalhada*! Mas veja o céu, Fulgêncio... *Tá* carregado que nem lombo de burro. Vamos ter chuva grossa.

- É patrão... *Tá* na hora. Faz três dias que esse maldito vento *azucrina* a nossa vida!

- Não deixa nem eu acender direito o meu *palheiro*!... - reclama o robusto fazendeiro que, com a mão protegida por um cachecol de lã grossa, segurava um pequeno tacho com braseiro para acender o cigarro. - As brasas *tão* se apagando...

- Firmino, vem cá! - grita o capataz para o pequeno escravo:- Ligeiro!!!

Daniel olha assustado, percebendo que o chamado é para ele. Levanta de um pulo e vai atender.

Nesse momento, ele é o pequeno escravo... Age e pensa como tal, apesar de sua mente lúcida, como Daniel, estar atenta a tudo. Ele é agente ativo e espectador ao mesmo tempo!

- O que o *sinhô qué* que eu faz...?!

- Toma o tacho e vá buscar uma brasa ardente!... Essas já tão virando carvão! - e entrega-o para o menino, guardando o cachecol no colo.

- Sim *Sinhô*... Já *tô* indo! -

Porém, ao segurar o tacho quente, ele queima as mãos e, soltando um gemido de dor, o deixa cair. E as brasas se esparramam pelo chão... No mesmo instante, o capataz levantando

da cadeira, puxa do rebenque que levava à cintura e fustiga com força as costas do negrinho. Este, sob o impacto da força do rebenque e da dor, gemendo, cai ao chão.

- Negrinho desastrado! - grita irado o patrão - Olha a sujeira que fez no chão!

Mais uma vez, o rebenque do capataz desce sobre o corpo franzino:- Levanta, seu moleque e vá buscar uma vassoura, pra limpar bem ligeiro essa *porcalhada* toda! E traz também o braseiro pro patrão!...

Segurando o choro preso na garganta, ele responde com a voz embargada:- Me *adisculpa*, meu *Sinhô*... É *qui tava* muito quente! - e apanhando a vasilha, ele começa a se levantar. Entretanto cai novamente, dessa vez sob o choque da bota do patrão, chutando para longe o tacho de sua mão.

- Nada de tacho agora! Tu vais me trazer a brasa na mão, *neguinho* relaxado, pra aprender a não ser descuidado! E anda logo!... - e virando-se para o capataz, fala rindo: Senão domar o potro ainda novo, mais tarde não se consegue montar... É pelo medo do castigo e da dor, que ele fica manso!...

Daniel, horrorizado com tudo o que estava vivenciando e sofrendo as dores do pequeno negro, se desespera e não quer ver, nem sentir mais nada. E num impulso ele grita: - Mãe, me ajuda!!!

Num instante, um torvelinho de luz lilás o envolve, transportando-o para seu quarto. Ainda chorando, ele acorda sentado na cama, ouvindo ao longe a voz de sua mãe Potira:

- Esta, Maoni, foi uma das vidas que te falei. Muitos dos teus crimes foram dissolvidos durante aqueles terríveis anos de sofrimento...

- Mãe, estou confuso!...- ainda zonzo, Daniel, ansioso, pede uma explicação: - Por que trocamos tanto de raça...?! Já fui português, negro, agora índio e o que mais...? Por que... ? Não entendo!...

Mas Potira não se encontrava mais no seu campo vibratório... Ele não poderia mais ouvi-la. Sente-se frustrado, porém ao mesmo tempo, algo dentro de si lhe dá a certeza de que um dia ainda iria descobrir o porquê da vida.

Ouvindo um galo cantando à distância, se dá conta de que o amanhecer vem chegando... Uma tênue claridade aos poucos vai penetrando em seu quarto.. E estranhamente, ele perde a sensação de angústia causada pelo sonho. Sentindo-se desperto, acende o abajur. Tomado de uma súbita vontade de saber mais sobre a escravidão negra, apanha do livro caído ao lado da cama e se aprofunda no estudo até a hora de se levantar.

O desfile escolar comemorativo dos 60 anos da fundação da cidade de Nova Dresden transcorreu em perfeita ordem, com a participação de todos os colégios. A música e as roupas típicas da região alemã de origem embelezaram a parada e a alegria era geral. No final das contas, Daniel ficou feliz, orgulhoso de ter sido o escolhido de sua escola para levar a Bandeira do Brasil. Ainda mais porque a irmã viera de Porto Alegre exclusivamente para vê-lo desfilar.

- Dani... - dissera ela comovida - Tu não imaginas a emoção que senti ao te ver levando com tanto garbo a nossa bandeira!... Muito justo um descendente dos primitivos donos da nossa terra representar o Brasil na parada!

- *Mana*... Tu és maravilhosa!!! - ele agradece feliz - Eu te *adoro!*

As comemorações continuaram ainda por toda a tarde, na praça central da cidade. Houve apresentação de danças típicas, venda de doces, comidas, bebidas e artesanato, em barracas enfeitadas com muitas flores. A alegre banda, com seus componentes vestidos à caráter, tocava constantemente, passando por entre estas, num convite à dança e ao canto. A cerveja e o vinho corriam à vontade, deixando por vezes o entusiasmo passar dos limites.

E à noite, seria o grande baile, regado a chope, momento ansiosamente esperado por todos.

Descansando do tumulto do dia, a família se reuniu no final da tarde, conversando e comentando sobre a festa em geral.

Em dado momento, Daniel, agora mais harmonizado com a colonização alemã, resolve conhecer melhor a história da família de seu pai.

- Até hoje, pai, eu não tinha me interessado em saber porque seus avós vieram viver aqui no Brasil... Mas agora estou curioso...Por que eles vieram, pai ?!

- Porque naquela época, a vida na Alemanha estava muito difícil... O meu avô, Helmut Schneider, era artesão e escultor e, para ele, na sua profissão, não havia muitas oportunidades de trabalho. As perspectivas eram sombrias... Entretanto, o Império Brasileiro na ocasião, estava convidando imigrantes, oferecendo muitas vantagens. Como ele estava recém casado, de comum acordo com minha avó Ingrid, que era uma moça prendada e culta, eles resolveram arriscar a vida nova num país novo. E assim, tomaram o vapor rumo ao Rio de Janeiro, em 1886.

Chegaram ao Brasil, cheios de esperança no futuro, acreditando que seus conhecimentos seriam valorizados na nova terra. Porém, a desilusão foi grande! Não existiam facilidades... E os estudos alemães de minha avó, aqui nada valiam. As promessas eram falsas...

- *Puxa*... - interrompe Daniel - Eu pensei que naquele tempo, a palavra valia tanto quanto o ouro!...

- Ingenuidade tua, meu irmão... A falsidade é tão velha quanto o mundo!

- Todos os imigrantes chegaram aqui enganados...- complementa Elisa - Não só pelos brasileiros, mas principalmente pelos alemães que faziam a propaganda enganosa e formavam os grupos ganhando muito dinheiro à custa da credulidade, dos que sonhavam com um futuro promissor nas terras de além-mar... O mesmo aconteceu com a minha família também!

- Que barbaridade!.. Coitados! - fala Daniel penalizado - Mas continua, pai... Conta mais!

- Pois foi dessa maneira, como a tua mãe falou, que eles chegaram no Brasil. Com muita dificuldade meu avô conseguiu um trabalho... Mas não de acordo com a sua profissão. Era um trabalho quase escravo... Fazer calçamento de pedra na estrada que ligava o Rio de Janeiro à cidade de Petrópolis, fundada por D. Pedro.

- Mas que coisa louca!... - exclama Matilde.

- Porém... - continua Tomás - Como Deus escreve certo por linhas tortas, a vida deles mudou para bem melhor!

- De que jeito ?! - interrompe Matilde, num tom de brincadeira - Quebrando mais pedra ?!

- Se me interromperem com tolices, então não conto mais - reclama Tomás um tanto aborrecido - Assim não dá!

- Ora, pai estava só brincando!... Também estou curiosa... Tu nunca falaste sobre isso comigo!

- Tens razão, filha... Já deveria tê-lo feito, de vez que é uma história bem interessante. Mas como tem uma passagem pela nobreza, não queria que vocês se envaidecessem com isso e, ademais, era um segredo de família...

- Segredo e nobreza...? Então, conta logo!... Agora é que quero mesmo saber de tudo! *Tim-tim por tim-tim*! Aonde entra a nobreza...?!

Sorrindo para a filha, Tomás reinicia: - Bem...Como a minha avó era muito nova e bonita, ele tinha medo de deixá-la sozinha no albergue aonde moravam e assim ela o acompanhava no trabalho e quase sempre o ajudava também.

- O que isso, pai ? - dessa vez é o filho que o interrompe também brincando - Aonde está a linha certa de Deus ? Uma mulher carregando pedras?

- Pois então, preste atenção, porque foi assim que aconteceu... A linha torta virou certa! Continuando...Estava a Vó Ingrid carregando pedras, quando D. Pedro II passou em sua carruagem, pelo local. Ao ver uma jovem tão linda fazendo esse tipo de trabalho e percebendo que ela era uma moça educada, indignado, mandou que parassem imediatamente a carruagem. Como o imperador falasse correntemente o alemão, perguntou a eles porque tal absurdo estava ocorrendo. Ao saber que o marido era artesão e escultor, imediatamente o contratou para ser construtor de suas carruagens e a bela Ingrid, para ser babá de seus filhos.

- Nossa!... Até parece conto de fadas! - se espanta Daniel.

- E a *bisa* ficou morando no palácio...? Que *luxo*!... Mas, se eles ficaram assim tão bem no Rio de Janeiro, por que viemos parar aqui no Sul...? - pergunta Matilde admirada.

- Porque em seguida caiu o Império e, com medo dos atos da República, eles fugiram para Porto Alegre. Lá chegando, o Vô conseguiu trabalho com um marceneiro austríaco já estabelecido há algum tempo por lá. E com o dinheiro que ganhara do imperador, tornou-se sócio da marcenaria. Tudo ia bem, iam prosperando, quando dois anos depois, grassou na cidade uma grande epidemia e *vô* Helmut e o marceneiro foram contaminados, morrendo em seguida. A *vó* Ingrid, com um filho pequeno e grávida de outro, ficou só. Sofrida e sem ter ninguém para aconselhá-la direito, vendeu sua parte na marcenaria, por uma bagatela.

- Mas que tragédia, pai!... O conto de fadas virou maldição de bruxa!...

- Pois é... Porém, como a *vó* Ingrid já falava razoavelmente o português, uns colonos imigrantes que estavam vindo para esta região, convidaram-na para ser professora das crianças, na recém criada colônia Nova Dresden. Mais tarde, ela acabou se casando com um deles e aqui estamos nós.

- Que história interessante! - comenta Matilde - Só não entendo porque nunca nos contou! E qual o motivo do segredo ?!

- Já lhe disse, filha... Não queria que vocês se vangloriassem com a passagem, de certa forma, de seus bisavós pela corte brasileira. E a vó Ingrid fez questão de silenciar sobre essa parte de seu passado, após seu casamento com Wolf Kruel, porque isso causava ciúmes a ele. Por isso essa história ficou sendo um segredo de família, de pai para filho.

- *Bacana*!...Que *bacana*! Parece novela de Rádio! - fala entusiasmado Daniel - E os seus avós, mãe... Como foi a vida deles...?! Só sei que eram colonos!

- Pois foi isso mesmo, filho... A dura e difícil tarefa de lavrar uma terra virgem e estranha. Nada de muito pitoresco!... Um outro dia eu conto pra vocês! Já está na hora de começar a nos prepararmos para o baile... Já passa das oito horas!

Daniel chegou em casa, apesar de alegre e feliz, muito cansado. Assim, foi direto para a cama. Entretanto não conseguia dormir, de tão excitado que se encontrava. Também, fora a primeira vez que dançara num baile, com uma menina. No ano anterior, ficara sentado, apenas apreciando a música.

Mas não foi somente o ato de dançar, mas a simpatia que surgira de imediato, quando seus olhos se encontraram com os lindos olhos verdes da pequena ruivinha.

Daniel notara a presença dela, tão logo entrara no salão. Os cabelos vermelhos e encaracolados brilhavam como fogo, sob a luz que incidia sobre a mesa onde ela se encontrava, acompanhada de várias pessoas. Certamente sua família. Ele nunca a vira antes na cidade...

"Será apenas visitante ou moradora recente...?" - se perguntava, enquanto seu coração palpitava de uma forma estranha. Nunca se sentira assim.

"Será que ela gostaria de dançar comigo...?

Ele se encontrava sozinho em sua mesa. Os pais estavam dançando e a irmã fora conversar com outras jovens, do outro lado do salão. Ele ficara, com a intenção secreta de dançar com a menina.

"Só posso saber se ela aceita, se eu for lá convidá-la! Vou arriscar... Mas... E se ela for racista ??? Afinal eu sou um bugre... Devo convidá-la ou não...? Se eu for e ela disser não, com que cara eu fico ???"

Todavia, era tanto receio e indecisão, que quando criou coragem e ia se levantar, ela saiu dançando com as amigas, acompanhando o cordão que passava animado, ao som de uma polca. Frustrado, ele ficou olhando-a se afastar ao ritmo da música...

"Eu sou um imbecil!!! E ela é uma *graça*!... Agora fico sentado que nem um *balão murcho*... Bem feito!!! Quem manda ser tão *pamonha*!!!"

Assim ele se recriminava. Porém, quando o cordão passou novamente em frente à sua mesa, ela olhou para ele sorrindo. E foi tamanha a sua surpresa, que ele nem soube corresponder... O sorriso ficou preso, enquanto o coração saltava dentro do peito.

"Ela sorriu!... Ela sorriu!!! Então ela vai dançar comigo!!! " - pensava eufórico, enquanto aguardava que ela passasse novamente...Assim que chegou o momento, ele se juntou ao cordão e daí para frente, foi só dança e alegria.

Tudo isso ele rememorava, se revirando na cama e abraçando o travesseiro. De repente a porta do quarto se entreabriu e Matilde mostrando apenas a cabeça, falou rindo:

- Então... Pensa que eu não vi...?! Namorando *hein*, seu malandro! Parabéns! Ela é uma *gracinha*!

- Matilde, entra... Vem cá!

- Não, *mano*. Vou pro meu quarto escrever para o Hans. Estou louca de saudades!!! *Tchau, tchau*! - e enviando um beijo com a mão, ela fechou a porta.

"Giovana... Giovana... Que nome lindo! Como soa bonito, parece música... Ela é tão linda, tão linda!... Como eu poderia imaginar que iria conhecer uma italiana, no meio de tanto alemão!... E com aqueles olhos verdes... Ai, meu Deus!"

Daniel se apaixonara... Seu primeiro amor... Ele mal podia acreditar que uma menina tão bonita pudesse se interessar por um índio guarani. Pensando assim, num impulso salta da cama e, correndo, vai se olhar por inteiro no espelho do armário. Fazendo pose, se vira de um lado para o outro, pensando satisfeito:

"Até que eu sou um bugre bonito!... Nada mal! Nunca tinha reparado em mim desse jeito!... E ela disse que eu tenho um sorriso lindo! Será...??? E ela prometeu que passeia amanhã comigo na praça, depois da missa... Mas que azar!... Ela precisava ser católica ?! E ainda por cima, sobrinha do padre...???"

E sorrindo para o espelho, volta para a cama, sacudindo os ombros: "Deixa prá lá... Não faz mal! Isso não tem importância!... Uma católica e um bugre luterano... Formamos uma dupla estranha no meio da *turma*!"

E assim pensando, se enfia embaixo das cobertas, pensando em Giovana. Sem querer, sua mão esbarra na pedrinha missioneira, esquecida entre os lençóis... Segurando-a, fala bem baixinho: - Querido talismã!... Desde que te encontrei, quanta coisa tem acontecido comigo!..."

A chuva caia fina e fria... O barro vermelho respingava nas roupas à medida que os cavalos iam atolando as patas pelo caminho enlameado.

Daniel, com a sensação de estar cavalgando, olha para os lados, examinando o local. Um tanto confuso, verifica que está mesmo montado num cavalo e que é um adulto.

"Não... De novo...?! Oh, não!... E agora, quem eu sou ???!" - pensa aturdido.

E ainda está avaliando a si próprio, quando ouve às suas costas, uma voz feminina, denotando extremo cansaço.

- Karl, será que ainda demora muito para chegarmos...? Não seria melhor descansarmos um pouco?!

Ele se vira para ver quem é e, nesse momento, ele não é mais Daniel... É um homem jovem, com um sentimento de profundo amor pela jovem que, abatida e com aspecto sofrido, vem cavalgando lentamente, atrás dele.

- Me disse agora mesmo o guia, que mais uns vinte ou trinta minutos estaremos chegando... Sei que estás muito cansada querida... Mas, se puderes agüentar mais um pouco, será prudente, porque não demora muito para a noite cair.

Gretchen sentia as costas doerem. Com a mão esquerda segurava as rédeas e com a direita procurava sustentar a barriga já bem desenvolvida. Tentava assim diminuir o impacto dos solavancos que sua montaria causava, ao descer a estrada tortuosa e escorregadia. Uma ardência dolorida se espalhava por seu baixo ventre. Estava apreensiva, pois não sentia seu bebê mexer...

- Mas me sinto tão cansada... Tenho medo!... - ela insiste.

Tentando reduzir mais ainda a marcha de seu cavalo, ele se coloca bem próximo a ela: - Eu sei querida... E isso me angustia, mas se a noite nos apanhar no meio desta mata, ficará muito perigoso - e procurando falar baixo, comenta irado: - Irresponsável este sujeito! Não me preveniu que seria apenas uma trilha! Falou-me que era uma estrada!... Este inconsciente sabia do teu estado... Mas agora, o que fazer ?! Temos que chegar na casa que nos reservaram... E espero que seja pelo menos uma casa razoável!!!

Sentindo o nervosismo crescente do marido, procura acalmá-lo: - Eu estou bem, querido... O bebê também... Tudo dará certo! Estou apenas cansada...

- Gretchen querida... Tu nem calculas o tamanho do meu desespero por ter te trazido para este fim de mundo!!! Te fazer passar dois meses naquele navio imundo, viajando como escravos... E pagando com quase todos as nossas economias! Estou me afogando em ódio e revolta!...

- Mas como poderias adivinhar que aquilo que nos prometeram era puro engodo...?! Eu também sou culpada... Acreditei e te entusiasmei a vir!... Não fica assim, querido! Te acalma...

- Se eu pudesse adivinhar que ser colono neste Brasil é ser desbravador, jamais teria saído da Alemanha!!! - sufocado pela indignação, sua voz soa rouca: - Não somos índios para viver na mata!!!

- Tens razão, querido... Pelo menos na nossa terra sabíamos aonde estávamos pisando e sempre teríamos alguém para nos auxiliar!...- sua mulher fala com tristeza, disfarçando o medo e a dor que está sentindo.

Os cavalos também cansados começam a tropeçar vez por outra... Num desses tropeços, quase que Gretchen vai ao chão. Com o susto, ela se agarra na crina do animal com ambas as mãos e bate a barriga de encontro à sela. Independente de sua vontade, solta um grito de dor. Karl se desespera e faz os cavalos pararem.

- Querida!... Oh, minha querida, como estás ??? - e dirigindo-se ao guia, mais à frente, fala com ódio: - Viste o que nos arranjaste, seu desgraçado...?! Se algo acontecer com minha mulher eu te mato!!!

Novamente ela procura acalmá-lo. Tem medo que realmente aconteça uma trágica briga entre os dois: - Não foi nada, Karl!... Não foi nada! Tenha calma! - e fazendo um esforço sobre-humano, esconde tudo o que está sentindo: - Já passou, querido!... Vamos continuar para chegarmos logo em nossa casa!...

O guia, um mestiço de índio com português, continua calado, talvez fingindo nada ouvir. Ou então sem entender direito o que o alemão esbravejava. Uma vez que eram poucas as palavras alemãs que ele entendia.

Com a fisionomia inalterada e um olhar impenetrável continuou cavalgando impassível, guiando o caminho e rebocando os dois burros carregados com os pertences do casal. Certamente devia estar acostumado a tais contratempos...

Pouco mais de um quilômetro adiante ele pára. Levantando o braço, indica que estão finalmente chegando...

Surpresos e apavorados, Karl e Gretchen vêm uma clareira se abrir no meio da mata, onde um pequenino povoado está se formando. Uma igrejinha de madeira com uma cruz no alto, cercada de umas poucas casas também em madeira tosca. Com seus telhados de palha, mais pareciam palhoças.

Revoltado com o que vê, sentindo-se traído, enganado, Karl emparelhando seu cavalo com o de Gretchen, grita com raiva: - Mas não foi isso que nos prometeram!!! Meu Deus!... E o pior é que não temos como voltar!!!

Antes que Gretchen possa esboçar qualquer gesto, uma dor lancinante aperta sua barriga e, exausta, ela desmaia começando a cair do cavalo. Karl, desesperado, ampara-a e puxando-a para si coloca-a em seu cavalo. E, angustiado, começa a gritar: - Alguém nos ajude!!! Por favor!!! Socorro!!!

Sentindo-se impotente, sem saber como ajudar a mulher que ama, desesperado ele esporeia o cavalo, segurando-a fortemente de encontro a si. Num galope ele se dirige para a igreja.

De repente, uma névoa começa a envolver tudo e Daniel ainda sentindo a dor e o desespero de Karl, sai do transe, ouvindo a voz de sua mãe guarani.

- Pudeste mais uma vez, querido Maoni, vivenciar o início de uma outra vida tua, de extremo sofrimento. Entretanto, de grande valia para a tua libertação cármica...

Atordoado, ele sente um forte torpor e sem reagir, cai num sono profundo e reparador.

Estavam como de costume, após o culto da manhã, ele e o pai, se preparando para a seção de música, enquanto aguardavam pelo almoço.

Daniel se sentia feliz. Desde que se levantara, até o momento, só conseguia pensar na sua bela Giovana. Nem prestara atenção na pregação de seu pai, que sempre gostava de ouvir.

Tomás acabava de afinar o violino para tocá-lo, quando Elisa entra na sala, falando alegremente:

- Milagre!!!... Matilde fez questão de aprontar a comida!... Quer exibir o que aprendeu com a colega italiana que mora com ela!... Assim posso te acompanhar ao piano, Tomás.

- Mas que bom, mãe! Faz tempo que não tocas para nós.

Daniel gostava muito de ouvi-la tocar. Seu repertório era sempre alegre. Assim, a seção musical foi da valsa à polca, fazendo com que aumentasse ainda mais a alegre expectativa do encontro à tarde, com a sua Giovana. Durante todo o culto, Daniel não pensava em outra coisa que não fosse esse encontro. A imagem da bela ruivinha dominava completamente a mente dele, afastando de sua memória inclusive, o triste sonho da véspera. Ouvindo a música, ele se imaginava dançando e volteando por um grande salão de baile, onde apenas os dois se encontravam...

- Agora, tenho uma surpresa para ti, Daniel!...- a voz de sua mãe retira-o de seu devaneio - Vou tocar uma música que há muito tempo não me lembrava dela. Minha avó me ensinou quando eu era menina. Ela era excelente musicista e compôs esta peça ainda adolescente. No tempo em que morava em sua terra, pouco antes de se casar com o vô Werner e vir para o Brasil.

Ouvindo isso, Daniel sofre um impacto. A melodia o faz recordar da deprimente visão de seu passado. E em rápidos *flashes*, surgem cenas diversas em sua mente.

Ele se vê amparando desesperado, sua amada Gretchen que, deitada num catre de palha improvisado às pressas, é atendida por uma velha índia parteira. Com carinho e presteza, esta atende ao parto prematuro de sua mulher. Infelizmente, seu filho ainda franzino, nasce morto.

Em seguida, já se encontra correndo, em outro tempo, carregando nos braços uma linda criança loura de uns dois anos de idade. Está à procura de um índio que morava nas proximidades do povoado. Busca socorro para a filha mordida por uma cobra venenosa. Porém já era tarde demais. A menina morre em seus braços...

Tonto, ele volta a si, ouvindo a voz de sua mãe, perguntando preocupada: - O que houve, filho ?! Estás se sentindo mal...?

- Tiveste mais alguma visão, meu filho...?! - pergunta Tomás, aflito, porém já compreendendo o que se passava com ele.

- Mais ou menos, pai... Mais tarde eu explico... - e, dirigindo-se à mãe, pede como desculpa:- Linda a música, mãe!... Toca de novo! Foi só um mal estar passageiro. Acho que estou com fome!

Elisa preocupada, atende ao pedido do filho... Recomeçando a tocar o piano, é interrompida por Matilde, que alegremente anuncia:

- Podem vir! O almoço já está servido! Não demorem para que não esfrie!...

A tarde estava cinzenta. O céu carregado de nuvens escuras prenunciava chuva. Mas para Daniel, tudo era esplendoroso. Conseguia ver beleza, até num tempo feio... Nenhuma lembrança dos estranhos fatos que estavam ocorrendo com ele, deixava-o perturbado... Somente paz... Conseqüência da alegria que sentia interiormente, com a proximidade do encontro com Giovana.

Sentado num banco da praça, aguardava com ansiedade o término da missa católica. Seu olhar estava fixo na porta principal da igreja, como se esta fosse fugir do seu alcance.

"Como será esse padre, tio da Giovana ?... Será mesmo um *sujeito bacana* como dizem...? Se eu namorar mesmo com ela, vou ter que *enfrentar a fera*!" - assim ele pensava, enquanto esperava.

"Falam muito que ele é jovem e que toca violão... Será que é verdade ??? E que em dois domingos por mês ele faz reuniões com os jovens, com música e dança... Será ??? Se for, pode ser que seja até hoje... *Puxa*, seria bom demais! Mas... Se for verdade e a Giovana me convidar, será que o pai fica aborrecido ? *Puxa... Que meleca*!!! Ela não precisava ser católica... Pode *dar um nó* lá em casa"...

Todos esses pensamentos giravam em sua cabeça. Tinha medo que o pai não aprovasse o seu namoro com ela... Afinal, quase todos em Nova Dresden eram luteranos.

Daniel ouvira vários comentários sobre o padre Francisco. Seus colegas falavam às escondidas sobre ele. Que era um sacerdote jovem, de mente aberta e que estava sempre disposto a ajudar aos outros, independente de credo ou ideologia. Que não impunha a sua fé... Que até mudara o horário da missa dominical para a tarde, só para que os fiéis pudessem passear mais no domingo.

"Dizem que ele dá palestras bem interessantes para os jovens... E que não precisa ser católico para assistir e nem para freqüentar as reuniões... E será que são boas ???

Seu pai também comentara um vez, que os paroquianos, apesar de serem em número reduzido, eram muito dedicados à igreja. E que já gostavam do padre, apesar dele estar a pouco tempo em Nova Dresden.

Pensando e pensando, Daniel nem sentiu o tempo passar... E, finalmente, os fiéis começaram a sair da igreja. Ele se levantou ligeiro e atravessando a rua, foi aguardar junto à porta. Mas a igreja foi ficando vazia e nada da Giovana aparecer... Frustrado e triste, foi se retirando cabisbaixo.

"Era bom demais pra ser verdade!... Afinal, sou bugre e luterano... Lógico que o tio dela não deixou ela passear comigo!..."

Nisso, ouve a voz dela vinda de trás, chamando por ele. Soou como música em seus ouvidos...

- Daniel! Espera!... Estou aqui!...

Ele se volta, ansioso. E a visão de Giovana vestida de azul, correndo pela nave da igreja, com os ruivos cabelos balançando, faz seu coração palpitar.

"Como é linda!... Parece um anjo!"- pensa embevecido.

- Desculpa, Daniel... Demorei porque o tio queria te conhecer. Tive que esperar por ele!

Só então ele percebe a presença do padre Francisco se aproximando deles. E é como se um balde de água fria caísse sobre ele: "Essa não!... Agora...??? O que eu digo pra ele ?!"

Mas o padre, com um sorriso muito simpático, à guisa de cumprimento brinca com ele:
- Olá, Daniel... Então você é o rapaz cujo nome não paro de escutar desde ontem no baile!...

- Tio... - ela o interrompe encabulada - Quê isso tio...?!

Impassível, Francisco continua: - Queria conhecê-lo de perto! Afinal, ontem à noite, só tinha visto você de longe...

Daniel, acanhado, fica sem saber o que dizer, mas o padre, sorrindo outra vez, bate em seu ombro, falando amigavelmente: - Muito prazer, meu rapaz!... Agora que já lhe conheço, pode ir passear com a minha sobrinha predileta!... Mas andem aqui por perto e antes que comece a escurecer, quero-a de volta em casa... Combinado ?!

Mais descontraído, sentindo-se responsável, consegue responder: - Pode ficar tranqüilo, padre Francisco... Bem antes de escurecer, ela estará em casa! - e voltando-se para Giovana, ele fala apressado: - Então vamos até a sorveteria Klaussen ?!

E despedindo-se do padre, os dois saem ligeiro, enquanto aquele, sorrindo, fica acompanhando-os com um olhar carinhoso.

A sorveteria estava lotada. Era o ponto preferido pelos jovens, na tarde de domingo. Música americana, bastante movimento, sanduíches elaborados, sorvetes e sucos diversos... Tudo ao gosto dos adolescentes.

Daniel e Giovana ficaram aguardando em pé, defronte ao balcão, esperando que vagasse uma mesa. Com o barulho das vozes e risos misturando-se à música, ficava difícil conversar. Mais trocavam olhares e sorrisos, do que falavam.

Estavam assim bem distraídos, quando um grupo de colegas de Daniel entra no recinto, fazendo algazarra. E tão logo estes o enxergam, aumentam o vozerio:

- Olha só quem está aqui!!! O nosso campeão!

- *Hip, hip hurra*!!!

- Como é, *Bugrão*... Vamos *liquidar* a turma do Estadual de Campo Grande, mês que vem....?!

Muito sem jeito pela inoportuna manifestação, ele fala desconcertado: - *Tá OK*, turma!... *Tá OK*!... Outra hora a gente fala nisso!...

Rindo com um jeito malicioso, o colega bate nas costas de Daniel, falando num tom amigável: - É isso aí, *Bugrão*!... - e dirigindo-se aos outros, comanda: - *Vâmo* nessa, turma!... É melhor deixar o campeão em paz!... *Tá* muito bem acompanhado!...

Os garotos vão se afastando, continuando a bagunça com uns e outros. Entretanto, um deles que ficara mais atrás, olhando Giovana de alto a baixo, murmura ao ouvido de Daniel, com um sorriso maroto: - *Bah*... Que *mimo, Tchê*!!!

Daniel irritado, fala ríspido: - Vá em frente, *não chateia*!!!

- Quê que há...? *Tá me estranhando, Bugrão* ?! - responde o outro em tom de briga.

Sentindo voltar a adormecida mágoa, ao ser chamado assim em tom provocativo, Daniel se coloca frente ao colega, decidido a reagir na força. Entretanto, o garçom, habituado com os adolescentes e conhecido de todos eles, intervém ligeiro se intrometendo entre os dois.

- Licença!... Licença!... Já consegui uma mesa *supimpa* pra ti, meu rapaz! Vem com a tua *guria* atrás de mim, é lá nos fundos! E dirigindo-se ao outro, empurra-o de leve, falando em tom cordial: - Tua turma tá te chamando lá na frente, Fred!... Vá logo!

E sem se deter por mais tempo, ele continua seu caminho por entre as mesas. Com um equilíbrio de malabarista, levando a bandeja cheia de copos e garrafas, na altura de sua cabeça, vai pensando: "Não dá mais pra agüentar essa *bagunça!*... *Tô* ficando velho pra isso... Se eu não soubesse *lidar* com essa turma, seria uma briga atrás da outra!... Acho que já passei da hora de me aposentar... Afinal, já são quase vinte e cinco anos servindo mesa, *prá* gente de tudo quanto é tipo e idade!..."

Daniel a contragosto vai acompanhando-o, segurando delicadamente Giovana pelo braço.

- Pronto, chegamos!... - fala o garçom sorridente, mostrando uma pequena mesa meio escondida atrás de uma coluna - Não disse que era um lugar *jeitoso*...?

- *Tá* certo, Ernesto!... É bom mesmo!... - agradece Daniel, retribuindo o sorriso dele.

Realmente essa mesa, normalmente evitada por ficar afastada das outras, é no momento o lugar ideal para ambos ficarem conversando. Satisfeitos, eles se acomodam.

- E agora, o que vão querer tomar ?! - solícito Ernesto entrega o cardápio, aguardando pacientemente o pedido. E tão logo eles se decidem, se retira ligeiro.

Daniel, aborrecido com ele mesmo, por não ter evitado aquela situação incômoda para sua namorada, procura se desculpar.

- Não deveria ter dado ouvidos ao Frederico... Ele é um mal educado. Me desculpa, Giovana. Mas além dele ter sido grosseiro contigo, eu fico louco da vida, quando me chamam de *Bugrão* naquele tom de desprezo...

- Deu pra perceber... Realmente ele estava querendo ofender você. Por que...? Vocês não se dão bem na escola...?

- Não é bem isso... É que aqui quase todos são racistas. E eu sou bugre. Se meu pai não fosse o pastor, não sei como seria comigo.

- Acho que está exagerando, Daniel... Os outros estavam elogiando você! - e, com um olhar de admiração, pergunta curiosa: Você é mesmo campeão ?!

- É... - ele olha para ela, ao mesmo tempo encabulado e envaidecido: - Nos jogos de futebol intermunicipais, eu ganhei o troféu de artilheiro do campeonato.

- *Puxa*... Parabéns!!!

Ele sorri satisfeito. Porém, de repente fica sério e com um olhar de preocupação, procurando disfarçar o medo do que ela possa lhe responder, pergunta ansioso: - Giovana, me diga uma coisa, de verdade... De verdade mesmo! Tu não te importas que eu seja bugre...?!

Surpresa com tal pergunta, responde sorrindo: - Mas que tolice, Daniel... É lógico que não! Por que eu me importaria...?! Poderia ser japonês, holandês, etc, etc...Que diferença isso faz ?!

Daniel sente um alívio tão grande, que emudece. Apenas fica olhando para ela, sentindo-se flutuar de tão feliz. Giovana retribui o seu olhar, também calada, sentindo uma sensação estranha.

Após uns instantes, ela quebra o silêncio, falando pensativa: - Engraçado, Daniel... Olhando assim, bem nos seus olhos, tive a impressão de já conhecer você de algum lugar. Você nunca visitou as cidades históricas de Minas Gerais ?!

- Não... Eu nunca saí daqui!... - e dando uma risada, comenta: - Que coisa engraçada... Até agora eu ainda não tinha perguntado de onde tu és... Se estás só de passagem ou moras aqui!... És de Minas Gerais quem nem o teu tio ?!

- Sou sim... Mas acho que minha mãe e eu vamos morar aqui.

- Eu deveria ter notado logo o teu sotaque diferente... E quando chegaste ?!

- Semana passada... Meu tio conseguiu a transferência do meu colégio para aqui e eu vou começar amanhã.

- Mas que ótimo! E qual a escola que tu vais freqüentar ?!- pergunta cheio de esperança de que seja a mesma dele.

- Ginásio Venâncio Aires. É a tua escola...? - ela responde, perguntando igualmente esperançosa.

- Não... Que pena! Infelizmente não! A minha é a Eugène Roupp.

Tão entretidos estavam, que haviam até se esquecido do lanche. Quando o garçom chega com o pedido, eles se espantam.

- Que rápido, Ernesto!...

- Rápido...? Tu é que estás de *bobeira* hoje!... A casa tá lotada, meu *chapa*. Demorei *às pampas*! Eu *hein* ?!

Giovana ri e ao ver o tamanho da taça do sorvete, leva um susto: - *Uai*!... Como é que eu vou dar conta desse *iceberg* ???

Os dois caem na risada e atacam seus sorvetes com vontade.

Daniel caminhara bastante pela rua principal do comércio e pela praça, antes de voltar para casa. Queria degustar sozinho, tudo o que acontecera. Sabia que ao chegar em casa, o bombardeariam com mil perguntas.

Ele se sentia pisando em estrelas... Não se incomodava com a proximidade da chuva... Os relâmpagos já se faziam ver ao longe... Mas para ele, o troar dos trovões e as luzes dos raios riscando o céu, representavam fogos de artifício a comemorem sua alegria. E quando a chuva caiu grossa, ele não apressou o passo. Era como se a água caindo sobre ele, estivesse dissolvendo o fantasma da discriminação. Em sua mente, ele se sentia aceito não pelo amor de pessoas caridosas... Não por precisarem dele como artilheiro... Ele havia sido aceito pelo que ele era, do jeito que era... Por amor!

As lágrimas de alegria corriam por seu rosto, misturando-se à chuva que lavava sua alma... E assim, feliz, foi retornando ao lar.

Daniel entrou em casa ensopado. As roupas tão encharcadas que precisou de uma toalha para se enrolar, levada por sua mãe, para que não molhasse o chão.

- Meu filho... Por onde andaste...?! - quer saber preocupada - Onde já se viu, ficar molhado desse jeito!!!

- Estávamos preocupados com esta tua demora! Por que não nos avisaste de que irias demorar assim ?! - repreende o pai - Vá logo tomar um banho quente, antes que te resfries!...

Mais tarde, já em seu quarto se preparando para dormir, seu pai foi conversar com ele. Com os braços cruzados, encostado na mesa de estudos, Tomás olhava pensativo para o filho.

- Daniel, tu nos deixaste muito apreensivos mesmo. Tua mãe já estava a ponto de telefonar para a casa do padre Francisco, perguntando de ti. O que aconteceu ?!

- Pai, desculpa, eu sei que errei... - desconsertado, Daniel se senta na beira da cama e soltando um suspiro, conta afinal: - Mas estava tão feliz que fiquei passeando pela cidade, na chuva e perdi a hora.

- Chuva...? Temporal, isso sim! E não pensaste que com todo aquele aguaceiro e raios, nós ficaríamos intranqüilos sem saber aonde andavas...?! Afinal, filho tu ainda não completaste nem quinze anos. És ajuizado para a tua idade, mas não tens noção de perigo...

- É que eu tirei um peso enorme de dentro de mim... Aí fiquei tão feliz, que me esqueci de tudo!...

- E que peso era esse, meu filho...?! Posso saber...?

Daniel se levanta e aproximando-se de Tomás, coloca a mão em seu braço, falando aliviado: Sabe, pai... Não me sinto mais rejeitado por ser bugre...Não me sinto mais diferente dos outros... Eu sou eu e pronto!!! Nem melhor nem pior que ninguém!...

- Mas, filho... Eu sempre te disse isso... Por que nunca acreditaste...?! - pergunta Tomás, com entonação de tristeza na voz.

- Eu sei... Não é que eu não acreditasse em ti...É que sempre foi muito difícil para mim, ser tão diferente de vocês!...

- Nunca te achamos diferente de nós. Tu és nosso filho!

- Eu sei que tu, a mãe e a *mana* sempre me amaram como se eu fosse igual a vocês!.. Mas com os outros sempre fui discriminado. Bugre isso, bugre aquilo!... Mas agora, pai... É diferente!... A Giovana disse que gosta de mim do jeito que eu sou... - e com força, bate no próprio peito - Entendeu, pai ?! Ela, aquela garota linda, linda... Gosta de mim bugre! Não é maravilhoso...???

Com os olhos marejados de lágrimas, Tomás abraça o filho, falando emocionado: - Que ótimo, Daniel!... É maravilhoso sim, filho... Há muito tempo que eu venho esperando isso acontecer! Finalmente chegou o dia... Tu compreendes agora, filho, o que eu sempre quis te dizer... ? Que o nosso corpo físico nada mais é do que o invólucro de nosso espírito. O que vale é o que somos em nosso íntimo. A nossa alma! A nossa parte divina!...

- Agora eu sei, pai... E estou muito, muito feliz mesmo por descobrir isso! - ele faz uma pausa e desfazendo o abraço, olha para o pai, falando ainda um pouco hesitante - Quero te contar agora uma coisa, que eu não queria dizer... Sabe, pai...? Eu estou apaixonado!!!

Tomás ri e responde com carinho: - Não é novidade para nós aqui em casa!... Quem não sabe disso...?! Entretanto estou curioso... Qual a idade dela...?!

- Vai fazer 14 anos no mês que vem... É mineira, da cidade de Juiz de Fora e se mudou para aqui!...

- E por que, filho...?

- Ela perdeu o pai num desastre de carro, no ano passado... Como a mãe ficou numa situação financeira bem difícil, o irmão, o padre Francisco, chamou-as para morar com ele. A mãe vai trabalhar como costureira... Se der certo, só sairão daqui se o padre for embora.

- Coitada, que triste!... Mas fazer o quê, se é a vontade de Deus...? Sorte ela ter o irmão para ajudar...

- E por falar nisso, pai... Gostaria que tu conhecesses o padre Francisco. É mesmo uma pessoa bem *bacana*! Por que não fazes uma visita à igreja dele...? A nossa religião não permite ?!

- Em absoluto... Não tem empecilho nenhum!. Aliás, tu me lembraste bem... Já deveria tê-lo visitado... Ele deve se sentir um pouco deslocado em uma cidade, onde a religião predominante é a luterana... Qualquer hora irei até ele.

- Acho que vais gostar dele.

- Bem...- diz Tomás e, se levantando da escrivaninha, afaga a cabeça do filho: - Descansa a cabeça no travesseiro e procura dormir, Daniel. Já está na hora e a escola te espera cedo... - porém ia saindo, quando se lembra de perguntar: - E por falar na escola, quando vais começar a escrever para o concurso...? Perdeste o entusiasmo...? Estavas tão animado!...

- Não pai... Continuo animado...É que ainda não me veio a inspiração.

- Então que o bom sono te proporcione muita inspiração. Boa-noite, filho...- saindo do quarto, ele fecha a porta atrás de si.

Acabando de se preparar para deitar, Daniel olhando para a pedrinha missioneira, colocada na estante ao lado da cama, suspira fundo, pensando: "Que coincidência...Como a minha vida tem mudado depois que visitei as Missões!... Obrigado Jesus, por tudo que tenho recebido!"

E se deitando ligeiro, apaga a luz do abajur. Não demora muito, cai num sono profundo...

O sol rubro como fogo, ia descendo lentamente por trás da colina, onde terminava a grande clareira que abrangia o pequeno povoado. Ironicamente, seus moradores batizaram-no de "O Novo Paraíso".

A relva verde, matizada de dourado pelos últimos raios do sol poente, se estendia sobre o ondulado campo, onde toscas cruzes de madeira se achavam encravadas. Aos pés de algumas delas, haviam flores plantadas, a quebrar a tristeza do local. Havia paz... Entretanto, pairava no ar uma melancolia...

Daniel surgira subitamente ali. Assim como também de súbito, começava a sentir as emoções de Karl... E uma dor profunda tomou conta dele. Lentamente foi se dirigindo para um pequeno muro redondo, feito de seixos rolados, que protegia três cruzes, talhadas com esmero. Contornando esse pequeno muro, uma trepadeira florida dava um toque alegre e colorido àquele lugar tão triste.

Ao chegar perto, Karl retirou de uma sacola que levava pendurada ao ombro, ferramentas de jardim. Com cuidado começou a retirar as ervas daninhas, podando a trepadeira. Terminando esse trabalho, passou a limpar as cruzes, envolvendo-as em óleo vegetal e cera de abelhas. Com carinho, alisou os nomes ali gravados, enquanto falava baixo, na esperança de que suas palavras soltas ao vento, chegassem até sua amada Gretchen, onde ela estivesse.

- Meu amor... A saudade que sinto de ti e dos nossos filhos, me corta por dentro, como faca afiada... Sinto tanto a tua falta!... Não posso me conformar com a tua partida!!!

Seus olhos estavam secos. Esgotaram-se as suas lágrimas no correr desse longo ano. Não vivia... Vegetava preso à sua dor. Agora resolvera partir sem destino.

- Me angustia deixar vocês aqui... Mas Tupiara prometeu que vai cuidar de suas sepulturas... Preciso ir embora, meu amor! A vida para mim aqui, não tem mais sentido. Talvez andando ao léu, a morte me leve mais rápido para junto de ti...

Cansado, ele se recosta na parte interna do muro, apreciando o pôr-do-sol e continuando seu monólogo.

- Interessante essa vida!... Dos nossos compatriotas, nunca recebemos apoio tão dedicado e amigo, como da parte de Tupiara e sua mãe... Por isso deixei a nossa casa com as plantações e tudo o mais, para eles. Em tudo que conseguimos fazer, vejo a mão de Tupiara... Lembro-me de que foi Jurema quem te acudiu sempre, desde o teu primeiro parto quando Franz nasceu morto... No parto da Brenda e na sua morte prematura... Durante toda a tua doença... E o carinho e atenção que tenho recebido deles, desde que voaste para o céu... Não é justo deixar tudo para eles...?! Imagina que a comunidade queria que eu deixasse para a igreja!...

Aos poucos o céu ia perdendo a tonalidade rósea e se aprofundando no azul violáceo. Uma primeira estrela brilhou, anunciando que a noite chegaria em breve. Triste, Karl se levanta e olhando mais uma vez para o cruzeiro, fala determinado:

- Querida, parto amanhã bem cedo... E por onde eu caminhar, levarei tua imagem sempre comigo... E quando chegar a minha hora de levantar vôo, eu juro que irei te buscar aonde estiveres. Procurarei por ti, por toda a eternidade. Eu juro, meu amor!!!

Sem olhar para trás, ele caminha de volta para o povoado. Chegando em casa, encontra seus amigos índios, arrumando as suas trouxas para partirem também...

Admirado, quer uma explicação para aquela atitude: - O que significa isso...?! Por que não querem ficar na casa que eu lhes dei ?! Não entendo, estavam tão satisfeitos!...

Cabisbaixa, Jurema fala magoada: - A tua gente não nos quer aqui! Que índio não pode ser dono de casa no povoado! Índio só pode ficar aqui se for pra servir no trabalho...

- Que a tua obrigação, amigo - fala Tupiara - é deixar tudo lá pra igreja! Que se nós não sair, eles nos queimam dentro da casa!

Revoltado, Karl, esbraveja: - Mas isto é uma afronta! Não permitirei que isso aconteça! A casa é minha e faço dela o que eu quiser!!!

- Eles pensam que tu já partiu!... - explica Jurema - Por isso vieram até aqui para nos mandar embora!...

- Pois estão muito enganados! - fala indignado, saindo porta afora, à procura do pastor.

Descontrolado pela raiva, chega na casa paroquial, onde quase todos os homens do povoado se encontravam reunidos. Vai entrando e falando agressivamente: - Se vocês pensam que podem dispor do que é meu, estão muito enganados!!! Todos os meus bens estou doando para meus amigos índios! E não admito que vocês roubem o que já é deles!!! Eles vão morar como donos na minha propriedade!!! - e dirigindo-se ao pastor, complementa: - Me admiro de quem prega amor e igualdade perante a Deus, ter coragem de roubar e desprezar seres humanos!...

Sua indignação era tamanha, que os demais ficaram sem reação. Apenas o pastor falou, explicando sua posição: - Calma, Karl!... Jamais faria o que tu estás me acusando!... Bem sabes que não tenho voz ativa nas decisões do Conselho da comunidade. A iniciativa foi de seus membros, aqui presentes.

Sentindo que extrapolara no modo de falar com o pastor, arrependido ele se desculpa: - Peço que me perdoe, pastor Weber. Fui estúpido consigo...

- Eu entendo a tua revolta, meu filho... Sei o quanto tens sofrido. Mas Jesus sofreu muito mais e nunca agrediu a ninguém. Por isso peço que te controles... É conversando que poderemos nos entender...

Mais calmo, ele se volta para os conselheiros, falando com firmeza: - Eu tenho o direito de fazer o que bem entender com o que é meu! E ninguém pode me tirar este direito!

Nisso, um mais afoito resolve contestar: - Estás enganado, Karl! Não sabes o que estás dizendo! Pelas nossas leis, só podemos vender ou doar nossas propriedades, para compatriotas nossos. Só assim poderemos preservar a nossa raça!

Em seguida, outro se manifesta: - Nem mesmo para estrangeiros de raça tão boa quanto a nossa, não é permitido vender! Como podemos admitir essa sub-raça indígena, se igualando à nossa...?!!!

Novamente Karl sente a raiva subir à cabeça, porém, olhando para o pastor à sua frente, se controla. Contudo uma idéia surge em sua mente. Um sentimento misto de ideal e vingança, brota em seu coração. E ele, reprimindo a irritação, expõe com calma o seu propósito: - Está bem... Sendo assim... Se não posso vender, vou fazer uma sociedade! E vocês não poderão me impedir. Não existe essa lei!

- Como assim ??? - pergunta um.

- O que estás querendo dizer...? - questiona outro.

- É muito simples!... - afirma Karl sorrido ironicamente - Resolvi nesse momento, que não quero mais ir embora. Descobri que tenho um incentivo para viver!... Vou me associar com meus amigos índios. Trabalharemos juntos e receberei outros tantos sócios à medida que forem aparecendo. E, juntamente com eles, farei este povoado crescer com leis mais justas!

Um tumulto se forma... Sem dar oportunidade para que eles retrucassem novamente, ele olha para o pastor, perguntando em tom jocoso: - Afinal, pastor Weber, isto aqui não é um novo paraíso...??? - e decidido a fazer o que prometera, sai da casa paroquial, sem notar a expressão de aprovação no rosto do pastor.

Caminhando mais aliviado de volta para sua casa, fala mentalmente com sua mulher: "Obrigado, Gretchen, minha amada... Eu sei que este novo caminho, foi indicado por ti... Eu te amarei querida, para todo o sempre!!!"

Semi-adormecido, num estado letárgico, Daniel ainda falava estas últimas palavras de Karl, quando lhe veio à mente a voz de Potira:

"Compreendeste, Maoni, como se processa a evolução ?! O Pai nos dá a chance de ajudarmos aqueles que maltratamos no passado!..."

- Mãe!... Aonde estás ?!... Mãe!...

Ainda tonto, recém despertando, ele se senta na cama, ouvindo a voz de sua mãe Elisa, que aflita lhe pergunta:

- O que foi, meu filho ?! Por que me chamavas...?! Estás te sentindo mal ?!

- Não, mãe... Acho que estava sonhando!

- Deita, filho... Ainda é muito cedo... Podes dormir mais um pouco. - e beijando-o no rosto, aconchega as cobertas sobre ele.

Daniel sorrindo, fala sonolento: Obrigado, mãe... Eu te amo! - e cai no sono novamente.

Conforme prometera ao filho, alguns dias mais tarde, Tomás vai visitar o padre Francisco, após a missa matutina. Sentados na sacristia ambos conversam amigavelmente.

- Já deveria ter feito esta visita há mais tempo... Mas temi que minha presença na igreja pudesse criar constrangimentos... Também fiquei com receio de que me tomasses por curioso ou intrometido.

- Pois olha, Tomás... - sorrindo, o padre interrompe a si mesmo - Posso lhe chamar assim, não é verdade ? Retirando as formalidades, penso que nos sentiremos melhor.

- Concordo plenamente!

- Mas como eu ia dizendo, Tomás... - continua Francisco - Estava esperando que você viesse. Já havia marcado um tempo de espera. Se não me visitasse até o término do meu primeiro semestre, iria procurá-lo. Acho que ambos trabalhamos com métodos diferentes, porém com o mesmo objetivo: Deus!... Portanto, não vejo porque não podemos ser amigos!...

- Também penso assim... Se no nosso planeta, usamos de inúmeras línguas e dialetos para expressarmos as mesmas coisas, como não podemos nos dirigir ao Pai de formas diferentes...?! Afinal, todos os caminhos levam a Deus!...

- E de mãos unidas, chegaremos mais depressa até Ele! - completa o padre, com o seu cativante sorriso.

- Não sabes como fico satisfeito de tu pensares assim... Tinha receio de que fosses como os padres que conheci. Que achavam ser a Católica, a única religião verdadeira. A única a receber a palavra diretamente de Deus.

- Longe disso!... Deus não tem religião! E se realmente acreditamos que fomos todos criados por Ele, também não deveríamos ter religiões diferentes. Mesmo porque, Jesus veio até nós para nos ensinar o Amor, não a prática de rituais! - e rindo, fala como se fosse segredo: - Mas *cá* entre nós!... Que os cardeais no Vaticano não me ouçam!

- Não é à-toa, Francisco, que falam tão bem de ti! Tens realmente uma mente aberta!

- É que eu sigo o que meu coração dita! Mas você também, Tomás, me parece um pastor de idéias avançadas... Mas, não querendo mudar de assunto, quero lhe dar os parabéns pelo filho que tem. Muito educado e gentil. Ainda não tive oportunidade de conversar com ele, entretanto, me pareceu ajuizado e inteligente. É raro hoje em dia, se encontrar jovens com o senso de responsabilidade que ele tem...

Envaidecido, Tomás agradece: - Ouvir isso me deixa feliz. Realmente ele nunca me deu trabalho algum... Muito inteligente e como tu mesmo disseste, responsável em tudo. Agora estou aguardando o momento de conhecer a tua sobrinha. Daniel tem falado muito a respeito dela lá em casa. Que é uma jovem madura para a sua idade.

- É verdade... Mas, por falar em jovens e em responsabilidade...Já que estamos nos entendendo bem, gostaria de trocar idéias com você sobre um projeto que pretendo colocar em prática. Se puder contar com seu apoio, será ótimo!

- De que se trata...? - Tomás pergunta, interessado. - Se estiver no meu alcance, claro que poderei colaborar!...

- Atendimento aos viciados em bebidas alcóolicas... Em vista desta grande ameaça entre a juventude, por estar muito difundido o hábito da bebida entre os adultos, gostaria de implantar aqui o "Amor e Dever". Não é um projeto meu. Outras igrejas já o colocaram em prática... Como somos minoria aqui, seria de grande valia, a sua aliança.

- Pois vamos tratar desse assunto com seriedade. Também me preocupo muito com isso. É só marcar o dia e vamos unir nossas mãos! O vício da bebida alcóolica é a destruição da humanidade! Todos nós devemos combatê-lo! - afirma Tomás, realmente interessado.

- Que ótimo! - fala Francisco animado - Sinto que não vamos apenas nos entender bem, caro pastor... Penso que uma bela amizade está nascendo entre nós!

- E para sedimentá-la, vou combinar com Elisa, minha esposa, para oferecermos um almoço de boas-vindas à tua família, neste próximo domingo. Assim, igualmente, poderei te apresentar à minha também...Aceitas...?!

- Com imenso prazer!... Mas antes vou visitá-lo na sua paróquia!- responde Francisco, com satisfação.

- Combinado! Estarei aguardando... - e levantando, Tomás estende a mão em despedida: - Bem, amigo, é hora de voltar para casa. Demorei-me mais do que o previsto. Está quase na hora do almoço.

Francisco, retribuindo satisfeito o cumprimento, acompanha o pastor até a saída da igreja.

Daniel aguardava Giovana em frente ao colégio. O fato dele estudar pela manhã e ela à tarde, favorecera em muito os seus encontros. Quase todos os dias, ele acompanhava-a até a sua casa, na saída das aulas.

- Tenho uma novidade para te contar - fala ele entusiasmado.- Advinha!!!

- Acabou de escrever para o concurso...?

- Não... Ainda falta muito! Infelizmente a minha inspiração só deu para nove páginas e tem que ser quinze no mínimo!... Não sei se vou conseguir acabar... Pensando bem... - fala com tristeza - Acho que não dou para escritor!...

- Que tolice! Da forma como você imaginou, acho que vai ficar bom... E além do mais, ainda tem bastante tempo para entregá-lo! Junho está longe... Será que não é preguiça...?!

- Talvez... - e pensa preocupado: - "Será que ela está me achando preguiçoso...???"

- E a novidade, Daniel...? Não quer mais me contar ?! - ela quer saber com a curiosidade despertada.

- Ah!... É mesmo!... É que o pai foi hoje de manhã visitar o teu tio... E *adorou*! Achou que ele é *muito bacana*!... E o melhor, sabe o quê ??? - diz ele fazendo *suspense*.

- O quê ?! Conta logo!!!

- Vocês vão almoçar domingo lá em casa!... Que tal ?!

- *Uau*!!! - exclama entusiasmada - *Adorei*!... Mas, voltando ao seu concurso, o que está difícil para continuar ?! - pergunta interessada e preocupada ao mesmo tempo.

- É que eu já falei sobre os portugueses que foram para Porto Alegre, as Missões e os índios guaranis, a chegada dos alemães, mas sei muito pouco dos italianos. Eles também têm uma importância grande na nossa história... A Tilde me mandou uma série de fatos históricos, sobre eles, mas a sua chegada aqui no Sul não é muito diferente dos alemães... E não conheço nenhuma estória interessante para contar sobre eles, como fiz com os outros...

Rindo, Giovana fala para ele: - Só por causa disso...?! Pois eu tenho uma ótima!... Da minha família! Não deixa de ser engraçada, apesar de que na época em que aconteceu, foi uma verdadeira tragédia!

- Mas se é assim tão boa, me diz logo!!! - pede Daniel, voltando a ficar entusiasmado.

- Bem... Os Lagrottas... Os italianos da parte de minha mãe, eram da Calábria... O meu bisavô Genaro era engenheiro de estradas. Estava recém-casado, com a bisavó Thereza. Dizem que ela era muito linda e como ele era ciumento dela, aconteceu o seguinte...- ela interrompe rindo: - Aí é que vem a parte engraçada!

- Então continua... Pelo teu jeito deve ser mesmo uma ótima estória!

- Na Itália, super católica daquele tempo, era costume durante a Páscoa, o padre visitar a casa dos fiéis. Meu bisavô estava abrindo uma estrada longe de casa. Então, preocupado com a mulher sozinha em casa na ocasião da Páscoa, avisou que na sua ausência o padre não poderia entrar lá.

"Padre *pra* mim não é santo! É homem como eu!... Portanto proíbo a sua entrada aqui em casa, enquanto eu estiver ausente!!!"

Assim ele falou e ordenou antes de viajar... Porém os padres mandavam naquela época, em todos os paroquianos. Sendo assim, não poderia agir de maneira diferente dos outros. E o padre visitou a casa da *bisa* Thereza...

- E *deu bode*...???

- Claro que deu!... O *bivô* Genaro quando voltou, ficou uma fera! Enlouquecido de raiva, foi tomar satisfação do padre. Este, habituado a mandar em todo mundo, gritou com o *bivô*... E aí, aconteceu a confusão! Ele não se conteve e esmurrou o padre, que caiu no chão!...

- E o padre não reagiu...?

- Sim... Mas de outra maneira! Excomungou o meu bisavô!...

- Mas, o que é excomungar ?! - pergunta Daniel sem entender.

- É expulsar uma pessoa de todas as igrejas católicas. É o maior castigo dos católicos. Só o Papa pode perdoar. E é por isso, que eu estou aqui!... Porque Genaro e Thereza tiveram que sair da Itália.

- Mas por que sair da Itália...?

- Porque na Itália daquela época, um excomungado era um amaldiçoado... E ninguém dava trabalho para ele. Então resolveram vir para Porto Alegre. Lá ele conseguiu emprego na estrada de ferro.

- Hoje em dia, é mesmo uma estória engraçada...Mas, deve ter sido uma tremenda tragédia para eles, naquele tempo!... E aqui eles foram felizes...?!

- Dizem que sim!... Que eles se amavam muito e que tiveram cinco filhos.

- E por que tu nasceste em Minas Gerais...?

- Porque meu pai era mineiro. Também descendentes de italianos. Dos Albaneses que se fixaram em Minas Gerais. Conheceu minha mãe quando veio passar umas férias com uns parentes, que moram em Porto Alegre. Aí se conheceram e se apaixonaram. Casaram e minha mãe foi morar com ele em Juiz de Fora.

Assim conversando, eles chegaram frente à casa de Giovana.

- Você não quer entrar um pouquinho...?! - ela pergunta com vontade de ficar mais algum tempo conversando com ele.

- Não posso, Giovana... Tu com a tua estória me deixaste novamente motivado para escrever! - fala ele entusiasmado - É realmente muito interessante o que aconteceu com os teus bisavós!... Veja bem... Hoje, um neto de um italiano católico excomungado, é padre no Rio Grande do Sul! Este era o X que faltava para encaixar os italianos na minha estória! Vou recomeçar a escrever assim que chegar em casa! Me ajudaste muito, Giovana!

Encostada no portão, satisfeita por ter colaborado, ela olha para ele com carinho. Ambos ficam assim se olhando por alguns instantes. Subitamente, Giovana com expressão estranha, fala admirada:

- Que estranho, Daniel...

- Estranho o quê, Giovana...?! - pergunta ele, já preocupado.

- É que de repente você mudou!... Seus olhos ficaram azuis... Bem azuis! Como pode uma coisa dessas acontecer...? Que estranho...

Daniel, espantado, firma então seu olhar no dela. Imediatamente, um arrepio corre por todo o seu corpo: - Engraçado...Também te olhando agora, é como se eu já te conhecesse há muito tempo!...

Percebendo que algo de anormal estava acontecendo com eles, Daniel, temeroso, disfarça ligeiro para não assustá-la: - Ora, que bobagem a nossa! Deve ter sido a luz do sol poente que modificou a cor dos meus olhos... E a sensação de te conhecer há muito tempo, é natural! Isso acontece quando as pessoas se entendem logo *de primeira!*

- É... Pode ser... Mas que eu vi teus olhos ficarem azuis, eu vi!!! - fala ainda não convencida de todo.

Rindo, ele procura desfazer esta impressão, brincando: - Quem sabe se não foi o fantasma de algum antepassado teu que passou na minha frente...? Afinal estávamos falando sobre eles!

- Sem essa, Daniel!... Agora quer me deixar com medo...?!

- Ora, estou brincando contigo! Não te impressiones, que foi tudo imaginação nossa!...

- É... Acho melhor pensar assim... Deixa prá lá! - e alegre novamente, quer confirmar: - Verdade que você gostou mesmo da minha estória...?

- Verdade!... É ótima!... Muito boa mesmo! E eu vou indo logo, antes que passe a minha inspiração!... Que bom que tu me contaste essa estória! *Vou indo*!!!

Ele espera Giovana entrar em casa e em seguida, apressando o passo, toma a direção de sua casa. E vai pelo caminho pensando no que aconteceu entre eles:

"Será que é possível...? Tenho até medo de pensar o que estou pensando... Acho melhor contar tudo isso para o Dr. Claudionor na próxima consulta... Tudo... Tudo!"

Daniel escrevera até bem tarde da noite. Inspirado, preenchera mais quatro páginas. Faltava pouco para a meia-noite quando, cansado, foi se deitar. Entretanto, empolgado com o que conseguira escrever, não conseguia adormecer. Apanhando então a sua pedrinha missioneira, começa a rememorar todas as situações vividas em sonho... E, em especial, o que ocorrera pela tarde com Giovana. Sentia-se tão sensibilizado com isso, que tinha medo de acreditar no que sentira.

"Será possível que eu e Giovana, fomos Karl e Gretchen, em uma outra vida...?! Será por isso que assim que nos vimos, gostamos logo um do outro...??? Então, se for verdade... Temos um amor antigo!"

O coração dispara... Sente-se angustiado e feliz simultaneamente. Olha fixamente para uma nesga de luz que, vinda de fora, se infiltrava por entre as cortinas da janela, brincando no teto.

"Então é por isso que para ela, não faz diferença eu ser bugre, japonês, ou qualquer outra raça...?! Ai, meu talismã..." - e aperta contra o peito a pequena pedra, confiante na proteção de sua mãe Potira - Como eu gostaria de saber, minha mãe, aonde está a realidade!..."

E pensa aflito: "Tenho medo de não *estar bem certo* da cabeça!... Talvez eu esteja *pirado,* vendo coisas que não existem!... - com o medo crescendo dentro dele, procura se dominar - Quem sabe o Dr. Claudionor não me explica tudo isso...? Quando eu for lá novamente, vou contar tudo, tudo!..."

Virando de costas na cama, Daniel puxa as cobertas por sobre a cabeça e rezando com fé, vai se acalmando até adormecer.

O extenso e lindo campo se descortina novamente à frente de Daniel. Reconhecendo o lugar onde encontrara sua mãe Potira, alegre, ele procura por ela. Dessa vez encontra-a sentada junto ao lago.

- Mãe!... Que bom que te encontrei!...

- Tu me chamaste, filho, eu vim... Estava à tua espera! - estendendo a mão para ele, chama-o para se sentar junto a ela: - Vem, Maoni, conta para mim o que está te deixando tão aflito.

- Mãe, tudo o que tem me acontecido... E depois eu não consigo entender direito o porque de eu estar vendo tanta coisa... Os outros não vêem assim!

- Com muita gente também acontece o mesmo, meu filho... Mas é uma minoria tão pequena perante a humanidade, que se perde no todo.

- Mas por que eu, mãe ???

- Eu já te expliquei, Maoni...Está começando o despertar da tua consciência... E tu tens uma missão nesta vida. Mas não posso dizer qual seja... Foste tu mesmo que escolheste realizá-la, antes de encarnar como Daniel... Entretanto, tens que recordar por ti mesmo, no decorrer da tua existência. Se a cumprires direito, te libertarás definitivamente de todos teus erros passados.

- Então, por que é permitido me ajudares...? E por que eu vejo minhas vidas passadas em sonhos tão nítidos ?!

- Tudo isso eu também já expliquei... É porque tu tens merecimento.

- Mas que merecimento é esse, mãe ?!

- Tu foste humanitário em uma outra vida... Ajudaste a muitos irmãos necessitados.

- Eu...?! Eu fui assim...? - pergunta espantado

- Sim... Lembras do Karl...? Tu não viste, mas ele dedicou toda a sua vida, dali para frente até aos 55 anos, defendendo e ajudando os descendentes dos guaranis missioneiros...

- Eu fiz isso...?!

- Sim, meu filho amado... Tu o fizeste! E lembras da velha Jurema...?!

- Lembro... Por que ?!

- Porque... Era eu!

- Tu, mãe ??? E como índia, por que me ajudaste tanto ?!

- Recorda, Maoni, das Missões...? Tu não viste também o que vou te contar agora... Porém, quando estavas obedecendo as ordens de matança, encontraste uma jovem índia com dois filhos pequenos, agarrados a ela. Estavam escondidos num canto, tremendo de medo... Tu paraste frente à eles e não tiveste coragem de matá-los... Pelo contrário... Jogaste sobre eles uma manta que estava caída ao chão, fazendo sinal de silêncio. E atiraste a esmo, para cima. Teu superior gritou: "Como é, seu *cagão*, *estouraste* mais algum..?!!!" Tu respondeste: "Sim! Agora não tem mais ninguém aqui!" e foste ligeiro ao encontro dele, antes que ele percebesse a nossa presença...

- A "nossa presença" ? Como assim ???

- Foi a mim com as crianças, filho, que salvaste!... E eu jurei naquele momento, que por toda a vida, através do tempo, iria te ajudar também. Consegui e acabei te amando com toda a força do meu coração!...

- Mãe!... Mãe!... - fala ele chorando emocionado - Como eu te amo!!! Mas... E o Tupiara...?!

- Era o menino mais velho... E ainda tem mais uma coisa que quero esclarecer, para que tu te acalmes finalmente...

- É sobre a Giovana...?! Ela era a Gretchen...??? - pergunta desconfiado, ansiando por uma confirmação.

- Sim, meu filho... E ela foi a menina que eu agarrava de encontro ao peito...

- Oh, eu sabia! Eu tinha certeza de que já a conhecia!!! - entretanto, após momentânea alegria, volta a questionar: - Mas por que razão ela sofreu tanto e morreu tão jovem ??? Não posso entender isso!

- Em gratidão a ti, ela se doou em sofrimento, para que tu sofresses o que precisavas resgatar. Espíritos mais evoluídos, costumam se doar para ajudar na evolução de outros mais atrasados... A isso chamamos na espiritualidade, "resgate pelo amor".

- Então ela sofreu para me ajudar...?! Não é justo! E como podes contar para mim, tudo isso...?

- Eu tenho permissão... Eu pedi para caminhar junto a ti, por gratidão como te falei, para te ajudar a sair do plano escuro, onde te encontravas...

- E agora, onde estou...?

- Num plano mais evoluído... Cresceste bastante!

- E que lugar é esse onde estamos...?!

- É o plano astral... Onde os espíritos vivem entre uma encarnação e outra. Aqui podemos nos encontrar para conversarmos, desencarnados e encarnados em seus corpos espirituais, reforçando os laços de amor ou dissolvendo antigas desavenças... Ou participando de aulas e palestras.

- Como assim ?! Não entendo...

- Enquanto o ser humano dorme, seu espírito se desprende do corpo e sobe a este plano, para continuar o aprendizado, à nível de alma... Porque o espírito não precisa descansar... O corpo físico é que tem esta necessidade. Então, enquanto o corpo descansa, o espírito trabalha. E nos visitamos uns aos outros. Entendeste agora...?

- Sim... Mas, por que todos não se lembram disso quando acordam...?

- Para que não sofram interferência nas decisões que cada um tem que tomar, durante a sua existência na terra... Para que haja resgate e aprendizado, nem tudo pode ser conhecido... É igual a uma prova nas escolas da Terra. Não se pode levar *cola,* senão o aluno não aprende a lição... Compreendeste ?!

- Sim... Faz sentido. Porém, por que eu estou conhecendo tudo???

- Somente nessa nossa conversa de agora... Neste plano... De espírito para espírito. Amanhã, quando acordares meu filho, dessa nossa conversa, vais te lembrar só o que for necessário para te ajudar na compreensão da vida espiritual... Os demais fatos foram um esclarecimento entre almas que se amam...

- Que pena não poder me lembrar de tudo isso!

- Porém acordarás em paz... Com a mente mais aberta aos ensinamentos... Mas não fica triste, Maoni, nós continuaremos caminhando juntos através da eternidade, porque já somos almas irmãs... Lembra sempre, filho querido, que o Amor é a energia cósmica mais poderosa!... O Amor Universal!!!

Repentinamente uma intensa luz lilás surgiu, como um torvelinho, fazendo desaparecer tudo... Apenas a voz de Potira permaneceu na mente de Daniel, transmitindo a última frase. Uma grande paz o envolveu e ele continuou dormindo profundamente.

Matilde recém chegara de Porto Alegre. Aproveitando o feriado comemorativo da Abolição da Escravidão, que caíra num sábado, fora passar dois dias com a família.

Tão logo deixa sua maleta no quarto, corre para a sala, segurando um envelope e uma carta aberta nas mãos, anunciando eufórica: - Olhem a surpresa que eu trouxe para vocês!!! Uma notícia maravilhosa!!!

Espantada com a euforia da filha, Elisa que estava arrumando a mesa para o lanche, quase deixa cair a bandeja: - O que aconteceu de tão extraordinário, para te deixar desse jeito, minha filha?!

- Adivinhem!... Duvido que vocês adivinhem!...

Sorrindo compreensivo, Tomás acomodado no sofá, arrisca um palpite: - Bem... Pela extrema alegria e pelo envelope com selo estrangeiro que tens na mão, só pode ser notícias da Alemanha. Acertei?

- Quase pai! Chegou perto! Realmente é carta do Hans, porém o melhor de tudo é que ele estará chegando aqui no Sul dentro de quinze dias!!! Não é maravilhoso...?!

- Meu Deus!... Esse namoro por correspondência está correndo demais para o meu gosto!... Não vai me dizer que vai faltar a faculdade para estar aqui quando ele chegar!... - preocupa-se Elisa.

- Claro que não, mãe!... A vinda dele coincide com as férias juninas!...

- É, filha... Tens razão, não tinha me dado conta disso! - concorda esta a contragosto.

- E depois ele ficará apenas uns poucos dias, aqui na nossa cidade, pouco antes de retornar para Berlim! - continua Matilde - Não vai atrapalhar as aulas de datilografia que programei para o período de férias!...

- Mas ele bem que poderia ter esperado as férias de fim de ano para vir... - volta a resmungar a mãe - Seria melhor não vir aqui tão cedo! Nem parece que a Alemanha fica do outro lado do oceano!

- Ora, querida, porque na certa ele precisa vir agora!... - contesta Tomás, tentando apaziguar a situação entre as duas. E virando-se para a filha, indaga - Mas por que, filha, ele vai voltar ao Brasil ?! E em especial ao Rio Grande do Sul...? Faz poucos meses que retornou à Alemanha...

- Imagina que coincidência, pai!... Ele terá que desenvolver um trabalho de pesquisa sobre a arquitetura dos colonizadores da América do Sul... E ele escolheu pesquisar o método de construção das Sete Missões!... Tem duas semanas para isso! Não é maravilhoso ?!

- Hum... Entendi!... Já vi tudo! - rindo, Daniel que acabara de entrar na sala, se intromete na conversa - A pesquisa é loura de olhos azuis!!!

- Deixa de ser *abelhudo* e *metido*, seu *piá*! - retruca Matilde, fingindo-se zangada, mas com os olhos brilhando de alegria, continua: - Me disse também que vai trazer para mim um livro muito interessante que está despertando grande interesse na Europa... Já foi traduzido em três idiomas.

- É sobre o quê, minha filha ?! - quer saber Tomás interessado.

- É sobre o despertar da nossa consciência cósmica.

- Ai, ai, ai!... - irritada, Elisa interrompe: - Esse tal de Hans está se metendo muito na tua vida, filha!. Não estou gostando nada disso!!! - e virando-se para o marido faz um alerta: - Acho bom, Tomás, leres este livro antes dela!!!

- Quê isso, mãe...?! - retruca Matilde ofendida - Tu ainda não percebeste de que já sou adulta?! Mais quatro períodos na faculdade e já serei uma advogada... Trabalhando! Tenho que ter a minha própria opinião sobre a vida!!!

- Calma, minha filha... Não precisas te irritares assim com a tua mãe!...- e virando-se para esta, argumenta: - Matilde tem razão, querida! Ela já não é mais a nossa menina. Daqui para frente terá que andar por suas próprias pernas. Mas não fiques preocupada.... Ela tem a base que nós lhe demos, através da educação e do nosso amor.

- É verdade, pai... - e acercando-se da mãe, beija-a no rosto - O pai está certo, mãezinha... E eu sei que poderei contar sempre com o apoio de vocês!

Sorrindo conformada, Elisa retribui o beijo da filha, porém insiste teimosa: - Mas deixa teu pai ler esse livro, *tá*...?

Dando uma risada, Tomás afirma: - Mas é claro que eu vou ler...Não pelos teus temores, Elisa, mas sim pelo desejo que tenho de estar a par do novo que vem surgindo - e voltando-se para a filha - Se por acaso já existir edição em português, me avisa, que comprarei para nós... O meu inglês não dá para leituras muito profundas!...

- Quando o Hans chegar, nós iremos procurar... - fala Matilde satisfeita com o interesse demonstrado pelo pai.

Daniel se levanta com a intenção de voltar a seu quarto e rindo, comenta:

- Muito interessante a construção das Missões... Um metro e sessenta e cinco de altura, oitenta e cinco de quadril, sessenta e...

Entretanto é interrompido pela irmã, que o empurrando porta afora, grita com ele: - Deixa de *onda*, seu *safadinho*!... Não *chateia, tá*...?!

- Mas que eu acertei... Acertei, não é...?! - responde ele rindo, antes de sair para o corredor.

Com o seu simpático sorriso, o Dr. Claudionor recebe Daniel, que dessa vez foi à consulta sozinho.

- Então, meu rapaz, como tem passado...?

- Bem... Na verdade, agora estou me sentindo ótimo! - responde Daniel, sentando à sua frente.

- Então acabaram os sonhos...?!

- Não... Pelo contrário... Ainda o último que tive, me ajudou muito!...

- E como foi esse sonho... Eu posso saber ?!

- Sim... Foi com a minha mãe índia. Ela me ajudou a entender muita coisa. Mas... - fazendo uma pausa, ele olha aflito para o psiquiatra perguntando receoso: - Será, doutor Claudionor, que tudo isso é mesmo real ou eu estou ficando doido...?

- Não, Daniel, já lhe disse que não é loucura o que está se passando com você. Na minha profissão, não podem existir mentiras piedosas nem mesmo disfarces. Temos de encarar o problema de frente. Se eu percebesse algum desequilíbrio mental em você, já teria falado. Trazer o paciente à realidade é a nossa meta. Compreende isso...?

- Sim... O que o senhor está me dizendo, me deixa mais tranqüilo...

- Então, meu rapaz, tire esse medo de seu pensamento e abra o seu coração.

E assim, mais calmo, Daniel relata todos os acontecimentos da última semana. Atento, à medida que ele fala, o psiquiatra vai avaliando o seu comportamento. E ao término da explanação, sem nada perguntar, apenas dirige para o médico um olhar aflito, à espera de uma explicação.

Com um timbre de voz calmo e seguro, o Dr. Claudionor se dirige a ele, procurando se expressar de forma bem clara: - Bem, Daniel, como eu já havia dito antes, você é um jovem inteligente, com uma compreensão acima da sua idade cronológica. Portanto espero que entenda o que vou lhe expor. Você é o que chamamos de sensitivo. É um paranormal. Isto quer dizer que você tem a capacidade de sintonizar outros planos de vida. Ou seja, os seus sentidos captam vibrações que estão ao nosso redor e que normalmente as pessoas comuns não se apercebem.

- Mas então o senhor acha que sou diferente!!! - angustiado com que o psiquiatra está dizendo, ele o interrompe - Quer dizer que eu não sou igual aos outros, não sou normal... É isso ?!!!

- Não, Daniel, você me entendeu mal...Você não é diferente dos demais. Apenas sua consciência está despertando para uma compreensão maior da vida. E o mesmo está acontecendo, hoje em dia, com inúmeras pessoas em todo o planeta. Não ocorre apenas com você.

- Mas por que isso...?

- É o processo de evolução contínua desde o início de nossa criação. Veja bem: Viemos evoluindo através dos milênios. De primatas chegamos até ao que somos agora. Por que iríamos estacionar...?! A cada dia que se passa, a nossa mente se expande, fazendo a nossa inteligência crescer e assim, proporcionando a descoberta de novos conhecimentos. Então, por que o nosso corpo, os nossos sentidos não podem se transformar também em aparelhos mais sensíveis, se aprimorando à medida que o nosso espírito vai evoluindo...? Está compreendendo agora, meu rapaz...?

- Sim... Da maneira como o senhor explica, fica fácil... Mas então, o que eu devo fazer...?

- Compreendendo esse processo evolutivo, não há o que temer. A facilidade que você tem de relembrar vidas passadas e contatar com espíritos que viveram outras vidas com você, demonstra uma sensibilidade bem desperta e evoluída. Não está com a sua consciência presa a fatos de vidas passadas... Se assim fosse, eles estariam perturbando sua vida atual, causando angústias e problemas...

- Como assim...?

- Por exemplo: Se após a nossa morte física, em uma existência anterior, não conseguimos compreender ou dissolver conflitos que passamos durante aquela vida, eles

ficam presos em nossa memória cósmica, perturbando a nossa vida presente, até que eles sejam dissolvidos pela nossa evolução. Entendeu...?

- Acho que sim... Mas, então, o que está acontecendo comigo ?!

- Possivelmente você deve estar recordando fatos que poderão orientá-lo a realizar algo nessa sua vida atual. Ou seja: talvez tenha que cumprir alguma tarefa relacionada à expansão de consciência... E as comunicações, através de sonhos, talvez façam parte do seu preparo. E, quando não houver mais necessidade desse intercâmbio, elas terminarão...

- Isso é mais ou menos o que minha mãe Potira me falou... Mas que eu tenho que descobrir por mim mesmo.

- Exato!... É assim que crescemos... Despertando as nossas energias, buscando o nosso caminho por nós mesmos. O que não quer dizer que não possamos procurar auxílio, quando este se fizer necessário...

- Acho que agora eu compreendi... Mas... - Daniel titubeia inseguro. Não sabe se pode perguntar mais ou não...Se já não teria terminado a sua hora de consulta...

Percebendo sua indecisão, o psiquiatra insiste com ele: - Se deseja saber mais alguma coisa, não se preocupe com o tempo. Pode perguntar... Hoje tenho a tarde disponível.

- Bem... É sobre a Giovana... Será que ela viu mesmo os meus olhos ficarem azuis...?! Isso é possível ?!

- Sim... Se ela estiver também num processo de despertar da consciência, ela conseguiu por um instante, reconhecer os olhos que você possuía em uma vida anterior. É através do olhar a melhor maneira de se reconhecer alguém num reencontro.

- Então, ela pode mesmo ter sido a Gretchen e eu o Karl...?

- Provavelmente... Mas aconselho você a não se fixar nisso... Precisa compreender que hoje vocês são Giovana e Daniel. Se os seus caminhos forem o mesmo nesta vida, tudo acontecerá naturalmente. Não se deixe impressionar, para não atrapalhar o que precisam realizar nesta vida atual. Quando os espíritos se amam, continuarão se amando por toda a eternidade, mesmo que necessitem viver experiências separadamente na matéria. Por isso, Daniel, não crie expectativas precipitadas. Deixe, como diz o dito popular, "*o barco correr*".

- E a sensação de já conhecê-la de muito tempo é real também...?

- Com certeza... Essa sensação de já se conhecer alguém ou algum lugar, existe. É chamada de "*dejà vu"*. E realmente acontece através da sensibilidade de reconhecer lugares ou pessoas, que tivemos contatos em outras vidas.

- Ou através de sonhos, como acontece comigo, não é assim...?

- Exatamente... E vou lhe contar um caso interessante que ocorreu com uma jovem prima, na minha mocidade. Àquele tempo, eu não acreditava na reencarnação e muito menos na mediunidade. Era ainda universitário, seguidor ferrenho da medicina tradicional. Mas, mesmo assim, o caso me impressionou bastante na época. Talvez tenha sido ele o estopim que iniciou o meu despertar.

- E o que foi que aconteceu...?! - interrompe Daniel, sem conseguir conter a curiosidade que está sentindo.

Sorrindo compreensivo, Claudionor continua o seu relato: - Bem... A minha prima, na ocasião, recém tinha completado quinze anos. Desde seus doze anos, que ela e um amigo que crescera junto conosco, filho de grandes amigos de nossos pais, se consideravam namorados. Ele tinha a minha idade, portanto três anos mais velho que ela. As famílias tinham como certo o casamento deles mais tarde... Entretanto, uma noite, ela teve um sonho muito nítido.

- Surpreso, Daniel torna a interromper: - Assim como os meus...?

- Quase como os seus... Porém não tão demonstrativo.

- Como foi...?! - pergunta cada vez mais interessado.

- Ela sonhou que uma nuvem clara e colorida se aproximava dela. De dentro dessa nuvem, surgiu um rapaz que ela não conseguiu ver as feições. Estavam enfumaçadas. Entretanto deu para perceber que era louro, com cabelos ondulados. E sua estatura era alta. Se

aproximando dela, falou com voz bem clara: "Espere por mim, pois está próxima a hora de nos encontrarmos. Meu nome é João... erto..." Em seguida, ele foi desaparecendo e a luz sumiu. Porém o nome completo ela não pode ouvir.

- E ela se encontrou com ele...?! - quis saber, cada vez mais interessado.

- Durante algum tempo, impressionada com o sonho, todos os rapazes louros que ela conhecia, queria logo saber o nome... Como nada aconteceu, ela se esqueceu do sonho... E continuou sua vida normal. Entretanto, seu interesse pelo amigo de infância foi acabando. Até que muitos meses depois, num período de férias à beira-mar, ela conheceu um rapaz louro e alto. Ele tinha 23 anos e já era engenheiro formado. Trabalhava naquela cidade de veraneio. Tão logo olhou para ele, sentiu uma forte atração e, quando soube o seu nome, João Roberto, seu coração disparou. Oito meses depois eles se casaram.

- *Puxa*... Que *coisa louca*!!!

- Pois é, na época, eu achei que deveria ser imaginação da minha prima. Porém, apesar de minha incredulidade, passei a colocar mais atenção nos fatos estranhos que surgiam... Mas percebeu, Daniel, que quando se perde a expectativa, as coisas acontecem...?! Era isso que eu queria mostrar a você, contando essa estória.

- Compreendi... O senhor me ajudou bastante. Não estou me sentindo mais esquisito, diferente... Compreendi tudo... De verdade!

- Fico feliz então, se consegui mesmo ajudá-lo. Penso que não há mais necessidade de você continuar vindo regularmente em meu consultório... Vou falar com o seu pai. Entretanto não gostaria de perdê-lo de vista. Quero que saiba que estarei sempre pronto a ajudá-lo, em qualquer momento que precise de mim...

- Obrigado, doutor... Muito obrigado - Daniel faz menção de se levantar, mas o psiquiatra o impede.

- Espera, ainda quero lhe dizer algo... De todos os meus clientes, você é o que está passando pelo processo do despertar da consciência cósmica de uma forma mais rápida e tranqüila. Entretanto, quero alertá-lo para uma coisa. A sensibilidade desperta nos faz sintonizar com planos diversos, que variam de acordo com a nossa evolução... Por isso tenha em mente, que se estivermos vibrando positivamente, ou melhor, vivendo direcionado para o Bem, contataremos com planos de luz... Mas, se a nossa vibração estiver baixa, negativa, ocorrerá o contrário. A sintonia será com os planos inferiores de vida. Portanto, meu rapaz, tome cuidado... Continue assim como você é: Um bom rapaz. E que Deus, o nosso Criador, esteja sempre consigo!... - e se levantando da cadeira, acompanha Daniel até à porta. Batendo carinhosamente em seu ombro e com o seu largo sorriso, reafirma a sua disponibilidade: - Procure por mim sempre que desejar... Será um grande prazer atendê-lo. E não se esqueça de dizer a seu pai para me procurar!...

Comovido e aliviado ao mesmo tempo, Daniel responde agradecido: - Não, não me esquecerei de nada!... - e sorrindo também, se despede no seu jeito adolescente: - Doutor Claudionor, o senhor é muito *bacana! Bacana* mesmo!!!

O mês de Maio estava chegando ao fim e o prazo para a entrega dos trabalhos terminando... Faltavam apenas dois dias. Dia 1º começariam os quinze dias de férias juninas... Daniel, lera e relera com atenção tudo o que escrevera, dando o trabalho por terminado. Mas antes de entregá-lo, quis que sua família e Giovana fizessem sua apreciação. Entregou-o primeiro aos pais e à irmã, que já havia chegado da Capital e agora, ansioso, aguardava suas opiniões.

Devolvendo o manuscrito ao filho, Tomás comenta o que lera: - Parabéns, Daniel, acho que estás me saindo um futuro escritor. Está muito bom, porém não sei se está de acordo com o que os promotores do concurso desejam...

- Por que, pai...? - já temeroso, ele quer saber logo o motivo.

- Pois eu achei excelente, Dani! - se intromete a irmã, contestando a opinião paterna.

- O mesmo digo eu!... - se apressa a concordar a mãe.

- Esperem aí!... Deixa-me explicar! - retruca ligeiro Tomás - Eu não disse que não gostei!... Muito pelo contrário. Surpreendi-me com a correção do texto e a forma como ele foi escrito. Entretanto, pelo que eu observei na circular informativa, eles pediram a história do Rio Grande do Sul...

- Mas eu falei sobre a nossa história, pai! - interrompe Daniel, preocupado com a opinião deste.

- Sim, filho... Disseste bem!... Falaste, mas não te fixaste apenas aos fatos históricos. Escreveste a história da colonização, através de estórias muito interessantes por sinal, mas que fogem ao objetivo do concurso.

- Então está ruim... - fala este desanimado - Talvez seja melhor não enviá-lo!...

- De forma alguma, filho! Deves enviá-lo! Está realmente excelente!!! Apenas me preocupei com esse aspecto. Estou fazendo um alerta, para que não sejas surpreendido com uma decepção.

- Pois eu adorei!!! - afirma Matilde - E acho que vai ser classificado... É muito bom mesmo que alguém nas escolas não se limite apenas a fatos e datas. A vida é rica em estórias.

- Agora falou a voz da advogada!... Muito bem! - Tomás retruca rindo.

- E quero que tu saibas, filho, - dirigindo-se a este - que realmente me surpreendi com a tua facilidade em descrever cenas, colocando em destaque o sentido humano e espiritual delas. Descobri o teu talento!... Gostas de música, mas és um escritor nato. Deves exercitar mais esta tua qualidade! Daqui a diante, vou exigir isto de ti! Mas não te deixes levar pela vaidade, senão estacionas...

Satisfeito, Daniel sorrindo agradece ao pai: - *OK*, pai!... Vou me lembrar de tuas palavras quando receber o resultado do concurso.

- Filho, eu gostei muito, muito mesmo do teu trabalho... Não é elogio de mãe não... É minha opinião sincera! - fala Elisa com carinho e admiração - Engraçado que eu não me lembrava de ter te contado a estória de Karl e Gretchen, que meu avô me contou... Aquele dia em que Tomás estava relatando fatos de sua família, achei que o que eu sabia, não interessava porque não era da nossa família... Pensei que não tivesse te contado...

Ouvindo isso, Daniel leva um susto!... Com o coração disparado, fixa o olhar surpreso em sua mãe e mal consegue falar: - Mas tu não me contaste, mãe! Eu sonhei com isso!!!

O espanto agora é geral!... Tomás e Matilde trocam um olhar de compreensão, enquanto Elisa muito admirada, questiona o filho: - Sonhaste...? Não pode ser!...Tens certeza de que alguma vez não te contei essa estória...???

- Nunca, mãe... Verdade mesmo!!! Foi um sonho que eu tive!...

- Inacreditável!... Com nome e tudo...??? - e virando-se para o marido, pede uma explicação plausível: - Tomás, o que achas disso?! Como uma coisa dessas pode acontecer...?!

- Bem... Pode ser que naquela noite, enquanto tu pensavas na estória, a mente de Daniel pode ter captado teu pensamento e durante o sono dele, fosse transmitida através de um sonho.

- Olha, Tomás, é só porque és tu quem está me falando... Se fosse outra pessoa eu acharia que estava fazendo *troça* comigo! Não posso compreender uma coisa dessas!

Daniel, visivelmente tenso e curioso ao mesmo tempo, pede para a mãe que conte tudo o que sabe a respeito da estória: - E como o teu avô conheceu essa estória...?!

Concordando, Elisa passa a narrar o acontecido: - Foi assim... Meu avô veio diretamente da Alemanha para aqui, ainda solteiro. As dificuldades eram muitas e nenhuma das promessas de assistência familiar, mantimentos e material agrícola estavam sendo cumpridas... E ainda por cima, existiam ainda na região alguns índios que tentavam impedir a ocupação dos imigrantes, na terra que eles consideravam ainda deles.

- No que eles tinham toda a razão! - interrompe Daniel - Mas continua, mãe!... O que aconteceu mais...?

- Aconteciam vez por outra, altercações entre eles. Mas apesar disso, o pequeno povoado foi se firmando e a paz se estabelecendo aos poucos... Até que um dia chegou o jovem casal alemão e tudo aconteceu da maneira como tu descreveste - fazendo uma pausa ela olha muito impressionada para o filho - Não consigo mesmo entender como tu soubeste de quase toda essa estória...

- Se tu sabes de mais alguma coisa, mãe, conta logo!... - ele pede interessadíssimo.

- Não... A não ser que meu avô ficou muito amigo do Karl e ajudou-o no seu trabalho com os índios. Mais tarde ele se casou com uma jovem imigrante e aqui estamos nós!...

- E o Karl, voltou a se casar novamente...?!

- Meu avô disse que não! Que ele nunca se esqueceu da mulher e se achava o causador de seu sofrimento por tê-la trazido para o Brasil em condições tão precárias!... Não que outras jovens não quisessem casar com ele, muito pelo contrário...Mas meu avô contava que ele agia assim para se punir da morte dela.

- Que bom mãe, que tu me contaste tudo isso. Não sabes o quanto me ajudaste agora!... - e chegando junto ao pai, fala em voz baixa: - Essa é a prova de que eu precisava para não me achar mais maluco!...

- Filho, Deus nunca nos abandona e escreve certo com linhas tortas...

Sorrindo, Giovana se afasta dos colegas para ir ao encontro de Daniel, que já a aguardava ansioso, próximo à entrada do colégio.

- E aí, entregou o trabalho ?! - pergunta esta interessada - E sabe quando sai o resultado...?

- No primeiro dia de aula... Estou *balançado*! Acho que não tenho a mínima chance... O que o pai disse, *bate* com o que foi realmente pedido pelos promotores...

- Sem essa, Daniel!... Você escreveu *super* bem! Eu amei!!!... Foi bom você me dar uma cópia... Hoje o tio vai ler... - e dá uma risada - Estou *doida* pra ver a cara que ele vai fazer quando encontrar a estória da família... Vai levar um susto!!!

- E será que ele não vai ficar aborrecido conosco ?! Eu deveria ter pedido permissão *pra* ele...

- Que nada!... Tio Francisco é *camarada*!... Muito mesmo... Tudo *pra* ele está bem.

- É verdade!... O pai está gostando muito de conviver com ele. E parece que não demora muito e o programa do "Amor e Dever" será colocado em prática. Tu já sabias...?

- *Tô* sabendo sim... E eu quero trabalhar junto também. O que você acha disso ?!

- Muito bom!... Porque eu pretendo fazer o mesmo! Tenho escutado os planos e me entusiasmei. Tem muita atividade, vai movimentar a turma! Afinal, nessa nossa cidade não existe quase nada pra se fazer...

- Bem... A única coisa de que eu sinto falta aqui é de mais cinemas. Um só é muito pouco! Em Juiz de Fora eu ia sempre... Adoro assistir filmes!

- Também gosto!...Mas, sabe...? Parece que vão construir outro cinema aqui!

- Ai, tomara!!! Será ótimo! - exclama esta sorrindo feliz.

Já estão quase chegando na casa de Giovana, quando encontram o padre Francisco também retornando à casa, com uma expressão de grande alegria.

- Mas que surpresa agradável encontrá-los! Só assim posso caminhar um pouco com vocês. - e dirigindo-se a Daniel, comenta: - Hoje vou ler o que você escreveu... A sua fã achou ótimo. Vou conferir... - fala rindo, piscando um olho.

Observando o jeito entusiasmado de Francisco, Giovana pergunta curiosa: - Tio... Hoje você está mais alegre do que nunca! Alguma notícia boa...?

- Menina... - responde sorrindo - Não sabia que era tão observadora! - e fazendo uma pausa para deixá-los mais curiosos, ele continua: - Eu não ia contar... Ia fazer uma surpresa em cima da hora... Mas já que a senhorita curiosa percebeu algo... Vá lá que seja... Vocês serão os primeiros a saber! - e com os olhos brilhando de felicidade, fica calado olhando para eles, fazendo *suspense*.

- Ai, tio... Fala logo! - pede Giovana, ansiosa - Sabe que eu adoro uma novidade!

- *Tá* bem... *Tá* bem... Eu não ia conseguir mesmo ficar calado! Quase tive um ataque de coração por causa dessa notícia...

- *Credo*, tio!... Deus me livre!!! Mas conta logo... Vai!!!

Voltando-se para Daniel, que o olhava com muita expectativa, ele pergunta: - Você conhece o Everton Krammer...?

- Conheço sim... Ele é muito conhecido na cidade. É o agricultor mais rico da região. Por que ?!

- Porque ele acabou de doar um pedaço de campo para o "Amor e Dever"... Para que possa ser construída uma fazenda onde se realizará o tratamento dos alcoólatras. Não é *incrível* ?!!!

- *Bah, Tchê!... É demais*!... - exclama Daniel também entusiasmado.

- *Uau*!... Maravilhoso, tio!!!

- Vamos ter muito trabalho pela frente!. Angariar fundos para tal empreendimento, não será fácil!... Mas nós iremos conseguir! Tenho fé em Deus que não iremos demorar muito, não!... Estou ansioso para falar com o seu pai, Daniel... E quero combinar também com ele, para irmos todos juntos fazer um piquenique por lá, para conhecermos o local. O que acham da idéia para o próximo feriado...?

Ambos, entusiasmados, concordam alegremente: - Maravilha, maravilha!!! O máximo!!!

- Bom dia, Pastor!... - um grupo de paroquianos, formado por três moças e dois rapazes, foi procurar Tomás em sua casa.

- Viemos aqui para oferecer nossa ajuda na decoração da casa paroquial.- fala um ruivo com jeito de líder.

- É a primeira festa do "Amor e Dever" e gostaríamos de colaborar. Pode ser...?!

- Pensamos que... - e a jovem gordinha de cabelos castanhos, fala um tanto temerosa - Já que é uma festa jovem... Talvez fosse melhor ser enfeitada de acordo com o gosto jovem... O que o senhor acha...?!

- Bem...Eu conheço vocês e sei que são responsáveis. Acho excelente e muito oportuna a sua oferta. Mas... - responde o pastor meio preocupado olhando para caminhonete estacionada em frente, com o bagageiro carregado até o teto - Não pode ser nada que estrague as paredes e tudo o mais...

- Quanto a isso pode ficar descansado, pastor! O interesse é nosso de que essas festas continuem... Não faremos nada errado! - afirma o outro rapaz que até então ficara calado.

- Então acho que vou arriscar... - fala sorrindo - Aceito!

- Teremos "*carta branca*"...?! - pergunta ansiosa outra participante do grupo - Para fazermos do nosso jeito e usarmos o piano também...?

- Sim... - Entretanto com uma condição! Minha mulher vai coordenar o trabalho de vocês. Está bem assim ?!

- Melhor ainda! Dona Elisa é muito *camarada*!

E entusiasmados, eles começam a descarregar a caminhonete. Retiram a bateria e fazem a sua montagem próxima ao piano, num dos cantos do salão. Sobre este, colocam um violão e completando, instalam um microfone de pé para alguns jovens cantores.

- E agora, turma... Vamos aos balões! - com umas bombas para pneus de bicicleta, começam a enche-los.

Quando Elisa entra no salão, leva um susto com a enorme quantidade espalhada pelo chão: - Mas aonde vão colocar tudo isso...?!

- Não fique assustada, dona Elisa... Vamos enrolar as colunas com eles, para dar um toque alegre...

- Mudar esse ar de austeridade... Não quer nos ajudar...? Ainda tem a gambiarra colorida para ser colocada.

- Está bem... Ajudo... Mas vou chamar o meu filho, porque tá faltando mão de obra para tanto enfeite!

Pouco antes do meio-dia, estava tudo pronto. Tomás ficou em dúvida se não estaria um tanto exagerado. Entretanto, Daniel, muito animado com o resultado, deixou-o mais tranqüilo: - Ficou *supimpa*, pai!... Pergunta também para a Tilde... Tenho certeza de que ela vai gostar!

Surpresa com a transformação da Casa Paroquial, a filha também aprovou: - Está bem de acordo com o gosto dos adolescentes, pai! Acho que a festa vai ser um sucesso!

Mas mesmo assim, ele resolveu pedir a opinião de Francisco.

Logo após o almoço, o padre foi atender ao chamado do amigo. Assim que foi entrando na casa deste, foi falando com o seu jeito brincalhão: - Vim ligeiro porque estou muito curioso!... - e usa de um termo do folclore gaúcho - Quero ver como ficou "*A Bailanta* do Pastor"!

Este, apesar de achar graça da piada, retruca temeroso: - Tu és impossível, Francisco! Já pensaste se alguém ouve...? Se o apelido pega, como é que eu fico...?!

Percebendo a apreensão do amigo, muda o tom, falando sério: - Tens razão Tomás, desculpa a brincadeira... - e apreciando o salão, dá sua opinião sincera: - A turma trabalhou muito bem. Está ótimo!

- Na verdade fiquei um pouco assustado... A tua opinião para mim é muito importante... Sabes... Não tenho a tua prática com festas desse gênero, por isso te chamei! Estou rezando para que dê certo!...

- Mas é claro que vai dar certo!... Sinceramente gostei mesmo!...

- Tu me tranqüilizas, amigo!...Assim, se tudo correr bem, as reuniões festivas do "Amor e Dever", poderão ser em sábados alternados, entre as nossas paróquias - entretanto, ainda um tanto apreensivo, comenta: - Apesar de que, certamente, alguns paroquianos irão me crucificar com críticas amargas...

- Isso é assim mesmo, Tomás... São aqueles que, infelizmente, custam a entender a mensagem de Cristo!...O mesmo acontece comigo... Se eu fosse me importar com isso, há muito teria largado a batina!... Porém... - sorridente, afirma: - Como diz o ditado... "Mais tem Deus para dar do que o diabo para tomar" ! Não é verdade...?!

- Concordo plenamente! - e um pouco mais confiante, usando igualmente de ditos populares, ele confirma rindo: - Como estamos unidos na nossa fé, "A união faz a força" e "A fé remove montanhas", nada, nem ninguém, nos afastará da meta que estabelecemos!

- É assim que se fala e que se faz!... Com tempo e paciência, acabaremos por conquistar o apoio da comunidade. Não vê como o casal Berner *vestiu a nossa camisa* e se prontificou a formar as equipes esportivas ?! E eles trabalham bastante na academia deles...

- É... As pessoas acabarão por compreender que é somente através da evolução espiritual, que se poderá vencer o terrível mal da bebida! Porém... O que me preocupa mais no momento, é como angariar o dinheiro necessário à construção da fazenda de recuperação aos alcoólatras... Teremos que criar eventos atraentes!...

- A inspiração virá, pode crer!... Pois já não conseguimos um grupo de apoio àqueles que estão penetrando neste triste caminho do vício do álcool...?! Isso nos mostra que as nossas palestras, em linguagem simples e direcionadas aos jovens, já estão surtindo efeito...

- Tens razão!... Essa oferta espontânea de hoje, para decorar o salão, também é prova disso.

- Então... Trate de se animar! Temos a Fé como sustentáculo de nosso trabalho!

- É verdade!... E o teu otimismo me contagia, Francisco... Tudo correrá bem!... Afinal, bem sabemos que tudo que é feito com amor tende a se expandir!...

Porém, como nem tudo acontece de imediato como se deseja, infelizmente a freqüência à festa não foi tão numerosa, conforme eles esperavam. Um tanto frustrados, os dois permanecem sentados ao término da mesma, avaliando o evento.

- Eu esperava que o salão ficasse lotado!... - soltando um suspiro fundo, Tomás comenta entristecido - Sinceramente que eu esperava que isso acontecesse...

- Nós dois!... Entretanto, acho que o entusiasmo dos que compareceram, se tornará na melhor propaganda, para atrair um número maior de freqüentadores na próxima vez - considera Francisco ao se levantar da cadeira, com a intenção de ir embora - Porque, afinal, meu caro, tudo o que é novo, causa uma certa resistência naqueles que não desejam mudanças. O importante é persistir!

- Claro!... Desistir, nunca!!! - vai falando o pastor, acompanhando o amigo até a porta de saída - Eu creio que iremos conquistar a nossa juventude, independente de seu credo! Afinal, Deus é o Criador de todos nós! E todos os caminhos que se norteiam pelo Amor, levam a Ele!

- Com toda a certeza!... - e abraçando o amigo em despedia, ele pede:- Por favor, Tomás, cumprimente a dona Elisa, por sua coordenação. Foi ótima!... - e retomando o usual otimismo, afirma rindo: - Amanhã será um dia magnífico!... E depois de amanhã, melhor ainda!... Bendito feriado que caindo numa segunda-feira, nos proporcionará um belo piquenique!

À sombra de uma florida Corticeira, Daniel e Giovana, afastados dos demais, descansam após o farto lanche.

- Sabe, Daniel... Olhando este campo tão bonito... - sorrindo, ela reforça com gestos o seu comentário: - Sentada embaixo dessa árvore linda...Após ter lanchado à moda de um autêntico piquenique... Toalha sobre a relva com a comida em cestos de vime... Eu me sinto participante de um filme americano!... Não parece ?! É emocionante!!!

- Concordo...Tens razão!... Aqui no Sul, não se costuma fazer programas assim... São comuns os acampamentos, quando se dorme nas barracas, passando um ou mais dias... Mas uma tarde só, desse jeito, não é comum! Até que é divertido!...

- Que bom que sobraram esses docinhos da festa... - e vai retirando um deles, de uma pequena cesta a seu lado - Lá eu não comi quase nada... E estão deliciosos!...

- *Puxa*... Como a turma da igreja doou comida *pra* festa... Foi incrível! E teria sobrado mesmo que a casa tivesse lotado... Foi uma atitude *cem por cento,* não é mesmo...? - e olhando para os pais que conversavam animados com Francisco e a mãe de Giovana, Daniel comenta: - Olha só como aqueles ali estão se entendendo bem!...

- Que bom!... A mãe disse que encontrou uma amiga na Dona Elisa... - olhando satisfeita para eles, pergunta em seguida - Mas... Por que sua irmã não veio ao piquenique...?

- *Hum*...Ficou em casa aguardando telegrama do Hans!... Só pensa nisso! - ele responde rindo - Está uma *chata* de tão saudosa!

- Mas também ela não tem certeza do dia em que ele vai chegar, não é...? Deve estar contando os dias, ansiosa para vê-lo...

Nesse momento a atenção dos dois é atraída por Francisco que, levantando-se da cadeira, gesticula animado, andando de um lado para o outro, apontando o espaço distante. Os demais ouviam atentos, comodamente sentados nas cadeiras portáteis, sob o denso capão.

Assim protegidos do sol quente, aproveitavam o frescor que subia da sanga cristalina, que corria por entre as árvores...

- O que será que tio Francisco está apontando tanto...? - indaga Giovana curiosa.

- Aposto que está falando sobre a construção da fazenda... Fazendo planos mil! - pressupõe Daniel.

- Deve ser isso... Mas não vai ser fácil realizar esse projeto! Vai ser preciso muito dinheiro...

- Vamos ter que trabalhar bastante... Ontem o pai acordou meio desanimado por causa da festa... Se de graça não encheu, como será quando for festa cobrando ingresso...?

- Mas o tio Francisco tem uma certeza tão forte dentro dele, de que tudo vai dar certo, que de repente, vai acontecer mesmo!...

- *Tô torcendo pra* isso!... E pensando bem, a festa foi muito boa... Só não *tava* cheia, porque foi a primeira!... Mas, deixa *pra* lá... - e sorrindo, ele olha com admiração para ela, mudando de assunto: - Então... Escondendo de mim o teu talento com o violão...?! Levei um susto, quando te vi tocar... *Adorei*... *Adorei* mesmo!!! Mas por que nunca me contaste que tocavas tão bem ?!

Rindo envaidecida, ela explica: - Porque tinha medo que você me achasse convencida. E como não tinha tido ainda oportunidade de mostrar, fiquei calada... Mas eu adoro música!... Aprendi a tocar ainda menina com o meu pai... Ele tocava e compunha muito bem!!! - com os olhos tristes de repente, ela deixa escapar a dor que guarda em seu coração: - Sinto tanta falta dele, Daniel... Eu o adorava!...Nós tocávamos juntos e às vezes, eu compunha uma musiquinha. Ele me incentivava ajudando e corrigindo o que precisava... - e sem conseguir mais conter a mágoa, lentamente, lágrimas começam a descer em silêncio sobre sua face - A saudade dói demais!...

- É... Dói muito mesmo!... - segurando a mão dela, ele procura confortá-la: - Mas eu aprendi que quando morremos, não nos separamos para sempre... Apenas nos afastamos fisicamente por um tempo curto, perante a vida eterna... Pensa bem, Giovana... O que são cem anos em relação à eternidade...?! Talvez não representem nem fração de segundo na escala do tempo eterno. Concordas...?!

- Pode ser... Mas é difícil, muito difícil a separação... - responde com voz ainda carregada de tristeza. Entretanto, após alguns instantes, enxugando as lágrimas, sorri timidamente para ele.

- Isso... - ele fala de um jeito carinhoso - Enxuga essas lágrimas e acredita que teu pai está bem e que continuará sempre a teu lado... Os espíritos que se amam de verdade, permanecerão sempre juntos para todo o sempre!...

- Engraçado... Meu pai sempre dizia isso também. Parece até que ele estava adivinhando que não ficaria conosco por muito tempo... - respirando fundo, ela sacode um pouco a cabeça, como se estivesse afastando as tristes lembranças de sua mente... E olhando para Daniel, volta a sorrir: - Que pena que eu não trouxe o meu violão... Gostaria de tocar um pouco agora para você ouvir.

- E por que não trouxeste ?!

- Tolice minha... Fiquei com receio de que você me achasse muito exibida.

- Que bobagem... Eu adoraria!... Sabe, Giovana, a música para mim é muito importante. Eu sinto como se ela fizesse parte de mim!... Mas o que me espanta, é que eu não consigo tocar nada, nenhum instrumento. Acreditas...?!

- Que coisa estranha!... Não pode ser. Você não deve ter feito esforço para aprender...

- Não estás me chamando de preguiçoso, não é...?! - pergunta brincando, porém temeroso, no íntimo, de que ela o julgue assim.

- Não, seu bobo!... - rindo, ela o tranqüiliza - Eu sei que você não é preguiçoso. Apenas acho impossível uma pessoa gostar tanto de música e não saber tocar nada! Mas não se preocupe não, ta ?!

Ambos ficam calados apreciando o panorama. Ao longe, um gado pastava e um cavaleiro cavalgava entre eles. Giovana, observando isso, comenta: - Para ser perfeito este piquenique, tinha que ter uns cavalos pra que a gente pudesse sair galopando, por este campo afora...

- Ainda bem que não tem!... - fala aliviado Daniel - Não gosto muito de andar à cavalo!...

Espantada ela olha para ele: - Não acredito!!! Gaúcho... E ainda por cima, com todo esse sangue de índio, não gosta de montar...???!

Achando graça do espanto dela, ele ri: - Giovana, tu vais muito mesmo ao cinema!... Eu sou descendente de guarani e não de apache!... E gaúcho, eu sou por acaso!...

Os dois caem na risada e, se levantando, ela puxa Daniel pela mão e num tom autoritário, convida: - Vamos deixar de moleza e caminhar um pouco. Aproveitando esse vento que está começando a soprar, vamos fazer de conta que estamos galopando por sobre esse campo sem fim.

Terminaram as férias e com o início das aulas, chegara finalmente o resultado do concurso literário. Daniel, da mesma forma que os colegas, aguardava ansioso a comunicação da Diretora.

Durante o recreio, os alunos não falavam de outra coisa. A expectativa era grande. A maioria, ciente de suas limitações, fazia apostas sobre o ganhador, divididas entre os melhores da classe. E Daniel estava entre estes.

Apesar da confiança que tinha nele mesmo e do desejo intenso de vencer, estava temeroso de um fracasso.

"É... O pai estava certo... Eu não escrevi exatamente o que eles pediram... Mas, que *meleca*!!! Eu acho que tá bom o que eu fiz!... Mas não adianta eu *esquentar a minha cabeça* agora... O que eu fiz, *tá* feito..."

Pensando assim angustiado, ele resolve se afastar um pouco dos companheiros. Vai até o campo de futebol, sentando na arquibancada.

"Se eu perder logo de saída na minha escola, não terei oportunidade de mostrar a todos que um bugre é tão capaz quanto eles... Não entrei nessa pensando na Kodak, ou por vaidade!... Jesus sabe... Ele vê dentro de mim!... Eu só quero que valorizem a minha raça"...

Entretanto a ansiedade que está sentindo é tão grande, que resolve caminhar um pouco pelo campo, para se acalmar. Passando por trás da goleira, ele pára, falando baixo para si mesmo: - Eu preciso fazer esse gol!... Eu sei que não sou apenas *bom de bola*!...

Sentindo-se mais aliviado, ilumina o rosto com um sorriso maroto. E, calmamente, vai retornando ao pátio do recreio: "Pensando bem... Nada mau ganhar uma Kodak novinha, cheia de filmes! Vou poder tirar uma porção de fotos da Giovana!"

E ao ouvir a campainha tocar anunciando o retorno à sala de aula, apressa o passo.

Quando as aulas finalmente terminam, a ansiedade é geral... Os alunos reunidos em profundo silêncio aguardam a fala da Diretora.

Esta, com o desejo de minimizar a decepção dos perdedores, começa elogiando a todos.

- Em primeiro lugar quero parabenizar a turma, pelo excelente desempenho geral. Estou realmente impressionada com o alto gabarito dos trabalhos... Gostaria de poder premiar a todos por seu esforço. Porém, precisamos de um único vencedor. Portanto...- ela faz uma pausa, aumentando a ansiedade dos competidores.

A essa altura poderia se ouvir uma mosca voar, tal era o silêncio da turma.

- Portanto... A Mesa Julgadora escolheu o aluno que melhor expôs os fatos com correção de datas e nomes... Conseguindo transmitir assim, com fidelidade absoluta, a nossa história... Ele é...

O coração de Daniel dispara, prendendo a sua respiração.

- Rodolfo Schuartz!... E eu peço uma salva de palmas para ele!

Foi como se o teto da sala caísse sobre Daniel, derrubando-o ao chão. Fazendo um esforço para não demonstrar a enorme frustração, junta suas palmas aos demais, enquanto o vencedor, exuberante de felicidade, fica em pé. Levantando o braço com o punho cerrado, este, girando sobre si mesmo, agradece a ovação.

Pedindo silêncio, a Diretora chama o aluno: - Venha até à mesa, Rodolfo. Venha receber o certificado da tua vitória, que dá o direito a concorreres com o teu trabalho, no concurso municipal. Parabéns!... Foi merecido.

Sorrindo feliz, envaidecido, ele vai se encaminhando por entre as carteiras. Ao passar por Daniel, *mexe* com este, falando baixinho de modo ofensivo: - Bugre não pode com alemão!!!

Filho de alemães convencidos de uma superioridade racial, este colega sempre nutrira por Daniel uma aversão. Não admitia que ele pudesse ser tão inteligente quanto ele. Os dois dividiam sempre as melhores notas da classe. Para a sua mesquinha compreensão da vida, o resultado não poderia jamais ser outro...A vitória só poderia ser dele. Vitória da raça ariana...

Tal ofensa foi como se cravasse um punhal no coração de Daniel. Não teve tempo de retrucar nada, Rodolfo continuara ligeiro até a mesa. Com o certificado na mão, este recebia mais uma salva de palmas.

- Agora Rodolfo... - fala a Diretora após cumprimentá-lo - És o representante da nossa escola, perante o município! Vamos todos torcer por ti!

Confiante, ele responde: - Pode deixar, Diretora... Espero também representá-la perante o Estado!

Dando por terminada a reunião, a Diretora se retira e a sala vira num rebuliço. Procurando não deixar transparecer sua tristeza, Daniel apanha o material escolar e sai porta afora, rumo ao portão de saída. Ainda estava caminhando pelo corredor, quando ouve a voz de seu professor de português chamando-o.

- Daniel... Espera aí! Quero falar contigo!

Ele pára e volta atrás para se encontrar com este. O professor, colocando o braço sobre seus ombros, fala com carinho: - Ainda não tinha tido a oportunidade de te cumprimentar pelo teu trabalho. Não podia, antes de sair o resultado... É contra o regulamento. Mas agora quero te dizer que achei esplêndido o que tu escreveste. Se fosse um concurso apenas literário, sem comprometimento com as limitações históricas, o prêmio teria sido teu. Foi a opinião unânime da Mesa Julgadora...

Mais confortado, Daniel agradece comovido: - Obrigado, professor... Muito obrigado!... O senhor sempre foi muito *camarada* comigo.

- Tu não entendeste, Daniel!... Não se trata de ser *camarada* ou não... Estou falando a verdade! Foi muito bom mesmo o que escreveste. Admirei a tua criatividade e a facilidade de expressão. Numa linguagem jovem e simples, sem abusar de gíria, tu contaste romanceada, a nossa história. Parabéns! Continua escrevendo, pois acho que tens talento para isso!

Daniel de tão emocionado, não consegue dizer nada além de: - Muito obrigado, professor!... Bom ouvir isso!!!

E de alma leve, ele retorna para casa.

Assim que Giovana enxerga Daniel esperando-a do lado de fora do colégio, corre para ele, perguntando:- E aí...? Como foi o resultado ?! - mas percebendo falta de entusiasmo nele, compreende sentida: - Perdeu, *né*...?

Ele abana a cabeça admitindo: - Foi bem como o pai me alertou... Bem como tu achaste!.. *Rodei*!...

- Que pena... Rezei tanto pra você ganhar, mas acho que os santos não quiseram nada comigo!...

Achando graça do jeito dela, ele convida: - Vamos sentar um pouco na praça...? Aí eu te conto tudo!

Tão logo se acomodam num banco, ele vai relatando conforme aconteceu.

- Mas que *cretinice* desse tal Rodolfo!... - exclama indignada - Como alguém neste mundo pode ser racista, Meu Deus ?!!! Somos um bando de pessoas iguais, só que com aspectos diferentes, habitando o mesmo planeta!... Ainda bem que você parece não ficar mais tão *chateado* com isso.

- Verdade... E sabes que tu tens me ajudado muito a acabar com esse meu complexo...?!

- Sério ?! - pergunta admirada - Que bom Daniel... Fico feliz!

- E acho que vais ficar então mais feliz, quando souberes do elogio do professor Antero.

- O que foi que ele disse ?! Conta de uma vez!!!

Daniel feliz com o interesse dela, transmite fielmente tudo o que foi dito.

- Uau... Que *baita* elogio!!! Muito bem merecido! - exclama com genuína alegria - Viu, como todos nós estávamos certos quando achamos muito boa a maneira como você escreveu...?! Não vai parar mais de escrever, não é?... Um dia quero ver um livro seu na lista dos *best-sellers*, combinado...?

- Seria *incrível*!!! - ri entusiasmado. Porém em seguida suspirando, ele duvida: - Mas não sei se tenho tanta criatividade e inspiração para chegar até lá...

- Pois olha, Daniel... O meu pai me dizia que a criatividade nasce com a pessoa. É uma qualidade... Uma vez a gente trabalhando para desenvolver essa qualidade, a inspiração brota sempre. Só é preciso praticar bastante!...

- Pode ser...

- Mas é verdade!... Eu sei, porque comigo aconteceu assim... Quando o meu pai morreu, eu não queria mais tocar o meu violão... Chorava todas as vezes que olhava para ele... Um dia, minha mãe chegou para mim e disse assim: "Filha... Se você abandonar a sua música e o violão que seu pai lhe ensinou a tocar, ele vai ficar muito triste no lugar aonde ele se encontra... Se continuar tocando, ele vai se alegrar e inspirar você... E além disso, se parar de tocar, quem vai trazer alegria para a nossa casa ?!" E foi pensando no meu pai, que eu recomecei a praticar e agora, estou tendo cada vez mais inspiração.

- *Bah*... Que coisa linda tua mãe te falou!... Me deixou emocionado...

- É... - e um tanto indecisa, continua - Sabe, eu tenho uma surpresa para você... Não ia mostrar ainda, porque acho que não está de todo pronta.

- Que surpresa ?! O que foi que fizeste ?! Me mostra logo, vai!!! - exclama curioso.

- Então vamos para casa pegar o meu violão... É uma composição bem simples... Quanto à letra, eu nem sei como foi que escrevi... Nem parece coisa minha!... Sinceramente me surpreendi!

- Fizeste uma música... E escreveste a letra também ?! - ele se admira - *É demais*!!! Vamos rápido que eu quero ouvir! - e ligeiro, vai se levantando do banco.

Rindo, ambos seguem para a casa dela. Lá chegando, ela apanha o violão: - No pátio da igreja é melhor para ficarmos sozinhos... Vamos para lá!

Começando a dedilhar as cordas do instrumento, ela explica o que fez: - Depois do piquenique, à noite eu não conseguia dormir. Estava sem sono... Então, abri a janela e a lua cheia clareou todo o quarto. Estava tão linda a noite... Não sei se você notou...

- Notei sim... - ele concorda rápido para não perder tempo. Está curioso - Mas continua... O que aconteceu de tão especial ?!

- Relembrando o passeio... A beleza daquele campo verde sem fim... O vento brando agitando as folhas, balançando meus cabelos... Era como se eu já conhecesse aquela paisagem há muito tempo! Aí... Fui ficando inspirada e uns versos começaram a surgir em minha mente. Gostei... Então, para não me esquecer, peguei caneta e papel, escrevendo ligeiro.

- É isso mesmo... Se não se escreve na hora, *periga* esquecer...

- E como o luar estava muito forte, nem acendi a luz... E enquanto ia escrevendo, uma música ia brotando dentro de mim... Peguei do meu violão e comecei a compor. Não sei quanto tempo levei... Só sei que ainda estava acordada quando os galos começaram a cantar... - e rindo, ela termina - Foi uma *luta* levantar de manhã, quando a minha mãe me chamou.

Impressionado e cheio de curiosidade, ele pede para ouvir a composição.

- Mas é apenas uma toada bem simples... Ainda não sei compor pra valer!... - ela explica com receio dele não gostar. Mas, com uma voz suave, afinada, ela canta:

"*Pela estrada do tempo... minha alma cavalga... sobre os campos de outrora... Buscando raízes... trazendo à memória... o passado esquecido.*

Revolvo as cinzas de ontem... reacendendo o amor... Revivo belezas... sepulto tristezas... e num passo tranqüilo... reencontro o meu chão.

Bendigo hoje o destino... que me fez retornar... Meu olhar se esparrama... pelo verde infinito...deste pago querido... E aqueço o coração.

Minha alma tristonha... recobra a alegria... ao entender o viver... Pois passado é passado... O futuro inexiste... O presente é a Vida!!! "

- Toada simples...?! - ele se admira - Isso é um "Chamamé", Giovana...Um ritmo gaúcho!... E está ma-ra-vi-lho-so!!! *Adorei*!... *Está demais*!... Lindo, lindo! E a letra também!... Parabéns!!!

Encantado, ele segura a mão dela e ambos permanecem calados, apreciando o entardecer... Olhando a primeira estrela, que tremulando ainda tímida vai surgindo no céu violáceo, ele pensa emocionado: "É, Giovana... Essa tua canção, me respondeu algo que eu desejava muito saber..."

- Meu filho!... - reclama Elisa aborrecida, ao ver Daniel entrando em casa, pela porta dos fundos - Isso são horas de chegar...?!!! Essa falta de horário não está me agradando!...

- Desculpa, mãe - e beijando-a no rosto, explica - Estava ouvindo música com a Giovana e só me dei conta da hora, quando escutei o padre Francisco chamando por ela...

Tomás que se encontrava na cozinha, apanhando refrigerante na geladeira, fala compreensivo: - *Hum*... Pelo teu jeito alegre, o encontro estava divertido...

- *Demais*, pai... Aconteceu uma coisa *incrível* com a Giovana, que eu quero muito te contar...

- Mas vamos deixar essa conversa pra mais tarde!... - interrompe a mãe, um tanto afobada, acabando de preparar a comida - Vai te arrumar ligeiro, que já está na hora de servir o jantar... E hoje nós temos visita!

- Então o Hans já chegou...? Que bom! Estou *doido* pra conversar com ele e saber o que ele achou das Missões!... - e animado, sai rápido da cozinha - Vou me ajeitar ligeirinho!!!

Ao entrar pouco depois na sala, é recebido efusivamente pela irmã: - Até que enfim vou conseguir te apresentar ao Hans!

A simpatia entre os dois é imediata. Este, num inglês pausado para ser compreendido mais facilmente, cumprimenta Daniel, se levantado para abraçá-lo. Depois, olhando-o com admiração, expressa o que está sentindo: - *Depois de percorrer as Missões aqui no Brasil, estudando sobre os jesuítas e o povo guarani, conhecendo a sua arte, cultura e bravura... Você não imagina, Daniel, a satisfação que eu sinto em ser recebido como amigo, por um legítimo descendente guarani.*

Uma onda de alegria envolve Daniel. Essas palavras vindas de um estranho e, ainda por cima da raça alemã, deixam-no de tal forma emocionado que ele tem a certeza, naquele momento, de que jamais as esquecerá enquanto viver.

Após o jantar, Hans contou e descreveu tudo o que vira e aprendera. Matilde, acompanhada pelo pai, traduzia para Elisa e Daniel, aquilo que eles não compreendiam.

- *Quando fui cantar com o coral nas Missões, não pude pesquisar nada. Estávamos em uma excursão, portanto conhecemos tudo por alto... Entretanto agora, foi diferente. Conheci todas as ruínas do lado brasileiro. Passei alguns dias estudando em São Miguel... Muito, muito interessante!...*

- *É realmente uma obra fantástica* - concorda Tomás - *Que nos faz pensar como foi possível construírem tudo aquilo, em meio a um campo deserto, com toda a sorte de dificuldades...*

- *Fiquei sabendo* - continua o alemão entusiasmado - *que as construções não foram realizadas de forma amadorística... Um arquiteto italiano,* Giovani Primoli, *foi quem durante dez anos, planejou e acompanhou a construção de toda a obra. E quase todo o material usado, foi feito pelos guaranis, sob a orientação dele e dos jesuítas.*

E as esculturas belíssimas, foram esculpidas por Giusepe Brasaneli*, que ensinou aos índios este trabalho... É realmente incrível!*

- *Por isso que os reis de Portugal e Espanha resolveram destruir tudo. Tiveram medo do poder deles!* - complementa Daniel.

Hans, sorrindo, o cumprimenta: - *Parabéns pelo seu inglês. É quase tão bom quanto o da sua irmã e do seu pai.* - e voltando-se para Matilde, fala pesaroso: - *Fico triste de ter que ir embora amanhã à noite... Gostaria muito de ficar mais um pouco com vocês. Mas ainda tenho que ir às Missões argentinas. Disponho apenas de quinze dias, incluindo as viagens de ida e volta.*

- *É uma pena... Também fico triste!* - afirma Matilde com um leve tremor de voz.

- *Mas, apesar de pouco, para mim foi um presente dos céus, poder voltar aqui!* - e se levantando com um sorriso, vai falando: - *Peço licença para ir buscar algo na minha mala...*

Em poucos instantes ele retorna, trazendo uns pacotes nas mãos: - *Este é para dona Elisa... Uma lembrança da terra de seus antepassados!*

Esta, abrindo o pacote, se emociona com um quadrinho bem emoldurado, retratando a região de onde vieram seus avós. Tomada de surpresa, querendo agradecer em alemão, se atrapalha, confundindo o inglês com o pouco alemão que sabe falar. E, rindo encabulada, acaba por agradecer em português mesmo: - Muito obrigada, é muita gentileza sua!...

Quando Tomás desembrulha o seu, se expressa encantado, na língua alemã: - *Mas isso é uma relíquia Hans!... Uma Bíblia Luterana antiga... Que beleza!!!*

- *Foi presente de um tio-avô... Eu achei que seria mais indicado pertencer a um pastor com sensibilidade para apreciá-la.. E quanto a você, Daniel* - fala voltando-se para este - *Achei que gostaria de um canivete suíço.*

À semelhança da mãe, este também agradece em português: - *Bah*... Que *supimpa*! Você é *demais, camarada*! - demonstrando a alegria que sentiu com o que ganhara inesperadamente.

Achando graça da expressão dele, Hans pergunta a Matilde o que ele falara. Esta, rindo, esclarece: - *Pura gíria... Intraduzível! Foi a maneira que ele encontrou para dizer o quanto gostou do teu presente.*

E, finalmente, dando para ela um embrulho pequeno, explica: - *Este é o livro que prometi trazer...*- e em seguida entrega um pacote maior, falando satisfeito - *Como você me disse ao telefone que não havia encontrado ainda, procurei em Santo Ângelo e consegui a coleção completa de Allan Kardec.*

Desfazendo ligeiro o embrulho, ela solta um grito de alegria ao ver os cinco volumes encadernados numa edição de luxo especial: - Hans... *Que maravilha!... Adorei! Vou ler tudo em seguida!*

E enquanto ela passa os livros para os pais que, curiosos, queriam dar uma olhada neles, Hans se aproveita da distração destes e retira um pequenino estojo do bolso. Colocando-o na mão de Matilde, fala baixo em seu ouvido: - *Este é para abrir quando estiver sozinha...*

Porém, não contendo a ansiedade, disfarçadamente ela abre o estojinho. Dentro dele, um pequeno coração de ouro, preso a uma fina corrente. De um lado está escrito em português e do outro em alemão: "*Eu te amo*".

Com o coração palpitando, olha para ele com os olhos brilhando de felicidade. E murmura baixinho: - *Eu também!!!*

A visita de Hans atenuou a decepção de Daniel com o resultado do concurso e, com o apoio recebido por todos que o estimavam, se esqueceu do assunto. Entretanto, o incentivo recebido para escrever, teve retorno. Agora, procurava sempre um tempo disponível para colocar no papel, pequenas estórias ou mesmo frases, que surgiam em sua mente. E ia guardando tudo numa pasta. Lendo com mais freqüência, também a inspiração começou a brotar mais facilmente.

- Giovana, tu tinhas razão!... Ultimamente é raro o dia que não tenho idéias novas... Às vezes escuto um pedaço de conversa, sem querer, e já imagino uma estória em cima do que ouvi. É *incrível!!!*

- O mesmo estou fazendo com a minha música... Mas só tenho tempo à noite!... A escola à tarde, deixa o tempo mais curto!

- É verdade... Tomara que tu consigas a transferência para o meu colégio. Seria tão bom!...

- Daniel... Me diz uma coisa! Você não tem tido mais aqueles sonhos estranhos...?

- Sabes que não...?! Tenho andado tão entusiasmado com o que está me acontecendo, que até nem penso mais nisso... Engraçado, *né* ?

Os encontros na saída das aulas, com a troca de idéias e informações, continuavam firmes. Eram prioritários para ambos... E o namoro entre eles ia se firmando.

Com o término do ano letivo se aproximando, o tempo foi ficando escasso para o exercício de seus talentos. As provas exigiam uma atenção maior... E os dias foram se sucedendo com rapidez.

Na véspera da entrega dos boletins com o resultado final, para a aprovação do Curso Ginasial, a Diretora reuniu novamente os alunos da quarta série ginasial.

Dessa vez estava acompanhada do professor Antero.

- Desejo dar conhecimento a vocês, de um fato muito importante para a nossa escola. Acho que este ocorrido vai estimulá-los mais ainda a se dedicarem com afinco aos estudos. Principalmente agora que estão se encaminhando para cursarem o Curso Científico...

A classe, surpreendida com essa inesperada reunião, permanece atentamente em silêncio.

Daniel, admirado, pensa: "O que será que aconteceu de tão importante para que ela venha nos comunicar...?"

A ansiedade é geral.

- Bem... Infelizmente não conseguimos, apesar do alto desempenho de todos, vencer o concurso literário estadual e conquistar o prêmio oferecido pela Secretaria de Educação. Entretanto... Um aluno dessa classe, ganhou o concurso de "Jovens Escritores", promovido pelo MEC, à nível nacional, enaltecendo assim, a nossa modesta escola... Passo a palavra ao nosso professor Antero...

Os alunos se entreolham espantados... "Quem será...???" É o pensamento de todos.

Com olhar de satisfação, o professor explica tranqüilamente: - Ao ler os trabalhos após a classificação dos mesmos, feita pela Mesa Julgadora, para o concurso literário, me surpreendi com um deles. Não tendo sido fiel às especificações da Secretaria de Educação, não fora classificado...

A essa altura, lembrando-se das palavras do professor, o coração de Daniel dá um pulo em seu peito. Sentindo uma leve esperança, ele pensa angustiado: "Mas não é possível que

seja o meu... Não entrei nesse concurso... Portanto é melhor me acalmar, para não passar por outra decepção!..."

- Entretanto... - continua o professor - Me encantei com a beleza e a criatividade do texto e com a correção do português, escrito de uma maneira simples e sem gírias...

O coração de Daniel volta a disparar, agora mais forte: "Foram essas as palavras que ele me disse! Mas não pode ser... E se for, Jesus, como isso aconteceu...???"

- Então... Tendo tido conhecimento desse concurso nacional, à revelia desse aluno, datilografei uma cópia de seu manuscrito e o enviei para o Distrito Federal, em nome da nossa escola, conforme as instruções do MEC... O autor desse trabalho premiado deverá receber o seu prêmio no Rio de Janeiro, juntamente com a nossa Diretora, ainda este mês, com todas as despesas pagas. Com direito a um acompanhante de sua família.

- Oooohhhh! - ouve-se um murmúrio de espanto percorrendo toda a sala.

E o professor sorrindo, continua: - O prêmio que o aluno receberá, consiste na publicação de sua estória, em um pequeno livro que participará de um programa de incentivo a novos escritores. Com satisfação, peço que a nossa Diretora anuncie o nome dele.

Em meio a um silêncio total de enorme expectativa entre os alunos, ela convida: - Eu chamo aqui na mesa, o aluno que dignificou a nossa escola, tornando-a conhecida no Distrito Federal... Daniel Kruel Schmidt ! E eu peço uma salva de palmas para ele!

Aturdido, ele se levanta. Como num sonho, em meio a aplausos sinceros e olhares rancorosos, invejosos, ele segue em direção a Diretora que o recebe com um caloroso aperto de mãos: - Parabéns, Daniel! Foi merecido!

Em seguida, ele se volta para o professor Antero que o olhava com carinho e o abraça fortemente. Com a voz embargada pela emoção, só consegue balbuciar: - Obrigado, professor... Muito... Muito obrigado, mesmo!!!

Os colegas que realmente o estimavam rodeiam-no manifestando sincera admiração: Viva o nosso campeão!!!

Entretanto, ao passar próximo de Rodolfo, este fala alto, mordido de inveja: - Aposto que foi o pai quem escreveu para ele!!!

Ouvindo isso, Daniel pára e olhando-o, fala com indiferença: - Tuas ofensas, *bobalhão*, já não me atingem mais... *Tás* convencido agora, de que inteligência não é qualidade exclusiva da tua raça??? Acho melhor usar a que tens, para crescer!

Tinha certeza de que elevara a Raça Guarani perante a sua turma. Isto o deixava imensamente feliz... Conseguira afinal o que desejara com tanta intensidade... Retornando feliz para casa, reconhece com gratidão: "Mas se não fosse pelos meus pais, talvez eu nunca pudesse ser o que sou hoje!!! "

Tão logo tomou conhecimento da vitória do filho, Elisa vibrando de alegria, começou a providenciar um jantar festivo, ainda para essa mesma noite. Chamou Giovana com sua mãe e seu tio. E não se esqueceu do professor Antero, o responsável por toda aquela alegria...

Além do cardápio especial, totalmente da preferência de Daniel, haveria uma outra surpresa para ele.

Este *andou pelas nuvens* a tarde toda... Não cabia em si de contente...

Quando chegou finalmente a hora do jantar, Tomás feliz, comunicou: - Como completas quinze anos daqui a vinte dias... Resolvemos, tua mãe e eu, comemorarmos antecipadamente o teu aniversário no Rio de Janeiro. Compramos hoje de tarde as passagens...Tua irmã também irá conosco. E...- após uma pausa, continua em tom de *suspense* - Como me deram permissão, tenho aqui uma outra passagem, que eu espero que seja usada... É para Giovana!...

Esta, de tão surpresa, dá um grito de alegria: - Jesus!!!... Eu não acredito!!! - e olhando em direção à mãe e ao tio, pede confirmação: - Você deixou mesmo, mãe...??? Pastor... O senhor é *demais*!!!

Daniel resplandecendo de felicidade abraça e beija Tomás: - Pai...Obrigado...Obrigado... Mil vezes obrigado por tudo!!! E falando alto para que todos ouvissem, exclama: - Será para sempre, a melhor festa de aniversário de toda a minha vida!!! - Porém, de repente, ele se preocupa: - Mas pai... E a paróquia, com o Amor e Dever"... Não vai te atrapalhar viajar por minha causa...?

Francisco se apressa em responder, falando igualmente alto para ser ouvido também por todos: - Que ninguém se preocupe!... Tão logo o pastor viaje, eu converterei todas as suas ovelhas ao catolicismo!

A risada é geral! Ainda rindo, Tomás responde ao filho: - Não haverá problema, Daniel! Vou assistir somente a entrega do teu prêmio... Serão apenas três dias. Tua mãe é quem ficará passeando com vocês!

Mais tarde, antes de se recolherem para dormir, Tomás pede ao filho que fique um pouco a sós com ele na sala.

Aproveitando a ocasião, Daniel volta a agradecer ao pai: - Foi uma surpresa maravilhosa!... Adorei tu convidares a Giovana...Foi *demais*, pai!...*Só é ruim* tu não ficares conosco o tempo todo... Por que, nada pode ser completo nessa vida...?

- Porque nesta vida estamos aqui para aprender... E o aprendizado está justamente em sabermos enfrentar com fé e compreensão, o inesperado em nosso caminho... Mas...Eu queria ficar a sós contigo, porque tenho algo que preciso dar a ti, exatamente nesta ocasião, em que completas teus quinze anos... Já que antecipamos o teu aniversário, penso que o melhor seja te dar hoje mesmo.

- Me dar mais alguma coisa, pai...?! Tu já me deste até demais!...E falas de um jeito tão misterioso... *Nossa!* O que será ?! - fala ansioso, cheio de curiosidade.

Levantando, Tomás vai até a estante. Por trás dos livros, abre o cofre escondido, onde guarda as coisas mais importantes da família. Retira uma pequena caixa em madeira trabalhada e a entrega a Daniel.

Este, admirado, passando os dedos levemente, por sobre uns estranhos símbolos talhados em sua tampa, vai abrindo-a com cuidado. Surpreende-se com um belo colar de contas, com uma cruz missioneira, pendurada. Tudo em madeira trabalhada à mão, pintada nas cores verde, vermelho e azul desbotadas e com ouro envelhecido.

- Pai...- ele se admira - Que lindo!... Deve ser muito antigo, não é...? E o que significam esses símbolos...?!

- Infelizmente desconheço o significado deles... Mas é um trabalho guarani, muito antigo mesmo...

- Como conseguiste isso...?! - Que presente *incrível*!!!

- Não consegui e não é um presente que estou te dando... Te pertence por herança.

- Como assim, pai... Herança...??? Me explica!... - espantado com o que acabara de ouvir, sente uma enorme ansiedade.

- Bem... Quando tua mãe de sangue estava para morrer, vieste para nossos braços... E antes que partisse, me pediu que te entregasse isto, quando chegasses à puberdade...Guardei com cuidado todos esses anos, para te entregar agora...

Emocionado, Daniel alisa a caixa com carinho: - Então era dela... Agora minha... Uma herança guarani!... - e curioso, questiona:- E tu sabes o que ela representa...?

- Vou te transmitir a estória que tua mãe guarani me contou, durante a doença que a levou: O povo guarani, antes de sua conversão ao cristianismo, também tinha as suas cerimônias, assim como nós e como todas as civilizações... Casamento, nascimento, etc... E uma delas, uma das mais importantes, era quando os filhos entravam na puberdade, para que eles recebessem sabedoria e proteção em sua vida de adulto... Entretanto, essas cerimônias foram abolidas e substituídas pelas católicas, quando eles passaram a viver com os jesuítas... Assim, o avô do avô de sua mãe, não querendo abandonar de todo suas tradições, passou a

fazer para seus filhos, em família, uma benção especial, num misto de crença guarani e cristã... Ele mesmo fez este colar que, durante a benção, colocava no pescoço deles, confirmando ambas as crenças, que adoravam o mesmo e Único Deus.

- *É demais!...* E a caixa, pai...? O que significava ?!

- A caixa, ele fizera para guardar o colar. Nela, gravou os símbolos da cerimônia guarani, para que estes não fossem esquecidos pelo tempo e para que seus descendentes não se esquecessem de sua origem.

- *Bah!*.. Que estória!!! ... E como isso não se perdeu no massacre...?!

- Calma... A estória não acabou ainda!... Quando aconteceu o massacre em São Miguel... Os que conseguiram sobreviver, na sua maioria mulheres e crianças, buscaram abrigo na mata. Na fuga, uma das filhas deste guarani missioneiro, milagrosamente salva juntamente com um casal de filhos pequenos, levou com ela esta caixa. Ela a considerava sagrada e se arriscando muito, conseguiu salvá-la. Assim, quando seu filho e os outros meninos crescessem, poderiam receber a benção de seus ancestrais... Com essa atitude, ela se tornou a líder espiritual da tribo que começava a se formar novamente...

Com uma pequena pausa, Tomás faz algumas considerações: - Com certeza, penso eu... Que ela, na dor de ver quase todos mortos naquela grande chacina... Desesperada com a vida que se tornara repentinamente perdida, desbaratada e sem rumo, se apegou a estes objetos, para ter algo em que pudesse acreditar... Para ter coragem de superar o medo e o sofrimento...E recomeçar tudo de novo, reunindo os sobreviventes em torno de uma crença...

Daniel, apertando a caixa com força, olha para Tomás com os negros olhos amendoados, cheios de lágrimas:- Se estou com essa caixa nas mãos... Então eles conseguiram viver novamente na mata, não é...?! O que mais aconteceu, pai...?

- Essa estória tão triste, ela passou para seus filhos, que por sua vez passaram aos seus e assim por diante. Sendo contada de pai para filho, não foi esquecida...Da mesma forma aconteceu com a caixa que, milagrosamente preservada, tornou-se uma relíquia, a passar através das gerações... Até chegar à tua mãe guarani. - e passando a mão carinhosamente pelo rosto dele, numa tentativa amorosa de secar suas lágrimas, finaliza - E ela me pediu pouco antes de morrer, que te entregasse essa caixa preciosa, quando fosse o momento certo... É o que estou fazendo agora... Realizando o último desejo dela!...- num tom solene ele confirma: - Sou o teu pai por amor e estou te entregando uma relíquia que te pertence por direito, no início da tua adolescência...

Daniel, profundamente emocionado, segurando a caixa de encontro ao peito, se abraça fortemente a Tomás, falando com a voz entrecortada: - Obrigado, meu pai! Muito obrigado por me entregares esta lembrança de minha mãe Potira!

Ao ouvir isso, Tomás se surpreende e, afastando-se um pouco de Daniel, pergunta impressionado: - Como sabes o nome dela...?! Não me lembro de ter, algum dia, te contado!... Foi tua mãe...?!

- Não, também... Mas confirma para mim se era mesmo esse o nome dela e se o meu era Maoni... Por favor, pai... É muito importante para mim, saber a verdade!...

- Maoni... Meu Deus!...Estou realmente impressionado com isso... Eram esses os seus nomes sim... Mas quem te contou...?! Ninguém mais sabia, além de sua mãe e eu!

- Ninguém... Eu sonhei!... E por que escondeste isso de mim...? - pergunta Daniel sem entender.

Suspirando com tristeza, olhando bem para o filho, Tomás explica: - Não deveríamos mesmo ter omitido isso de ti, meu filho... Porém, quando tu vieste para nós, quando te pegamos no colo, era o nosso filho que nascia para nós... Quisemos apagar da tua lembrança, o teu curto passado... E se não fosse flagrante a tua origem, jamais teríamos tocado nesse assunto contigo... Para tua mãe e para mim, tu e Matilde são iguais, são os nossos filhos!... Podes me compreender agora, sem ficar magoado...?

- Compreendo sim, pai... E não tenho o direito de ficar magoado com isso... Pois fiz mais ou menos o mesmo com vocês...

- Mas o que fizeste que eu não sei...?!

- Escondi de ti os sonhos que tive com minha mãe Potira... Com medo de que tu e a mãe não me entendessem...Eu os amo muito e reconheço que o que sou, devo a vocês dois!...

- Meu filho querido!... Nós te amamos muito também... Mas esses sonhos, será que podes me contar um dia...?!

- Sim, pai... Agora posso... Com a confirmação dos nomes guaranis, tudo fica real e claro para mim...

E sem omitir nenhum detalhe, finalmente ele abre totalmente seu coração ao pai... Quando termina, Tomás profundamente impressionado, promete: - Filho... Esta é a segunda prova concreta da realidade desses fatos!... Prometo que vou estudar a fundo, com toda a seriedade, esse fenômeno que acontece contigo... O doutor Claudionor, quando me chamou em seu consultório, foi para me alertar da necessidade de cuidar atentamente dessa tua qualidade. Paranormalidade, sensibilidade ou mediunidade... Seja qual for o nome que se dê a ela, não posso deixar de reconhecer que ela existe.

Em meio a uma gama diversa de emoções, Daniel continuava acordado, apesar do adiantado da hora. Sentado com as pernas cruzadas sobre a cama, ele segurava a pequena caixa preciosa, enquanto seu pensamento voava...

"Jesus... Se essa relíquia estava lá, quando eu tomei parte de todo aquele horror...Então estou segurando algo de concreto que existiu numa outra vida minha... Como pode isso acontecer ? Por quê... Por quê...??? Ai, Meu Deus, estou confuso!"

Sentindo um forte arrepio a correr por todo o seu corpo, ele começa a chorar e, na sua aflição, pede socorro: - Mãe Potira, me ajuda!!! Por favor, vem me ajudar!!!

De repente tudo começa a girar à sua volta... Ele fecha os olhos. Sente um vento morno abraçando-o e uma paz penetra em seu coração... Quando abre os olhos, verifica espantado, que está sentado da mesma maneira, porém sobre um catre de palha.

"Mas, aonde estou...? Que lugar estranho é esse?!" - e olhando ao redor, percebe que é um quarto mal iluminado, de estrema pobreza. Assustado, torna a chamar pela mãe guarani.

Uma luz azulada surge, clareando o ambiente. Potira entrando, senta a seu lado sorrindo.

- Mãe... - aliviado, abraça-se com ela. - Que bom que vieste! Estava com medo... Como cheguei até aqui ?!

- Fui eu quem te trouxe, filho...

- Mas por que neste lugar ?!

- Porque foi aqui, nesta cama despojada de tudo, que tu nasceste para a tua vida atual.

- Então, era neste casebre tão miserável que tu e meu pai viviam...? - pergunta, sentindo um aperto dentro do peito.

- Sim... Assim como a maioria dos descendentes dos guaranis. Uma raça em extinção, abandonada à sua própria sorte.

- É isso que está me atormentando... Eu colaborei para isso...

- Pois eu te trouxe aqui, para te ensinar a te libertares de teu passado...

- Como me libertar...? Não entendo... - fala sentindo-se confuso.

- Maoni... Presta bem atenção no que vou te dizer... O nosso planeta é uma escola primária... Se estamos freqüentando essa escola, é porque ainda somos muito atrasados perante a eternidade. Sendo assim... Erramos muito, porque não sabemos como agir certo. Por esta razão, estamos aqui para aprender as lições necessárias. Se tu comparares a vida na Terra, com um curso a ser feito, desde o jardim da infância até o doutorado de uma grande universidade... Compreenderás melhor o ciclo da vida, através da reencarnação.

- Deixa eu ver se entendi direito... Quando na escola, não estudamos direito uma lição, erramos... Tiramos então uma nota baixa. Aí, precisamos nos esforçar mais até aprender esta lição e subir o nosso conceito. Só dessa maneira, poderemos passar de ano... É assim que acontece também na vida espiritual...?!

- Exatamente - confirma Potira sorrindo - E como eu já te expliquei antes, o Nosso Criador nos dá a chance de, em vida após vida, desfazermos os nossos erros... E tendo aprendido a não mais errar, passamos para um plano mais alto.

- Agora compreendi... Compreendi mesmo, de verdade!...

- Então estás preparado para ver o que vou te mostrar... Não te assustes!

Uma nuvem de luz violeta, bem brilhante, surge no quarto. De dentro dela vai saindo, semelhante a uma projeção, um corpo sutil, semitransparente... Espantado, Daniel reconhece o mercenário que ele foi, à época das Missões. Um corpo dilacerado por profundos ferimentos, banhado em sangue... Com expressão no rosto de extrema dor e sofrimento, ele vai se aproximando de Daniel que, temeroso, procura se afastar.

Segurando-o pelo braço, Potira procura acalmá-lo com sua voz doce e suave: - Não te mexas, filho... Fica tranqüilo e deixa acontecer.

Ao chegar bem junto dele, o corpo sutil do mercenário, parecendo se fundir com o de Daniel, se desfaz... Este, com os olhos arregalados de espanto, olha para a mãe que, tranqüila, pede - Continua olhando para a nuvem... Não tenha medo.

Novamente vai surgindo outro vulto. Dessa vez é um menino negro. Descarnado, todo lanhado e com uma das mãos decepada, jorrando sangue, também se aproxima. E Daniel reconhece no menino, o escravo negro que ele foi. E este corpo sutil, de tal forma torturado, estampando na face a expressão de sofrimento atroz, igualmente se desfaz, de encontro a ele.

- Jesus!!!... Mãe, o que é isso tudo ???

- Calma, meu filho... Depois eu te explicarei... Continua prestando atenção!.

Surge então a figura de Karl, envelhecida e combalida por terrível doença, causadora de dolorosa morte. Da mesma forma se desfaz, ao se juntar a ele... Estranhamente mais calmo agora, Daniel vê a nuvem violeta se aproximar e penetrar em seu corpo, que se torna levemente iluminado.

Aturdido, olha para Potira, que feliz o admirava: - Mãe... Me explica o que foi isso!... E por que estás tão satisfeita ?!

- Maoni... Estou feliz porque estás curado!

- Curado...?! De quê ?! Por favor, me explica tudo!!!

- O que acabaste de ver, meu filho, é o processo da cura espiritual!... Foi a queima do teu carma!... Finalmente te libertaste de teus erros... Por isso estou tão feliz! Pudeste ver, que por meio de tanto sofrimento, dissolveste o mal que causaste a outros e que te mantinha preso ao teu passado remoto. Teus antigos corpos, na forma sutil, esperavam a tua evolução para serem dissolvidos. Compreendeste agora, como se processa a evolução?!

Muito impressionado, ele responde: - Sofremos com a mesma intensidade, o sofrimento que causamos aos outros... É justo!!!

- Quando pedi a teu pai que entregasse para ti a relíquia guarani... Foi para que tu, através da energia dos séculos acumulados nela, pudesses compreender a continuidade da vida... E vi em teu rosto, o arrependimento traduzido pela angústia dos erros passados, quando a apertaste em tuas mãos...

- É verdade, foi o que eu senti... Mas como viste...? Estavas junto a mim naquele momento!?

- Sim... Como vi também a gratidão que sentiste ao reconhecer o amor e a dedicação de teus pais... O desejo de defenderes a raça guarani perante a discriminação... A aceitação sem revolta, do fracasso no concurso que desejavas ardentemente ganhar... E na vitória, a alegria sem vaidade, sem arrogância com os outros que te ofendiam... Esses foram alguns fatores que

mostraram, para mim, que estava próxima a hora de te libertares de teu passado... Queimaste o carma... Estás livre agora!

- E daqui a diante, o que será...?!

- Daqui a diante, Daniel...- mas é interrompida por ele, perguntando admirado:

- Por que me chamaste de Daniel ?!

- Porque Maoni também foi dissolvido... Faz parte do teu passado. Agora surge à tua frente um novo caminho. Como um novo caderno em branco, aonde começarás a escrever uma nova vida... Livre de qualquer lembrança... Entretanto, tenhas muito cuidado, meu filho, para não caíres em erros novamente. Senão retrocederás a um novo ciclo de sofrimento... Nessa nova etapa de vida, enfrentarás muitas tentações... Mas se conservares a tua fé fortalecida, vencerás!...

- Mas... E sobre a missão que me falaste uma vez...?

- Escolheste antes de reencarnar, o dom da palavra e da escrita. Permaneceste com o desejo de reabilitar e auxiliar aqueles que pelos teus erros, ajudaste a dizimar... Não percebes...?! A prática do amor é o caminho de retorno ao Nosso Criador.

- E fui eu que escolhi como seria essa minha vida...?!!

- Sim. Antes de reencarnarmos escolhemos a família, o lugar e as condições que possam nos auxiliar em nosso resgate. Nada é por acaso... Em tudo existe um plano evolutivo... Entretanto... A realização de nossa meta depende exclusivamente de nosso próprio esforço. Podemos ter auxílio de acordo com os nossos merecimentos... Mas somos nós que decidimos o que fazer. Ninguém pode intervir em nossas decisões, em nosso carma.

- A Giovana e eu ficaremos juntos...? O acontecerá conosco ?!

- Vocês têm um caminho... E falando nela... Vi que tu encontraste uma resposta nos versos da canção que ela compôs. Eles foram uma mensagem que recebeste... Todavia não percebeste que tal poesia não estava de acordo com a idade cronológica dela... São versos adultos, que brotaram de sua consciência cósmica, num momento em que Giovana estava com a sensibilidade desperta... Foi uma comunicação de sua própria alma.

- Incrível!... Não sabia que isso poderia acontecer... Então, o que eu escrevi, também teve o auxílio de minha consciência cósmica ?!

- Sim... Teu EU superior, como é também chamada a consciência cósmica, através do que escreveste, te mostrou um caminho... Não te parece ?!

- Oh, minha mãe Potira, o quanto tens me ensinado!...

- Querido...Não mais serei tua mãe Potira... Nem tu meu filho Maoni... Essas nossas existências, também foram dissolvidas... E tu não sentirás mais a minha presença a teu lado e nem sonharás mais comigo. Estou me despedindo agora... Deste nosso encontro, muito pouco lembrarás quando acordares...

- Mas por quê ???! - pergunta angustiado - Que evolução é essa que nos separa ?!

- Não Daniel... Não vamos nos separar... É que por uns tempos, eu ficarei no plano de preparação para a reencarnação.

- Vais voltar...? Então não nos encontraremos mais!!!

- Pelo contrário... Estaremos caminhando juntos. Somos agora almas irmãs, trilhando a mesma jornada.

- Aonde e quando...?! - pergunta ele com um sentimento misto de aflição e curiosidade.

- Vou satisfazer o teu desejo...Posso te contar, porque nada disso a tua mente física registrará... Tu e a Giovana irão se casar. Ela também é uma alma irmã... Vocês terão três filhos, uma menina e dois meninos. Quando acolheres em teus braços uma dessas três crianças ao nascer, sentirás ao olhar em seus olhos, que ela é tua conhecida de longo tempo... Serei eu, amparada em teus braços, Daniel...

- Mas o que estás me dizendo é impressionante... Maravilhoso!!! - e percebendo que ela, sorrindo com amor, começava a desaparecer, ele pede ansioso: - Não!... Espera... Não vá ainda! Antes diga uma coisa!... O que dizem aqueles símbolos na caixa...?!

- Tu acabarás por descobrir, meu querido...- com seu corpo se tornando cada vez mais fluídico e a voz quase inaudível, ela fala sorrindo: - Espera por mim... Papai!...

Daniel desperta, espantado por ter dormido sentado, mas sentindo uma forte energia envolvendo seu corpo... Um sentimento de profundo amor pela vida, vibrando em seu íntimo...

Olhando o relógio, se espanta com a hora tardia.

"Estranho... Dormi tanto tempo... Tenho a sensação de que sonhei muito, mas não consigo lembrar o que foi... Estranho... Estou sentindo uma vibração diferente... Como se alguma coisa tivesse mudado dentro de mim.... Mas não é ruim... É uma sensação muito boa... O que será ???"

Sentindo-se bem, ele espicha as pernas e se dá conta de que adormecera com a caixa no colo. Segurando-a cuidadosamente, levanta-se para colocá-la na estante. Enxergando a sua pedrinha missioneira, pega-a e abrindo a caixa coloca-a dentro desta. Sorrindo, fala com ela:

- Achei o lugar ideal para ti, minha pedrinha querida... Vou te guardar junto com uma relíquia missioneira!

Ao fechar a tampa, ele fica algum tempo olhando para os símbolos ali gravados.

"O que será que eles nos ensinam...?" - e alisando-os com suavidade, percebe uma tênue luz violácea passando sobre eles... E um forte pensamento vindo de seu íntimo, surge em sua mente.

"*Somos parte de uma Única e Grande Força... O Amor Universal que nos dá a Vida"*

SEGUNDA PARTE Ano: 1967

Ansioso, Daniel andava de um lado para o outro pela larga varanda envidraçada que fazia parte da lanchonete do hospital. Ele descera do quarto aonde se encontravam sua sogra e sua mãe, com a desculpa de tomar um café. Um triste pressentimento oprimia seu coração e ele não queria deixá-las preocupadas com o que temia. Analisando seus temores, procurava se acalmar...

"Afinal, não devo me preocupar assim... O fato de eu ter sonhado com a Giovana se afogando em sangue, não quer dizer que algo de ruim possa lhe acontecer... Faz tanto tempo que eu não tenho mais sonhos mediúnicos!... Deve ter sido apenas um pesadelo... Exagerei no jantar e fui deitar em seguida... Foi isso!!! E depois, já é o segundo parto!... Bobagem minha me angustiar desse jeito... No do Maori correu tudo bem... É claro que agora vai ser da mesma maneira!... "

Ele pára, olhando para o jardim que se descortinava através da vidraça, cujo colorido harmonioso amenizava a austeridade do prédio. Contrito, ele faz uma prece à Mãe de Jesus, pedindo proteção para a sua amada Giovana. Sentindo-se mais calmo, pensamentos mais alegres afloram à sua mente.

"Será que é uma menina...? Se for, tomara que seja parecida com a mãe!... O tempo não diminuiu nem um pouco a beleza de Giovana... Pelo contrário, a maternidade deixou-a mais bela ainda!"

Um sorriso ilumina seu rosto enquanto sua mente retorna a tempos passados.

"Parece que foi ontem... Não dá para esquecer o brilho intenso em seus olhos verdes, quando eu confirmei que poderíamos nos casar em pouco tempo... Como o tempo passa ligeiro!... Ela estava tão linda..."

No Salão de Atos da Reitoria da UFRGS, em Porto Alegre, mais uma turma da Faculdade de Direito, estava recebendo a Colação de Grau.

Tanto no palco aonde se encontravam sentados os formandos, impecáveis em suas becas, como na platéia dos parentes e amigos, era grande a emoção. Ouviam atentamente, nesse momento, as palavras do orador da turma.

Ao se aproximar do término de seu discurso, Daniel faz uma pequena pausa e dirige o olhar em direção à sua família, que se encontrava sentada nas primeiras filas do auditório. Sua voz até então clara e firme, agora denuncia emotividade em um leve tremor, ao pronunciar o agradecimento.

"*A Deus, pela oportunidade de realizarmos o sonho de conquistarmos nosso diploma. Aos nossos pais, esposos, filhos, irmãos, namorados, avós, demais familiares, amigos e mestres que não mediram esforços para nos ajudar. Pelas palavras e pelo apoio que nos incentivaram a vencer as provas do caminho rumo à realização de nossos ideais.*

A todos vocês dedicamos esta nossa conquista, com muito carinho e o nosso abraço de agradecimento."

Sob o calor dos aplausos da platéia, Elisa, com os olhos marejados de lágrimas de felicidade, sentindo-se plenamente recompensada, fala ao ouvido do marido: - Também agradeço a Deus!... Bendito o dia em que Ele colocou em nossos braços este filho tão querido, tão inteligente!

Tomás igualmente comovido, dirigindo seu olhar para Giovana que sentada ao lado de Elisa aplaudia entusiasmada, acrescenta: - E que irá dentro em breve confirmar que ganhamos também mais uma filha muito querida!...

O jantar e o baile sucederam a colação de grau. No grande salão de convenções do Minuano Palace Hotel, com um repertório musical bem escolhido para todas as gerações presentes, uma sensacional orquestra de fama nacional prometia agradar a todos.

Perfazendo um círculo ao redor da pista de dança, os formandos com seus pares aguardavam a primeira valsa. Elisa não cabia em si de contente. E aos primeiros acordes do Danúbio Azul, contendo a custo a emoção, ela se deixa levar pelos braços do filho, rodopiando pelo salão.

- Daniel se tornou um belo rapaz... Suas feições indígenas e seu porte alto de uma elegância natural, fazem-no se destacar entre os demais. - comenta padre Francisco - Isso sem falar na sua inteligência privilegiada e na sua sensibilidade espiritual.

Orgulhoso, Tomás sorri e brinca com os demais, falando alegre: - Nesta mesa acha-se reunido quase todo o seu fã clube!...

- Que pena a Matilde e o Hans não estarem aqui! - comenta Giovana num tom saudoso - Como eles gostariam de tê-lo ouvido discursar...

- Mas vocês mandaram filmar tudo, não é mesmo...? - pergunta, Adriana a mãe de Giovana.

- Sim... Claro! E espero que a produtora me entregue em seguida a fita, para que Elisa e eu possamos levá-la conosco.

- Já está marcado o dia da viagem...?

- Ainda não! Mas deve ser na próxima semana... O Hans me disse ontem ao telefone, que está verificando qual o vôo melhor para nós. Ficamos felizes com a oferta das passagens... Se não fosse assim, jamais teríamos condições de estarmos presentes à chegada do nosso segundo neto alemão.

- É...Fazer o quê ?! Nós, servos de Deus, não dispomos de numerário para passeios - reflete Francisco e num tom maroto fala sorrindo para o amigo: - Se bem que eu acho que a tua igreja luterana, sendo alemã, deveria de ter uma verba especial para que os pastores descendentes de alemães conhecessem o seu berço natal!

- Ora, ora, Francisco! - retruca rindo Tomás - E por acaso a tua católica faz isto com vocês descendentes de italianos...?!

Os dois caem na risada, ao mesmo tempo em que os últimos acordes da valsa terminam. Daniel retorna com Elisa resplandecente de alegria, cujas faces coradas denunciavam o esforço causado pela falta do hábito de dançar.

- Vamos, Giovana...? Agora é a nossa vez! - este se dirige à noiva com um olhar apaixonado, estendendo-lhe a mão.

E ao som de uma alegre valsa de Tchaikovsky, ambos vão girando ligeiro pelo salão.

- Que belo par eles formam!... - suspira Adriana, olhando-os enternecida.

- Foram feitos um para o outro! - reforça Elisa.

Os comentários envaidecidos das duas mães fazem o pai e o tio concordarem sorrindo. O par apaixonado valsava alheio ao público e aos demais dançarinos... Era como se no salão só existissem apenas eles...

Olhando fixamente para Giovana, enquanto tudo à volta deles rodava, Daniel fala feliz: - Tenho uma surpresa para ti!... Inscrevi-me para o concurso de Defensor Público. Assim, no final deste ano, se eu passar, após o baile da tua formatura, poderemos nos casar!

Com os olhos faiscando de felicidade, ela exclama: - Oh, Dani, que maravilha! É claro que você vai conseguir! Quem passou toda a faculdade como um dos melhores da turma, como não vai conseguir vencer esse concurso ?!

Sentindo-se mais confiante com o otimismo dela e envaidecido pelos elogios, sorri apaixonado.

- Obrigado por confiar em mim, querida!... Mas... Tem um porém! Teremos que passar todo este ano ainda separados... O curso é também aqui em Porto Alegre.

- Todo esse ano ainda, amor...? Nossa!!! Que suplício!!!

- Concordo contigo, querida. Para mim também é difícil...Mas fazer o quê, se é para criarmos um futuro melhor para nós...?

- Bem, amor... Pensando bem, quem já passou cinco anos à distância, um a mais não é nada!

Contrariando a valsa, ele aperta-a de encontro a si e encostando com carinho seu rosto ao dela, beija a maciez daqueles cabelos rubros como fogo, de que tanto gostava.

Daniel é sacudido de seu devaneio pelo chamado de uma das enfermeiras: - Dr. Daniel!... O assistente do Dr. Travassos quer lhe falar urgente!

Sentindo um gélido arrepio correr por sua coluna, já temeroso, ele pergunta aflito: - O que houve ?!!! Como estão Giovana e meu filho...?! - e com o coração disparado, vai acompanhando-a rapidamente em direção ao Centro Cirúrgico.

Tentando acalmá-lo, a enfermeira sem diminuir o passo, comunica: - Já nasceu a sua filha. É uma linda menina, forte e está muito bem! - e numa tentativa de diminuir a tensão, conclue com um leve sorriso: - Pelo pouco que pude ver, ela se parece com o senhor!

- Mas a minha esposa, a Giovana, como está...?! O que aconteceu com ela que justifique tal urgência...?! - com a angústia crescendo dentro de si, pede aflito: - Por favor, fala tudo o que está acontecendo!!!

- Fique calmo, Dr. Daniel... É apenas um fato inesperado que surgiu... Mas ela está em ótimas mãos, tudo vai dar certo! Pronto, já estamos chegando... O Dr. Gilberto é aquele ali na porta do Centro Cirúrgico.

Tão logo o médico o avista, vai ao seu encontro.

- Dr. Daniel Schmidt...? Eu sou o assistente do Dr. Travassos.

- O que houve, doutor ???! Pelo amor de Deus, o que está acontecendo com a minha Giovana ?! - ele exclama tomado de grande angústia.

- Fique tranqüilo... Está tudo sob controle... Não é nada que não se possa resolver. Venha comigo. O Dr. Travassos está com ela. Vou lhe explicar. O parto em si correu muito bem e a sua filha é perfeita, sadia e está terminando de ser atendida pelo pediatra...

- Mas a Giovana, doutor...?! - interrompe aflito.

- Bem... Ela teve uma pré eclâmpsia, tendo tido no pós-parto uma CIVD.

- CIVD ?! O que isso quer dizer...?!

- É uma hemorragia rara de acontecer e difícil de ser contida. O Dr. Travassos está tentando contê-la. Mas tudo indica que somente com a retirada do útero e dos ovários, esta poderá ser estancada. Caso contrário, sua esposa corre risco de vida.

- Mas então façam de uma vez o que for preciso!... - desesperado, ele fala quase gritando - Eu não posso perdê-la em hipótese alguma!!!

- Exatamente para salvá-la é que precisamos tomar tal medida. Precisávamos colocá-lo a par do que está ocorrendo.. Será um grande choque para sua esposa, quando souber que não poderá mais ter filhos. Estou sabendo que ambos desejavam mais um.

Quase chorando, Daniel consegue apenas murmurar: - Isso agora não tem mais importância... Eram apenas planos de vida. O principal é tê-la viva a meu lado! Oh, meu Deus... Por quê...Por quê ???!

Ainda ele fazia essa mesma pergunta ajoelhado diante da Cruz de madeira, acima do pequeno altar da Capela Ecumênica do Hospital. Em seguida à conversa com o médico, Daniel se dirigira a este local. A simplicidade da capela vazia deixara-o um pouco mais tranqüilo, reforçando a sua fé. Ele pedira ao médico que nada falasse com sua mãe e com sua sogra. Não queria que elas ficassem tão aflitas quanto ele. Que elas pensassem que o parto estava mais demorado. Mais tarde ele contaria tudo. Assim sozinho, se sentia mais livre para orar.

- Por que, Meu Pai...? Ela é tão boa, tão especial... Por que passar por isso ?! Por favor, Jesus, não deixe que ela morra!!! Eu não poderei viver sem ela!!!

Tão aflito se encontrava que nem foi ver a filha no berçário. Queria permanecer em prece o tempo inteiro que durasse a cirurgia.

Apesar de criado na religião luterana, sempre tivera pela Mãe de Jesus, uma grande devoção. Convicto de que um espírito que cumpre a tarefa de trazer ao mundo um Ser de tamanha Luz como Jesus também só poderia ser outro Ser Iluminado, dentro de seu coração nutria uma grande confiança em Sua proteção. E nas suas preces, sempre A invocava. Assim, à medida que se espiritualizava esta fé também se fortificava. E nesse momento, era com Ela que ele se apegava.

- Mãe!... Minha Mãe me ajuda!!! Salva a Giovana!!! O que será de minha vida sem ela...?! E o que será de nossos filhos também ?!

O sonho com Giovana se afogando em sangue retorna à lembrança, aumentando o temor que oprime seu coração. Reza com fervor, inclinando a cabeça com as mãos cruzadas sob a testa. Após alguns minutos, sente-se ligeiramente tonto, enquanto uma estranha calma começa a envolvê-lo. Uma luz azul claro surge em sua mente e a angústia vai diminuindo... Um círculo lilás se forma na sua visão interior e se expande em ondas. Uma voz masculina, suave, se faz ouvir dentro de si.

"Daniel... O período da preparação silenciosa está começando a findar... Procure perceber os sinais de seu caminho..."

E assim como veio repentinamente, igualmente a voz se calou. Daniel aturdido, sem entender o que ouvira, pára de rezar e fica por algum tempo pensando sobre o que acabara de acontecer: "Tantos anos sem nada mais sonhar, ouvir ou ver... Já havia até me esquecido de como isso acontecia... Que estranho!... Mas não vou ficar aqui pensando nisso. Quero é ir para perto da Giovana, saber da cirurgia!... "

Sentindo uma inesperada paz e uma fé fortalecida tomando conta de seu coração, resolve voltar para o Centro Cirúrgico: "Sinto-me mais calmo e confiante... Vou já para lá!"

Absorvido com suas preces e pensamentos, não havia reparado que um senhor de idade já avançada sentara-se próximo a ele. Quando se levanta, nota surpreso que o homem o observava atentamente.

- Filho... - este fala de um jeito tranqüilo, dirigindo-se a ele: - Não te angusties tanto. Percebi a tua aflição, porém pude observar que tens uma fé profunda. Pude constatar também que tens muita proteção! Um Mestre oriental, de suma beleza e luminosidade, estava a teu lado e falava contigo. Por acaso conseguiste ouvi-lo...?!

Espantado, Daniel responde perguntando: - Quem é o senhor.?! Por que está me dizendo isso ?!

- Porque eu vi... Às vezes enxergo além dos meus olhos físicos... E como ficar calado diante do belo quadro que assisti...? Mas vá! Vá, meu filho aonde queres ir com tamanha ansiedade. Não importa quem eu seja... Vá que estão te aguardando.

Mais surpreso ainda, Daniel se retira, agradecendo apressado: Obrigado, senhor... Gostei do que me disse. Obrigado!

O quarto se encontrava na penumbra. A tarde já havia caído e Giovana repousava. As dores da cirurgia já haviam diminuído bastante e ela se sentia bem. Deveria dar alta na manhã seguinte.

- Graças a Deus que já vou para casa... Cinco dias no hospital é demais! Não vejo a hora de voltar à nossa rotina...

Sentado ao lado da sua cama, Daniel olhava embevecido para a filha em seus braços: - Graças a Deus que tudo não passou de um grande susto! Felizmente ambas estão bem! - e levantando uma das mãos, afaga com carinho o rosto da esposa: - Que grande risco correste, meu amor! Rezei muito para a Nossa Mãe Maria e ela me atendeu!... Como eu poderia viver sem ti, meu amor...?!

Sorrindo ela retribui o seu carinho acariciando a mão dele, enquanto olha feliz para a filha: - Ela não é uma gracinha...?! Que bom que ela se parece com você!

- Ah... Isso foi a única coisa que saiu contra os meus desejos. Eu queria que ela fosse tão linda como a mãe!... - e afagando o rostinho do neném, dirige-se afetuosamente para este: - Mas apesar de seres tão parecida comigo, acho que és uma linda bonequinha!...Bianca, a bonequinha querida do pai!

- Sabe, amor... Quando a segurei no colo a primeira vez, olhando o seu rostinho guarani, pensei na sua mãe Potira... O que acha de trocarmos o seu nome pelo dela...?

- Tu me deixas emocionado, querida... Até que eu gostaria muito. Mas não seria justo para com minha mãe Elisa. Poderia magoa-la! E além do mais, foi o nome que escolhemos desde o início, caso nascesse uma menina... Acho que não devemos mudá-lo.

- É, não deixa de ter razão!... E pensando bem... - faz uma pequena pausa, rindo em seguida: - É uma troca perfeita! O nosso ruivinho que se parece comigo, tem nome indígena e a nossa guarani, um nome italiano.

Daniel sorri achando graça da sua observação, mas antes que possa dizer qualquer coisa, Giovana continua sorridente: - Com certeza, para completar a nossa descendência, o nosso terceiro filho será uma mistura de nós dois e receberá então um nome bem brasileiro!... Não lhe parece...?!

Para Daniel, ouvir estas palavras foi o mesmo que receber um impacto a comprimir seu coração. Ele fica por alguns momentos sem saber o que dizer: "Conto ou não para ela agora...? Que fazer, Meu Deus...? Deixo para o Dr. Travassos falar conforme o combinado ou devo aproveitar esta ocasião e esclarecer tudo de uma vez ?! Oh, Maria Minha Mãe, me ajuda!!!"

Enchendo-se de coragem resolve falar com cuidado. Afinal, talvez fosse melhor ela ficar sabendo por ele mesmo...

- Meu amor... Não vamos pensar mais nisso... Deus nos proporcionou dois filhos maravilhosos... Acho que não devemos pensar em ter mais filhos. Dois já é mais do que suficiente.

- Mas querido... - ela se surpreende - Não estou entendendo você!... Tinha tanta certeza de que teríamos três filhos. Que a sua intuição alertava-o para isso! Tanto que muitas vezes planejamos o nascimento deles...

- Ora querida, eram apenas conversas... Temos de reconhecer que a vida atual não comporta muitos filhos.

- Você está muito estranho, querido... Por que essa mudança de planos agora, em seguida ao nascimento de nossa filha...?! - e percebendo a tristeza contida no olhar dele, pergunta desconfiada e temerosa ao mesmo tempo - Diz a verdade, Daniel... O que há por trás disso...? Acho que está querendo me dizer algo!... O que foi que aconteceu comigo nessa cirurgia, além do risco de vida ?!

- Querida, não era a minha intenção falar sobre isso agora... Entretanto, já que tocaste nesse assunto... Talvez seja melhor que eu mesmo te conte...

- Contar o quê ?! - pergunta aflita, já deduzindo que acontecera alguma coisa ruim.

- Meu amor... - segurando carinhosamente a mão dela, ele continua: - Não foi tão simples assim o teu parto desta vez. Com certeza deverás tomar algum medicamento para compensar o que te aconteceu...

Já com lágrimas nos olhos ela pede: - Conte de uma vez, querido. Não poderei mais ter filhos, não é isso ?!

- Infelizmente, querida, tu tiveste uma grande hemorragia, difícil de ser estancada. Para salvar a tua vida foi necessária a histerectomia. E graças a Deus tu continuas conosco!!!

Levantando-se, coloca a pequena Bianca conchegada junto a ela. Fala com suavidade, enquanto enxuga as lágrimas que agora correm livremente por suas faces: - Não chora, querida!... Olha para a nossa bonequinha!... Nós quatro juntos seremos muito felizes!

- Eu sei... Ela é um amor, sim! E estou muito feliz com o seu nascimento... Sei também que seremos os quatro muito felizes!... - mas sorrindo tristemente fala baixinho: - É que foi um choque para mim me sentir assim mutilada...

Daniel beija-a com amor, tentando consolá-la: - Quê isso, querida! Deixa de bobagens...Tu continuas a mesma. Nada mudou!... E afinal, hoje em dia, dois filhos já são o bastante!... - como nesse momento o neném começa a chorar, ele fala rindo: - Viu...? A Bianca está reclamando a tua atenção... Acho que está querendo mamar!

Daniel perdera o sono. Estava pensando em tudo que ocorrera nos últimos três meses. Levantara-se procurando não fazer ruído para não acordar Giovana e as crianças. Acendera apenas um abajur em seu escritório e sentara-se na sua poltrona predileta.

Um emaranhado de emoções deixava-o angustiado e um tanto deprimido. Reminiscências de seu tempo de adolescente vinham à sua mente, deixando-o confuso. E precisava tomar uma séria decisão...

Achava-se assim tão absorvido, que levou um susto quando ouviu a voz de seu pai que acabara de entrar no aposento.

- O que está se passando, filho...? Nunca te vi assim tão preocupado.

- Oh, pai... Acordaste comigo andando pela casa....? Não queria perturbar teu sono!

- Não filho, não me acordaste. Também estava sem sono. Estou preocupado contigo desde que cheguei pois percebi que algo está te angustiando... O que é, filho ?! - Tomás fala, sentando-se ao lado dele - Está acontecendo algum problema em teu trabalho...?

- Não é com o meu trabalho... Cada dia conquisto mais projeção profissional...É comigo mesmo, com a minha vida... Foi ótimo tu e a mãe terem vindo passar esses dias conosco. Preciso mesmo de me aconselhar contigo!

- Interessante... Vim, porque algo dentro de mim me impulsionava a isso. O que está se passando ?!

- Bem, pai... Tu bem sabes o quanto tenho sido feliz aqui em Santa Maria. Apesar de ser uma cidade de porte médio, já conquistei projeção com um bom nome profissional nestes poucos anos. Quanto ao meu casamento não poderia ser melhor do que é... Eu e a Giovana nos amamos muito...

- Então, filho... O que há de errado...?

- Não tem nada de errado, pelo contrário...Eu é que estou confuso. Ultimamente tem vindo seguido à minha lembrança os tempos de infância e adolescência...Todo aquele despertar da minha mediunidade... Tudo aquilo que eu sentia e via... O desejo forte que possuía de me aprofundar na vida espiritual... Enfim, tudo aquilo que foi se apagando de minha mente depois que ingressei na faculdade.

- Eu sei, filho... Melhor do que tu pensas, eu sei. E tenho te observado atentamente, aguardando a hora de tu te abrires comigo.

- Pois é, pai... Acho que chegou essa hora! Estou precisando disso... Aqueles foram anos cheios de novidades para mim. À medida que ia adquirindo novos conhecimentos ia me esquecendo dos sonhos, das revelações, que na verdade pararam de acontecer. A consolidação do amor com a Giovana complementando a alegria da vida nova... Depois a formatura, a conquista do cargo de Defensor Público e o casamento feliz, enfim... Tudo isso me proporcionando uma vida estável e de muita felicidade...

- Por que então a confusão...?

- É porque algo mudou dentro de mim após o nascimento da Bianca. Nesses últimos meses tenho feito um balanço desses anos passados. Reconheço que têm sido anos muito felizes... Entretanto, uma estranha sensação de que está faltando alguma coisa em minha vida, se torna cada vez mais forte, não sei como te explicar... E depois, a Giovana ainda não se recuperou de todo da decepção causada pela cirurgia que sofreu. Isso me deixa muito triste.

- Como assim...? Ela me pareceu muito bem. A mesma de sempre.

- Não, pai...- suspirando fundo, Daniel faz uma pausa. - Ela perdeu a fé na espiritualidade e consequentemente a alegria espontânea que possuía.

- Mas por que...?! Compreendo que ela tenha ficado traumatizada com as conseqüências de seu último parto. Entretanto a Bianca nasceu bem. É uma linda criança, saudável e inteligente. Por que o abalo da fé ?

- Aí é que está a minha confusão... Também me deixei abalar um pouco... Vou te explicar. Assim que nos mudamos recém casados para Santa Maria, conhecemos uma senhora muito simpática. Morava no apartamento ao lado do nosso e aos poucos se estabeleceu uma amizade entre nós. Ela era espírita e freqüentava um centro de Umbanda Esotérica, próximo dali. Uma noite, à convite dela, mais por curiosidade, Giovana foi assistir a uma sessão.

- E tu, filho, foste também ?

- Não... Como tu mesmo sabes, estava desinteressado, esquecido, desse meu lado mediúnico... Assim, aproveitei para ficar em casa estudando um processo difícil... Mas ela voltou muito impressionada com o que assistiu. Havia recebido uma mensagem de uma entidade que se apresentara como um índio chamado Pena Branca, da Falange dos Caboclos. Este lhe dissera, entre outras coisas bem certas sobre sua vida, que ela seria muito feliz aqui e que teria três filhos, uma menina e dois meninos. Como isso vinha reforçar a minha intuição de que a nossa família seria constituída dessa maneira, marcou fundo em sua mente...

- Bem, filho... E como a cirurgia tornou impossível tal realização, dá para se entender que ela tenha ficado descrente de mensagens mediúnicas... Mas a perda da fé...

- Mas não foi somente isso, pai... - interrompe Daniel - Ainda tem mais. Uma outra noite, meses depois, já grávida do Maori, por insistência de Dona Deolinda ela retornou ao centro espírita. Dessa vez eu a acompanhei... E me impressionei também com a incorporação de uma entidade que dizia ser seu pai. Falou coisas do seu tempo de menina. Coisas que somente ela sabia e pediu que ela não abandonasse nunca a sua música. Além de enviar um recado afetuoso para sua esposa, afirmou também que Giovana seria mãe de três crianças e

que uma delas era bem especial. Um espírito que nos acompanhava há várias gerações. Dona Adriana deve se lembrar disso, porque Giovana transmitiu esta mensagem por telefone, assim que voltou para casa. A emoção que ela sentiu naquele momento foi tão intensa, quanto à dor causada pelo trauma da histerectomia. Compreende agora o que abalou a sua fé ?! A minha também sofreu um baque.

- Mas, por que, meu filho...?!

- Porque ao relembrar agora essas mensagens, também recordei as que eu recebia através de meus sonhos. Apesar de estarem esquecidas, não foram apagadas de minha memória. E me senti um tanto confuso e descrente. Será que tudo o que eu sonhei naquela época, não era mesmo fruto da minha imaginação...?!

- Compreendo que vocês dois tenham ficado abalados... Mas não se pode perder a fé por enganos ocorridos. Todas as religiões estão cheias deles!... Porque nós, criaturas que as professamos, somos muito imperfeitas ainda. Ouça bem, filho... Depois que tu foste para a faculdade e a tua irmã para a Alemanha, eu me aprofundei, conforme havia te prometido, nos estudos esotéricos - fazendo uma pausa, ele olha sorrindo para Daniel - Confesso que busquei também nesse estudo, um lenitivo para a enorme saudade que sentia de vocês.

- É... Deve ter sido muito difícil tu e a mãe ficarem sozinhos, longe de nós... Mas o que pesquisaste...?! Nunca me falaste sobre isso.

- Da mesma forma que tu nunca me contaste sobre as idas ao centro de Umbanda: Por falta de oportunidade de dialogarmos sobre tais assuntos.

- É verdade! - concorda Daniel - Em nossas visitas, sempre acabamos por falar de nossos trabalhos. Tu sobre a Igreja e a obra do Amor e Dever e eu sobre o progresso em minha profissão... Mas conta, pai... O que estudaste ?! Deixaste-me curioso!

- Bem... Já havia estudado, como tu sabes, a Doutrina Espírita através de Allan Kardec e Chico Xavier e a Filosofia Hermética, por causa da tua irmã e à conselho do Dr. Claudionor...

- Disso eu estou lembrado... Por causa do despertar da minha mediunidade, nos meus quinze anos...

- Exatamente. A partir daí, aprofundei então meus estudos procurando aprender sobre a Umbanda e a Umbanda Esotérica, lendo livros como "A Umbanda Essa Desconhecida" e "Os Serões de Pai Preto", entre outros... Estudei a obra de Ramatís, psicografada por Hercílio Maes e outras tantas mais como as de Paul Brunton, Annie Besant, Alice Bailey e a Doutrina Secreta de Blavatsky e procurei conhecer o Budismo... Enfim, durante esses últimos anos, empreendi silenciosamente uma busca espiritual.

- Que incrível, pai!... - Daniel se surpreende - Mas com todos esses novos conhecimentos, como tu continuas pastor luterano ?! Esse estudo não cria obstáculos à tua fé nos ensinamentos de Lutero ?!

- Não, meu filho... Abri a minha mente para uma expansão maior de consciência... E analisando tudo sob meu ponto de vista, me convenci de que estamos realmente vivendo num planeta escola que, assim sendo, possui níveis e aprendizados diversos, que são degraus necessários para se alcançar a Instrução Maior... Todos os ensinamentos sobre o Nosso Criador, todas as religiões que nos falam sobre essa poderosa energia do Amor, são portanto degraus que nos levam, de acordo com a nossa capacidade de galgá-los no momento, à Sabedoria Suprema.

- Pai... Nem sei o que te dizer de tão impressionado contigo!... E o que tu ensinas então, na tua Igreja...?!

- O amor a Deus, Daniel. O amor à Vida. A necessidade de corrigirmos o nosso interior... Seguindo a mensagem do Cristo Jesus, porém sob a ótica de Lutero. Estou certo de que esta é a missão que eu escolhi antes de encarnar... Tomando por exemplo uma escola terrena, é a matéria para a qual me preparei. Ensinar e apoiar aqueles que só conseguem enxergar a Deus sob o prisma luterano. É a expressão de fé que eles possuem. É a forma com que melhor eles entendem a Deus...

- Sob essa tua compreensão, como tu explicas então as minhas mensagens e as do Centro de Umbanda ?!

- Tu, meu filho... Recebestes de uma forma espontânea as tuas revelações e elas vindo principalmente através de sonhos, involuntariamente, pode-se ter a certeza de sua veracidade. Quanto às recebidas através de incorporações mediúnicas, devem ser analisadas.

- Por quê...?!

- Por que infelizmente, nesse campo existem muitas mistificações. Mas acredito que, no seu caso, os médiuns que transmitiram essas mensagens não mistificaram, porque transmitiram informações que eles mesmo desconheciam. Acho que eles apenas não estavam bem preparados ou harmonizados espiritualmente e assim sendo, não foram canais fidedignos.

- Como assim...? Me explica melhor...

- Se tu tens, por exemplo, um piano perfeito, dos melhores que existem, mas se ele estiver desafinado, não poderás tocar uma música com fidelidade. É preciso que ele esteja bem afinado, para que o som saia puro, harmonioso e perfeito. Entendes o que quero dizer...?!

- Sim... Que a intenção do médium pode ser boa, mas se ele estiver desarmonizado, não transmitirá mensagens na íntegra. Não é isso ?!

- Exatamente... Portanto uma mensagem mediúnica pode sair truncada. Assim, não devemos nos decepcionar caso ela se concretize de forma errada. Muito menos devemos perder a fé, que nada tem a haver com as manifestações humanas, de encarnados ou desencarnados.

- E quanto à nossa intuição, como saber se ela está correta ?!

- Se estivermos vibrando positivamente, procurando corrigir nossos defeitos e mantendo a nossa fé fortalecida, iluminada, a nossa intuição estará ligada ao nosso Eu superior, que se situa num plano de Luz. Entretanto, se estivermos vibrando negativamente, corremos o risco da nossa intuição sofrer interferências de um plano mais inferior. Por isso Jesus nos alertou para que cuidássemos de nossos pensamentos, palavras e ações, para que eles possam atingir um plano mais evoluído.

- É, meu pai... Tens razão. Todo cuidado é pouco. Fortalecer a nossa fé é o importante... Gostaria que tu conversasses assim com a Giovana. Ela está precisando dessa compreensão mais ampla. Tuas palavras me transmitiram uma visão bem maior. *Valeu*, pai!...

- Assim que se apresentar a oportunidade, eu o farei. - e fazendo menção de levantar-se, comenta: - Já é tarde, meu filho... Não será melhor irmos dormir...?! Afinal, como diz a sabedoria popular, "O travesseiro é bom conselheiro"... Tu precisas descansar, amanhã será um dia cheio.

Colocando a mão sobre o ombro deste, impedindo-o de se levantar, Daniel pede: - Só mais um pouco, pai... Gostaria de saber se tu falas sobre tudo isso com o padre Francisco. Fiquei curioso...

- Sim... A princípio relutei um pouco com receio de ser mal interpretado. Porém à medida que fomos nos entrosando cada vez mais, no trabalho do Amor e Dever e a nossa amizade se tornando cada vez mais sólida, percebi que havia sintonia na nossa maneira de pensar.

- Ele também empreendeu uma busca parecida com a tua...?

- Mais ou menos. Não com tanta profundidade. No seu ponto de vista, ele crê que o importante para o ser humano neste plano de vida, não é acreditar ou se aprofundar nos conhecimentos espirituais. Mas sim se aperfeiçoar na prática do Amor Maior. Com a intensidade que Jesus veio nos ensinar. Mesmo sem acreditar na vida espiritual ou na continuidade da existência, se o ser humano vivenciar o Amor junto aos seus semelhantes, ele cumprirá essa etapa de aperfeiçoamento espiritual. No final dessa nossa experiência na matéria, ele crê que seremos todos avaliados apenas pela nossa capacidade de amar. O que, na verdade, ele não deixa de ter razão...

- É... Ele está certo nisso... Mas que alargar os horizontes de nossa mente ajuda a uma evolução mais rápida, eu também acredito. Obrigado, meu pai, por esta nossa conversa. Me ajudaste muito!... Preciso tomar uma decisão importante e tudo o que disseste, vai pesar bastante nela. Me tranqüilizaste muito!- e levantando-se também, conclui sorrindo: - Como tu mesmo lembrastes, "O travesseiro é um bom conselheiro"...

E abraçados, os dois seguem para seus quartos. Ao se deitar, Tomás pensa preocupado: "Que decisão tão importante será essa que ele precisa tomar...? Oh, Jesus, que a Tua Luz o ilumine, para que a sua intuição o conduza ao caminho certo!"

- Que bom, Dona Elisa, que a Matilde e o Hans chegarão dentro de um mês. Estou ansiosa para ver as crianças... Pelos retratos, o Fritz está um gurizinho muito lindo!... E a Fernanda muito crescida e bonita!...

- É, Giovana... Eu também estou ansiosa para revê-los! Parece mentira que já faz dois anos que eles estiveram aqui! É uma pena essa distância tão grande entre nós!...

- Não é bem a distância, sogra... Se fosse apenas isso... Hoje em dia não existem mais locais longínquos, impossíveis de se alcançar. O grande problema é a *distância monetária*!... A Alemanha está *financeiramente* longe!

- Bem verdade, minha filha... - concorda Elisa suspirando fundo de saudade. Porém em seguida se recupera: - Mas que tolice a minha! Logo, logo, eles estarão aqui e poderei matar as saudades! E o principal, é que eles estejam felizes lá!...

As duas conversavam sentadas na sala. As crianças haviam adormecido logo após o jantar e ambas aproveitavam a calma da noite para terminarem uma colcha de crochê, para a cama da Bianca.

- E as tuas aulas na faculdade, querida, quando irás recomeçá-las...? Teus alunos devem estar ansiosos pela tua volta.

- Espero que sim... - responde esta sorrindo - Não gostaria nada, nada, que eles passassem a preferir a minha substituta!... A licença maternidade termina mês que vem. - e, pensativa, faz uma pequena pausa - Na verdade, já estou saudosa do meu trabalho. Sabe, Dona Elisa, a música para mim é também um fator de equilíbrio. Um ótimo remédio para curar as feridas do coração...

- Eu te entendo, minha querida... Eu também quando estou triste ou saudosa, encontro consolo no meu piano... Sinto muito não morar na mesma cidade que vocês... Assim eu poderia te ajudar com as crianças e tu não precisarias deixar a Bianca na creche.

- Mas fazer o quê, sogra...?! É a vida! Se bem que a creche também tem as suas vantagens... A criança se desenvolve mais independente. Não vê como o Maori sabe se *virar* sozinho ?!

- É verdade... Mas também ele é um guri muito inteligente. Era de se esperar que aprendesse tudo rapidamente.

- Estás falando do meu ruivinho predileto, Vó coruja...? - pergunta Tomás sorrindo, entrando na sala - Ele é mesmo muito esperto para a sua idade!... - e observando o que elas estão fazendo comenta: - *Nossa*... Que trabalheira fazer esta colcha! Mas *tá* ficando linda!

- Deixa de bajulação, Tomás!... Tu não entendes disso! - retruca Elisa rindo.

- Injustiça, Dona Elisa!... O *sogrão* até que tem bom gosto! - defende Giovana também rindo e, dirigindo-se a este, pergunta: - E aí, acabaram de conversar...? *Cadê* o Dani ?!

- Foi tomar água na cozinha... Já vem vindo! - e voltando-se para a esposa, convida: - Que tal nos recolhermos, *Frau* Elisa...? Amanhã temos muito chão pela frente logo após o almoço. Acho melhor dormirmos cedo, para sairmos bem descansados.

- É... Infelizmente tenho que concordar contigo! Que pena que já precisamos ir embora... E ainda por cima, sem conseguir acabar o meu presente! - suspirando, ela apanha o

cesto do crochê e começa a guardá-lo: - Mas tão logo termine a colcha, querida, virei trazê-la. Assim aproveito para visitar vocês um pouquinho mais...

- O que vai ser ótimo, mãe!... Venha mesmo! - fala Daniel que acabara de chegar.

Abraçando a sogra, Giovana concorda com carinho: - É isso aí, Dona Elisa... Vocês dois quando saem, deixam saudades!

A tarde estava amena. O sol brando permitia às crianças aproveitarem o jardim. Daniel e Giovana descansavam nas cadeiras preguiçosas, ao mesmo tempo em que cuidavam de Maori que se distraía com seus brinquedos e de Bianca, adormecida em seu carrinho.

- Dani... Estou preocupada contigo! Há dias que te sinto nervoso! O que está te angustiando...?!

- Bem... Em princípio por tua causa. Aflige-me ver a tristeza e a decepção, que pensas ocultar em teu coração. É visível para mim!

- Mas querido, se a causa é essa, não precisas ficar preocupado!... Saiba que depois da conversa que eu tive com o teu pai, na manhã antes dele viajar, me sinto bem melhor. Tenho meditado bastante e me conformado com o que me aconteceu.

- Isso me deixa bastante aliviado!... - responde ele sorrindo, estendendo a mão para segurar a dela. - Mas...

- Também já compreendi o que se passou com as mensagens mediúnicas - ela o interrompe, firmando a sua mão na dele - E ademais, logo estarei retornando às aulas na faculdade e então tudo será como antes!

Ele aperta com carinho a sua mão e olhando-a num misto de tristeza e preocupação, finalmente consegue expor o motivo da sua angústia: - Mas este é o ponto crucial, difícil de resolver...

- O que estás querendo me dizer...?! - já aflita, com receio de algo negativo, o interrompe novamente - O que é dessa vez ?!

- É uma decisão muito difícil que tenho que tomar... Diz respeito a minha carreira profissional. É uma oportunidade ímpar de conquistar uma projeção maior na área judicial.

- Mas então, por que a angústia...? Deixaste-me apreensiva...Se for para melhorar, crescer profissionalmente... O que te impede ?! Não se trata de algo escuso, suponho...

- Em absoluto! Isso jamais!... - contesta ele com veemência - É que eu recebi uma promoção decorrente da minha dedicação a Defensoria Pública. Se eu aceitar o que estão me oferecendo, além de valorizar mais o meu currículo, terei um aumento razoável nos meus vencimentos.

- Mas isso é maravilhoso, querido!...- fala entusiasmada - Mas porque tanta indecisão, quanto a aceitar a oferta que estão fazendo ?!... Afinal de que se trata ?!

- A proposta é ótima... É a expansão profissional para mim, mas o mesmo não ocorrerá contigo se eu aceitá-la... Daí a minha angústia.

- Como assim ?! Por quê...?!

- Porque em virtude da promoção, me ofereceram transferência para outra Comarca que está deficitária na área da Defesa Pública, necessitando de um profissional mais eficiente e dedicado... Se aceitar, teremos que nos mudar para outra cidade.

- Mudar para outra cidade...?! Realmente é um transtorno uma mudança a essa altura dos acontecimentos... Mas não vejo nenhum prejuízo para mim... - de repente ela faz uma pausa, pensativa - A não ser que eu não consiga uma transferência para a faculdade de lá!

- Pois este é que é o grande problema! A mudança seria para Trilha das Palmeiras, que é uma cidade menor e na Universidade de lá, não existe Faculdade de Música. Como irás exercer a tua profissão ?!... Entendes agora o porquê da minha angústia ?!

Giovana sente um aperto no coração. Fecha os olhos para que Daniel não veja a mágoa que explode dentro de si... Procurando se controlar, pergunta com a voz ligeiramente trêmula: - De quanto tempo dispões para dar uma resposta...?!

- Esta semana... E eu não sei o que fazer! Não tenho o direito de pedir que tu faças tal sacrifício. Eu sei o quanto gostas do teu trabalho! A não ser que...

- Ser o quê...?! - ela volta a interrompe-lo, sentindo a conquista de sua vida profissional se desmoronando.

- A não ser que tu continues aqui em Santa Maria e eu trabalhe lá em Trilha das Palmeiras, vindo passar todos os fins de semana contigo e com as crianças.

- Isso não!... Casei-me contigo para ficar a teu lado. Não me agrada esse tipo de vida! - fala revoltada - E a nossa casa, como ficaria...? Estamos fazendo tanto sacrifício para comprá-la! E faltam tantos anos ainda para terminarmos de pagar o financiamento!...

- É exatamente por tudo isso que ando tão preocupado e triste.

Nesse momento Bianca acorda chorando e Giovana levanta-se para retirá-la do carrinho. Segurando a filha no colo, dá por terminada a conversa: - Bem, querido... Vamos conversar com mais calma logo mais à noite!.. Agora não dá mais! Eu preciso pensar com tranqüilidade. Me apanhaste de surpresa!

- É lógico, querida! Não temos que resolver isso de imediato...

Examinando a filha, Giovana fala carinhosamente:- Oh, minha queridinha... *Tá* toda molhada! Então é por isso que choravas... A mãe vai trocar a tua fralda!... - e dirigindo-se ao marido, continua: - Bem, querido... Com serenidade haveremos de encontrar uma solução que atenda aos interesses de nós dois!... Cuida o Maori, que eu vou dar a mamadeira para a Bianca.

E com a filha nos braços, dirige-se para dentro de casa.

Conversaram até altas horas da noite, sem chegar a nenhuma decisão. Giovana perdera o sono... Ao apagar a luz do abajur, virara para o lado oposto ao do marido que começava a adormecer, para que este não percebesse as lágrimas que ela não conseguia mais conter. Chorava silenciosa e mil pensamentos passavam céleres em sua mente atormentada.

"Estou revoltada, revoltada mesmo com tudo!!! Como pude acreditar naquelas mensagens idiotas?!... Admitir que meu pai estava me aconselhando, lá do Além, a nunca abandonar a minha música!... Que absurdo!!! Mais uma prova da idiotice de tudo aquilo!... Três filhos... E agora isso! E a idiota aqui, passou todos esses anos acreditando nessa baboseira!!!"

Cuidadosamente ela se levanta sem fazer ruído e vai à procura de um calmante no banheiro. Quando vê sua imagem refletida no espelho, fala baixinho para si mesma: - Tola... Mil vezes tola!!! Ainda mais com essa cara inchada de chorar... - e abrindo a torneira, lava o rosto na água fria, procurando se refazer.

"Para que eu me formei em música, se não posso me dedicar a ela ?!... Batalhei tanto para fazer o Bacharelado e tirar a licenciatura...Foi duro! Seis anos assim jogados fora!!!! Sim... Porque se eu ficar separada do Daniel, adeus casamento!... Isso também eu não quero! Eu o amo e amo a minha vida com ele!!!... Adoro meus filhos!... O que devo fazer, meu Deus ???!"

Segurando o comprimido na mão, apanha um copo na bandeja sobre a bancada da pia. Ao enchê-lo d'água, se vê novamente no espelho.

"Não... Eu não posso tomar calmante!... Se meus filhos acordarem, como poderei atendê-los se me chamarem...?! Estarei num sono profundo! Não... Não posso fazer isso!" - e jogando o calmante no ralo da pia, continua a se olhar refletida.

"Preciso me acalmar e pesar os prós e os contras dessa situação... Também não posso prejudicar o Dani... Deve haver uma saída! Tem que ter... Me mostra o caminho, Jesus!"

Um pouco mais calma resolve retornar para o quarto, deitando-se bem junto ao marido. Afagando carinhosamente o seu rosto, murmura suavemente: - Eu te amo, meu amor! Nós vamos encontrar uma solução!... Não é possível que Deus tenha nos unido com tanto amor, um amor que já vem de outras vidas, para depois nos separar... Te adoro!!!

Daniel meio que se acorda e, num gesto amoroso, abraça-a puxando-a para si. Correspondendo ao seu carinho, Giovana aos poucos vai adormecendo com a cabeça apoiada em seu ombro. E um último pensamento aflora em sua mente: "E se eu abrir um curso de música e der aulas particulares...?"

E foi com esse pensamento em mente que ela recomeçou a conversa na noite seguinte: - Dani, eu não vou mentir para ti dizendo que não estou triste com a minha situação...- vai falando tranqüila enquanto se encaminha para a cama.

Acomodando-se recostada na cabeceira, sobre as cobertas, olha firme para o marido sentado na poltrona à sua frente, continuando: - Claro que não me agrada nem um pouco abandonar o meu trabalho. Afinal, foram anos de preparo... E eu gosto, gosto muito de lecionar na faculdade...

- Eu sei disso, querida!... - ele a interrompe - Pensei muito hoje, o dia todo e cheguei a conclusão de que é melhor não aceitar essa proposta!...

- Espera!... Tu me interrompeste... Não acabei de expor o meu pensamento! - fala com entusiasmo - Eu também pensei muito o dia inteiro... E acho que a idéia que me veio ontem à noite, ao adormecer, é a melhor solução para nós!

- Que idéia é essa, querida ?! - pergunta surpreso, sentindo um alento de esperança. Entretanto, ainda preocupado com ela, afirma: - Não pode ser nada que te prejudique! Isso eu não quero!

- Fica tranqüilo... Não é bem o que eu queria, mas não sairei prejudicada, porque não abandonarei a minha música!

- Então o que pretendes...?!

- Abrir um curso de música. Ensinar a tocar piano e violão! O que achas...?!

- Giovana querida... Que idéia magnífica! - emocionado, olha para ela com admiração e carinho, porém torna a afirmar apreensivo: - Mas isso se tu não te sentires prejudicada em tua carreira... Não desejo que tu te anules por minha causa!

- Por tua causa não! - contesta sorrindo - Por nossa causa! Afinal, o teu progresso profissional reverterá em benefícios para todos nós! E ademais, eu não vou me anular... Vou dar apenas um tempo na minha carreira de catedrática. Só isso!

- Tu és fantástica, meu amor!... Eu te adoro! Jamais poderei agradecer suficientemente o que estás fazendo agora por mim! - levantando, vai sentar-se junto a ela, afagando com carinho a cascata sedosa de seus cabelos ruivos.

- Mas como eu poderia ficar longe de ti, querido...? Afinal, não te esperei por todo um século, para continuarmos o nosso amor interrompido ?! Ou já te esqueceste disso...?

- Não... Jamais esquecerei aquela visão de nossas vidas passadas... O amor é eterno, perdura para todo o sempre!!!

Aconchegando-se a ele, fala com um sorriso sensual: - Então vamos aproveitar enquanto as crianças dormem profundamente... Precisamos recuperar o tempo perdido!...

E com a força de um grande amor a preencher corpo e alma eles se amam intensamente, como não acontecia desde o período de gravidez da filha.

No quarto das crianças, enquanto ia colocando os brinquedos de Maori numa grande caixa, Giovana conversava com a cunhada. Esta, sentada numa cadeira de balanço, embalava Bianca, aconchegada em seu colo.

- Desculpa, Matilde, estar fazendo isso ao invés de aproveitar ao máximo a tua companhia!... Mas temos que sair daqui na semana que vem... Conseguimos um excelente inquilino pagando um aluguel acima do que esperávamos, porém com a condição de entregarmos de imediato a nossa casa para ele. Que *droga*!... Acumulou tudo!... Eu queria tanto aproveitar vocês em tempo integral!... Pensava em fazer essa mudança somente no final do mês!...

- É... O Daniel nos explicou... Mas vocês fizeram bem em aceitar tal oferta. Em tempos difíceis como os de agora, não se deve perder as boas chances que surgem. *A sorte é careca*!

- Ainda bem que vocês compreendem isso!... Mas não deixa de ser um estorvo nesse momento. O contratempo nessa mudança é que vamos ter que deixar tudo num guarda-móveis e nos mudarmos para um hotel, até ajeitarmos as coisas em Palmeiras! - dando uma parada no trabalho, volta-se para a cunhada: - Matilde... Obrigada! Foi maravilhoso vocês virem para batizar a Bianca!

- Graças a Deus dessa vez pudemos viajar! - e sorrindo para o neném, fala carinhosamente para este: - Sabe, minha *fofinha* querida, eu ficaria muito infeliz se não pudesse ser a tua madrinha!...E estou muito ansiosa esperando o dia de levá-la na pia batismal! - e continuando a embalá-la, dirige-se novamente a Giovana: - Quando não pudemos vir para batizar o Maori, chorei horas durante a noite!... Estava *roxa* de saudades de todos vocês!.. Coitado do Hans, se viu mal comigo... Mas estava difícil sairmos àquela época, como vocês sabem. O Hans não podia deixar o trabalho e apesar das crianças já estarem em férias, no meu curso esse descanso não existe... Só folgamos nas festas de final de ano! Afinal os meus alunos são adultos, na maioria empresários que necessitam aprender inglês intensivo.

- Eu sei disso... Mas sentimos muito porque também estávamos igualmente saudosos! - levantando-se do chão, Giovana com uma expressão preocupada vai sentar-se na cama de Maori, próxima à cunhada, perguntando: - Me responde com sinceridade, Matilde, tu não te sentes frustrada por não ter podido exercer a tua profissão ?!

- Olha, Giovana, no fundo, bem no fundo, às vezes eu me sinto. Mas, fazer o quê...?! O meu diploma brasileiro lá na Alemanha não valia e além do mais, eu ainda não dominava o alemão... Como poderia exercer a minha profissão? Só se o Hans pudesse ter se mudado para o Brasil... Como isso não era possível, tive que optar entre ser advogada ou esposa. Mas eu não me arrependo nem um pouco de ter aberto mão dos meus sonhos profissionais para me casar com o Hans! Tu bem sabes o quanto nós dois nos amamos e somos felizes! E com a chegada dos filhos essa nossa união se fortaleceu mais ainda! - e dando uma risada alegre, arremata: - Com certeza o meu caminho não era numa banca de advocacia! Este eu o deixei de herança para o Dani!

Mais aliviada, sorrindo também, Giovana continua: - Que vocês são felizes, tenho certeza. É bem visível aos olhos de todos!... Eu só estou te perguntando isso, por estar numa situação meio parecida com a tua. E apesar da idéia de interromper a carreira no magistério, tenha partido de mim mesma, me sinto meio insegura...

- Eu te compreendo... Também passei por isso. Mas a vida é assim. As experiências que precisamos passar como aprendizado vão surgindo inesperadamente à nossa frente... E ter que enfrentá-las, faz parte da nossa evolução!

- Com certeza... Eu também creio nisso!... Mas, como tiveste a idéia de lecionar inglês e português ?! Foi de repente ?

- Não... Logo que cheguei na Alemanha, para me adaptar mais rápido, resolvi estudar o alemão a fundo. Assim me inscrevi num curso. E ao término deste, tendo aprendido com facilidade e dominado bem o idioma, o diretor do curso, sabendo que eu era diplomada em inglês, me ofereceu emprego nesta área de ensino. Lecionei lá por quase dois anos... Depois do nascimento das crianças, verificando que havia muita procura por parte de pessoas que além de terem pouco tempo para estudar, não podiam cumprir horários específicos, tais como empresários, diretores executivos, ou mesmo pessoas que viajam muito, mas que precisavam

do inglês, resolvi montar um curso intensivo com horários maleáveis. E descobrindo que várias empresas, que têm negócios no Brasil, teriam interesse também no idioma português, investi nisso. E, graças a Deus, está dando certo!

- Isso é ótimo!...

- E acho que tu também terás sucesso com as tuas aulas de violão e piano. E além disso, encontrarás mais tempo para compor música. Tens talento!... - e com um sorriso alegre exclama: - Quem sabe se um dia não escutarei lá na Alemanha, uma música *badalada* no *hit parade* mundial, da autoria de minha querida cunhada...?!

Rindo da imaginação desta, Giovana se admira: - Tu és incrível, Matilde!... De um otimismo contagiante. Já me sinto mais animada!... Sim... Tudo irá dar certo! Afinal, aonde existe amor, tudo frutifica, não é verdade ?!

- Certíssimo!... - concorda esta satisfeita e olhando para o neném, observa: - A minha afilhadinha querida já dormiu. Vou colocá-la no berço e te ajudar nesta arrumação!

E com muita disposição, ambas se dedicam a embalar o restante dos pertences das crianças.

O sol matinal iluminava o trigal ainda verde, que se estendia qual um manto a rodear a construção simples, porém acolhedora, da sede da Fazenda Esperança, onde é realizado o trabalho do Amor e Dever.

Mais afastada, junto ao capão exuberante de árvores copadas, cortado por uma sanga de água cristalina, fora erguida recentemente a capela ecumênica que até então existia numa das salas da Sede. Era o local ideal para uma cerimônia íntima.

Foi neste cenário bucólico em meio à energia da natureza, com a presença apenas da família, que se realizou o batismo de Bianca. O culto religioso, singelo e comovente, foi oficiado pelo avô luterano e o tio-avô católico. Muito emocionados, eles ministraram os sacramentos de suas igrejas de acordo com suas crenças. Encerrando esse ato de fé, os padrinhos surpreenderam a todos com a leitura feita por Matilde, de uma bela prece de cunho espiritualista escrita por Hans.

À saída da capela, reuniram-se todos no florido jardim que ornamentava o pátio fronteiro a esta e em meio a abraços e beijos de congratulação pelo batismo, elogios foram feitos a Hans e Matilde, em virtude à tocante mensagem espiritualista.

- Parabéns a vocês dois pela prece tão linda! - fala Daniel abraçando-os - Eu não sabia que estavam tão espiritualizados assim... Me deixaram muito emocionado!

- *Obrrigado*!... - responde Hans no seu português carregado de sotaque alemão - *Apesar dos dificuldades, teu irrmã e eu continuar o nossa busca espirritual*.

- Que dificuldades...? - se surpreende Giovana.

- É que na Alemanha não é tão fácil como aqui no Brasil se encontrar grupos espiritualistas, que desenvolvam um centro religioso com intercâmbios mediúnicos. - intervém Matilde.

- Mas então como vocês têm realizado essa busca...?!

- Continuando a ler os livros espíritas e esotéricos. Quando não conseguimos nas livrarias alemãs o que desejamos, encomendamos pelo Reembolso Postal. Alguns até do Brasil. Entretanto para o Hans, que ainda não domina bem o português, se tornam difíceis. Assim damos preferência aos editados em inglês.

- *Mas terr amigos que pensar igual nós...* - acrescenta Hans pausadamente, tentando pronunciar o melhor possível o seu ainda precário vocabulário - *Somos pequeno grrupo de estudos... Trrocar livros... Opinions... O que estarr aprrendendo...*

Sentindo a dificuldade do marido em se expressar bem, Matilde o interrompe, explicando: - Somos dois casais e uma colega de trabalho do Hans, procurando compreender melhor a vida. Desejamos uma expansão maior de nossas consciências... Só que nenhum de

nós conseguiu ainda uma manifestação tão clara quanto as que tu recebias na tua adolescência, Dani...

- Oh... - recorda Hans, se esforçando novamente para se fazer entender: - *Eu gostarria muito terr sonhos... Como teus... Ou aqueles visões perrfeitos*!...

- É... Só que eu nunca mais sonhei nada parecido... - fala este num tom um tanto saudoso e melancólico - Na verdade, eu me afastei muito desse meu lado espiritual. Ando meio confuso...

- Não acredito! - exclama Matilde - Tu...?! Por quê ?!

- Bem...- interrompe Tomás - É providencial vocês estarem tocando neste assunto com o Daniel... Ele está mesmo precisando ouvir outras pessoas... E ninguém melhor do que tu, minha filha, que acompanhaste de perto todo o processo do seu despertar mediúnico!... Entretanto talvez seja melhor deixarem para logo mais!... Agora eu e o Francisco gostaríamos de mostrar para vocês o nosso trabalho aqui. Da última vez em que aqui estiveram, a fazenda estava recém inaugurada, lembram...?

- Sim, meu sogrro!... *Como crresceu*!... *As fotos que mandarr parra nós, não mostrarr o realidade*!... *Posso fazerr um pedido* ?!

- Claro... O que deseja...?

- Já que padre Francisco fala bem o inglês, poderíamos nos comunicar nesse idioma...? - pergunta em inglês - *O português é muito difícil para mim! Estou impressionado com o que estou vendo e gostaria de compreender tudo o que vocês explicarem... Pode ser* ?!

- Por mim, tudo bem!- se apressa em dizer Francisco, com satisfação - *É uma ótima oportunidade para praticar o meu inglês que anda um tanto "enferrujado"*!

E seguindo a pé em direção à sede, no caminho sombreado pela copa generosa dos cinamomos que margeavam o açude dos peixes, ele e Matilde vão tomando conhecimento da bela obra de assistência aos viciados.

- Quantos pacientes vocês tem aqui...?! - pergunta Hans a padre Francisco.

- Trinta, entre jovens e adultos, dos dois sexos. Por enquanto é o máximo que podemos abrigar!...- informa este - *São pacientes totalmente dominados pelo vício da bebida alcóolica e alguns em drogas. Outro vício que, infelizmente está se espalhando, principalmente entre os jovens. Todos aqui são pacientes oriundos das diferentes classes sociais.*

- As drogas são uma ameaça terrível para a Humanidade! - fala Hans com tristeza - *Na Europa estão causando uma inquietação muito grande nos órgãos governamentais.*

- Aqui também! Apesar da nossa cidade ser pequena, alguns casos já surgiram, o que nos deixou muito preocupados com relação a isso. E estamos batalhando para aumentar a nossa capacidade de atendimento, para fazer frente a este grande perigo! - declara Tomás.

- E o dinheiro que arrecadam é suficiente para manter tudo aqui...?! - se surpreende o genro.

- Não tanto quanto precisávamos, porque atendemos também gratuitamente àqueles que nada possuem. Quanto aos que têm posses, pagam um preço justo e isso ajuda a custear os outros.

- Mas recebemos muita ajuda das paróquias luterana e católica!- explica orgulhoso Francisco - *E a bem dizer, de toda a comunidade em geral.*

- Entretanto agora, estamos aguardando esperançosos uma subvenção que pleiteamos junto ao governo estadual. Se sair, conseguiremos atender a um número maior de pacientes - continua Tomás.

- E qual o tempo de permanência deles aqui, pai ?! *Quanto tempo leva um tratamento* ? - quer saber Matilde.

- Em média nove meses... O tempo é ocupado no plantio de trigo e soja, nas hortas, na criação de peixes, no artesanato e na música.

- Nas palestras e no despertar da fé... - completa Francisco.

- *E a mãe ensinando música e Dona Adriana trabalhos manuais... Fantástico*! *O que vocês estão fazendo é maravilhoso*! - fala entusiasmada Matilde.

Já estavam se aproximando da sede, quando Fernanda e Fritz que vinham caminhando mais atrás com as avós, se puseram a correr puxando pela mão o pequeno Maori.

A avó Elisa, fazendo esforço para se expressar em alemão, grita para eles: - *Cuidado, crianças*!... *Cuidado com o lago*!... Maori *ainda não sabe nadar*!!!

Matilde cai na risada, falando para a mãe: - Não precisa se esforçar tanto, *Frau Elisa*, seus netos são bilíngües!

Giovana observando-os assim tão alegres, dirigindo-se à cunhada, comenta suspirando: - É uma pena eles não poderem crescer juntos, não é mesmo?!

- Tens razão... - concorda Matilde - A nossa família já é tão pequena... E todos temos que morar separados!... - e abraçando-se a ela, fala procurando consolo para ambas: - Realmente não é o ideal que sonhamos... Porém, se temos a firme convicção de que estamos aqui de passagem... Cada qual cumprindo um aprendizado individual e separados temporariamente apenas pela matéria, não devemos nos deixar envolver pela ilusão da separação, não é mesmo ?!

- Sim!... Sabemos que esta na verdade não existe... Nossos espíritos caminham juntos numa só jornada! - complementa Giovana, sorrindo.

Não é uma casa bonita, porém muito acolhedora. Um sobrado antigo, de arquitetura do início do século 20, trabalhada com ornatos em alto relevo. No alto da testada do telhado, gravada como num camafeu, a data de sua construção: 1929. Bem conservado e com a vantagem de ser localizado em centro de terreno, o que não é comum em residências daquela época, tem um ar imponente.

Giovana, parada frente à casa, analisa-a: - Bem, querido... Não é lá muito bonita, mas é simpática e parece ser muito boa... Hum... A pintura está velha e o jardim tem que ser remodelado. Está muito abandonado!

- O que não deixa de ser uma vantagem, para quem ama a jardinagem, não é ?! - Quanto à pintura, vou providenciar o mais rápido possível! - e sorrindo, toma-a pela mão, dirigindo-se para a porta de entrada.

- *Uauuu*!!!... - exclama Giovana admirada com o tamanho da sala - Como é grande! Os nossos móveis vão ficar nadando dentro dela!...

Quando olha então a cozinha e a área de serviço, ela se admira mais ainda: - Nossa!!! Isso é que é espaço! - e rindo, brinca com o marido: - E onde está o *Mestre Cuca* para cozinhar aqui ?!

Na parte de cima, três espaçosos quartos tendo, ao invés de janelas, largas portas envidraçadas que se abrem para pequenas sacadas individuais.

- O único inconveniente é ter apenas um banheiro - comenta Daniel.

- Que na verdade é uma sala de banho! - ela retruca rindo. Mas em seguida fala preocupada: - Querido, essa casa não é para nós... Situada frente à praça central da cidade, com garagem, jardim à volta e terreno todo gradeado... É casa de rico!... O aluguel deve ser um absurdo! E ainda por cima, vamos gastar com a pintura e o jardim!...

Sorrindo satisfeito ele esclarece: - Querida... Essa casa nos caiu do céu!... Vamos pagar o mesmo aluguel que estamos recebendo pela nossa casa de Santa Maria. Nem um centavo a mais!

- Mas como ?! Impossível!

- Pois é isso mesmo...

- Alguma coisa deve existir de errado!..."*Quando a esmola é grande, o santo desconfia*"

- Nada disso!... É que ela pertence a uma velha senhora muito simpática, que aliás, quer muito te conhecer!... Ela é viúva de um Juiz de Direito aposentado, falecido há pouco menos

de um ano. Como não tem filhos, não quis continuar morando sozinha na casa. Mudou-se para um apartamento próximo daqui e colocou a casa para alugar...

- Mas como conseguiste esse aluguel tão acessível ?! Por acaso ela é uma casa mal-assombrada...? Se for, aqui eu não fico!

Achando graça da expressão dela, repentinamente assustada, ele fala brincando: - Eu não sabia que tu tinhas medo de fantasmas!... E agora, o que faço, se foi com o fantasma chefe que eu assinei o contrato...?!

- Ai, Dani... Pára com isso... Não brinca assim, fala sério!... Estou curiosa em saber como tu conseguiste este milagre!

- Pura sorte!... É que eu cheguei no momento exato. Na hora certa!... Fiz a minha oferta e quando ela soube que eu seria o novo Defensor Público, aceitou o que eu propus, dando preferência a mim sobre os demais candidatos!... - e alegre, aperta-a num abraço carinhoso, perguntando: - Caiu ou não do céu...?!

- Acho que sim!... - concorda ela, satisfeita - E acho que devemos gastar apenas com a mudança!... A pintura fica para mais tarde, aqui dentro da casa ela está bem conservada... Limpa! E pensando bem, por fora não está tão ruim assim! O rosa envelhecido até que não fica tão feio!... Depois, com o jardim bem cuidado, florido, vai ficar muito bonita a nossa nova casa!

- Tu és *fora de série,* querida!... Achas sempre um *jeitinho* de arrumar as coisas! - e após beijá-la longamente, convida-a satisfeito: - Venha, vamos lá embaixo. Quero te mostrar algo que reservei para ti!

- Reservou algo para mim ?!... O que é ?! Já me deixaste novamente cheia de curiosidade!...

Descendo ligeiro as escadas para o jardim, Daniel leva-a até defronte a garagem. Retirando do bolso um bonito chaveiro, com algumas chaves, entrega para ela: - Toma, são as chaves da nossa casa! - e separando uma delas, fala num tom de suspense: - E essa aqui... Bem... Estás vendo aquela porta na parede do fundo da garagem...? Pois é dela... Vá, abra a porta e veja o que tem lá!...

Ansiosa ela assim o faz e, encantada, se depara com um grande salão. Claro, iluminado por amplas janelas envidraçadas que dão para um jardim interno. O teto revestido em madeira, acompanhando o desnível do telhado, dá um toque acolhedor. Ao fundo, em toda a extensão da parede, um grande armário/estante com várias prateleiras e portas de madeira lavrada. Daniel, abrindo a última delas, no canto, mostra para Giovana um pequeno e bem montado banheiro.

- Dani... Tem até banheiro! É surpreendente!... Lá de fora não se percebe essa construção.

- Pois é... Era aqui que o Juiz se escondia para ler e estudar. Agora este recanto é teu! Poderás receber teus alunos, dar as tuas aulas e compor as tuas músicas! Com a vantagem de ficar em casa, controlando os nossos filhos... - e com um largo sorriso, pergunta: - Que tal ? Gostaste ?!

- Se eu gostei, querido ?... ADOREI!!! - e com os olhos brilhando de alegria, exclama feliz: - Obrigada, amor! Muito, muito obrigada!!! Estás realizando um sonho secreto que eu sempre tive... O de ter um estúdio! E nem o imaginava tão grande e tão bonito como esse!

- Isso me deixa muito feliz! - e pensativo, faz uma pausa para falar comovido: - Principalmente por sentir que estou podendo te recompensar agora, nesta existência, de todo o sofrimento que te causei em nossa vida passada!...

- Oh, amor!... Esqueça isso... O que passou, passou... A nossa vida presente é que importa!

- É que ultimamente, querida, todas aquelas visões têm vindo à minha mente com uma certa freqüência... Em momentos em que estou distraído ou quase adormecendo, sinto como se estivesse revivendo aquelas emoções... Não sei bem o que está se passando comigo!...

- Realmente é estranho... Talvez tenha algum significado. Mas não vamos pensar nisso agora! - e beijando-o no rosto, fala com alegria: - Estou começando a me entusiasmar tanto com essa mudança, que já estou ansiosa para trazer tudo o que é nosso para aqui!

- Oh, céus!... *La donna é mobile, quale piuma al vento!!!*... Bem rapidamente te recuperaste da tristeza de ter que abandonar a nossa casa!...

- É que estou sentindo uma energia tão boa nesse momento, que acho que tudo vai dar muito certo para nós aqui!

- Que os anjos digam amém, querida!

Rindo ela sai para o jardim, e olhando para o céu, concorda alegremente: - Eles estão dizendo, querido!...Amém! Amém!!! - e dando uma volta pelo jardim, exclama encantada ao se deparar com uma árvore junto ao muro: - Veja, querido!... É uma S*pathódea*!!! Ela fica linda quando floresce! Suas flores, grandes, são da cor do meu cabelo! É muito comum em Juiz de Fora, mas é a minha preferida que eu *amo de paixão*!!! E a mãe também quando souber, vai adorar!

- Se as flores têm a cor do teu cabelo, devem ser muito lindas mesmo!...Que ótima surpresa, querida!

- É mais do que ótimo, Dani... - fala agora num tom sério - Encontrar a "minha árvore" aqui, só pode ser um sinal de que estamos no lugar certo! - e de repente entristecida, comenta: - Que pena a Matilde já ter voltado para a Alemanha! Gostaria tanto que ela compartilhasse dessa nossa mudança!... O Hans então, adoraria essa casa antiga!... Mas quando ela ficar pronta, vou fotografá-la de todos os ângulos e mandar as fotos para eles... Com um retrato também de nós dois com as crianças, sentados sob a "minha árvore"!!!

Daniel se apresentara no fórum ao Juiz da Comarca, Dr. Alberto Costa Reis.

Homem jovem, de uns quarenta e cinco anos, alto e moreno, mas cujos cabelos escuros já apresentavam as têmporas grisalhas. De porte elegante e boa envergadura, impunha respeito apenas com a sua presença. Quando se dirigiu a Daniel, sua voz simpática soou firme e serena.

- Seja bem-vindo, caro colega. Estávamos ansiosos pela sua chegada. Tem um excelente currículo, que faz jus à sua promoção.

- Obrigado, Dr. Alberto! Pretendo dar o melhor de mim a esta Comarca.

- Que se encontra muito necessitada de um novo Defensor Público! Já faz alguns meses que o Dr. Hildebrando se aposentou e os processos se acumularam bastante.

- Então é hora de trabalhar com afinco!... E é assim que eu gosto. Já estou ansioso para começar! - afirma com sinceridade o novo Defensor.

Conversaram por quase meia hora e Daniel simpatizou imediatamente com ele. Já haviam lhe dito que ele não era apenas um ótimo juiz, mas também muito inteligente e excelente pessoa. Todavia ele não esperava tamanha personalidade marcante. Foi uma surpresa agradável e prenúncio de um ótimo relacionamento, tanto profissional como de caráter pessoal.

Infelizmente o mesmo não ocorreu quando da apresentação ao Promotor Público. Foi como se acontecesse bater em uma barreira invisível, quando ambos se cumprimentaram. O aperto de mão, flácido, do Dr. Cristóvão Krugert ocasionou uma sensação tão desagradável em Daniel, que se tornou difícil para ele ser amável com este. Apesar de se esforçar, Daniel conseguiu apenas ser polido.

- Com toda a certeza trabalharemos muitas vezes juntos... Será um prazer.

- Então é o senhor o meu novo combatente, Dr. Daniel! - fala também tentando ser gentil, porém mal conseguindo disfarçar o olhar de desagrado que sentia pela presença dele.

- Espero que seja somente no Tribunal - retruca Daniel fazendo esforço para se mostrar amável - Não seria melhor deixar a senhoria de lado e nos tratarmos informalmente ?! Afinal, somos colegas quase da mesma idade...

- Certamente, assim nosso convívio será mais agradável. - e com um meio sorriso que mais parecia um trejeito, fala apressado - No momento eu peço desculpas... Daniel, mas preciso atender a um sério compromisso, não podendo assim continuar com a nossa conversa. Outra hora nos entenderemos melhor.

- Compreendo, Cristóvão... Temos muito tempo pela frente!

Enquanto ele se afastava, Daniel observando o seu tipo físico de descendência nórdica, pensa intrigado: "Será que ele tem idéias arianas, seja racista e como eu sou bugre, não ficou satisfeito de ter que trabalhar comigo...?! Bobagem minha... A antipatia foi mútua e à primeira vista! O motivo talvez esteja em uma outra vida passada... Quem sabe ?!" - e procurando não pensar mais nisso, dirige-se para a sua nova sala.

- Estou muito satisfeita por vocês terem vindo me visitar! - afirma com sinceridade a simpática locatária da casa. E, voltando-se para Giovana, fala sorrindo: - Teu marido não exagerou na sua descrição... És mais encantadora do que eu imaginava!

- Obrigada, Dona Isaltina! A senhora assim me deixa encabulada!...- ela agradece também sorrindo - E o mesmo digo eu em relação à senhora... Meu marido havia me dito que era muito simpática e querida...

Recém tinham chegado e conversavam afavelmente, sentados em confortáveis poltronas na ampla e bem mobiliada sala de visitas.

- E então, já se instalaram definitivamente ?!

- Quase... Tão logo estejamos com tudo pronto, faço questão de recebê-la para almoçar conosco num domingo!

- Irei com enorme prazer!... - responde Isaltina com satisfação - Depois que meu marido faleceu, quase não saio e recebo pouquíssimas visitas. Por isso quis me mudar... Nesse apartamento, apesar de muito espaçoso, tenho a sensação de maior proteção e aconchego. A casa dava muito trabalho de conservação... Na minha idade isso se torna muito cansativo. Apesar, confesso, de sentir saudades dela onde vivi tantos anos de minha vida!

- Eu imagino! - responde Daniel - Mas a senhora vive só aqui ?!

- Não, meu rapaz... - Trouxe a minha inseparável companheira que trabalha para mim há vinte e seis anos.

- Tudo isso ?! - ele se admira - Vinte e seis anos já é uma vida!

- Realmente... E eu não sei o que seria de mim sem ela! Tinha dezoito nos quando se empregou comigo. Aos vinte e dois se casou com o meu motorista e, infelizmente, dois anos depois enviuvou sem ter tido filhos também. Nunca mais saiu de minha casa... Não é mais uma empregada, é uma pessoa da família.

- Tem razão, Dona Isaltina! - concorda Giovana impressionada - Isso é muito raro hoje em dia!

Nesse momento esta entra na sala, carregando uma grande bandeja de prata, com um belo bule de café e biscoitos variados, de aparência apetitosa.

- Vejam só... Mal acabamos de falar nela e já apareceu com seus quitutes deliciosos! - fala satisfeita - Eis a minha fiel companheira! - e dirige-se a esta, que acabara de colocar a bandeja sobre a mesa fronteira às poltronas: - São estes os novos moradores da nossa casa... Dr. Daniel e Dona Giovana.

Daniel se surpreende!... Não esperava encontrar uma bugra guarani. De aparência mais jovem que seus quase quarenta e cinco anos de idade, seu rosto livre de rugas se ilumina num discreto sorriso simpático, ao se apresentar: - Prazer... Juraci às suas ordens!

Levantando-se, Daniel estende a mão para ela que, em seguida, cumprimenta Giovana. Com um sorriso maior a exibir uma fileira de dentes perfeitos, se dirige a esta com uma voz suave: - Soube que têm dois filhos pequenos. Acho que eles gostarão de brincar naquele jardim. É um lugar seguro para crianças...

- Certamente... - responde Giovana retribuindo seu sorriso - Quando eu puder oferecer o meu almoço a Dona Isaltina, gostaria de contar também com a sua presença!... Assim irá conhecer Maori e Bianca.

Servindo o cafezinho nas delicadas xícaras de porcelana, ela agradece prazerosa: - Obrigada!... Se for possível irei com muito prazer.

- Que tolice é essa agora, Juraci ? - pergunta Isaltina surpresa: - Tu és a minha sombra protetora! Aonde eu vou tu me acompanhas sempre! Ou será que não desejas voltar à casa, por motivos de saudades ?!

- A senhora me conhece bem, Dona Isaltina...- e olhando para Giovana, fala com simpatia: - Mas eu vou superar isso! Desejo conhecer as crianças que vão encher aquele casarão de risos e brincadeiras.

- Fico satisfeita com isso, Juraci. - e após provar dos biscoitos, exclama: - Hum... São deliciosos! Não dá para se resistir!

- Pois precisas comer do bolo de mandioca que ela faz...É muito saboroso! Quando for almoçar contigo, nós levaremos um para vocês, não é, Juraci ?

- Será com muito gosto, Dona Giovana!... Agora peço licença para me retirar. Se precisarem de mim é só chamar!

Tão logo ela se retira, Daniel comenta: - Dá para se perceber o quanto ela é dedicada à senhora... É uma tranqüilidade contar com uma pessoa assim.

- Tens razão, meu jovem e promissor Defensor Público. - faz uma pausa, olhando firme para os olhos de Daniel: - Quero esclarecer algo. Quero que saibas que sei mais sobre a tua vida do que imaginas...

- Isso me surpreende bastante! E como a senhora sabe...?!

- Tendo sido casada por mais de cinqüenta anos com um Juiz, aprendi a "confiar desconfiando". Assim, quando fizeste a tua proposta, mandei tomar informações a teu respeito, em Santa Maria. Não me limitei apenas aos documentos que mostraste na imobiliária.

- Confesso que estou mais surpreso ainda com a senhora!... Com a sua idade, ter um raciocínio tão lúcido e lógico assim, é muito raro!

- Eu tive um ótimo professor! - diz sorrindo orgulhosa - Mas confesso que depois que te conheci, não foram apenas as excelentes informações a teu respeito que influenciaram a minha decisão. Porque afinal, tive outras propostas de pessoas muito corretas também e financeiramente melhores que a tua.

- Mas então, por que a mim...?! - pergunta com a curiosidade aguçada - Na imobiliária me disseram que foi a minha profissão que influenciou a sua escolha!

- Realmente foi essa a explicação que eu dei a eles... Na verdade, esta foi uma das razões!... Quando soube que estavas vindo para assumir o cargo na Defensoria Pública, lembrei-me dos meus tempos de juventude, quando Teobaldo e eu iniciamos a nossa vida. As dificuldades que ele encontrou no caminho da Justiça para chegar à posição que conquistou... - fazendo uma pausa para controlar a emoção que estava sentindo naquele momento, fala suspirando: - E já que Deus não me deu filhos para ajudar na vida... Achei que era uma oportunidade de colaborar um pouco com alguém, que está trilhando um caminho semelhante ao do meu marido.

Emocionada, Giovana se manifesta: - A senhora é uma pessoa muito especial! O Dani tem razão quando diz que essa casa nos caiu do céu!

- Porém a senhora disse que esta era UMA das razões... Que outras existem, posso saber...?! - pergunta ele um tanto ansioso.

- Sim, existe uma outra de cunho pessoal... Eu não pretendia falar sobre ela, com receio de tocar num assunto delicado. Contudo, para que não fiques cismado, acho melhor esclarecer tudo...

Com a atenção redobrada, Daniel e Giovana fixam o olhar em Isaltina. Esta, ajeitando-se na cadeira, continua: - Bem... O que vou lhes contar, nunca o fiz para ninguém... E nem sei mesmo se deveria fazê-lo agora... Entretanto, já que comecei...

- Se não desejar contar, não o faça, Dona Isaltina!... - fala Daniel já apreensivo - Não queremos constrangê-la!...

- Não, meu rapaz... Já estou muito velha, caminhando para o encontro com o meu amado marido... E talvez o que vou relatar te ajude a enfrentar pessoas discriminadoras que existam por aqui!

Sentindo o coração palpitar mais forte, Daniel pressente que é algo relacionado à sua origem e uma sensação de insegurança toma conta dele.

- Para que vocês entendam o que vou relatar, tenho que me reportar a muitos anos atrás... Meus sogros estavam casados há mais de dez anos, e a minha sogra não conseguia levar nenhuma de suas gestações até ao final. Quando perdeu seu terceiro filho aos cinco meses de gravidez, ela quase morreu... Muito debilitada, precisou colocar mais uma empregada para atendê-la em suas necessidades. Meu sogro então contratou uma jovem bugra guarani para ser sua ama, pelo tempo que se fizesse necessário... Foi ai que aconteceu o inesperado... Ele se encantou com a jovem e meu marido nasceu...

- Mas então, o Doutor Juiz era mestiço de guarani...?! - interrompe Daniel pasmo de surpresa.

- Sim... Isso mesmo... - e com um sorriso compreensivo, ela continua sua história - Nessa ocasião, minha sogra quase morreu de desgosto. Porém, perdoando o marido, consentiu em criar seu filho como se dela fosse, desde que a bugra sumisse de suas vidas. A pobre coitada retornou para a reserva indígena e nunca mais se soube dela... Eles então se mudaram para outra cidade e devido à grande semelhança com sua mãe índia, Teobaldo foi criado como filho adotivo. Um ano depois minha sogra engravidou novamente e dessa vez tudo correu bem. Nasceu uma menina e daí em diante, ela não foi mais uma mãe para Teobaldo. Foi madrasta... Sua infância foi muito sofrida, cheia de discriminações. E ele só ficou sabendo que era filho de sangue de seu pai, quando chegou na adolescência... Foi um choque terrível!...

Nesse ponto da narrativa ela para de falar, com o olhar perdido ao longe, cheio de tristeza.

- Eu posso imaginar o quanto ele sofreu com isso! - comenta Daniel, também tomado de tristeza.

- Sim, meu rapaz... - com a voz um tanto embargada de emoção, ela retoma a narrativa - Seu sofrimento foi tão grande e tão marcante, que quando eu descobri que era estéril, ele me consolou com palavras que traduzem bem as marcas deixadas em seu coração. Eu nunca me esqueci delas...- e com os olhos marejados de lágrimas, as transmite: - "Não importa, querida, não termos filhos... O importante é o nosso amor! É melhor mesmo não gerarmos crianças que venham a sofrer na vida, por serem descendentes de uma raça decadente!"

Daniel permanece calado, pensativo, remoendo traumas passados, que se estampam em seu rosto entristecido.

Giovana, apesar de tomada por igual emoção, procura dissipar a tristeza e a tensão existente em ambos, perguntando: - Mas o Doutor Teobaldo conseguiu se realizar na vida, vencer, ser feliz, não é mesmo Dona Isaltina...?

- Claro, minha filha... - responde esta, conseguindo conter a emoção - Sim... E o pai dele também o ajudou muito. Procurou pelo resto de sua vida, compensar o erro cometido por sua fraqueza. O amava profundamente, apenas tinha sido fraco... Mas foi uma dura batalha para Teobaldo vencer tudo isso!...

- Eu acredito que sim... - concorda Giovana, penalizada.

- E em memória da mãe guarani, procurou ajudar aos índios da reserva Iguamirim, próxima desta nossa cidade. Manteve à suas expensas, no anonimato, atendimento médico para as bugras. Ele procurava, dessa maneira, minorar em outras moças o sofrimento da mãe que ele nunca conseguiu encontrar.

- Então, Dona Isaltina... Foi pelo fato de eu ser bugre, que a senhora facilitou o aluguel da sua casa para mim ?! - pergunta Daniel entristecido por ser este o motivo.

- Não, meu jovem...Esta foi UMA das razões!... Realmente, quando eu te vi, me veio à lembrança a luta de meu marido para vencer a sociedade racista... Outra das razões foi a tua profissão semelhante à dele, como já te disse... E eu pensei que se o Teobaldo estivesse aqui, gostaria de te ajudar a iniciar a vida profissional nesta cidade, partindo do ponto em que ele alcançou... Assim como um pai faz com um filho... E finalmente, meu jovem, as tuas qualidades pessoais e o teu *Curriculum Vitae,* que são mais do que suficientes para serem aceitos em qualquer negociação...

Compreendendo então os sentimentos que levaram a idosa senhora a ajudá-lo, ele se emociona: - Obrigado, Dona Isaltina... Muito obrigado! A senhora me deixou realmente comovido... Acredito agora que o exemplo do Dr. Teobaldo irá me ajudar a superar os obstáculos que possam surgir em minha jornada profissional...

Um novo brilho que surge nos olhos de Isaltina e uma expressão de alegria em seu rosto dão repentinamente um ar mais jovem às feições envelhecidas da boa senhora: - Oh, meu jovem Defensor Público... Não sabes o quanto me fazem feliz estas tuas palavras!...

Nesse momento um calor intenso sobe à cabeça de Daniel e uma agradável sensação a envolvê-lo, como num abraço amigo, leva-o a expressar sua gratidão na forma de um compromisso: - E eu só vejo uma maneira de retribuir o seu auxílio e o seu carinho para comigo... É continuar me dedicando corretamente à minha profissão e ajudar dentro de minhas possibilidades, aos meus pobres irmãos de raça guarani.

Daniel chegou atrasado para o almoço. Com um ar preocupado, largou a pasta de trabalho sobre o sofá da sala e beijando a esposa vai explicando: - Desculpa a demora, querida... Foi uma manhã cheia e complicada. Tu não imaginas a quantidade de processos acumulados!... Até parece que o fórum ficou em recesso durante o ano todo!... Vou ter menos de uma hora hoje para o almoçar e tenho que sair em seguida!

- Não tem problema... Está tudo pronto. A Rosa só precisa fritar os bifes.

- Ainda bem, porque estou *roxo* de fome! - fala satisfeito, dirigindo-se ao lavabo. E tão logo termina de lavar as mãos, caminha ligeiro para a sala: - E as crianças, ao onde estão ?!- vai perguntando enquanto senta-se no sofá, aguardando o almoço.

- A Bianca está dormindo lá no quarto e o Maori, como tu estavas demorando muito a chegar, já o levei para a creche - responde Giovana acomodando-se próximo a ele.

- E que tal, estás gostando dela ?

- Além da vantagem de ser pertinho daqui, é bem boa! O Maori está se adaptando bem...Já se *enturmou* com as outras crianças.

- O que não é difícil para ele... Extrovertido igual à mãe! - e sorrindo com carinho para ela, observa - Fiquei impressionado como ele se deu bem logo de saída com a Dona Georgina...

- Mas também, impossível não se gostar dela de imediato! É muito querida! - e com um jeito divertido, pergunta: - Ela não se parece com aquelas babás dos filmes sobre a década de 50 ?!

Daniel dá uma risada: - Tu e os teus filmes!... Do jeito como tu gostas de cinema, deverias ter cursado comunicação para trabalhar na TV!

- Deixa de ser bobo!... Vamos para a mesa que a Rosa já está servindo o almoço!

O cheiro apetitoso da comida quente aguça mais ainda o apetite dele que, de um salto, levanta-se do sofá indo sentar-se à mesa.

- Hum... Rosa! Se o paladar estiver igual ao cheiro, esta comida deve estar uma delícia... - dirige-se à empregada, que acabara de trazer a última travessa.

- Procurei fazer o melhor, Doutor. Bom apetite! - responde esta polidamente, retornando à cozinha.

Servindo-se da comida, Daniel comenta de uma maneira engraçada: - Esta, querida, tu tirastes de um filme de mistério!

Rindo, ela concorda: - Sabes que tens razão, querido...? Ela é tão séria, tão carrancuda, que se não cozinhasse bem assim, já a teria despedido...

Após um tempo de silêncio enquanto comiam, Giovana volta a falar: - Chegaste tão tenso, querido... Eu te conheço bem! Não é apenas cansaço... Tiveste algum aborrecimento ?!

Daniel colocando os talheres sobre o prato vazio suspira e a sua voz ao falar deixa transparecer preocupação e tristeza: - Eu não queria comentar sobre isso, querida... Mas é melhor mesmo colocar para fora o que estou sentindo. Alivia...

- Mas o que é tão grave assim...?! - ela se preocupa.

- Eu não consigo me entender com o Promotor Cristóvão! Aquela antipatia, quase uma repulsa que eu senti quando fui apresentado a ele, logo que eu cheguei... Estás lembrada ?!

- Sim... Lembro-me de teres comentado isso...

- Pois é... Ao invés de se dissipar, como eu esperava que acontecesse, pelo contrário... Dia a dia fica mais forte. Está muito difícil trabalhar com ele, porque sinto que é recíproca a ojeriza. Ele também não me suporta!

- Mas querido, tu não me contaste que isso estava acontecendo...

- Não queria te preocupar... Mas vamos deixar isso de lado... É melhor comermos a sobremesa! Doce é sempre bem-vindo!

- E hoje temos ambrosia que tua mãe nos mandou pelo ônibus. Chegou pela manhã.

- Mas que surpresa gostosa! - exclama satisfeito! Vamos lá!

Entretanto ainda pairava no ar, um clima de apreensão até o término do almoço.

Daniel estava acabando de tomar o cafezinho quando Giovana levantando-se da mesa, exclama animada: - Estou aflita para te mostrar uma coisa, querido, antes que retornes ao trabalho!

Ligeiro ela volta com o jornal na mão. Entusiasmada, mostra para o marido o anúncio do seu curso de música, destacado em negrito ao pé da segunda página.

- Ficou ótimo, querida!... Tenho certeza que aparecerá um número bom de alunos.

- Deus te ouça, Daniel!... Estou tão ansiosa, que não consigo parar quieta. Passei a manhã inteira de ouvidos atentos, esperando o telefone tocar e nada!... O *bandido* completamente mudo! Não tocou nem uma vez!

- Calma, querida...- levantando-se, abraça-a com carinho, mostrando-se confiante - Hoje é o primeiro dia... Quando ele começar a tocar, não vai mais parar!

- Dani... Estou encantada com o meu estúdio! Sabes que ele tem uma ótima acústica ?! Venha comigo! Quero mostrá-lo para ti... - desvencilhando-se do seu abraço, puxa-o pela mão, convidando - Venha... Terminei de aprontá-lo esta manhã. Vou tocar uma música para ti!

- Mas querida, tenho que sair daqui a pouco. Não posso me atrasar! Vamos deixar para logo mais!

- Só dez minutinhos, amor! Eu prometo! - e se desmancha num sorriso cativante.

- Ai... Quando tu me pedes assim, é difícil resistir!... Está bem! Vamos... - porém, indeciso, ele pergunta - E se a Bianca acordar ?!

- A Dona Georgina atende. Ela está lá em cima arrumando o quarto deles.

E de mãos dadas dirigem-se para o estúdio, enquanto ele vai comentando: - Tivemos muita sorte em contratá-la! Seria difícil tu lecionares sem a ajuda dela...

- E sem a "misteriosa" também! - ela concorda rindo.

Daniel pára admirado, quando entram no aposento. Observando todos os detalhes, mostra-se encantado: - Querida, confesso que não esperava tanto! Está lindo!... Assim eu também quero estudar contigo!

Junto às janelas envidraçadas, verdes samambaias choronas penduradas a um canto do teto, complementavam o arranjo de plantas ornamentais em grandes vasos de barro, colocados ao chão. Um sofá e duas poltronas em vime, com almofadas estampadas em cores vivas, eram os únicos móveis existentes além do piano que se destacava na sala. Belas peças do artesanato mineiro misturavam-se aos diversos livros, enfeitando as prateleiras da estante antiga. Em uma delas, encontrava-se apoiado o violão. E soltos sobre o piso, algumas esteiras de palha trançada substituíam os tapetes.

- Gostou mesmo, querido...? É a decoração rústica, típica das casas de campo em Minas Gerais... Já que é um canto meu, quis deixá-lo com jeito da minha terra. - explica alegre, dirigindo-se para o piano.

- E ficou ótimo mesmo, querida. Parabéns! E que música vais tocar ?!

- Uma que tu nunca escutaste ao piano e há muitos anos eu não toco, mas que tem um grande significado para mim... Veja se tu a reconheces...

A melodia de "Retorno ao Pago" toma conta do ambiente.

Daniel se comove: - Giovana querida, como não iria reconhecê-la ?! Também significa muito para mim! E ao piano, ainda é mais bela que ao violão!

Quando termina de tocar a música, Giovana se levanta e abraçando-se a Daniel, trocam um longo beijo apaixonado. Tão enlevados estavam, que se assustam ao ouvir a voz de Rosa chamando pela patroa.

- Dona Giovana, onde a senhora está...?

- Aqui no estúdio, Rosa... O que foi ? Aconteceu alguma coisa ?!

- É telefone para a senhora. É um rapaz perguntando pelas aulas de violão!

- Maravilha!!! Já vou indo!... Peça para esperar um momento! - e alvoroçada com a boa nova, desfaz o abraço saindo ligeiro e falando para o marido: - Desculpa amor, mas não posso perder esse aluno!!!

Olhando para o relógio, Daniel apreensivo, também se apressa falando para si mesmo: - Rosa nos interrompeu bem a tempo!... Eu ia chegar atrasado...

O inverno chegara fortíssimo. A frente fria que viera da Argentina fizera a temperatura despencar. O termômetro marcava quatro graus abaixo de zero ao cair da tarde e a previsão era de geada para o amanhecer. As chaminés soltando fumaça no alto dos telhados, indicavam que as lareiras e os fogões à lenha já estavam em funcionamento. A noite não iria demorar a cair... As casas estavam com as vidraças fechadas e o comércio iniciava a cerrar as suas portas. O tráfego dos veículos nessa hora se tornava mais intenso, enquanto as filas de espera para os ônibus iam se tornando mais longas. Transitando pelas ruas, os pedestres abaixavam as cabeças para melhor se protegerem do Minuano que cortava gelado.

Enrolados em mantas, dois bugres caminhavam ligeiro, iniciando a subida de uma rua bem íngreme, afastada do centro da cidade, portanto mais deserta.

- Pai, lá em cima na esquina tem uma farmácia... Quem sabe o dono não estará precisando de jardineiro para a sua moradia ?!

- Pode ser... Mas estou cansado de bater de porta em porta e receber um NÃO pela frente!... E também, se nos atrasarmos, perderemos o ônibus para a Reserva e aí, aonde iremos dormir...? Morreremos gelados na rodoviária.

- Mas não custa tentar, pai... Nós precisamos de um emprego! Só mais essa vez... Ainda temos tempo, não vamos perder o ônibus!

A contragosto este concorda e ambos vão subindo ligeiro, atravessando a rua em diagonal, para chegarem mais rápido na calçada oposta. Ofegante, o bugre mais velho para, encostando-se na parede da casa vizinha à farmácia, para se refazer. E não se dá conta da janela de ferro envidraçada ao nível da calçada e quase quebra esta com a bota.

- Pai, cuidado! Se quebrar esse vidro, estamos *ralados!*

- Que *droga*!... Também se é lugar de colocar uma janela! Junto ao chão na calçada!- fala irritado pelo cansaço e a desesperança.

- Calma, pai. Eu também estou muito cansado... Mas temos que tentar. Vamos! Não é possível que não se arranje trabalho nesta cidade!

- Olha, Juruna... Com a cara de fome que nós estamos, vão pensar que somos mendigos... - entretanto, fazendo esforço para se recompor, concorda: - Vamos lá!... Pode ser que aqui haja emprego...

Estavam ainda ajeitando as mantas para entrarem na farmácia, quando de dentro desta saem dois homens encapuzados, carregando umas sacolas. Começando a retirar os capuzes, correm em direção a um carro que, estacionado em fila dupla mais abaixo na ladeira, os esperava com a marcha lenta ligada. Um deles, com o rosto já descoberto, dá de cara com os bugres. Num movimento ágil, sem diminuir a corrida, joga o capuz juntamente com o revólver e uma das sacolas para eles, gritando: - Toma, é tudo teu!!!

- *Tá* louco, cara...?! - grita o outro para o comparsa.

- Não, idiota! *Tô* despistando!...- e rindo entra ligeiro no carro, que desce pela rua abaixo sumindo no cruzamento.

Habituado a jogar futebol como goleiro, Juruna num reflexo rápido, segura a arma antes que esta caia no chão.

Neste preciso momento, sai o dono da farmácia aos gritos: - Assaltantes!!! Polícia! Polícia!!! - e desesperado olha para os lados a fim de ver qual a direção que os bandidos tinham tomado.

Entrementes, os bugres apavorados, com medo de serem confundidos com os ladrões, atiram a arma e tudo o mais ao chão e se põem a correr.

Vendo-os atirando fora o produto do assalto, o farmacêutico imagina que sejam eles os assaltantes e grita a plenos pulmões: - Lá vão eles!!! São eles!!! Ernesto! - grita para o funcionário que se achava na porta, ainda meio aturdido - Joga ligeiro as chaves do carro!!! Não quero perdê-los de vista!!!

Este, o mais rápido que pode, cumpre as ordens do patrão. Tão logo o farmacêutico recebe a chave, assume a direção do carro que se achava estacionado em frente e sai dirigindo a toda velocidade, no encalço dos supostos marginais. Enquanto isso, o funcionário recolhe do chão as provas do roubo levando-as para dentro da farmácia e corre para o telefone chamando a Brigada Militar.

Extenuados pela a fadiga e fracos pela fome, os dois bugres não conseguem ir muito longe. Pouco depois são rendidos pelo dono da farmácia, que tendo retirado do porta-luvas de seu carro um revólver, os mantém imobilizados. Aos gritos, ele pede ajuda e é socorrido por um freguês que estava saindo de uma locadora de vídeo, que com presteza o auxilia. Quase que em seguida vem chegando a caminhonete da Brigada, alertada pelo Ernesto.

E os bugres, apesar de seus protestos de inocência, vão presos para a delegacia.

A noite começara a cair... Na cela despojada de qualquer comodidade, os bugres famintos e enregelados de frio, aguardavam o término do depoimento do dono da farmácia, doutor Ambrósio.

- Eles não roubaram somente essas insignificâncias! Roubaram muito mais e todo o dinheiro do caixa! - afirmava o farmacêutico - A sacola encontrada com eles, tinha apenas o que havia numa prateleira de artigos de beleza.

- Eu ouvi muito bem quando um deles disse: "Isso eu vou levar *pra* a minha *china*!" - depõe o assustado Ernesto.

- Com toda a certeza havia um outro cúmplice lá fora, que escapou de minhas vistas e fugiu por outro lado, carregando o *grosso* do roubo! - exclama Ambrósio revoltado - Esses bugres têm que contar *direitinho* para onde o outro, ou outros, *se mandaram*!

Assim que os queixosos se retiraram, o delegado auxiliado pelos dois investigadores, tentam exaustivamente por mais de uma hora, arrancar uma confissão dos pobres acusados e os nomes de seus prováveis cúmplices.

Porém os bugres, apavorados, repetem inúmeras vezes a sua versão do acontecido, mas esta não é levada à sério.

- Vocês pensam que estão lidando com algum otário...?! - fala duro o delegado - É melhor darem logo os nomes de seus comparsas... Se fecham a boca, quem leva a pior são vocês! Eles ficam com o *grosso* do roubo e vocês com a cadeia!

- Mas eu juro que somos inocentes! Nada tivemos a ver com isso! Não sabemos quem são eles, apenas vimos eles fugindo de carro! - afirma Juruna já esgotado.

- E pensam que eu vou acreditar que eles jogaram a arma deles para vocês!!! - fala irônico o delegado e dirigindo-se aos policiais, exclama: - Chega!!! Não adianta!... Podem recolhê-los ao presídio! Vou expedir o comunicado para o Juiz!

Os bugres olham para ele com uma expressão tal de angústia, que o deixam inseguro. Com uma voz fraca e um ar desvalido, o mais velho volta a afirmar: - Doutor... Nós somos inocentes! Pelo amor de Deus, acredita em nós!!!

O delegado sente uma sensação de estar cometendo uma injustiça, mas pensa: "Fazer o quê ?!... Eles foram apanhados em flagrante! Tenho que cumprir o meu dever. Não posso me deixar levar pelo meu emocional!"

Contudo, vendo-os serem levados para o camburão, ordena aos policiais: Esperem... Dêem alguma coisa para eles comerem... Estão famintos! Porém apenas para que não morram de fome! Pode ser que passando frio e fome durante a noite na cadeia, resolvam *abrir o bico* pela manhã!

Sua tentativa em obter de imediato uma confissão deles, fora inútil. Assim, apesar da prisão em flagrante e das provas irrefutáveis contra eles, a expressão que faziam ao afirmar repetidamente a sua inocência, deixaram-no em dúvida quanto a participação deles no assalto.

"E se a estória desses bugres for verdadeira ?!... Mas ninguém viu ou ouviu barulho do carro em que eles juram que os bandidos fugiram...Mas também àquela hora muitos carros transitavam pelas ruas... Difícil saber!!!"

Pensando assim, o delegado vê o camburão se afastar levando-os para o presídio. Volta na sua sala para vestir o sobretudo. Colocando o chapéu, apanha a sua pasta e as chaves do carro.

Quando abre a porta principal da delegacia, o Minuano gelado quase deixa-o sem respiração. E cansado, pensa na cozinha de sua casa, bem aquecida pelo fogão à lenha, com a comida saborosa e farta lhe esperando... Sentindo uma pressão no peito, pensa angustiado: "Estou cansado, muito cansado de conviver com tanta miséria, sofrimento e com todas as facetas da criminalidade!... Ainda bem que está chegando a hora de me aposentar!"

E arrancando o carro dirige-se para casa.

À medida que a noite ia aumentando, a temperatura baixava cada vez mais. Assim que foram fechados na cela mal iluminada e fria, apesar de desesperados, os dois bugres extenuados se atiram no beliche para tentar dormir.

Juruna deixara a cama de baixo para o pai, por esta ficar um pouco mais protegida da friagem que descia do teto. Aflito, não conseguia dormir...Passou a noite insone. Tão logo começa a clarear o dia, salta da cama e sentando-se no chão com as costas encostadas na

parede, fica olhando angustiado para o pai ainda adormecido. Observando o seu semblante abatido e seu aspecto doentio, se recrimina sentindo-se culpado de toda aquela situação.

"Se eu não tivesse insistido com ele para irmos até a farmácia, nada disso teria acontecido!... A mãe e a Jacira devem estar desesperadas sem saber de nós!!! Bem que a Jacira estava com medo, com pressentimento de que coisa ruim ia acontecer!... Por que eu fui pegar a maldita daquela arma ?!!! Por quê, por quê...?! Não devíamos ter fugido... Mas igual não acreditariam em nós!... Somos bugres..."

Tais pensamentos enchiam a sua mente atormentada e sentia-se explodindo por dentro. "Amanhã é domingo... Dia de visita. Será que avisaram na Reserva que estamos presos aqui ?!... O que será que vão fazer conosco...? Ai, meu Deus!!! Nos ajude, nos ajude, por favor!!!"

O gramado amanhecera coberto de gelo... Conforme a previsão do tempo, geara durante a noite. Daniel acordara cedo e aproveitara para acender o fogão a lenha. É domingo, dia de folga das empregadas.

Giovana, agasalhada até as orelhas por um grosso roupão de lã, chega com uma mamadeira usada, colocando-a sobre a pia: - Ainda bem que a Bianca mamou e continuou dormindo... Com o frio que está fazendo, quanto mais permanecer na cama, melhor! - e esfregando as mãos, fala satisfeita - Que bom, querido, que já acendeu o fogo! Logo a cozinha estará quentinha!

- E acabei de tomar meu chimarrão... Queres um ?!

- Não, vou preparar o nosso café. Acordei faminta.

- Bem, enquanto preparas tudo, vou fazer o sacrifício de enfrentar a geada lá fora e buscar os jornais.

- *Nossa*... É preciso ter coragem!... Por mim, prefiro ficar sem notícias. Ainda mais que no nosso Diário, quase todas as notícias tem pelo menos um dia de atraso... E as de Porto Alegre, eu vejo pela TV.

- Não é bem assim, querida... Tem muita matéria da Capital que não sai na TV e quanto ao noticiário local eu preciso ficar por dentro, mesmo com atraso... Portanto, fazer o quê ? Tenho que ir lá fora... - e se cobrindo com um pesado poncho, sai em direção à caixa do correio.

Pouco depois ele retorna tiritando de frio e, deixando os jornais sobre uma das cadeiras da mesa, vai aquecer as mãos frente ao fogão, falando pesaroso: - Coitado do entregador de jornal... Andando tão cedo pelas ruas e com certeza sem agasalho adequado, para ganhar uma miséria!... Sinto-me até mal de recebê-los para ler, agasalhado e confortavelmente sentado junto ao fogo!

- O que fazer se a vida é assim!... Ainda bem que ele tem emprego, tantos andam por aí sem nada conseguir...

- É querida... A crise está apertando mesmo!

Após colocar o bule de café fumegante e a leiteira sobre a mesa já posta, Giovana ao puxar a cadeira para sentar-se, esbarra com o joelho nos jornais, que caem esparramados no chão. Ao recolhê-los, uma manchete chama a sua atenção.

- Veja isso, querido!... Assalto à mão armada em Trilha das Palmeiras??? A violência está mesmo se alastrando pelo Brasil!... Está transbordando das grandes cidades para as pequenas... Que horror!

Pousando novamente na mesa o bule de café com o qual ia se servir, Daniel pergunta interessado: - Quando foi isso ?! Deixa-me ler...

Passando o jornal para ele, Giovana comenta apreensiva: - No final de uma sexta-feira, ainda com tanto movimento nas ruas... Que insegurança!

À medida que ele vai lendo a notícia, seu rosto se entristece e sua voz sai irritada quando fala: - Por que esses *caras* tinham que fazer isso ?! São idiotas assim que complicam mais ainda a vida dos guaranis da Reserva!

- Como foi que aconteceu...?- quer saber Giovana também interessada na notícia.

- Dois bugres idiotas assaltaram a farmácia Verônica, lá no alto da Borges de Medeiros. Aqui diz que foram apanhados em flagrante, com a arma na mão.

- É, a violência anda campeando... - olhando intrigada para o marido, questiona - Mas por que tanta irritação pelo fato dos assaltantes serem bugres...? Todos os dias existem delitos cometidos por todos os tipos de pessoas... Brancos, negros, alemães, italianos, brasileiros, etc... Por que não podem existir também bugres entre eles? E além do mais, estamos aqui há nove meses e este é o primeiro caso de assalto à mão armada, que eu saiba, realizado por guaranis!

- *Tá* certo!... Mas como eles são pessoas carentes, serei eu o defensor deles! Com toda a certeza amanhã, o meu "*calo*" vai me incomodar com suas ironias o dia todo! E no período do julgamento será pior!

Giovana ri do jeito como ele se expressa e retruca: - Ora querido, então é por causa do seu "amado" Promotor Cristóvão que estás tão aborrecido...? Não será precipitação tua...? De repente ele não vai ter esse tipo de atitude, como tu estás pensando... E se tiver, manda ele "*plantar batatas*"!

Sentindo a irritação se dissolvendo pela simplicidade dela em encarar as situações, ele permanece alguns segundos olhando-a com admiração. Suas palavras simples e diretas tiveram o efeito de devolver-lhe a serenidade... Quando fala, expressa seu carinho: - Como tu sabes contornar as coisas, Giovana. Tens razão!... Não vou estragar a nossa manhã de domingo por causa daquele "*calo inflamado*"! Vou sim, tomar o meu café antes que ele fique gelado! - e volta a pegar o bule.

- Certo... Certíssimo! E nada de ler jornais agora... Deixe para mais tarde! Manhã de domingo com geada, o melhor é ficar na cama!

Sorrindo feliz, ele arremata: - Falou a voz da sabedoria! Vamos voltar a dormir!... Mas agora me passa a manteiga, sim?

E tão logo terminam de comer, retornam abraçados para a cama.

Após outra noite mal dormida, os bugres na manhã do domingo, acordaram esperançosos com a expectativa de aparecer algum familiar para visitá-los. Porém, à medida que o dia foi findando, a esperança também foi se acabando... E ao entardecer, a angústia de se sentirem desamparados, perdidos, tomou conta deles e mais uma noite de agonia se sucedeu.

Entretanto, a esperança renasceu na segunda-feira, quando foram chamados para tomarem conhecimento da ordem do Juiz, que acabara de chegar.

Em poucas palavras, o juiz determinara que os acusados permanecessem recolhidos ao presídio, a fim de aguardarem julgamento. Era claro o flagrante do roubo. A versão contada por eles era falha, não havia um único indício que comprovasse a não participação no assalto. Como se tratava de pessoas carentes, seria indicada a Defensoria Pública.

Ao término do comunicado, o desespero, quase loucura, tomou conta dos pobres bugres. E o medo do futuro lançou raízes em seus corações...

Assim que chegou no Fórum, Daniel sentiu que ia se aborrecer... Ao passar próximo a um grupo que conversava, pode ouvir parte da conversa.

- A nossa cidade está crescendo! - falava uma funcionária - Já temos até assalto à mão armada!

- E mascarados! Que nem aqueles que vemos na TV! - completou outro.

- Também com esta ralé da Reserva, morando próximo daqui... É pior do que as nossas vilas!

Tal comentário provoca o retorno da antiga mágoa da discriminação.

"Por que atingir com desprezo toda uma raça por causa da atitude de alguns poucos...? É como bem diz a Giovana, quantos brancos cometem crimes terríveis, quantos brancos são ignorantes, incapazes e desonestos e nem por isso a raça branca é menosprezada!... Eu não me conformo com isso!"

Tomado desse sentimento de revolta, ele se encontra no saguão de entrada, com o Promotor. "Que azar!!! Logo agora encontro esse *paspalho*!..." - pensa irritado e com um seco cumprimento de cabeça, procura se esquivar dele.

Cristóvão, entretanto, fazendo parecer casualidade intercepta o seu caminho e sem nem ao menos cumprimentá-lo, pergunta fingindo surpresa: - Soubeste do assalto à mão armada ?!

- Sim... Por que ?! - responde sério, já se colocando em posição de defesa.

- Já chegou aqui. - e com um sorriso irônico, comenta - Vitória rápida e fácil para mim!... Apesar de protestarem inocência, os *safados* foram apanhados em flagrante.

- Contudo, todo cidadão tem direito à defesa... É considerado inocente até que se prove o contrário... Não é assim o nosso Código Penal...?!

- Veremos isso no tribunal, caro colega! - e com ar de deboche vai se afastando - *Tchau*! Um bom dia para ti!

- Igualmente! - responde secamente Daniel, procurando conter a raiva de que é tomado. E enquanto caminha para a sua sala, pensa com determinação: "Vou pesquisar a fundo essa estória!... Se realmente eles forem inocentes, veremos quem ganha no Tribunal, *seu cretino*!!!"

Daniel foi até ao presídio falar com os bugres. Estes ao vê-lo, se surpreendem e ficam a observá-lo atentamente, meio de esguelha, enquanto ele se apresenta.

- Então são vocês os acusados do assalto à farmácia ?! Eu sou o advogado de defesa... Meu nome é Daniel Schmidt e o de vocês ?!

- Jurupanã e o meu filho aqui, Juruna. - responde o mais velho - Mas vou logo dizendo que nós não temos nada a ver com o acontecido. Foi tudo por acaso, num azar danado!

- Mas é por isso que estou aqui... Para conversarmos e encontrar a verdade!

Juruna sentindo-se mais à vontade, cria coragem para perguntar: - Por acaso o doutor é da mesma raça que a nossa...?! Bugre guarani ?!

- Sim... Meus pais de sangue eram guaranis como vocês.

- Isso é bom! Nos faz sentir mais seguros e com esperança! - entretanto, ainda meio desconfiado pergunta: - Desculpa se estou perguntando demais e ofendendo o Doutor: - Mas então por quê o nome alemão ?

Sorrindo, sem se sentir ofendido, Daniel satisfaz a curiosidade dele: - É que eu sou filho adotivo de um casal de alemães! - e já num tom sério, continua - Mas vamos ao que interessa! Estou aqui para ouvir a versão que vocês tem da estória toda.

À medida que eles iam relatando tudo o que fizeram durante o dia e tudo o que acontecera, Daniel observava-os atentamente, procurando sentir se mentiam ou não. Ao final do relato está quase se convencendo da inocência deles, portanto permanece ainda em silêncio algum tempo, analisando o que ouvira.

Os dois olhavam para ele com ansiedade... Desejavam desesperadamente saber se havia acreditado neles. Juruna não se contendo mais, pergunta humildemente: - Então, Doutor, pelo amor de Deus, diz se acredita em nós... Se acredita que somos inocentes! Por favor! Diz alguma coisa!

Olhando para aquele pobre bugre, desesperado e assustado, vem neste momento à mente de Daniel a estória ocorrida com seu pai. Ninguém acreditara nele... Por menosprezo acabara morrendo em sofrimento. Percebeu então a semelhança existente nos dois casos e se decidiu. Iria dar um crédito às palavras deles. Procurando esconder a emotividade que o está envolvendo, olha firme para os amedrontados acusados, se manifestando profissionalmente:

- Vou requerer um *habeas-corpus* junto ao Juiz, para que vocês sejam soltos e aguardem o julgamento em liberdade.

Suspirando de alívio, Jurupanã pergunta incrédulo: - E com essa coisa que o senhor *tá* falando aí, isso é possível, Doutor Daniel...?

- Sim... Normalmente os presos em flagrante têm que permanecer na cadeia até o julgamento, entretanto aos réus primários, como é o caso de vocês, é dado este privilégio. Contudo vocês não podem se ausentar da Reserva e se conseguirem algum emprego fora dela, têm que comunicar ao Juiz imediatamente, fornecendo o endereço. E pensem bem em tudo o que fizerem daqui para frente, porque qualquer coisa de errado poderá prejudicá-los mais ainda!

Os bugres não entenderam bem as explicações, porém ficaram com vergonha de perguntar. Mas, o importante é que seriam soltos.

- E quando vamos poder sair daqui, doutor... ? - pergunta ansioso Juruna.

- Assim que eu tiver em mãos o *habeas-corpus*, virei buscá-los. Eu farei o máximo que puder para livrá-los dessa acusação. Confiem em mim!

- Confiamos sim! - afirma Jurupanã profundamente emocionado - Deus ouviu o meu pedido e mandou um doutor advogado bugre que nem nós!

Daniel se comove com as palavras do velho índio e mentalmente faz uma prece: "Pai, ouça também o meu pedido e me ajude a inocentá-los... Sei que será quase impossível, entretanto, creio na inocência deles! E em memória a meu pai Guaraci e minha mãe Potira, vou me dedicar a fundo para restabelecer a verdade neste caso!"

O sol já estava se pondo, quando ele entrou no carro para retornar a sua casa. E remoendo tudo o que ouvira, procurando não esquecer nenhum detalhe, sente a esperança se esvair...

"Como encontrarei alguma prova que inocente a eles...?"

Seguindo em direção ao centro da cidade, passa em frente ao estádio de futebol. Um impulso leva-o a estacionar o carro próximo a este. Saltando, vai espiar o campo e com um olhar longínquo fica a observá-lo.

"Faz tanto tempo que eu não jogo um futebol... - pensa melancólico - Acho que hoje em dia não agüentaria nem quinze minutos!... Quinze ? É boa vontade. Acho que se agüentar cinco já será o bastante! E pensar que um dia eu fui campeão... e aclamado!...Como o tempo passa rápido!"

Recorda então o dia em que aguardava ansioso o resultado do concurso literário. Fora até o campo de futebol da escola procurando se acalmar...Junto à goleira, lembrava-se bem, tinha dito com fé para si mesmo: "Eu tenho que acertar este gol!". Enchera-se de esperança e perdera. Parecera então naquele momento que jamais conseguiria se sobressair no que almejava: Vencer pela inteligência... Entretanto, apenas dois meses depois, vencia um outro concurso muito mais importante. Um concurso de nível nacional.

Relembrar tudo isso faz renascer a esperança. Estabelece uma ligação entre a situação daquela época, com o caso de agora. Sente que algo inesperado vai ajudá-lo a encontrar uma solução.

No horizonte o sol agora vai descendo ligeiro...O céu vermelho como fogo vai aos poucos se tornando violeta e uma primeira estrela surge brilhante.

Esse espetáculo, trás repentinamente à memória de Daniel, uma das suas visões esquecidas pelo tempo. Um arrepio corre por seu corpo... Lembra-se bem... Fora à luz de um

sol poente assim, que ele com a identidade de Karl, fazia uma despedida junto ao túmulo de sua amada Gretchen.

Seu coração dispara pela emoção da lembrança de outros tempos. Entretanto, não consegue se lembrar mais nada além da despedida. Por mais que se esforce, tudo o mais desaparecera de sua memória...

"Que estranho!... Por que recordar nesse momento apenas um lampejo dessa encarnação...? Por que não consigo me lembrar de mais nada ?!"

Intrigado, volta a sentar-se no carro e com o queixo apoiado nas mãos sobre o volante, ele fica mais um pouco observando o anoitecer. Aos poucos o manto escuro do céu vai se enchendo de estrelas e uma cadente corre no horizonte. Daniel então se dá conta de que a noite chegara. Tão absorto estava em seus pensamentos, que não percebera que as luzes na rua já haviam se acendido e os carros passavam com seus faróis acesos.

Olha para o relógio e se espanta com o adiantado da hora: "Já deveria estar em casa à essa altura!... Giovana deve estar preocupada!" Liga então o motor do carro e numa velocidade mais rápida que de costume, dirige-se para lá.

Tão logo estacionara o carro na garagem, Giovana veio a seu encontro: - Dani, o que aconteceu ? Você nunca se atrasa tanto! Estava tão preocupada!

- Imaginei que estarias... É que fui ao presídio interrogar os guaranis e me demorei mais do que supunha.

- Até a essa hora, querido...?! - ela se espanta.

- Bem... Não foi só isso. Aconteceu algo comigo que mais tarde eu te conto - responde beijando-a no rosto - E as crianças, estão acordadas?

- Sim... O Maori volta e meia pergunta por você! Deixei-o cuidando a Bianca em seu cercado, lá na sala.

- Então vamos entrar ligeiro! Quero ainda brincar um pouco com eles antes de jantar.

Quando Maori vê o pai, atira-se em seu colo: - Pai! Que bom, você chegou!... Sabe, a Bianca hoje falou "Maumi".

- Mas que ótimo!... Logo, logo, ela estará falando tudo! - beijando o filho com carinho, coloca-o no chão e volta-se para a filha, retirando-a do cercado - Então a minha princesinha está começando a falar? E ainda nem completou um aninho!!!

Levantando novamente o filho no colo, segue com os dois em seus braços até a cozinha onde Giovana foi esquentar o jantar.

- Querida, vou subir para tomar um banho rápido. Não demoro!

- Então vou aproveitar para deitar as crianças. Já passou da hora deles dormirem... Assim jantaremos nós dois com calma!

- É uma pena a Dona Georgina não poder morar conosco. - ele vai comentando enquanto sobem a escada em direção aos quartos.- Ficas muito sobrecarregada na parte da noite.

- Mas fazer o quê se hoje em dia não se encontra mais empregadas que durmam no emprego? Dou graças a Deus em ter as duas durante o dia.

- E por falar nisso, como foi o teu dia?

- Ótimo! - ela exclama alegre - Consegui mais dois alunos. Agora tenho sete e por enquanto já chega! - parando frente ao quarto das crianças, dirige-se a elas: - Pronto! Beijem o papai e venham agora com a mãe para dormir!

Já recolhidos ao quarto após o jantar, Daniel continua comentando com Giovana tudo o que aconteceu, na tentativa de perceber algo que ainda não notara.

- Desculpa querida, falar tanto nesse assunto... Mas eu quero reter na memória todos os detalhes a examinar. Talvez eu encontre alguma testemunha que tenha visto ou escutado qualquer coisa que possa inocentar aqueles dois. Não posso deixar que eles paguem por um delito que não cometeram!

- Não vai ser nada fácil, querido... Mas, estranho tu recordares novamente aquela visão do passado... Não vejo nenhum sentido nisso! - e se levantando da poltrona aonde se encontrava sentada, ela vai para a cama, falando sonolenta. - Estou ficando com sono...Vem, querido... Vamos dormir. Você também está muito cansado! - e mal acabara de falar, começa a adormecer.

Daniel ainda sentado, apesar de cansado continuava insone. Resolve descer para o seu escritório. Este, bem montado numa peça próxima à sala, que no tempo dos proprietários era usada como sala íntima, tinha a grande vantagem de ser afastado do movimento da casa. Lá, ele permanecia às vezes até altas horas da noite, estudando ou lendo, sem perturbar o sono da mulher e dos filhos.

"Talvez eu encontre algum livro que faça uma luz na escuridão desse caso!"

Assim pensando, vai remexendo no armário onde guardava seus livros. Sem querer encontra, na prateleira mais alta, a caixa sagrada de seus antepassados guaranis. Há muito não tocava nela e não se lembrava que havia guardado-a ali.

Surpreso com a coincidência de encontrá-la justamente num dia tão envolvido com a raça guarani e com o despertar de recordações há muito esquecidas, resolve olhá-la novamente. Sentando-se na poltrona *bergère*, seu local predileto para ler, observa os símbolos gravados em sua tampa. De súbito, vem à sua mente o significado deles: "Somos parte de uma Única e Grande Força... O. Amor Universal que nos dá a Vida!"

A sua pedrinha missioneira ali se encontrava guardada, como ele a deixara há tanto tempo atrás e emocionado, aperta-a na mão...

Uma luz lilás preenche a sua mente. Um calor envolve todo o seu corpo, da cabeça aos pés... Sente-se sonolento, tonto e uma inércia toma conta dele... E aos poucos vão surgindo em sua mente, como num filme, as visões e os sonhos de sua adolescência. Uma a uma... Revê então suas vidas passadas. Das Missões até o momento da despedida de Gretchen. Sente nesse instante um forte arrepio e um suor fino brota em sua testa. E a visão continua, agora de uma maneira diferente... Passa a vivenciar a cena da discussão com os moradores, sobre o direito dos índios... E pasmo, apesar das diferenças físicas, ele sente, ele reconhece que o seu mais ferrenho adversário, daquela vida, é hoje seu colega Cristóvão Krugert!

Um grito de revolta explode dentro dele e morre em sua garganta... Quando consegue falar "Não é possível!!!", sua voz soa rouca e tudo se apaga então... Entrementes uma voz masculina, suave, se faz ouvir em seu interior - "São tempos de transformação... De harmonização... O perdão é energia Divina que leva à evolução!" - e assim, tão de repente como começou, ele sai do transe...

Com o coração disparado e o corpo banhado em suor, Daniel permanece sentado por um bom tempo meditando sobre tudo que vira e, principalmente, sobre o que ouvira. Sente a fé retornar a seu coração e o desejo de expandir cada vez mais a sua consciência...

Já calmo, sentindo-se em paz, guarda com carinho a pedrinha e a caixa novamente no armário e sobe para o quarto. Olha para Giovana no abandono de seu sono tranqüilo e sente-se em harmonia com o Universo.

"O amor é eterno!... Bendito o Nosso Criador que nos dá a oportunidade de corrigirmos os nossos erros e caminharmos junto àqueles que amamos, nessa longa jornada evolutiva..."

E abraçado à sua amada, adormece profundamente.

De posse do *habeas-corpus*, Daniel retira os guaranis do presídio e segue com eles de carro até a Reserva Iguamirim, que ficava a pouco mais de vinte quilômetros de Trilha das Palmeiras.

Ao se aproximar, ele sente um aperto no coração, ao avistar uma pequena e miserável vila de apenas duzentos e oitenta habitantes.

O frio diminuíra, porém o vento continuava cortante e ele fica imaginando o desconforto e a friagem que aquela pobre gente deveria passar naquela aldeia... E sente-se mal, por estar usando um pesado sobretudo de pura lã.

Assim que pára o carro, um bando de crianças mal agasalhadas se aproxima, fazendo algazarra. Mais atrás, desconfiados, os adultos espreitam os visitantes. Quando percebem que são os bugres retornando são e salvos, correm a abraçá-los tão logo estes saem do carro.

Gritando de alegria, duas mulheres vão ao seu encontro. Juruna! Juruna!... Pensei que nunca mais iria ver vocês! - fala a jovem índia que, abraçando-se a este, chora de emoção - Achei que tinham morrido de desastre ou de frio, em algum canto deserto dessa estrada!...

Emoção igual sente a mais velha, porém contesta o que a nora dissera: - Eu sabia!... Nas minhas rezas eu sentia que vocês *tavam* vivos e que voltariam... - e se abrindo num sorriso desdentado, afirma com orgulho - As minhas rezas são fortes!

- Estávamos na cadeia, minha velha! - explica Jurupanã - Este aqui, é o bugre guarani Doutor, que nos tirou de lá!... - e com admiração o apresenta a todos - Doutor Daniel!!!

Um índio mais velho se aproxima dele e encolhido pelo frio, pergunta numa voz quase inaudível: - O doutor é parente daquele outro doutor bugre, que até um tempo atrás, ajudava as mulheres *parideiras* aqui da nossa aldeia...?!

- Não, não conheci esse doutor! - responde Daniel surpreso, desconfiando que ele se referia ao Dr. Toledo - Como era o nome dele ?!

- Não sei... Nunca ninguém soube, porque ele só veio uma vez aqui. Só que ele pagava a um doutor médico para vir uma vez por semana cuidar das mulheres... E quando uma complicava na hora de nascer a cria, o doutor médico levava a *parideira* para o hospital na cidade de Trilhas.

- E o que aconteceu com ele ?! - pergunta curioso para saber se era a mesma estória contada por Dona Isaltina.

- Ele morreu faz coisa de ano e nunca mais o doutor médico voltou aqui.

Daniel se emociona e pede para Juruna mostrar toda a vila. Quer conhecê-la... E a pé, se protegendo do vento, eles percorrem o pequeno povoado...

Construídas sem obedecer a nenhum alinhamento, umas poucas casas de madeira e de alvenaria, misturavam-se à maioria das palhoças com telhados de sapé. No meio do povoado, uma praça de terra batida; local de suma importância, por ser o pátio onde são realizadas as cerimônias indígenas. Neste momento uma fogueira arde em seu centro, numa tentativa de diminuir um pouco a friagem ao redor. E mais afastadas, uma pequena escola de alvenaria e uma igrejinha tosca, de madeira.

A pobreza campeia por ali. Entretanto, estendendo-se por um pedaço de campo, a terra revolvida e coberta de palha seca é sinal de alguma colheita recente. Nas épocas adequadas, são cultivados o milho e a mandioca. Uma horta de bom tamanho, exibe hortaliças cobertas por tiras de plásticos velhos e meio rasgados, numa precária proteção contra a geada. Galinhas criadas à solta ciscam pelo chão... Um único chiqueiro com alguns porcos e um pequeno curral para abrigar as seis vacas, que também pastam soltas. Dali eles tiram a sua alimentação, além dos peixes que existem no rio que passando por detrás do vilarejo, demarca a fronteira da reserva... É tudo produto do trabalho comunitário...

Um galpão feito de pau-a-pique e coberto de palha guarda dois arados velhos e as demais ferramentas necessárias à lavoura. Este também serve de estábulo para uns poucos cavalos. A fabricação de cestos de palha trançada, em vários tamanhos e mais os vasos de barro de diversos tipos, é a única fonte de renda que produzem, pela falta de ânimo e capacidade de lutar contra a miséria e o abandono...

Com o coração apertado de tristeza, Daniel pensa enquanto caminha: "Como pode os descendentes de hábeis artífices e dedicados trabalhadores, viverem afundados nessa vida miserável...? Como uma das mais fortes e inteligentes raças indígenas, a nossa raça Guarani, vai se extinguindo aos poucos em tamanha decadência...?!"

Sentindo-se deprimido, angustiado, vai se despedir de Jurupanã, que sentado num pequeno banco de madeira, contava a sua aventura aos demais à sua volta. Sem querer interrompê-lo, fica escutando a narrativa.

- E eu estava tão cansado de bater de porta em porta... Sem nada conseguir e sentindo uma fome terrível que me deixava *bambo* das pernas... Assim, quando cheguei perto daquela maldita farmácia, tive que me escorar na parede da casa ao lado... Aí, aconteceu que quase quebrei com a bota, o vidro de uma janela... Coisa que eu nunca vi, janela colocada junto do chão na calçada!... Juruna então levou um susto danado e gritou comigo: - Cuidado, pai! Se tu quebra esse vidro nós *tamos ralados*!

Jurupanã faz uma pausa e olha triste para os ouvintes. Quando volta a falar, sua voz sai amargurada: - *Ralados* nós ficamos por termos parado ali!

Ouvindo aquilo, Daniel se surpreende: "Janela na calçada...? Ali...? Nunca reparei... Tenho que ver isso de perto!"

Assim pensando, curioso para conhecer logo aquele local, ele resolve interromper a conversa do bugre e se despede de todos.

- Oh, doutor! Não sei como agradecer *pro* senhor *deu* estar de volta à minha gente! - estendendo a mão áspera e calejada, Jurupanã se despede emocionado, sendo seguido em coro pelos demais: - Obrigado, muito obrigado, doutor!

- Eu voltarei outras vezes, pois continuarei cuidando do caso até o julgamento. Não saiam daqui e muito, muito cuidado em tudo o que fizerem. Eu ESPERO e QUERO, provar a inocência de vocês dois!

E entrando no carro, vai matutando: "Quem será que mora naquela casa ?!... E se algum morador de lá viu ou ouviu alguma coisa...? Não custa pesquisar!"

Assim que entra na cidade, ele vai direto até o alto da Borges de Medeiros e, admirado, confere que realmente existe a tal casa no final da ladeira, vizinha à farmácia que se situa na esquina. E constata que é verdade o que disse o bugre. Existe mesmo uma janela basculante de ferro, envidraçada, colocada próxima ao chão.

"Incrível como eu nunca tinha percebido isso! Vou procurar saber quem mora aqui!"

Entusiasmado, retorna ao Fórum, cheio de esperança.

Empurrando o carrinho da filha e acompanhada de perto por Maori, Giovana entra na Farmácia Verônica, para comprar alguns medicamentos.

Após ser atendida, enquanto aguarda o troco do pagamento, pergunta com naturalidade:
- Nessa casa vizinha, descendo a ladeira, pode me dizer se é de uma senhora que faz tricô de encomenda...? Me informaram que é junto à farmácia...

- Não... - responde atencioso o dono do estabelecimento - Quem mora ali é um casal de meia idade, mas que eu saiba, a senhora não trabalha para fora...

- Mas, que estranho... Me informaram tão bem! - insiste ela, como se realmente estivesse interessada na procura.- Ela não se chama Lindalva...?

- Não... Não conheço bem a minha vizinha, porque eles são moradores recentes. Mas sei que ela se chama Clotilde Ramos.

- Então devo estar equivocada, deve ser outra farmácia... - e dirigindo um simpático sorriso para ele, se despede - Desculpa e muito obrigada!

- Não tem de quê... - responde ele solícito, entregando-lhe o troco e o pacote dos remédios - Muito obrigada a senhora!

Satisfeita no íntimo, Giovana se retira com as crianças. Iniciando a descida da ladeira, pára junto da janela de ferro envidraçada. Fingindo ajeitar a filha no carrinho, observa o basculante detalhadamente, para ver se haveria possibilidade de alguém enxergar através dele o que se passa na rua...

- Pronto!... A mãe já apertou bem o cinto. Mas senta direitinho! Não fica se jogando para frente, porque estamos descendo a ladeira e você pode cair! - e dirigindo-se ao filho o repreende com voz alta: - Maori!... Não fica olhando na janela dos outros, isso é feio, meu amor!

- Não *tô* olhando, mãe... O vidro é cheio de bolinha, não vejo nada!

- Mas igual, não se mexe na janela dos outros!

Retomando a caminhada, pensa com alegria: "Saiu melhor do que eu esperava! Foi ótimo o Maori ter mexido na janela... Assim eu pude observá-la melhor! Agora só falta eu inventar um motivo para procurar essa senhora Clotilde Ramos!"

Observando bem, ela constata que não existe nenhum portão na parede alta pertencente à casa, que vai até a uns vinte metros ladeira abaixo: "Então a entrada dela deve ser pela rua de cima, do outro lado da farmácia. E esta, com certeza, deve ter sido antigamente uma parte da casa que foi desmembrada... - ela deduz - E atrás desse muro, é o quintal dos fundos portanto, aquela janela deve pertencer à parte de serviço... Por isso ela fica ao nível da rua! Que pena!... Isso torna mais difícil ainda, ter tido alguém ali na hora do assalto."

Parte do seu recente entusiasmo desaparece com essas considerações. "Mas não vou desistir! - continua pensando - Eu mesma tive a idéia de fazer essa pesquisa para o Dani e vou até o fim... Tenho que achar um jeito de conversar com essa Dona Clotilde!"

Distraída assim com seus pensamentos, ela vai seguindo em direção à casa caminhando lentamente, no ritmo de Maori. Quando passa em frente ao relógio da praça, Giovana se assusta: - Meu Deus! Como eu fui me atrasar desse jeito...?! Está quase na hora da aula da Luana!

Parando, pede para o filho: - Querido, sobe aqui atrás no carrinho de sua irmã... A mãe precisa andar mais ligeiro! Senão, vou chegar atrasada para a aula de piano! - e com as duas crianças no carrinho, ela apressa o passo para atravessar a praça.

À noite, Daniel chegou em casa carregando uma grossa pasta de documentos. Com um ar cansado, após beijar a esposa e os filhos, segue direto para o escritório, a fim de guardar os documentos.

- Que papelada é essa, querido...?! Vai trabalhar novamente até tarde ?! - pergunta Giovana sentando-se na cadeira defronte à mesa dele.

- Infelizmente sim, querida... São fotocópias de alguns documentos do processo que vai a julgamento amanhã. Quero examiná-los novamente, com maior profundidade. Com a minha ida ontem na Reserva, não tive tempo suficiente para estudá-los detidamente.

- Tem trabalhado demais aqui, querido!... Não estará exagerando ?! - preocupa-se Giovana.

Acabando de arrumar os papéis na mesa, vai sentar-se junto a ela: - Mas é somente neste primeiro ano. É que havia muitos processos atrasados. O Defensor anterior a mim, estava muito doente e até eu chegar, a Comarca ficou algum tempo sem Defensor Público. Assim... Tenho que me esforçar para colocar tudo em ordem. É meu dever!

- Espero que termine logo, porque já estou ficando preocupada com você! Mas...Tenho novidades, querido! - fala agora alegremente - Já sei quem são os moradores da casa ao lado da farmácia Verônica! É um casal de meia idade e o nome da senhora é Clotilde Ramos!

- Mas isso é esplêndido querida! - exclama satisfeito - E quando vais falar com ela ?!

- Isso eu ainda não sei... Estou pensando em como farei para chegar a ela, sem levantar suspeitas!

- Tens razão, não deve ser nada precipitado...E as tuas aulas, como vão...?!

- Bem... Às vezes fico um pouco desanimada, porque dos meus sete alunos, apenas três têm realmente talento! Então preciso de muita paciência para tentar levar os outros... -

sacudindo os ombros, ela sorri - Isso é assim mesmo!... Faz parte do ensino particular! E lá no Fórum, como está o ambiente ?!

- No geral, tudo bem... Conviver com o Juiz e com a maior parte dos funcionários, não tem problema... O *calo* continua o mesmo!

- Mas depois daquela visão, você não disse que ia se esforçar para entrar em harmonia com ele...?!

- Sim... Disse e estou fazendo força para isso... Entretanto tem horas que não consigo nem olhar para ele! E o pior, é que sinto que ele sente prazer em ser antipático comigo. Acho que o seu desejo é me prejudicar, me ver fracassado!

- Mas não vai conseguir, querido!... Coitado de você! Deve ser cansativo ter que conviver seguidamente com uma pessoa assim...

- Realmente não é fácil!... Entretanto, sei agora que se estamos juntos, é a oportunidade para nos entendermos... E preciso analisar como posso dissolver tal animosidade!... Só que ando muito assoberbado de trabalho, para pensar nisso... Contudo percebo que estou aprendendo com esta situação... Na verdade, nada é por acaso!

Nesse momento a filha chora na sala e Maori vai até o escritório avisando: - Mãe, a Bianca não quer mais ficar no cercado... Quê que eu faço ?!

- Já vou indo para lá, querido!... - e levantando-se fala para o marido - Vou esquentar o jantar enquanto você toma banho!

O expediente estava terminando... O movimento maior agora no Fórum era dos funcionários se preparando para irem embora. A sala de Daniel se encontra vazia. Profundamente abalado, sentado frente à sua mesa onde se amontoava uma pilha de papéis, ele olha longe absorto em pensamentos. Sua expressão é de grande tristeza.

"Como eu fui perder este caso ?! Tinha certeza de que estava ganho!... Aonde eu errei ?! O Otalício estava tão confiante em mim!... Oh, meu Deus!... O prejuízo que ele vai ter, por minha incompetência!!!"

Um funcionário bate na porta e tão distraído Daniel está, que não escuta a batida. Não recebendo resposta, preocupado, este entreabre a porta devagar e se assusta com a aparência de Daniel: - Doutor... O senhor está bem ?!

A voz do funcionário o traz de volta, com um leve tremor. Rapidamente se recompõe, falando naturalmente: - Sim, Francisco... O que é ?!

- Desculpa doutor, é que eu bati e o senhor não respondeu, aí fiquei preocupado!...

- *Tá* bem... Tudo bem. O que você quer ?

- Eu vim lhe avisar que já estamos fechando. O senhor vai demorar...?

- Mas já está na hora...? - se surpreende - Obrigado por me chamar! Já vou sair. Por favor, aguarda só um momento, sim...?

Tão logo o funcionário se afasta, ele começa a guardar os papéis na pasta. Nesse momento recorda o rosto de Cristóvão. O seu olhar de vitória e deboche ao mesmo tempo... E as palavras ferinas que falou junto a seu ouvido, quando saiam da sala de julgamento:

"Então, ilustre colega... A competência é uma máscara difícil de ser mantida, não lhe parece...?" - e se afasta rapidamente com um meio sorriso maldoso.

Daniel não teve tempo nem presença de espírito naquele momento para responder. Afinal, estava arrasado por não ter conseguido salvar seu cliente da *arapuca* que fizeram contra ele. Estava sentindo o gosto amargo da derrota. Aliás, a primeira desde que chegara em Trilha das Palmeiras.

Ao colocar a sentença na pasta, fica algum tempo relendo-a com atenção redobrada e percebendo uma dubiedade na forma da escrita, se enche de esperança, pensando mais animado: "Vou apelar, recorrendo dessa sentença!"

Levando a pasta consigo ele se retira, fechando a porta da sala. Sentindo uma nova energia tomando conta dele, levanta a cabeça e aprumando o corpo sai do fórum.

Ao entrar no carro, lembra de um ditado gaúcho, e sorrindo fala com otimismo para si mesmo: - *No está muerto quiem peléa*!!!

Giovana acabara de dar jantar para as crianças. Enquanto esperam por Daniel, ela vai distraindo-as contando estórias. Sentadas sobre o tapete em frente à lareira acesa, procuram se aquecer do frio rigoroso que está fazendo. Nisso o telefone toca e Giovana levanta-se para atender. É ligação de uma amiga, para ela.

- *Oi*, Giovana!...Na tarde de sexta-feira vamos nos reunir na minha casa. Precisamos combinar o que vamos fazer no evento em comemoração ao Dia da Terceira Idade! Será que podemos contar com a tua presença dessa vez, querida...? - pergunta Iolanda, do outro lado da linha - Tua participação é muito importante!... Estou pensando em apresentar números musicais dessa vez! O que achas da idéia ?!

Simpática e conceituada professora de artes do Ginásio Pinheiro Machado, Iolanda Cunha se tornou amiga de Giovana, assim que esta chegou em Trilha das Palmeiras. Presidente de um grupo de assistência ao asilo Santa Margarida, que abriga cerca de quarenta idosos, insistiu muito para que Giovana fizesse parte do mesmo. Esta concordou, porém com a condição de não ter a obrigatoriedade de freqüência às reuniões, devido a sua falta de tempo... Mas não deixa de colaborar pontualmente com as mensalidades e sempre que é requisitada para as campanhas de roupas, mantimentos e etc., doa o que lhe pedem.

- É interessante!... Mas a que horas á a reunião?!

- A partir das três.

- Mas Iolanda... A essa hora estou dando aula! - começa a justificar sua provável ausência, quando repentinamente uma idéia vem à mente, modificando a sua resposta - Bem... Vou tentar trocar a hora do meu aluno. Se conseguir, irei com muito prazer! Vou fazer o possível!

- Que ótimo, querida! Ficaremos todas muito satisfeitas, pois qual de nós, além da amiga, pode cuidar com competência dessa parte musical...?!

- Obrigada, Iolanda, pela consideração!... Mas esses seus elogios vão acabar me deixando vaidosa! - ri, agradecendo com sinceridade - Se conseguir trocar a aula, irei com muito prazer, minha amiga!

- Será ótimo! Então estaremos te aguardando! Tchau... Um beijo!

- O mesmo para você!... - e ao desligar o telefone, pensa entusiasmada: "Tomara que eu consiga trocar a aula do Diego!... Acho que encontrei um caminho para chegar a Dona Clotilde!... Como ela está na faixa da Terceira Idade, talvez algumas de minhas companheiras a conheça!

Um farto lanche foi servido pela dona da casa. As componentes do grupo conversavam alegremente trocando idéias, enquanto degustavam as delícias colocadas sobre a bem arrumada mesa.

Ao término do mesmo, Iolanda pediu a palavra: - Companheiras, estive pensando em fazer uma programação diferente este ano! Além do café colonial, como de costume, acho que poderíamos apresentar um pequeno *show* para os nossos velhinhos... O que vocês acham ?!

- Excelente idéia! - apoia uma delas.

- Mas, para contratar artistas, o dinheiro que temos em caixa não é suficiente! - argumenta a tesoureira.

- Mas poderíamos usar *a prata da casa*! - sugere outra.

- Como assim...?! - pergunta Iolanda.

- Nós mesmos poderíamos apresentar uma pequena peça de teatro, para eles! - continua a última - Lá no Centro Espírita que eu freqüento, formamos um grupo de teatro. Tenho certeza que a turma iria colaborar com o maior prazer!

- Bem lembrado! - concorda outra, acrescentando - E na minha igreja, temos um excelente coral!

- E eu posso tocar teclado, com músicas antigas ao gosto deles! - se oferece Giovana entusiasmada com a idéia - Assim eles poderão dançar um pouco, se tiverem vontade!

- Isso é ótimo!!! - exclama alegre a presidente - Se tudo isso puder ser realizado, ficará excelente!

- E eu sugiro ainda outra coisa - volta a falar Giovana, lembrando-se do seu propósito - Poderemos procurar senhoras amigas ou conhecidas, para colaborarem com o lanche, assim, sobraria algum dinheiro do caixa para oferecermos flores às idosas.

- É uma idéia interessante... - aprova uma outra que até então se encontrava calada - Poderíamos fazer as visitas, duas juntas, para dar uma força maior ao pedido. Que tal, *topam* ?!

- Claro!... É bem melhor assim... - concorda Giovana.

Como a aprovação é unânime a todas as sugestões, elas começam a formar os pares, que se comprometem a fazer as visitas às prováveis colaboradoras e os convites ao grupo teatral e ao coro.

- Então, Mariana, está combinado! - fala Giovana para a sua companheira - Segunda-feira vamos procurar as suas duas vizinhas e essa senhora moradora recente, Dona Clotilde, que eu lhe falei... Por ser nova na cidade, deve estar ansiosa para fazer amigas. Pode ser até que ela queira se associar ao grupo!

Já retornando para casa, se sente satisfeita por ter participado da reunião. Por todos os motivos.

"Estou feliz! - pensa enquanto vai dirigindo - Não só pelo fato de ter conseguido um jeito de contatar a Dona Clotilde, como tinha intencionado!... Mas por ter participado também do convívio agradável com o grupo e, principalmente, pela possibilidade de poder levar alegria à vida tão sem estímulo dos velhinhos do Asilo."

Ao passar defronte a Igreja de São Francisco de Assis, ela olha para uma imagem deste, colocada num nicho embutido, sobre a grande porta principal. Sorrindo, fala baixinho: - Ah, meu santo querido! Estou muito feliz por poder me doar como "um instrumento da Paz Divina a levar alegria aonde houver tristeza!"... - e com fervor, faz uma pequena prece a Deus - Obrigada Meu Pai!... Obrigada por essa oportunidade!

Apesar do domingo ter amanhecido ensolarado com a temperatura mais elevada, Giovana ainda se encontrava na cama. Daniel ao seu lado lia o jornal. Enquanto isso as crianças com os brinquedos espalhados ao redor, brincavam distraídas sobre o carpete, apesar da televisão ligada frente a elas, estar exibindo um desenho animado.

Estimulada com a diminuição do frio, Giovana lembra de convidar Dona Isaltina para almoçar.

- Hoje está mais quente, querido... Assim ela poderá sair de casa. As duas, coitadas, ultimamente têm estado tão enclausuradas... Tão sozinhas naquele apartamento! Que tal, ao invés de almoçarmos fora, fazermos um churrasco de galeto, com massa...?

- Bem... - responde Daniel jogando o jornal no chão e se espreguiçando na cama - Para ser franco, estou com preguiça... Mas acho que tens razão. Ela tem sido tão atenciosa contigo.

- E a Juraci, que com tanto carinho está sempre fazendo doces e balas para as crianças ?!

- É... Pensando bem, devemos mesmo retribuir mais seguido essa atenção!

- Então vou telefonar agora mesmo! - e passando da palavra à ação, apanha o telefone na mesinha de cabeceira e liga para Dona Isaltina.

Com os cabelos quase brancos, presos a um coque no alto da cabeça e envolta em pesado xale de lã verde musgo sobre o longo casaco preto, Isaltina chegou sorridente. Apoiando-se elegantemente em sua bengala, sua aparência lembrava uma das figuras retratadas nas telas de Toulouse Lautrec.

- Queridos, que satisfação vir almoçar com vocês! - fala alegremente - Giovana, tu telefonaste na hora certa! Eu tinha acabado de falar com a Juraci, que hoje precisava estar com vocês! Não é verdade, Juraci ?

Esta, que vinha um pouco mais atrás carregando um grande embrulho e com um pequeno cesto pendurado ao braço, mal tem tempo de confirmar o que a senhora dissera, pois Maori tão logo a viu, correu para ela.

- Tia Ju!... O que *tá* trazendo aí...? - pergunta enquanto vai puxando pelo cesto, na certeza de que boa coisa haveria ali para eles.

- Espera, querido! Tia Ju já vai te dar! - e se abaixando, coloca o pacote no chão e com o cesto na mão, abre os braços para receber a ele e a Bianca que, com seus passinhos ainda inseguros, também vinha atrás do irmão.

- O pacote grande é do papai e neste cesto estão as balas de côco que eu fiz para vocês! - explica beijando os dois.

- Para mim...? - pergunta espantado Daniel.

- São uns livros, meu rapaz! Mas só vou te mostrar depois que nos acomodarmos após o almoço. É uma conversa um tanto longa!... - fala Isaltina em tom misterioso.

- Mas assim vai nos matar de curiosidade! - fala Giovana rindo.

- Eu não sei se vou agüentar deixar de abrir aquele pacote, *minha senhora*... Eu vou já mexer nele!!! - brinca Daniel com esta, abraçando-a.

- Nem pensar! É melhor preparar o seu galeto!- ela responde rindo - Se estás morrendo de curiosidade, eu estou morrendo de fome!

E o galeto assado por ele e a massa feita por Giovana, ficaram uma delícia, que foi degustada em curto espaço de tempo.

Assim que terminaram de almoçar, Juraci foi tomar conta das crianças, enquanto Isaltina se acomodava no sofá da sala, acompanhada do casal amigo.

Daniel abre finalmente o pacote e se admira com antigos livros de Direito, que pertenceram ao Juiz: - Dona Isaltina, esses livros são uma preciosidade! Difíceis de se encontrar hoje em dia!

- Realmente...- ela concorda, explicando - E são apenas alguns poucos que fazem parte da grande biblioteca formada por Teobaldo, durante toda a sua vida.

- Que beleza, querida amiga!... Mas por que para mim...?! - pergunta admirado - Não ia doar toda a biblioteca para a Universidade de Trilha das Palmeiras ?!

- Sim... Era meu intento! Mas mudei de idéia e quero oferecê-la toda para ti!

- Como...? Para mim ?! É um presente inestimável!... Jamais pensei em possuir algo assim! E a Universidade...?

- Para a Universidade vou doar o Diploma e as fotos de Teobaldo, relacionadas com o crescimento da Faculdade de Direito. Esta foi a primeira faculdade implantada na cidade e ele foi um dos seus primeiros catedráticos, tendo lecionado por anos a fio...

- Eu nem sei o que lhe dizer... - fala emocionado - Muito obrigado!

- Então trata de mandar buscar o restante, porque eu só pude trazer essa amostra! - diz sorrindo feliz.

Giovana, que até então se mantivera calada, olhando comovida a cena, pergunta curiosa: - Mas a senhora falou numa conversa longa... O que quis dizer com isso ?!

- Sim, querida... - olhando para ambos, suspira saudosa - É que esta noite passada eu tive um sonho... Um sonho lindo e nítido! Sonhei com o meu querido Teobaldo!

Isaltina se cala por alguns instantes, enquanto os olhos ganham um brilho de intensa felicidade. Os ouvintes atentos respeitam seu silêncio, apesar da expectativa plena de curiosidade.

Tentando conter a emoção, ela começa a relatar o que sonhara: - Eu estava aqui na casa, passeando pelo jardim interno... Quando cheguei frente à porta do antigo escritório, olhei para dentro...Teobaldo estava lá, em frente a estante, segurando um livro aberto nas mãos. Ao me ver sorriu, e me chamou: "Venha, querida, quero lhe dizer uma coisa!" Assim que cheguei junto a ele, beijou-me no rosto e fechando o livro, colocou-o na estante falando: "Veja... Eles têm que ficar no seu lugar!" - à medida que falava, sua voz ia diminuindo e tudo o mais ia ficando enevoado. A sua última frase então, soou quase inaudível - "Dia virá em que eles serão úteis àquele que segue adiante de meu caminho!"

Com os olhos cheios d'água, ela faz uma pausa para diminuir a emotividade que começa a embargar a sua voz. Pouco depois continua: - Acordei em seguida com o coração disparado pela emoção, sentindo ainda em meu rosto o calor do seu beijo. Eu sentira a sua presença!... Minha respiração arfava como se estivesse retornado de uma longa viagem pelo tempo. Compreendi então, que ele havia se referido a ti, Daniel! Entenderam agora, porque eu precisava falar com vocês ?!

Comovida, Giovana se apressa a responder: - Claro, Dona Isaltina... Os livros retornarão ao seu lugar!

Contudo Daniel emocionado, não consegue articular nenhuma palavra e fica olhando os livros pensativos: "Qual será o motivo que me levará a precisar desses livros? E o que o Juiz quis dizer com *seguir adiante o seu caminho*...?"

Estacionando o carro em frente à farmácia Verônica, Giovana, acompanhada da companheira Mariana, salta em frente ao portão de entrada da casa de Dona Clotilde.

Tendo conseguido o número do telefone desta, ela pudera marcar a visita.

O telefonema deixara a senhora comovida por ser lembrada e curiosa em conhecer as jovens que a visitariam. Assim fizera um bolo para oferecer a estas. Na hora aprazada, as esperava ansiosa e tão logo a campainha toca, ela vai atender ligeiro.

Após as apresentações, Dona Clotilde segue com elas para a sala de estar. Enquanto ela vai servindo o bolo com refrigerante, Giovana aborda o motivo da visita. Achando interessante o propósito do evento Clotilde, animada com a possibilidade de conhecer prováveis amigas, concorda amavelmente em ajudá-las no café colonial.

- Estamos muito felizes por ter aceito o nosso convite! - fala Mariana.

- Será de grande valia a sua ajuda, Dona Clotilde! - acrescenta Giovana.

- Sempre nos sentimos bem, quando somos úteis a alguém! - ela se mostra satisfeita e ao mesmo tempo curiosa - Que bom que vocês me convidaram... Mas, como se lembraram de mim, se eu ainda não conheço quase ninguém aqui na cidade...?

- Foi por acaso - conta sorrindo Giovana - Haviam me dito que junto à farmácia morava uma senhora que fazia tricô sob encomenda. Quando me informei na farmácia, me disseram que eu estava equivocada. Que a senhora e seu marido eram moradores recentes.

- Por isso, quando o grupo resolveu convidar senhoras da sociedade para colaborar conosco, Giovana se lembrou da senhora.- explica Mariana.

- Que ótima lembrança vocês tiveram!... Sabe, morei muitos anos na Capital e lá sempre me envolvi em grupos como esse...

- Mas, desculpa a minha curiosidade - volta a falar Mariana - Por que a senhora e seu marido resolveram se mudar para aqui ?!

- É que nosso único filho está radicado nos Estados Unidos. Formou família lá... Então achamos que na nossa idade, morar sozinhos numa cidade grande onde a violência e a insegurança crescem com muita rapidez hoje em dia, não é bom! Assim meu marido e eu,

resolvemos buscar a paz de uma cidade menor, onde temos sobrinhos e alguns parentes. E compramos esta casa.

- Qual é a sua família...?! Talvez eu conheça... - Mariana continua perguntando interessada.

- A família Borghetti. Tu a conheces ?!

- Claro!...Que coincidência! Cursei a Faculdade de Nutrição com a Sandra Borghetti. Fomos colegas de turma!

- Pois é a minha sobrinha! - esclarece satisfeita Dona Clotilde - Ela é um dos motivos de eu estar aqui em Trilha das Palmeiras! - porém, mudando de expressão, fala agora preocupada: - Só que não esperávamos encontrar assalto à mão armada, tão pertinho de nós! Ficamos um tanto decepcionados!

Giovana ouvindo isso pensa alvoroçada: "Meu Deus!... Eu é que não esperava entrar nesse assunto com tanta rapidez!" - e comenta em seguida, para não perder a oportunidade: - E a senhora viu como aconteceu...?!

- Sim... Eu estava na área de serviço, estendendo umas roupas que acabara de lavar na máquina.

Mais alvoroçada ainda, Giovana pensa: "Então eu estou certa! Lá embaixo é a parte de serviço!" - e continua perguntando: - E o que a senhora viu ?!

- Bem... Eu não vi... Ouvi quando uma voz de homem falou para outro não se encostar na janela, que poderia quebrar o vidro! Eu já ia reclamar com eles, quando escutei algo caindo no chão e uma voz de homem gritando: "Toma, é tudo teu!!!"... E um outro berrou "*Tá louco, cara*?"... E o outro gritou de novo uma coisa que eu não entendi direito. Acho que foi "idiota eu *tô* dispis...", não sei o quê!... E ouvi barulho de porta de carro bater e disparar mais abaixo... Aí começou a correria e a gritaria do dono da farmácia e eu fiquei morrendo de medo, de que pulassem para o quintal da minha casa! Só sei que estou com medo até hoje!

- Coitada da senhora, deve ter levado mesmo um susto enorme! - fala Mariana.

- É verdade!... Mas agora o Tibério mandou colocar uma grade cobrindo a janela basculante e uma série de pontas de ferro no correr do muro, para evitar que alguém pule por ele! Só que estão demorando a fazer o serviço. Já era para ter sido colocado em seguida!

Giovana com o coração disparado pensa tomada de grande excitação: "Jesus! Mal posso acreditar!... Consegui a testemunha que Dani precisa para salvar aqueles bugres!!!" E procurando não demonstrar o vulcão de alegria que está fervendo dentro dela, volta a falar: - E a senhora ficou sabendo o que aconteceu depois...?!

- Mais ou menos... Sei que prenderam dois bugres que juram inocência, mas eu não quis falar nada, para não me envolver nessa confusão! Afinal, me mudei para aqui em busca de segurança... A minha família me aconselhou a ficar calada, porque essa gente é muito vingativa!... Eles podem voltar para nos atacarem! - e com uma expressão de medo, confessa - Ficamos até um pouco arrependidos de termos nos mudado para aqui!

- Mas isso não é o comum nesta cidade!... A senhora não tenha receio... A vida aqui é muito boa! - fala Giovana sorrindo, na tentativa de ganhar a simpatia dela - Eu também me mudei a pouco menos de um ano e estou adorando morar aqui!

- A senhora vai gostar... - reforça Mariana - Vai conhecer o nosso grupo e, quem sabe, começa a participar ativamente dele ?!

- Seria uma ótima aquisição para nós! A senhora parece ser muito ativa!

Envaidecida com estas palavras, Dona Clotilde faz questão que elas conheçam a casa toda. Percorrendo-a, Giovana mais empolgada ainda por poder observar detidamente a parte de serviço, vai pensando: "Eu não acredito que isso esteja acontecendo! Ver o basculante pela parte de dentro, é sorte demais!". E imensamente feliz, faz uma prece:

"Obrigada Jesus... Tenho certeza de que foi Tua Luz que me indicou o caminho que poderá salvar aqueles inocentes!"

Após as crianças terem adormecido, Giovana foi para o escritório conversar com Daniel. Este, apesar de ter ficado muito satisfeito com a visita dela a Dona Clotilde, permaneceu com a expressão preocupada e um tanto calado durante o jantar. Até mesmo com as crianças falou pouco. Giovana percebendo que algo de desagradável deveria ter ocorrido durante o dia, não o pressionou para contar. Respeitou seu silêncio naquele momento. Entretanto, na quietude da noite, poderiam falar à vontade.

Sentando-se no braço da poltrona aonde ele se encontrava lendo, inicia a conversa: - Querido, o que está se passando...? Sinto que estás muito preocupado!

- É que eu perdi a causa do Otalício Freitas!... Não sei como, mas perdi completamente!

- Perdeu...?! - ela se espanta - E não podes recorrer...?!

- Claro que posso, querida!... Mas fiquei arrasado!... - e com olhar pensativo, comenta - Estou arquitetando uma saída... Por isso estou meio calado.

- Sei que irás encontrar essa saída! - sorrindo, procura animá-lo - Tens inteligência suficiente para conseguir!

- E se eu não conseguir...?! Como ficará meu cliente ?!

Ela fica pensativa por uns momentos, olhando para ele e acariciando sua cabeça. Então, volta a falar com firmeza: - Dani... Se acreditamos REALMENTE no que temos aprendido... Temos que entender que às vezes, apesar de lutarmos bastante por algo, somos apenas instrumento para que um resgate aconteça... Se o teu cliente tiver que passar por uma derrota necessária à sua existência presente, por uma questão de retorno... NINGUÉM, nem nada no mundo impedirá que isso aconteça!

Admirado com a coerência de suas palavras, ele admite: - É verdade, querida! Não havia pensado nisso!... Mas como é difícil à luz da lógica e da nossa existência terrena, aceitarmos derrotas com naturalidade!

- Só que numa aparente derrota nessa nossa vida física/material, está sempre escondida uma vitória espiritual!

- Mas dentro da nossa pequena visão, tão defeituosa, não é fácil entender isso... - fala pensativo - Assim como eu sei que devo compreender também, que além de aceitar a derrota, devo me analisar profundamente para ver aonde e o quê, preciso mudar em mim!... Obrigada, querida, pelo alerta! – e, comovido, toma de sua mão beijando-a carinhosamente.

- Mas isso não quer dizer que tu não lutes com toda a energia... Pois pode ser que o resgate esteja exatamente na luta pela vitória! - e beijando-o no rosto, levanta-se da poltrona - Bem... Vou te deixar agora. Sei que queres ficar estudando, então vou me deitar. O dia hoje foi muito cansativo e cheio de emoções novas...

Segurando-a pela mão, ele pede: - Espera um momento, querida!... Ainda não te agradeci o suficiente pelo excelente trabalho que fizeste! - e levantando-se também, se mostra arrependido - Me perdoa!... Fui egoísta! Fiquei tão abalado com a minha derrota, que não demonstrei o quanto foi importante tu encontrares Dona Clotilde!

- Oh, Dani... Que bom me falares assim!... Eu tinha ficado mesmo um pouco *murcha* com o teu silêncio...

- Admirei muito a tua atuação!... Quero que saibas que se eu conseguir salvar aqueles dois, terá sido pela tua capacidade em conceber um plano tão engenhoso!

- Também não precisa exagerar, querido!... Foi muito mais sorte e coincidência do que imaginação... - fala com modéstia, mas ao mesmo tempo envaidecida com os elogios do marido.

- Só que daqui para frente, sempre que precisar de um detetive eficiente, tu serás contratada! - fala brincando - E não poderás recusar!

- Vou pensar no teu caso! - brincando também, vai se retirando para o quarto - Boa noite, amor!... Vê se não demoras muito, *tá* ?!

- Vou tentar, querida! Boa noite também!... E em seguida, ele mergulha na leitura do processo. Porém, apesar de ter colocado o máximo da sua atenção para preparar a apelação, ainda não estava satisfeito com a estrutura que dera a esta.

Cansado, com o sono chegando, prefere deixar para finalizá-la na noite seguinte. Não queria trabalhar em cima desse processo lá no Fórum. A possibilidade de se deparar com Cristóvão ou mesmo apenas sentir a proximidade da sua presença perturbava-o. Assim, resolve se deitar.

Eram quatro grandes caixas que o rapaz do frete acabara de descarregar de sua caminhonete.

- Aonde é para colocar, Dona...? - pergunta este para Georgina, que o atendera no portão.

- No fundo da garagem, junto àquela porta! - responde esta, indicando-lhe o caminho.

Pouco depois do rapaz se retirar, Giovana sai de seu estúdio acompanhada de um aluno: - Hoje você foi muito bem, Gustavo. Está progredindo bastante!...

- Obrigado, professora... Até quarta-feira! - despedindo-se dela, sai em direção à rua.

- Meu Deus! - espanta-se Giovana ao ver as caixas - Tudo isso...?! Esses livros vão lotar as estantes!!!... Pobre do meu estúdio vai virar escritório!

Entretanto, lembrando-se da promessa feita a Isaltina, em colocar os livros de volta, suspira fundo - Fazer o quê ?!... - e dispondo-se a cumprir o prometido, ordena - Vamos ao trabalho, Georgina! Chama a Rosa para ajudar também! Preciso aproveitar essa manhã que não tenho mais nenhum aluno marcado!

Apesar de trabalharem ligeiro, entretanto, com o tempo dividido no atendimento às crianças, levaram quase duas horas para arrumarem tudo.

- Nossa mãe! - Rosa se assusta com a hora - Dez para as onze!!! Vou voltar correndo para a minha cozinha, senão quando o patrão chegar ao meio dia, não tem almoço pronto!

- Tens razão, Rosa... Vá ligeiro e obrigada pela ajuda! - e cansada, Giovana fica olhando para seu estúdio, pensando entristecida: "Que pena!... Perdeu todo o *charme* com essas estantes lotadas!... Mas... Também, não ficou feio... E afinal, esses livros são um belo dum patrimônio!"

Sentindo-se consolada, se aproxima das crianças que brincavam no jardim: - Acabou a brincadeira, queridos! É hora de tomar banho!... Venham com a mãe! - e levando-as pela mão, retiram-se para o interior da casa.

Assim que Daniel chegou, Giovana levou-o para ver o estúdio. Este se admira: - Como trabalhaste ligeiro, querida!... Mas mudou um pouco o aspecto do teu canto... Não estás aborrecida com isso ?! - preocupa-se ele.

- Não, já me conformei... Eles só podiam ficar aqui mesmo! Não temos outro lugar para colocá-los! Além disso, não é comum a um jovem advogado ter uma biblioteca tão valorosa assim! Devemos mesmo preservá-la!

- Só que às vezes, amor, terás que dividir um pouco o teu espaço comigo! - e num jeito brincalhão, pergunta - Quanto terei que pagar de aluguel ?!

- Saberás na hora certa! - responde ela, rindo.

Daniel se aproximando da estante alisa com admiração alguns volumes. Repentinamente um arrepio quente corre em suas costas. Uma luz de um amarelo bem claro, brilhante, inunda sua mente, enquanto uma voz fala em seu interior: "Sempre que precisares de minha ajuda, virei em teu auxílio!"...

Inesperadamente também, ele volta ao seu normal. Foi tudo tão rápido que Giovana um pouco mais adiante lendo alguns títulos, nada percebeu. Porém apreensiva com a hora, chama pelo marido.

- Vamos almoçar, querido! A comida já deve estar servida! – e abraçados entram na casa.

Daniel não conseguia dormir... O sono não vinha e sentia-se angustiado. As palavras maldosas de Cristóvão e as suas expressões de deboche, volta e meia vinham à lembrança, entremeadas de pensamentos negativos e recordações da existência passada quando ambos eram inimigos declarados.

Ele havia se deitado relativamente cedo. Não demorara muito para finalizar a apelação no caso Otalício, mas não ficara totalmente satisfeito. Temia perder a questão novamente.

Nem o carinho de Giovana, que dormia agora profundamente ao seu lado, conseguira libertá-lo da angústia que sentia. Deste modo, fingira adormecer, para que ela pudesse se entregar ao sono tranqüilamente.

"É melhor eu me levantar... Preciso parar de pensar tanta bobagem! Talvez andando me venha o sono... Enquanto isso vou reler novamente a apelação."

Pensando assim, ele se levanta com o maior cuidado para não acordar a esposa. E descendo as escadas, segue para seu escritório.

Sentado frente à sua mesa, com a cabeça apoiada na mão esquerda, vai lendo com vagar o que havia escrito. Mas sente-se inseguro: "Não sei, sinto que falta alguma coisa, mas não consigo atinar o quê!"

Meio desanimado, faz uma prece pedindo a Jesus que ilumine sua inteligência, para que ele consiga restabelecer a verdade no caso."

De repente lembra-se do Juiz: "Como ele julgaria esse caso...?" E apanhando o *xerox* da sentença, volta a analisá-la. Resolve então, anotar os itens referentes à sua análise em uma folha em branco.

Ao iniciar a escrita, uma leve dormência toma conta de seu braço. Sacode a mão na tentativa de ativar a circulação, pensando: "Devo estar com algum problema na coluna... *Droga*!... Acho que estou precisando fazer ginástica!"... Sentindo alívio, recomeça a escrever. Contudo a dormência retorna, dessa vez mais forte e antes que ele levante a mão do papel, é compelido a continuar escrevendo. Admirado, contra a sua vontade ele preenche totalmente a folha, ininterruptamente, numa letra mais graúda e sem muita coordenação. Ao término da escrita, ele lê a assinatura: *Seu amigo na espiritualidade, Teobaldo*. E tomado de grande emoção, recorda as palavras que ouvira em sua mente quando estava apreciando os livros do Juiz.

Ele nunca tinha psicografado e nem sabia como isso acontecia... Impressionado, começa a ler o que escrevera:

"*A angústia pelos desapontamentos, pelas traições e demais desmandos humanos, deve ser alijada de seu coração. Abra-o para o Amor Divino, o Amor que Jesus nos irradia e confie Nele. Confie na Justiça Divina de Nosso Pai Maior e confie também no auxílio de Xangô, guia espiritual da Justiça na Terra... Acalme-se. A calma oriunda do Amor de Jesus afasta os empecilhos do caminho, porque clareia o raciocínio. Ore com Fé e Confie! Aquilo que for produto da inveja, da ganância e da maldade humana, será afastado de seu caminho e do caminho de seu cliente. Aquilo que não faz parte do carma é retirado. Que ambos aceitem o que estão passando neste momento como prova, expiação. Aceitem, mas lutem por seus direitos orientados pela Justiça e pelo Bem. Não receiem, vocês sairão vitoriosos. A justiça dos homens é falha, mas a Justiça Divina é perfeita. Muitas vezes uma situação parece difícil, intransponível, mas como num passe de mágica, vem a vitória, o outro lado da moeda. Não desanime, meu jovem, confie e trabalhe com os olhos abertos e atento aos menores detalhes. Sabe que fui um Juiz na Terra. Portanto lidei muito com a alma do ser humano. Não é fácil se vencer as tentações do mundo material. Não é fácil dominar a matéria com as suas fraquezas. Perdoe a quem procura lhe fazer mal. Não guarde rancor em seu*

coração. O perdão é o bálsamo para o coração aflito. Perdoando se alcança a paz interior e com a paz, o raciocínio torna-se claro e alcança-se a vitória. Não se deixe perturbar pelos inimigos. E não reforce nessa vida atual, as inimizades de tempos idos. Ore por eles, conforme Jesus nos ensinou, para que a Harmonia se instale em seus corações, dissolvendo ódios passados.

Ouça sua Voz Interior. Ouça o seu Guia que sempre lhe acompanha. E que Jesus o abençoe!

Seu amigo na espiritualidade, Teobaldo.

Abismado, Daniel lê e relê o que acabara de escrever. Admirando o teor da escrita, sente-se tranqüilo, em paz. "Que lição maravilhosa recebi e que forte incentivo para lutar e confiar na vitória!" - pensa emocionado.

Sentindo ainda uma energia diferente envolvendo-o, percebe que não está sozinho. Deduz então que é o Dr. Teobaldo que se encontra ainda a seu lado e profundamente grato, dirige-se a ele em pensamento: "Obrigado amigo, obrigado por tudo! Sinto-me em paz e confiante na vitória advinda da Justiça Divina. E vou procurar seguir os seus conselhos! Muito obrigado!"

Ainda sob o impacto desse acontecimento, ele pensa: "Então é assim que se psicografa...?! Nunca pensei que isso acontecesse comigo!... Esta mensagem está me indicando que devo prestar mais atenção às menores coisas... O que será que existe nas entrelinhas desse processo...?" - e tomado de uma grande disposição, toma uma resolução: "Não vou me precipitar... Acho que estou no caminho certo, apelando da sentença, mas vou examinar detidamente mais uma vez o processo. Talvez exista alguma coisa importante que tenha me escapado e que eu possa usar dessa vez!"

Sentindo-se revigorado, recolhe os papéis espalhados sobre a mesa, guardando-os e, com especial carinho, coloca a mensagem na gaveta de seus pertences pessoais. Mal acabara de fechá-la, uma pergunta surge em sua mente: "*Todo esse empenho em resolver esta e outras questões, é realmente com o desejo de ajudar a quem precisa ou é conseqüência de vaidade em ser sempre um vencedor e, mais ainda, o desejo de ganhar a batalha sobre o seu opositor ?!"*

Surpreso com tal pensamento resolve meditar sobre ele. Suspirando fundo, procura se interiorizar e busca avaliar em seu íntimo a realidade de seus sentimentos...

"Confesso que tenho uma certa dose de vaidade... Acho bom ser vencedor, não gosto de perder... Confesso que gostaria também de revidar a arrogância e a antipatia do Cristóvão... Mas, são razões menores... O principal motivo que me leva a lutar, tenho certeza dentro de mim, é o desejo de ajudar a quem precisa, caso contrário, não teria escolhido ser Defensor Público. Teria lucros bem maiores se me dedicasse ao exercício de minha profissão, formando uma banca particular..."

Terminando essa auto-análise, sente-se em paz, satisfeito consigo mesmo. E essa paz adquirida lhe favorece o sono. Retornando a seu quarto, deita-se, adormecendo em seguida.

Logo após o almoço, Giovana e Daniel foram para o jardim com os filhos, para aproveitarem o pouco tempo que ainda dispunham antes do retorno ao trabalho. Brincavam com os filhos e se aqueciam ao calor do sol. Nisso o telefone toca e ela corre a atender.

Entusiasmada, Giovana retorna com a notícia que acabara de receber. Sua mãe chegaria dentro de dois dias, para ajudá-la na preparação da festa do primeiro aniversário de Bianca.

- Que ótimo, querida! Informa-me com antecedência o horário de sua chegada, para eu poder buscá-la na Rodoviária!... Faço questão disso!

- Vai deixá-la muito satisfeita, querido!...- e mais animada ainda, explica - Sabe, querido... Além de eu estar *morrendo* de saudades da mãe, é muito bom contar com a ajuda

dela. Não disponho de tempo livre para cuidar da decoração e etc... Assim ela fará tudo para mim!

- E os meus pais, ela disse quando eles virão ?!

- Sim... Na antevéspera da festa. E o tio Francisco também! - comunica feliz.

- Hum!!! - rindo ele comenta brincando - Então as ovelhas das duas paróquias vão ficar abandonadas! *Periga* dispersarem!...

- Seu bobo!... - retruca rindo da piada - Ah, e tem mais!... Como o tio e o teu pai voltarão em seguida...

- Por causa das ovelhas... - ele a interrompe, tornando a rir.

- Exatamente!... Então as duas resolveram ficar mais uma semana para participarem da festa da Terceira Idade... Não é *legal*...? Tua mãe poderá tocar piano também... Gostei muito da idéia!

Verificando a hora no relógio, Daniel avisa: - Já está na hora, querida! Apronta o Maori que eu vou deixá-lo na creche. Enquanto espero, cuidarei da Bianca.

Levantando a filha no colo, beija-a, falando carinhosamente: - Então, a minha princesinha querida já vai completar um aninho! E vai ter uma festa muito linda!!! - e passeando com ela no colo, sem querer, seu pensamento retorna ao dia do seu nascimento.

"Ainda bem que a Giovana realmente superou a crise da cirurgia e não se frustrou com a interrupção da sua carreira. Como ela está bem... Graças a Deus!!!... É incrível como tanta coisa aconteceu nesse ano!...Quantas experiências novas... E o retorno da minha sensibilidade mediúnica...? Tão rápido, que até me assusta! Sinto que a minha consciência se expande mais a cada dia... O que será que está para acontecer...?!"

- Obrigada, Dona Clotilde por me receber! - fala Giovana, tão logo é recebida pela senhora, entrando em sua casa.

- Mas como não iria recebê-la, minha jovem amiga? É um prazer conversar contigo!- e levando-a para a sala de visitas, convida-a a se acomodar - Venha, sente-se aqui! Aceitas um refrigerante?

- Não, obrigada... Não agora - recusa com um sorriso, um tanto encabulada.

A senhora, percebendo o constrangimento dela, procura deixá-la à vontade: - E os preparativos da festa, como estão indo ? Estou ansiosa para que chegue o dia!

- Estão correndo bem, Dona Clotilde. Aliás, quero cumprimentá-la pelos belos pensamentos que nos enviou. A sua idéia de colocar uns dizeres nas rosas que vamos oferecer aos homenageados, foi excelente.

- Fico feliz em saber disso! Se precisarem mais, é só me pedir. A minha vida toda gostei de escrever trovas e pensamentos. Tenho também uma boa coleção de autores conhecidos e desconhecidos...

Sentindo-se mais descontraída, Giovana dá início ao assunto que levou a visitá-la: - A senhora escreve muito bem! Aliás, foi lendo um de seus pensamentos, que resolvi procurá-la.

Sorrindo envaidecida, esta pergunta curiosa: - E posso saber qual deles...?

- "A vida só tem sentido, quando nos tornamos úteis aos nossos semelhantes"... Foi baseada nisso que vim conversar consigo. - ela esclarece ainda insegura.

- Pois confesso que fiquei curiosa em saber que assunto importante querias falar comigo...Então, acho que estás querendo me pedir algo... - sorri Dona Clotilde - Em que posso ser útil ?!

- Bem... Na visita que Mariana e eu lhe fizemos na semana passada, a senhora disse uma coisa que é de suma importância para meu marido.

- Para seu marido...?! - espanta-se ela - O que foi que eu disse de tão importante ?!

- Quando eu contei para ele a nossa vinda à sua casa, comentei a sua preocupação em relação à segurança aqui na cidade e o susto que a senhora levou com o assalto à farmácia...

- Sim... - interrompe Dona Clotilde que a essa altura, além de intrigada, sente-se temerosa - Mas o que tem isso de importante ?!

Percebendo o receio que se estampava no rosto dela, Giovana procura tranqüilizá-la: - Nada que lhe prejudique, Dona Clotilde! Não se preocupe... É que a senhora contou sobre os homens que se encostaram na janela basculante e o que se passara na calçada, após o assalto... E isso é muito, muito importante para salvar dois inocentes da cadeia.

- Mas o que o seu marido tem a ver com tudo isso ?

- É que ele é o Defensor Público e vai defender aqueles dois bugres que estão sendo acusados do assalto. E a senhora é a única testemunha que poderá ajudá-los!

- Mas querida... Eu nada vi, apenas ouvi!... Tu hás de compreender que se eu for testemunhar isso, corro perigo!... - declara esta já demonstrando seu receio e o desagrado por se envolver nesse assunto. - Ademais, essa raça de bugres é ladra por natureza... São perigosos, não me agrada nenhum envolvimento com eles!

Procurando esconder a irritação que tais palavras causam a ela, Giovana fala com paciência e educadamente: - Dona Clotilde, a senhora que é uma pessoa sensível e de bons sentimentos, deve compreender que em todas as raças existem pessoas boas e ruins. Não podemos condenar toda uma raça, por alguns de seus componentes de índole negativa...

- Mas todos os bugres que tenho conhecido são desse tipo! - continua esta intransigente em sua opinião já formada a respeito deles.

- Porém acredito que a senhora jamais tenha convivido com algum deles. Não é verdade...?

- Sim... - concorda a contra gosto - Mas o que se vê pelas ruas já dá para se fazer uma idéia de como eles são.

- E a grande quantidade de brancos que vê pelas ruas... São todas pessoas corretas...? Quantos assaltantes e criminosos são brancos! E, no entanto, nem por isso estigmatizamos a raça branca, como perigosa e desonesta!

- Mas afinal, Giovana, onde está querendo chegar ?!

- O que eu já lhe disse, Dona Clotilde. Esses bugres em questão são inocentes. Mas as provas circunstanciais os incriminam, porque não dispõem de nenhuma testemunha a seu favor. Percebe o quanto a senhora é importante ?!

- Mas por que defendes tanto os bugres...?

- Não somente a eles, mas a todos os que são minorias e menosprezados pela nossa raça branca que se julga superior... Sem dar o apoio e o incentivo necessário ao fortalecimento deles... E sobretudo os bugres, sim... Porque nos referimos a estes, não como cidadãos brasileiros, mas sempre como "bugres", índios, uma raça decadente em extinção. Nos esquecendo que eles eram os donos dessa nossa terra, antes da chegada da raça branca, que usurpou os seus direitos, roubando a terra que a eles pertencia... São eles os verdadeiros brasileiros por direito!- de repente Giovana se dá conta, ao ver a expressão de espanto de sua ouvinte, que estava se alongando demais e com emotividade exacerbada - Me perdoa, Dona Clotilde, estou extrapolando, mas esse é um assunto que mexe com meus sentimentos.

- Não, filha, nada tenho a te perdoar... Muito pelo contrário, estou apreciando o que estás expondo e a maneira como procuras defender aos nossos semelhantes... O que estás dizendo é cristão! É o que Jesus nos deixou de ensinamento o "amarmos uns aos outros" e que dificilmente cumprimos no decorrer de nossa existência... Continue, por favor!

Surpresa com o interesse despertado, ela volta ao propósito da sua visita: - Por isso, dona Clotilde é que vim lhe pedir o seu auxílio a esses pobres homens. Estão correndo o risco de serem presos por muitos anos, pagando por um crime que eles não cometeram. São uns pobres coitados que estavam no lugar errado, na hora errada! Somente com o seu testemunho, meu marido poderá ajudá-los. O que eu vim lhe pedir, é a sua concordância em receber o meu marido para que ele possa conversar consigo e expor a situação do ponto de vista judicial...A

senhora concordaria em conceder-lhe esse encontro ?! É um encontro informal, sem nenhum comprometimento de sua parte!

Giovana se cala aguardando uma resposta. Como essa não vem, pois dona Clotilde permanece calada, olhando-a pensativa, ela insiste: - Tenho certeza de que gostará de Daniel!... É um homem inteligente, bom, de caráter honesto e interessado em ajudar as pessoas que, pela falta de condições financeiras, não têm possibilidade de se defenderem dos poderosos... Por isso ele escolheu ser Defensor Público!... Sei que a senhora gostará de conversar com ele!

Sorrindo compreensiva, a senhora responde: - Minha jovem amiga, tu deverias ter se formado em Direito. Darias uma ótima advogada!... Estou também apreciando o amor e a admiração que demonstras pelo teu marido. Só por isso, sinto vontade de conhecê-lo... Está bem! Conseguiste!... Diz para ele me telefonar, marcando uma hora em que ambos estejamos disponíveis.

Feliz por ter obtido o que pretendia, Giovana se expressa alegremente: - Oh, Dona Clotilde... A senhora não imagina o quanto me deixa feliz essa sua aquiescência ao meu pedido! Eu sei que a senhora vai gostar muito do Daniel. Mas quero lhe avisar uma coisa...

Voltando a se preocupar, esta a interrompe: - Avisar o quê, minha jovem...? Disseste-me que é um encontro sem comprometimento...

Rindo, Giovana continua o que ia dizer: - Não se assuste! Estou só querendo lhe preparar para uma surpresa!...Porque esse homem que eu amo e aprecio tanto, é bugre!... Um bugre que teve a oportunidade através da educação que recebeu, de desenvolver a sua inteligência e as suas qualidades.

- Um bugre...?! - esta se espanta - Mas como o teu sobrenome, minha querida, é alemão? Não és casada legalmente com ele...?!

Giovana sorri compreensiva: - Sou sim... Meu sobrenome é o dele! Daniel tem o sobrenome de seus pais adotivos, Schmidt. Ele foi adotado ao nascer por um casal de alemães, que sentem muita admiração e amor pelo filho que têm! Seu pai é um pastor luterano, muito orgulhoso das qualidades de Daniel!

- Olha, minha jovem amiga, cresce mais ainda a minha curiosidade em conhecer o teu amado Daniel! Tenho certeza de que meu marido e eu nos sentiremos honrados com a sua visita... - e amavelmente convida - E venha junto com ele também, pois ainda não tiveste a ocasião de conhecer o meu marido, a quem amo com admiração semelhante a tua!

Após a noite em que recebera a mensagem espiritual, através da psicografia, Daniel se empenhara a fundo na leitura do processo de Otalício Freitas. No dia seguinte, ainda sem ter chegado a uma conclusão, em dado momento, sentira vontade de procurar entre os livros do juiz Teobaldo, algum que lhe esclarecesse uns itens da questão. Depois de uma minuciosa busca, encontrara o que precisava. A sua intuição estava certa... Achara uma jurisprudência sobre um caso semelhante ao do seu cliente. Era uma saída!... E assim, novamente dera entrada do processo na Justiça, recorrendo da sentença. Agora era só esperar o julgamento... Mas ele acreditava na vitória! Tinha dentro de si a certeza de que dessa vez, ganharia a questão.

Com o ânimo redobrado, trabalhou o resto da semana, cuidando de vários processos menores. Fechou os ouvidos às piadas mordazes que Cristóvão de vez enquanto dirigia a ele. Não mais estava se deixando irritar por essas provocações maldosas, simplesmente as ignorava. Levava o seu trabalho a sério, sem se perturbar.

Chegara finalmente a tarde de sexta-feira, tão ansiosamente esperada... A visita a Dona Clotilde, estava prevista para as dezessete horas.

Um pouco tenso, Daniel apanhou Giovana em casa, meia hora antes da hora marcada. Apesar da esperança que sentiam, o receio de receberem uma negativa estava presente em suas mentes, deixando-os inseguros.

Sorridente, dona Clotilde abriu a porta para eles, convidando-os a entrar. Um pouco mais atrás, seu marido os aguardava na entrada da sala de visitas. Com um largo sorriso, estende a mão para eles e com um aperto firme, apresenta-se:

- Muito prazer em recebê-los em minha casa! Tibério Himmer a seu dispor! - e encaminhando-os para dentro da sala, convida - Por favor, queiram sentar-se!

Dono de um temperamento afável, inspira simpatia à primeira vista. Aparentando descendência alemã, tem uma compleição robusta e alta estatura. Com a cabeça meio calva, seu rosto corado, ostentando um farto bigode, é iluminado pelo olhar alegre de seus olhos azuis. A barriga um tanto proeminente, denota talvez uma vida sedentária, além do gosto por uma cerveja. Seu jeito bonachão contrasta com o temperamento suave e o porte esbelto, elegante, de sua esposa.

- Minha mulher tem falado muito na senhora, Dona Giovana, mas vejo que não exagerou! - elogia a esta, enquanto vão se sentando. E em seguida, com seu sorriso simpático, dirige-se a Daniel - E o Senhor Defensor, me acompanha numa *cervejinha bock*, própria para o frio que anda fazendo...?

Este apesar de não apreciar muito esta bebida, aceita para ser gentil. Pressuroso, Tibério vai buscá-la enquanto Clotilde providencia uns salgadinhos que já se encontravam preparados, sobre o tampo do bar existente num dos cantos da sala.

A acolhida gentil dos donos da casa, mais o ambiente agradavelmente aquecido pela lareira acesa, deixou os visitantes mais descontraídos.

Após estarem todos acomodados, Clotilde resolve entrar diretamente no propósito da visita e de uma maneira educada, porém com a expressão séria, volta-se para Daniel: - Como já é de nosso conhecimento o assunto que o trás aqui em nossa casa, Doutor Daniel, acho melhor iniciarmos a nossa conversa. Gostaria que nos explicasse de um modo simples e preciso, o que tem a dizer.

Sentindo-se mais à vontade ainda, pela maneira direta com que a senhora abordou o assunto, ele expõe todo o caso dos acusados, nos mínimos detalhes. Auxiliado por Giovana, monta um quadro da vida simples e correta dos dois bugres, procurando provar para seus ouvintes, a inocência de seus clientes e a importância do testemunho em favor deles.

À medida que falava, era atentamente observado pelo casal que, sequer por uma vez, o interrompeu. Quando Daniel, disfarçando a tensa expectativa que está sentindo, dá por encerrado o seu relato, Clotilde fala dirigindo-se a Giovana.

- Minha jovem amiga... Estás de parabéns! Teu marido é tudo aquilo que me descreveste e mais ainda! - e voltando-se para este afirma - O senhor, Doutor Daniel tem o dom da palavra!... E um timbre de voz que transmite honestidade. Portanto me deixou convencida de que seus clientes nada têm a ver com o assalto... E o que eu ouvi, comprova isso sobejamente! - e em seguida, pergunta a opinião do marido - O que achas, Tibério, concordas comigo...?!

- Creio que tens razão, *minha velha*... Concordo contigo! Eu também estou convencido de que os bugres falaram a verdade e que não devem pagar por um ato que não cometeram... Não obstante... - agora se dirigindo a Daniel - Preciso saber que implicações poderão surgir para a minha mulher, caso ela resolva ser testemunha neste julgamento... Aceitar ou não o seu pedido, fica à critério dela! Apenas quero salvaguardá-la de qualquer situação desagradável.

Tendo recebido as explicações necessárias quanto à proteção e segurança de sua esposa, visto que o testemunho desta não acusava ninguém, apenas inocentava os bugres, Tibério se dá por satisfeito. E, extremamente felizes, Daniel e Giovana ouvem a declaração de Dona Clotilde:

- Bem... Meu caro Defensor Público, podes contar comigo. Serei tua testemunha perante o Tribunal!

Manhã clara de céu azul sem nuvens. Prenúncio da primavera que em breve chegaria... O frio se despedindo aos poucos, vai deixando todos mais dispostos. Animadas, as pessoas começam a transitar pelas ruas com maior freqüência.

Georgina levara as crianças para brincar um pouco na praça, enquanto Giovana preparava o quarto para a chegada da mãe. As três aulas marcadas para esse dia e mais a ida ao super mercado, ocupariam seu dia inteiro. E o horário da chegada de Adriana estava previsto para as seis horas da tarde.

"Ainda bem que o Dani vai poder apanhar a mãe na rodoviária, senão ia complicar para mim!... Que bom que ela vai chegar!!!... *Tô louca* de saudades! E as crianças vão *adorar* ficar com a avó!... E pensando nisso, acho que vou pedir para ela cuidar deles durante o domingo, para que eu possa ir na Reserva com o Dani... Ele gostaria muito!..." - e alegre, enquanto arruma as rosas na jarra sobre a cômoda, murmura feliz para si mesma: - Como é bom ter a mãe da gente por perto!!!

A manhã ensolarada convidava mesmo a um passeio... A estrada, subindo e descendo as coxilhas, cortava o campo todo cultivado em ambos os lados, a perder de vista. Era o trigo de inverno crescendo num verde vivo, brilhante à luz do sol, prometendo uma farta colheita em outubro. Uma paisagem linda, encantando os olhos dos que por ali passavam.

Dirigindo em velocidade moderada, a fim de apreciar o panorama, Daniel comenta feliz: - Eu nem acredito ainda que conseguimos a declaração de Dona Clotilde! Por escrito e já anexada ao processo!... Parece até um milagre!

- É verdade, Dani... Pura proteção Divina!... Foi tanta coincidência...Com tudo acontecendo tão depressa e no momento certo, que mais parece um sonho!

- Estou pensando é na alegria que meus clientes vão sentir!... Vai ser um alívio para eles e uma grande esperança!

- Será que vai demorar muito a sair o julgamento...?! - pergunta Giovana ansiosa.

- Sempre demora... Mas eu vou *batalhar* para que ele aconteça mais depressa!

A paisagem ia mudando à medida que iam se aproximando da Reserva. As coxilhas mais acidentadas, já não apresentavam lavouras. Existiam agora grandes áreas de reflorestamento, entremeadas por arvoredo nativo.

Diminuindo a marcha do carro, Daniel entra em uma estrada vicinal, de terra empedrada. Após uns quinze quilômetros adentro, eles chegam no povoado indígena.

Apesar de prevenida pelo marido, Giovana se assusta com a pobreza existente. Ela não esperava tanto abandono...Compreende então o porquê da preocupação e profunda tristeza que Daniel sente em relação ao seu povo. Seu coração se enche de amargura.

Entretanto, a tristeza da chegada é suavizada pela alegria com que são recepcionados pelos bugres. Quando, então, ficam sabendo da boa nova, não cabem em si de contentes.

- Doutor, isso que o senhor *tá* dizendo é como música de festa nos ouvidos da gente! - fala emocionado Jurupanã. - Soa como os atabaques tocando em nossas cerimônias!

- Eu não te dizia que as minhas rezas iam dar resultado bom...?! - fala a índia velha, com o seu alegre sorriso desdentado.

- Mas continua rezando firme, Guaraciara, porque temos ainda o julgamento pela frente! Só estou contando que consegui uma excelente testemunha que pode ajudar muito! - pede Daniel com receio de que eles acreditem estar tudo concluído.

- Sim, a mãe vai continuar rezando! Nós sabemos que o julgamento é uma coisa demorada... - fala Juruna - Temos confiança no Doutor, mas no fim, tudo vai depender do Nosso Pai lá em cima!

Comovido com a fé do jovem bugre, agradece a este a confiança depositada nele.

- Colocarei a minha energia e também a minha fé para vencer este julgamento e libertar vocês dessa injusta acusação!

Giovana, rodeada pelas crianças, é alvo da atenção de todos. Conquistara também a simpatia e a confiança deles. E foi difícil convencê-los de que não poderiam ficar muito tempo, que precisavam retornar em seguida... Foi preciso aceitar um convite para voltar na próxima semana. Queriam que eles comessem, com eles, do bolo de mandioca que era a especialidade das mulheres da Reserva.

Feita a promessa eles partiram... Haviam chegado alegres e voltavam agora deprimidos, pela visão de miséria e abandono.

Por todo o tempo do trajeto pela vicinal de terra, permaneceram calados, pensando, até que Daniel quebrou o silêncio: - Desde que vim aqui pela primeira vez, fico imaginando que se não tivesse sido adotado por meus pais, eu certamente seria um deles!... Por que tal privilégio para comigo...?

- Não sei, Dani... Mas... - reticente ela expõe o pensamento que lhe veio à mente - Mas será que este privilégio não terá algo a ver com a missão que Potira, tua mãe índia, te alertou em teus sonhos...?

- Talvez... Pode ser... Porque tenho pensado seriamente em tentar conseguir junto ao governo, que instalem aqui um posto de saúde com uma farmácia, para que eles não necessitem ir à cidade em busca de tratamento. Muitas vezes até chegam lá sem condições de sobrevivência!

- Quem sabe se não é esse o começo, querido!

- Não terá sido isso que o Juiz falou com dona Isaltina em seu sonho, que eu era "aquele que seguiria adiante de seu caminho"...?! Se ele mantinha um atendimento para as mães guaranis... Talvez seja isso. Como eu não tenho dinheiro suficiente para realizar isso sozinho, devo tentar conseguir através da FUNAI. O que achas...?

- Faz sentido, querido! E pode contar comigo!!!

- Eu sei, amor!... Em todas as nossas vidas, sempre pude contar contigo! Acho que não somos apenas almas irmãs, somos almas gêmeas!

Envoltos na energia do amor, continuaram pelo resto da viagem a trocar idéias e, animados, chegaram em casa a tempo de almoçarem fora, com as crianças e a avó Adriana.

Com a chegada dos sogros e do tio, Giovana suspendera por uma semana as suas aulas, para acomodá-los na casa. As avós ficaram no quarto ao lado dos netos e Tomás e Francisco se alojaram no estúdio. O movimento da casa tornou-se intenso e as empregadas se desdobravam para que tudo corresse conforme Giovana ordenara. A alegria era uma constante entre os membros da família.

Dia seguinte a chegada destes, aconteceu a festa da Bianca. Que foi um sucesso!... Centenas de balões formando cordões coloridos completaram a decoração baseada na Turma *Baby Disney*. Tudo trabalho da avó Adriana. A mesa enfeitada com a *Minnie* e seus amiguinhos estava repleta de guloseimas, que fez a alegria das crianças que compareceram ao aniversário.

Giovana com seu temperamento extrovertido, já fizera muitas amizades na cidade e a maioria de suas amigas tinha filhos pequenos. Assim a festa bastante concorrida, transcorreu alegre, animada com muitas brincadeiras. Entretanto, quem mais aproveitou a folia, foi Maori... Encantado com os presentes da irmã, brincou com vários deles até tarde da noite. Ao

passo que a aniversariante, bem cedo, cansada na sua estréia festiva, adormeceu no colo da avó Elisa.

Passados dois dias, tendo Tomás e Francisco demonstrado desejo de conhecer a Reserva Iguamirim, Daniel os levou até lá. As crianças ficaram aos cuidados das duas avós, para que Giovana pudesse acompanhá-los e assim cumprir o que prometera, quando da sua visita anterior aos bugres.

Recebidos com agrado pelos habitantes do pequeno povoado, os quatro visitantes lá permaneceram, por mais de duas horas. Saborearam o bolo de mandioca e tomaram da bebida também preparada pelos índios, que se sentiram honrados com a presença deles. Principalmente pelo cumprimento da promessa feita anteriormente.

Tomás, muito interessado em conhecer a vida que os bugres levavam, procurou conversar com vários deles, enquanto percorria a aldeia na companhia de Daniel.

A pequena igreja, toda construída em madeira, chamou logo a atenção de Francisco, que foi vê-la de perto. Curioso em conhecer o seu interior, teve a sorte de se encontrar com o padre daquela pequena paróquia, que casualmente se encontrava arrumando o altar. Numa longa conversa, colheu muitas informações interessantes, que talvez pudessem facilitar mais ainda, o convívio de Daniel com os guaranis daquela reserva.

Humanitário e inteligente, o jovem padre Honório ao invés de abolir totalmente as poucas tradições indígenas que ainda fazem parte da vida da comunidade, consegue transmitir a fé cristã associada aos seus ritos religiosos. Sentindo-se à vontade com Francisco, este explica o seu jeito de agir.

- Eu procuro não me impor aos bugres, respeitando a sua maneira de pensar. Convivo amigavelmente com eles, tentando mostrar, sem forçá-los a nada, a nossa crença e o nosso modo de encarar a vida.

- Muito interessante... E tem conseguido bons resultados ?!

- Penso que sim... Apesar de ser um processo lento, conquistei a confiança deles e tenho conseguido realizar a tarefa cristã, de acordo com as minhas idéias...- e sorrindo, faz uma confissão - Espero, confiante em Deus, que meus superiores não discordem de mim, porque caso contrário, serei capaz de largar a batina para continuar um trabalho que a meu ver, apesar de pequeno, considero importante.

Apreciando a dedicação do jovem padre, aos índios, Francisco lhe diz: - Todo trabalho, irmão, feito com amor verdadeiro, só pode dar bons frutos. Não desanime!... Que Jesus o ilumine sempre para que continue com esta boa energia que tem! - e se despedindo de Honório, vai ao encontro de Giovana, que estava na escola ao lado, reunida com várias mulheres e crianças.

- Vim buscá-la, querida, pois está quase na hora da nossa partida. Seu marido já me acenou de longe!...

Despedindo-se das bugras e seus filhos, ela se retira com o tio, acompanhada de Guaraciara e Jacira. Quando passam defronte à palhoça de Jacira, esta pede que aguarde um momento, entrando em casa junto com a sogra. Retornam em seguida, com um lindo cesto de palha trançada, adornado com penas e contas coloridas e um pequeno vaso de barro, pintado em cores vivas.

Um tanto encabuladas e receosas de não agradarem, entregam seus trabalhos para Giovana: - Nós duas fizemos para a senhora... Estão prontos há vários dias, esperando que voltasse aqui.

Apreciadora de artesanato, esta realmente se encanta com os presentes e, comovida, agradece as bugras com um abraço amigo: - São muito lindos!... Vão enfeitar o meu estúdio!... Gostei de verdade! Muito obrigada!

Sensibilizados com o carinho dos bugres, após as despedidas, entram no carro, seguindo viagem. Apesar de Daniel dirigir mais apressado, ao entrar no asfalto, a volta transcorria tranqüila, repleta de comentários e troca de informações.

Tomás referindo-se ao desejo de Daniel em ajudar aos índios, aconselha: - Tenha cautela, filho...Não comeces nada, que não possas levar avante. Porque, pior que o abandono é a frustração de um auxílio interrompido. Tu ainda és muito jovem, firmando tua carreira e com filhos pequenos, que necessitam de muita atenção... Faça apenas o que estiver ao teu alcance. Continua a defendê-los quando for necessário, sempre atento às injustiças, como estás fazendo agora nesse caso do assalto. Contar com alguém para defendê-los, já é de grande valia para eles...

- A grande carência deles me aflige, pai, mas tu tens razão!... Teus conselhos, durante toda a minha vida, têm sido muito importantes para mim... Aliás... - ele ia continuar expondo a sua gratidão quando, neste momento, surge no meio da estrada, descendo do alto da coxilha em que eles estavam subindo, um homem todo ensangüentado, com o andar trôpego, acenando em desespero.

Daniel diminui rapidamente a velocidade do carro e desviando do pedestre, estaciona no acostamento. Saltando ligeiro, vai ao encontro do ferido, falando aflito: Meus Deus!... O que aconteceu ?!... Por pouco não te atropelo!!!

- Moço, por favor, ajuda!... - fala este enfraquecido pela perda de sangue - *Tá* quase... todo mundo... morto lá embaixo!... Ajuda... Eu não tive... culpa... foi a barra da... direção... - e meio desfalecido pela perda do sangue que jorrava de um profundo corte em seu braço, vai caindo ao chão. Daniel o ampara e auxiliado por Francisco e Tomás, que também já haviam saltado do carro, colocam o homem deitado sobre a grama do acostamento.

Daniel pede a Giovana, que acabara de chegar apavorada junto a eles, que apanhasse no porta luvas do carro o estojo de primeiros socorros. Nesse momento, um carro particular também pára e o motorista ao olhar a cena, pergunta aflito em que poderia ajudar...

- Graças a Deus apareceste agora! - fala Daniel apressado para ele - Esse homem disse que tem um horrível acidente lá mais adiante, com muitos mortos. Avisa a polícia rodoviária sobre o acidente, requisitando uma ambulância com urgência... Mas tenha cuidado, porque não se sabe o que aconteceu lá embaixo!

O motorista concordando, sai em seguida... Giovana retorna com o estojo e Daniel deixando o ferido aos cuidados de Tomás, que a essa altura já estava tentando fazer um torniquete para estancar o sangue do pobre homem, corre ladeira acima acompanhado por Francisco.

Ao chegar no alto, sofrem um impacto. O que vêem é dantesco!

Um caminhão se achava enviesado na estrada, por sobre uma caminhonete totalmente destruída. Sangue e gemidos por toda a parte... Corpos atirados sobre o leito da estrada... Outros esmagados entre as ferragens distorcidas. Era um espetáculo terrível, desesperador!...

Horrorizados, eles não sabem nem por onde começar a ajudar. Olhando angustiado os mortos e os feridos, Daniel verifica que são bugres que viajavam no bagageiro aberto e desprotegido da caminhonete. Pelas malas e sacolas arrebentadas, espalhadas pelo chão, ele deduz que estes deviam estar retornando ou se mudando para a Reserva.

De repente, sente-se incrivelmente tonto. Apoiando-se no que sobrara da caminhonete, fecha os olhos procurando se equilibrar... Em seguida sentindo-se melhor, abre os olhos e o que enxerga, deixa-o confuso e estarrecido... Incrédulo, olha ao seu redor... Não estava mais no local do acidente!... Estava nas Missões de antigamente, olhando os índios massacrados...

Com o coração descompassado, desesperado, torna a fechar os olhos tentando apagar aquela visão terrível e, ao ouvir uma voz fraca pedindo socorro pouco atrás de onde se encontrava, teme abri-los novamente. Mas o pedido angustiado faz com que ele se volte e abrindo os olhos, se encontra novamente no presente. Aquela visão não passara de um rápido *flash* em sua mente.

Consternado, se depara com uma jovem que não deveria ter mais de quinze ou dezesseis anos, caída de costas junto aos destroços da caminhonete. Com a cabeça ensangüentada,

gemendo fracamente, ela abraçava a barriga volumosa de uns oito ou nove meses de gravidez, como se estivesse tentando proteger o filho no ventre...

Já equilibrado, Daniel se ajoelha ao lado dela e afagando de leve a sua mão fala com carinho: - Nós vamos te ajudar, filha... Não te movimentes, por favor... Não sei quantas fraturas existem... Já chamamos a ambulância e logo serás atendida...

- Meu filho... Salva meu filho, *seu* doutor... Acho que ele está nascendo!... Aiiii! - gritando, ela se contorce - Me ajuda!!! Aiiii!!!

Daniel sem saber o que fazer, apenas segura com força a mão da jovem. Aliviado, escuta o som da sirene se aproximando. Estavam perto da Polícia Rodoviária e não muito longe da cidade vizinha a Reserva, portanto o socorro chegou rápido.

Pouco depois da patrulha policial, chega também a ambulância. A jovem parturiente tem a prioridade no atendimento e tendo sido constatada a ausência de fraturas sérias em seu corpo, o médico pede a Daniel: - Pode levá-la em seu carro para o hospital...? Ela não pode esperar muito mais aqui... A pancada na cabeça foi muito violenta e a criança já está nascendo!

- Mas é claro, Doutor! Vou trazer o carro mais para perto! Volto em seguida! - e sai em desabalada corrida.

Apenas Giovana o acompanhou no carro, para que a jovem índia ficasse acomodada no banco traseiro. Abaixando a parte de cima do banco da frente e, sentando-se nele de costas para a direção, ela cuidava atentamente da jovem, para que esta não caísse com os movimentos do carro. Em meio às dores do parto e ao sofrimento pela pancada na cabeça, com a voz fraca, tiritando de frio, esta tenta falar com Giovana.

- Dona... Eu sei que vou morrer...

- Não fala isso, filha... Estou rezando por você...Nossa Senhora vai lhe ajudar... - tentando transmitir energia para ela, Giovana aperta com mais firmeza a sua mão e contém a custo as lágrimas de piedade que começam a brotar em seus olhos - Logo estará no hospital e tudo vai correr bem! Você não vai morrer...

- Mas eu... preciso falar... - com a voz cada vez mais fraca, ela insiste. Perdendo as forças, vai deixando de gemer.

Para entender o que ela procurava dizer, foi preciso Giovana colocar seu ouvido junto ao rosto dela - Tá ficando... tudo escuro... Dona... cuida... meu filho... meus pais... morreram lá... meu filho... sozinho... Tá escuro... muito es........... E a sua voz vai sumindo e as suas forças se esvaindo...

- Daniel!!! - grita angustiada - Ela desmaiou!...O que eu faço ???

- Calma, querida... Estamos chegando!

Sem sentidos ela é levada às pressas na maca do hospital... Milagrosamente a criança nasce bem... É um menino. Sua formação estava completa, indicando quase nove meses de gestação. Um bebê sadio. Um lindo bebê guarani... Mas, infelizmente, devido a uma enorme hemorragia interna, a jovem mãe não sobrevive por muito tempo...

Giovana, muito abalada com tudo, vai com Daniel até ao berçário para verem a criança. O pediatra de plantão, acabando de examiná-la, comenta com eles: - A vida tem que ter mesmo uma finalidade maior do que podemos enxergar... - comenta este entristecido - Só assim poderemos tentar aceitar tragédias como essa!... Vocês salvaram a vida dessa criança, mas... Qual será o destino desse menino ?!

- Me deixa segurá-lo um pouco, Doutor... - pede Giovana com os olhos cheios d'água. Aconchegando o bebê em seu seio, aproxima-se do marido, já com as lágrimas deslizando pelo rosto. Com a voz entrecortada pela emoção, fala para este: - Veja, Dani... Veja, querido... É o nosso terceiro filho!... Nasceu em nossos braços!... Ele não é um amor...?!

Daniel, extremamente comovido, mal consegue responder: - Tens razão, querida... Tens toda razão!...- e com os olhos marejados de lágrimas, confirma - O nosso terceiro filho é tão lindo quanto os irmãos!

Giovana sorrindo, olhando bem para o rostinho do bebê, afirma com suavidade: - E é igualzinho ao pai!...

O pediatra que ficara observando enternecido esta cena, pergunta então aos dois: - Vocês estão querendo adotar a criança...?

- Não estamos querendo, Doutor... - responde Giovana ainda sob forte emoção - Ele já é nosso!... Sentindo que ia morrer, a mãe nos deu seu bebê pouco antes de perder os sentidos...

- Então temos que comunicar ao juizado de menores, para que seja feita a adoção legal. Enquanto isso, a criança terá que ficar no berçário do hospital.

- Não! - exclama Giovana - O nosso filho não vai ficar abandonado num hospital! Não deixa, Dani! Não é justo!

Daniel prevendo que isso iria acontecer, já havia retirado sua carteira do bolso e mostrando seus documentos ao médico, fala com firmeza: - Deixarei todos os meus dados com o senhor e tratarei da parte legal, mais tarde. O senhor como pediatra, bem sabe que não convém a um bebê, ficar longe do carinho materno... Principalmente após um parto tão traumático!

- Tenho a mesma opinião sua, doutor Daniel... Mas compreenda também, que tenho deveres a cumprir! - porém, ao examinar os documentos, prontifica-se imediatamente a ajudar a encontrar uma solução - Entretanto, como se trata de um Defensor Público, vou tentar obter junto ao Juiz de Menores, uma autorização para a retirada da criança. Vou telefonar para a sua casa.

- Eu lhe agradeço imensamente!... Doutor... ?

- Correia, Arnaldo Correia... - responde este sorrindo com simpatia - Espero encontrar o Dr. Fernandes sem demora.

- Ficaremos aguardando aqui no hospital.

Enquanto esperam, ambos ficam olhando para o bebê, que dormia tranqüilo no colo de Giovana e se perguntam que nome dariam a ele.

- Já que ele se parece comigo, por que não Daniel...?

- Penso que não, querido... Não gosto de repetir nomes, nem de pai, nem de mãe... Os filhos, depois, sentem-se na obrigação de se parecerem em tudo com os pais. Não acho *legal*!

- Então, o que sugeres...?

- Lembra, querido, do que conversamos após o nascimento da Bianca... ? Lembra que eu disse que gostaria de um nome bem brasileiro para o nosso terceiro filho ?!

- Sim... Se é o que tu desejas, querida, para mim está muito bem! Mas, que nome gostarias...?!

- Pedro... Pois afinal só tivemos dois imperadores no Brasil e ambos se chamavam Pedro... E quem descobriu o Brasil...?! Existe nome mais brasileiro do que Pedro...?!

- É uma idéia!... Bem... Gostei! É um nome bonito e forte - e abaixando a mantilha, descobrindo o rostinho do bebê, sorri para ele - Tu, meu filho, serás Pedro Albanese Schmidt...?! Brasileiro, italiano, alemão. Que mistura, *hein*, meu pequeno guarani...?

Giovana dá uma risada achando graça do marido. Porém, ao voltar-se para este, se surpreende com a sua expressão repentinamente séria, de olhar distante.

- Dani, o que houve... ? Estás passando mal ?! - pergunta preocupada.

- Não, querida... Desculpa preocupá-la! É que de repente me lembrei de uma rápida e terrível visão, que tive hoje no local do acidente... E que tem algo a ver com os descobridores do Brasil. E como falaste agora no descobrimento...

- Como assim ?! Por quê...?

- Porque é tanta comemoração festiva e cívica em torno dessa data... E, no entanto para a raça indígena, dona desta terra por direito, o que ela representa senão destruição, mortandade e o início da sua decadência ?!

- *Oh*, querido...Nunca pensei nisso. Mas pensando bem, acho que tens razão!

Com tais lembranças, começam a se envolver numa energia de tristeza, porém felizmente, chega o Doutor Correia participando satisfeito: - Vocês deram sorte! Encontrei o Juiz Fernandes em casa. Dada as circunstâncias, me autorizou por telefone a entregar-lhes o bebê, desde que deixem assinado comigo, um termo de compromisso de retornarem aqui dentro de sete dias, afim de sejam tomadas as providências legais!

- Claro, Doutor!... Está perfeito assim! Aonde poderemos assinar este termo?

- Aqui mesmo, no consultório do hospital.

Assim que tudo ficou acertado, Giovana entregou Pedro para Daniel: - Cuida dele um pouco, querido... Vou até o berçário providenciar o necessário para o restante da viagem. Mamadeira, fralda descartável, etc...Quando chegarmos em casa, irei ao supermercado para comprar tudo o que ele precisa.

Sentado na sala de espera, que se encontrava vazia, pela primeira vez Daniel aconchega o filho em seus braços. Este começava a acordar... Quando seus olhinhos se abriram, Daniel foi tomado de uma grande emoção!... Por uma fração de segundo, o olhar do pequenino guarani ficou profundo... Um olhar adulto, como se quisesse dizer algo. Sentindo uma onda de amor a envolvê-lo, Daniel percebeu, teve a certeza, de que o espírito que estava ocupando aquele corpinho era um espírito muito amado, de muitas vidas...

Beijando o filho com ternura, murmura apertando-o de encontro a si: - Um dia eu saberei quem és tu, meu querido... Pedro, meu filho muito amado!

Ainda estava sob tal emoção, quando entram na sala Tomás e Francisco. Estes haviam permanecido todo este tempo ajudando os policiais e os bombeiros junto aos acidentados e só agora tinham sido liberados. O carro da polícia acabara de deixá-los no hospital, cansados, tristes e perplexos com tudo o que assistiram e acompanharam de perto.

- Nos informaram de que vocês estariam aqui...- fala Tomás exaurido - Tu não imaginas, meu filho, o que foram essas horas... Foi terrível o que passamos lá!

- Fizemos a prece para oito mortos... E rezamos também pelos dois feridos, que vieram para cá em estado gravíssimo. - diz Francisco.

Só então percebem que Daniel está com o bebê no colo e notando a ausência de Giovana, ambos estranham a situação.

- Então a criança nasceu com vida, graças a Deus!...Mas, a mãe como está ?! - pergunta Francisco - A Giovana, está com ela ?!

- Por que o bebê está contigo, filho e não no berçário ?! - indaga Tomás, intrigado.

Nesse momento entra Giovana carregando uma sacola de plástico e sorrindo, dirige-se ao sogro: - Porque é o nosso terceiro filho que chegou para nós! - olhando em direção ao tio, fala enternecida - Foi Deus quem colocou o Pedrinho em nossos braços!

Ambos se surpreendem e antes que possam falar alguma coisa, Daniel se apressa a dizer: - Pai, a nossa estória se repete!... Agora eu sei o que tu e a mãe sentiram quando me receberam em seus braços cheios de amor!... - e se aproximando dele, estende o filho para que este o acolha - Segura ele também, pai. Segura o teu quinto neto!

E em meio a essas emoções, entre beijos e abraços, eles retomam a viagem de volta, chegando em casa quase quatro horas mais tarde além do previsto!

Depois de todos acomodados, Daniel e Giovana ficaram ainda admirando o pequenino Pedro em seu berço improvisado.

- Chegaste fazendo enorme sucesso no meio da sua família, *hein*, meu gurizinho...?! - fala Daniel encantado com o novo filho.

- É... Graças a Deus as crianças aceitaram bem a chegada repentina de um novo irmão...

- Mas graças a ti também, querida... Soubeste lidar com muita naturalidade com os dois... És uma psicóloga nata!

- Achei uma graça as avós disputando a primazia de embalá-lo nos braços...- ela sorri relembrando o fato, enquanto fazia uma leve carícia no rostinho deste, que começava a se mexer, querendo acordar.

- E o Maori, que a princípio ficou olhando desconfiado, meio de lado, acabou por se encantar com o irmão...

- Quando ele disse, "Eu vou ensinar ele a jogar bola, *né* mãe...?!", foi o momento em que começou aceitar a idéia de ter um irmãozinho.

Pedro, mexendo os pequeninos braços, franze o rostinho querendo chorar, mostrando que a fome está chegando. Giovana retira-o do berço, indo apanhar a mamadeira: - A mãe vai te dar o mamá, meu amor.

Enquanto ela cuida do bebê, Daniel vai se deitar. Semi-encostado na cama, fica pensando em tudo o que acontecera.

"Mas por que, Meu Deus, uma criança nasce em meio a tanta tragédia...?! Que desastre terrível!... E porque retornar à minha mente aquela visão horrível, de uma vida que eu gostaria de esquecer para sempre...?!"

À medida que pensava, uma sonolência foi tomando conta dele e, de repente, se vê numa aldeia indígena devastada. Palhoças queimadas e vestígios de luta... Corpos no chão... Cheiro de morte, visão de sofrimento.

"Quem terá cometido tamanho crime ?!... Não!.. Não pode ser nada que eu também tenha cometido!!!... Não! O que eu estou fazendo aqui, Meu Deus ?"

Sentindo medo e horror, tenta sair dali, mas não consegue, é como se estivesse preso ao chão... Nisso ele vê um jovem índio guarani se aproximando... Assusta-se com a aparência deste... Era como se estivesse se olhando no espelho, tal a semelhança com ele próprio. E antes que possa falar qualquer coisa, o bugre se dirige a ele:

- Não querias saber o porquê de uma criança nascer em meio à tragédia ?

- Sim... - balbucia temeroso - Mas o que isso que estou vendo, tem a ver comigo ?!

- Contigo não, meu filho, mas com aqueles que foram mortos no desastre... Esta chacina que estás vendo aqui, foi obra deles num outro tempo. O que aconteceu na estrada, foi o retorno de seus crimes...

- Mas a criança, por que nascer no meio daquele horror...?!

- Ela não nasceu no meio daquele horror, nasceu nos teus braços e de tua mulher, já esqueceste ?! Vocês a tiraram de lá, antes que ela chegasse ao teu mundo!...

- É verdade, não havia pensado nisso... - responde admirado, constatando o fato - Mas por que eu tive naquele local, a visão do meu passado remoto se misturando com o que eu via no desastre ?! Podes me explicar isso...?!

- Sim, meu filho... Foi para que tu te lembres da missão que tens a fazer nesta tua vida presente, para terminar totalmente com o teu resgate...

- Mas o que a criança tem a ver com tudo isso...?!

- Ela veio para te ajudar nesta tarefa... Não percebes isso...?! Tu tinhas que ter um filho guarani...

- Mas e tu... O que tens a ver com o meu resgate...?!

- Nosso resgate, filho... Medite sobre tudo isso. Eu estarei a teu lado, porque faço parte desse resgate!...

- Tu te pareces comigo e me chamas de filho... Então tu deves ter sido o meu pai guarani... Não é isso ?!

Mas antes que ele possa responder, Daniel é trazido de volta pela chegada de Giovana junto a si, falando com ele: - Pronto, ele adormeceu... E pelo jeito o pai dele também... - fala sorrindo - É melhor te deitares direito, senão amanhã a tua coluna estará reclamando.

- Giovana, querida, eu tive um sonho tão confuso... Acho que sonhei com o meu pai guarani e sabes o que ele me disse...?!

- O quê, meu amor...? - pergunta já interessada e curiosa.

- Que precisávamos ter um filho guarani... - responde adormecendo em seguida, mergulhando num sono profundo.

- Oh, Dani!... Dormiu de novo... - frustrada, fala esperançosa para si mesma - Tomara que ele se lembre de tudo amanhã...

Parecia que a primavera já havia chegado... O céu azul, límpido e o ar mais aquecido, tornavam a manhã esplendorosa... O tempo colaborara para que a cerimônia íntima do batismo acontecesse no jardim interno da casa.

Umas primeiras flores ensaiavam o seu desabrochar, na árvore predileta de Giovana. Ao vê-las, esta fala risonha para a mãe e a sogra: - Até a "minha querida" está se manifestando para saudar a chegada de Pedro no seio da sua família!

- Foi um inesperado e belo presente que o Céu nos mandou! - diz Elisa, igualmente risonha.

- E como Maori se encantou com ele!... Achei uma graça quando ele me perguntou: - Vó, ele parece com a Bianca, *né*...?! - comenta Adriana, enquanto vai cobrindo com coloridas flores do campo, uma cruz feita de isopor.

Elas estavam preparando o necessário para o batismo do Pedro, que seria realizado à semelhança dos outros dois filhos. Avô e tio-avô ministrariam os sacramentos luterano e católico.

Como os padrinhos de Maori foram Francisco e Adriana, dessa vez seriam Tomás e Elisa a levar o neto guarani à pia batismal.

Esta, substituída por uma bela terrina de cristal colocada sobre um pedestal coberto por toalha de renda branca, estava situada frente a uma parede totalmente coberta de hera verde. A cruz florida foi colocada nesta parede, encimando a pia batismal. E de cada lado desta, Giovana colocou dois grandes vasos com folhagens de um verde claro, ornadas com lírios brancos.

Ao som dos Cantos Gregorianos foi realizado o batizado. A prece espiritualista, proferida pelo pai, foi um agradecimento ao Criador pela Vida Única e ao Amor Cósmico... Maori, muito comportado, observava curioso a tudo que se passava, enquanto Bianca, despreocupada, corria alegre sobre o gramado. E as únicas pessoas, fora da família, chamadas a assistirem a este ato religioso, foram Dona Isaltina e Juraci.

- Que cerimônia linda e tocante! Muito obrigada pelo convite especial! - agradece Isaltina.

- Mas a senhora é uma amiga muito especial! Não poderíamos jamais prescindir da sua presença e a de Juraci também! - diz Daniel, abraçando as duas.

Mais tarde foi servido um lauto almoço preparado pelas avós e em seguida a este, Tomás e Francisco começaram a se preparar para o retorno a Nova Dresden.

- Que pena que vocês têm que ir embora... - diz Giovana, junto ao carro, enquanto Daniel colocava as malas no porta-bagagem. - Ainda bem que a mãe e Dona Elisa vão ficar mais um pouco.

- Mas em seguida a festa da terceira idade, volta ligeiro para a casa, que eu não posso ficar muito tempo longe de ti, *frau* Elisa!... - fala Tomás beijando a esposa.

Sempre brincalhão, Francisco se despede da irmã: - Veja lá!... Não vai arranjar um marido e deixar seu irmão sozinho naquela paróquia!

- Você é impossível, Francisco! - rindo, ela responde também brincando - Mas, quem sabe...? Pode ser que assim, você ganhe um sacristão!

A movimentação para a comemoração do dia da Terceira Idade começou cedo. Ajudada pela Rosa, Adriana preparou os salgadinhos e as tortas que seriam servidas no café colonial.

Elisa, que vinha há dias ensaiando no teclado, passou a manhã revisando as diversas músicas das décadas de 30 e 40 que escolhera, na esperança de agradar a maioria dos moradores do asilo.

- Bem... Acho que agora estou *afiada*!... - comenta durante o almoço - Sabem, acho que me apaixonei pelo teclado... É sem dúvida alguma, uma boa orquestra! Vou falar com o Tomás para comprar um para a igreja!

- Nunca tinhas experimentado antes, mãe...?!

- Não, filho... Sempre tocando no piano os hinos religiosos e pouquíssimas músicas populares em casa, ainda não tinha tido curiosidade em experimentá-lo.

- Imagina se estivesse habituada com ele! - fala Giovana - Está ótima a sua execução!

- Então, pelo visto está tudo pronto!... E pelo que eu vi na cozinha ainda há pouco, os velhos do asilo vão enfartar de tanto comer!

- *Nossa*, Dani! *Vira essa boca prá lá*! Deixa de brincadeira e acaba de tomar o cafezinho, porque já está na hora de levar o Maori na creche. O almoço saiu muito atrasado hoje.

- Pode deixar que eu levo o Maori, Daniel! - se oferece Adriana.

- Mas por que, mãe...?! Temos que nos preparar! Ou você está desistindo da festa ?! - pergunta desconfiada.

- Se você não se importar, querida, prefiro ficar com os meus netos. Quero aproveitá-los mais um pouco... Só de pensar que amanhã já vou embora, a saudade começa a me afogar!

- Oh, mãe!... - fala Giovana penalizada - Eu sei... Mas eu gostaria muito que você fosse conosco!

- Dona Adriana... - fala de repente Daniel - Por que a senhora não vem morar conosco ?! Essa casa é tão grande!

Adriana se espanta com o genro: - Mas, meu filho... Fico muito lisonjeada com o seu convite, entretanto, não desejo atrapalhar a vida de vocês dois!

Giovana também se admira com o que ouve e pergunta incrédula: - Verdade mesmo, Dani ?!... Eu ficaria muito feliz se a mãe aceitasse! - e fala com euforia - Mãe... Você não atrapalha, muito pelo contrário, poderá nos ajudar bastante!

- Eu nem sei o que dizer, meus filhos... Vocês me apanharam de surpresa!... É claro que eu gostaria muito, mas não sei se é certo! - virando-se para Elisa, pede sua opinião - O que você acha desse convite... ? Por favor, seja sincera!

- Olha, Adriana...Em Santa Maria, eles moravam numa casa pequena e seria difícil vocês viverem bem.

- Exatamente isso que eu sempre pensei... - interrompe esta preocupada.

- Mas agora tudo mudou!... - continua Elisa - Eles já estão bem adaptados aqui e com o espaço que tem nessa casa, tua presença não irá constrangê-los. E a tua companhia, só poderá ajudá-los na criação dos filhos - e sorrindo, aconselha - No teu lugar eu aceitaria!...

- Aceita, Dona Adriana, será um prazer para todos nós! - reforça Daniel.

- Mas, e o meu trabalho como costureira...?!

- Esse, morando conosco, não precisará mais dele, mãe... A pensão que o pai deixou, será mais do que suficiente para suas despesas pessoais... Aceita, mãe!!! Decide agora, por favor!...

Pressionada com tanto carinho, esta aceita o convite, exuberante de felicidade: - Oh, meus queridos era o meu sonho secreto!

Daniel abraçando-a, fala afetuosamente: - Já que vai ficar morando conosco, não tem mais motivo para não comparecer à festa!... - e olhando apreensivo para o relógio, alerta Giovana - Querida, vá buscar o Maori... Preciso me apressar, senão chego atrasado num encontro muito importante!

- E nós também chegaremos atrasadas no asilo se não nos prepararmos logo!... - exclama Giovana feliz, subindo correndo a escada para buscar o filho.

Passados quinze dias, Adriana mudou-se definitivamente para Trilha das Palmeiras. E a sua permanência junto ao genro e a filha, foi muito oportuna. A pouca diferença de idade entre Bianca e Pedro, requeria uma atenção redobrada, que tornaria difícil para Giovana levar adiante as suas aulas de música, sem uma ajuda extra, além do convívio agradável entre eles. Adriana com seu temperamento calmo e suave, sempre disposta a colaborar em tudo e com todos, cedo mostrou que se tornaria um ponto de equilíbrio no seio da família.

E a vida foi transcorrendo tranqüila... Meses depois, Daniel ganhou a questão de Otalício Fontes. Essa sua vitória acirrou mais ainda o despeito de Cristóvão em relação a ele. Porém Daniel continuou no firme propósito de não se deixar perturbar com as provocações deste e evitava ao máximo qualquer contato que não fosse indispensável.

Até que finalmente chegou o dia tão esperado do julgamento dos bugres.

Daniel foi buscar Jurupanã e Juruna na Reserva. Orientou-os cuidadosamente como deveriam proceder frente ao Juiz. Muito nervosos, temiam não conseguir se comportarem corretamente.

- Mas não temam, meus amigos... - falou Daniel procurando acalmá-los - A verdade sempre vence e vocês são inocentes... Tenham isso em mente, sem medo! Se o Juiz perguntar algo, respondam com calma, relatando apenas o que realmente aconteceu... Eu estarei fazendo a defesa de vocês!

Mais calmos, confiantes neste, eles entraram na sala do Tribunal, assim que foram chamados pelo Juiz.

Iniciando o julgamento, o Promotor expôs com muita firmeza a sua acusação e com voz fria num tom que impunha respeito, impressionou aos jurados que, atentos, demonstravam na expressão de seus rostos um acatamento às suas palavras.

“... Não podemos permitir que párias da sociedade perturbem a tranqüilidade de cidadãos honestos, que labutam para o engrandecimento de nossa terra.... Roubando o produto de seus esforços, do seu trabalho em prol de uma vida melhor para todos... Roubando a tranqüilidade das famílias, levando a insegurança aos lares da nossa comunidade... Não podemos deixar à solta indivíduos, como os réus aqui presentes, que além de não terem pejo em viver à margem da sociedade, não têm comiseração em espoliar um estabelecimento que investe no auxílio da cura de nossos doentes..."

À medida que Cristóvão ia falando, os bugres tremiam por dentro, mas tentavam não deixar transparecer em seus rostos, o medo que estavam sentindo.

Foram então chamadas as testemunhas...

Ao serem inquiridas pela Defesa, as testemunhas de acusação titubearam, quando se deram conta de que não teriam condições jamais de reconhecer os acusados, visto que os assaltantes tinham os rostos cobertos por capuzes durante o assalto. Suas acusações baseavam-se apenas em provas circunstanciais...

Ao passo que a testemunha da Defensoria teve uma atuação firme nas suas declarações e respostas. Dona Clotilde, calma e segura de si, relatou com fidelidade tudo o que ouvira através da janela basculante de sua casa.

Quando chegou a vez de Daniel apresentar a sua defesa final, sua eloqüência aliada a uma voz quente, transmitia convicção no que expunha.

"... Bastava que fosse avaliado o estado de fraqueza que os réus apresentavam no momento da sua prisão, advindo da fome que roía seus estômagos e pelo cansaço estampado em seus rostos... Conforme declaração do Senhor Delegado que, percebendo o estado debilitado dos acusados, ordenou que os alimentassem antes de serem levados ao presídio... Pensem, senhores jurados... Como alguém, exaurido ao extremo, poderá ter energia necessária para cometer um audacioso assalto à mão armada...?! Um ato que exige energia e rapidez...?! Tanto é, que ao se verem confundidos com os criminosos, os acusados tentaram fugir

correndo e não conseguiram completar nem uma simples quadra!... Meditem sobre isso, senhores jurados!

Os jurados olhavam firmes para ele, analisando cuidadosamente o que declarava. O caráter humanitário deste, fortalecido pela certeza da inocência dos réus, se irradiava através de seu olhar e foi, aos poucos, conquistando a todos.

"... Acresce ainda, o incontestável testemunho de Dona Clotilde Himmer que ouviu de sua janela, o que realmente se passou com esses inocentes cidadãos, que por equívoco foram confundidos com os verdadeiros criminosos..."

A energia da Justiça foi envolvendo o Tribunal... Daniel tocara fundo no emocional, não só dos jurados, mas de todo o plenário!... E a sentença do Juiz só poderia ter sido uma: INOCENTES

A alegria da audiência foi radiante. Uns poucos bugres da Reserva, juntamente com o padre Honório que ali também se achava, estavam profundamente emocionados...Giovana acompanhada de Tomás e Elisa, que vieram para assistir ao julgamento, vibravam de emoção.

- Que silêncio, enquanto Daniel falava... - comenta encantada, Giovana com a sogra - A senhora percebeu, que dava até para se escutar a respiração dos jurados, de tão atentos que estavam ?!

- Oh, minha querida - concorda Elisa rindo - Ele foi vibrante, maravilhoso, mas também não vamos exagerar!...Eu só ouvi o coração deles baterem! A respiração, não!...

Rindo felizes, elas vão ao encontro de Daniel que, com Tomás a seu lado, estava falando com os bugres.

- Estão livres!... Podem voltar tranqüilos para casa. O padre Honório arrumou uma caminhonete para levar vocês e seus amigos de volta!

- Doutor, o que o senhor precisar de nós, pode contar com a gente! Muito, muito, muito obrigado!!! - fala Juruna com a voz rouca de emoção.

- O senhor não imagina, doutor Daniel, o que significa pra nós a sua ajuda!... O senhor... agora... - e a voz de Jurupanã sai entrecortada pela comoção que toma conta dele - É exemplo... da nossa *piazada*... Estão todos querendo estudar... pra crescerem iguais ao Doutor!... "Se um bugre guarani como nós... chegou a Doutor... nós também podemos!..." É desse jeito que eles falam.

Extremamente comovido, ele se despede dos guaranis. Abraçado com o pai, juntam-se a Elisa e Giovana, para retornarem à casa.

À noite, em seu escritório, a sós com o pai ele comenta: - Prestaste atenção, pai, no que Jurupanã falou...?

- Sim, filho. Por que ?!

- Porque foi justamente o que me disseste quando estávamos saindo da Reserva, antes daquele acidente. Lembras ?!

- Mais ou menos... Foi acerca do que querias fazer pelos índios guaranis... Não foi isso...?

- Foi, meu pai... Disseste-me que para eles, só o fato de ter alguém para defendê-los já seria de grande valia... E foi isso que eu senti quando pude libertar Juruna e Jurupanã hoje. E estou me sentindo muito feliz por tudo!

- Que bom, meu filho... Também fico feliz! - e abraçando-o, novamente, o cumprimenta: - Parabéns pela bela defesa. Estou muito orgulhoso de ti! Eu e tua mãe! - porém, sentindo-se sonolento, Tomás despede-se de Daniel beijando-o no rosto - Estou ficando com sono... Acho melhor ir dormir, pois preciso partir bem cedo amanhã.

Dia seguinte no Fórum, Daniel foi muito cumprimentado... Entretanto, ao se encontrar com Cristóvão, percebeu o quanto seria difícil se harmonizar com este.

"Vou me esforçar ao máximo, mas acho que não conseguiremos nunca nos entender..."

No Tribunal, ele sentira como um dardo a cravar em seu peito, o olhar de raiva e desprezo que este lhe dirigira à distância. Não viera falar com ele, como seria esperado. Mas Daniel também não se incomodou com isso. Não quis estragar a felicidade que sentia naquele momento, com alguém tão negativo.

Porém agora, teria que enfrentá-lo, não havia outro jeito. Procurando esconder a sua aversão, mostra-se educado: - Fizeste um belo de um pronunciamento, Cristóvão... Meus cumprimentos!

Entretanto, a tentativa de ser gentil, surtiu efeito contrário. Com olhar rancoroso, este rebateu: - Prefiro dispensar teus falsos elogios, meu caro! Para mim eles soam como provocação e deboche!

Tentando manter a calma, Daniel retruca em tom amável: - Estou sendo sincero!... Tu expuseste muito bem o teu libelo. Foste coerente com a tua ótica... Nunca duvidaste da culpabilidade dos acusados. Ao passo que eu sempre acreditei na inocência deles e, graças a Deus, pude comprová-la.

Cristóvão fica desconsertado diante de tais palavras. Não esperava essa atitude simpática de Daniel. Sem palavras, fica olhando intrigado seu opositor. Este, aproveitando a pausa, continua: - Olha, Cristóvão, acho que está chegando o momento de termos uma conversa mais profunda... Uma tentativa de nos acertarmos... Desde que aqui cheguei, sinto que a antipatia gratuita que nutres por mim, a cada dia aumenta... Tenho plena consciência de que nada fiz para merecer tal atitude da tua parte.

Como este prosseguisse calado, Daniel, por ter conhecimento dos atritos entre eles na vida passada, quando então defendia os índios em seus direitos, vai direto ao ponto de sua desconfiança: - Só posso entender que ajas assim, por um motivo: Preconceito de raça!.. Seja sincero... Incomoda-te o fato de eu ser bugre guarani...?!

Tomado de surpresa pela pergunta direta, Cristóvão vacila por alguns segundos, mas resolve enfrentar de frente o problema: - Já que estás me perguntando, Daniel, vou ser bem sincero mesmo!... Me incomoda sim!... Não me envergonho de ser racista. Acho que as raças não deveriam se misturar.

Este, admirado com a franqueza dele, responde com igual sinceridade: - Mas, infelizmente estamos misturados, quer queiras ou não... E vou ser sincero também! Quem teria o direito de repudiar qualquer raça aqui no Brasil, seríamos nós da raça indígena, pelo fato de que éramos os donos desta terra, antes que os brancos a tomassem de nós pela força! Mas, caro Cristóvão... - sentindo-se tomado de repente por uma forte energia, passa a falar com eloqüência - Isso é passado e o nosso momento presente é a união das raças no planeta. Dia virá em que seremos somente uma raça, a raça terrena... Já estamos nos interligando pelos meios de comunicação! As fronteiras cairão e as culturas e os costumes dos diferentes países também começarão a se mesclar... E aproveitando o melhor de cada uma das raças que habita a Terra, nos transformaremos em uma forte e única, excepcional raça!... Precisamos colaborar para que tal aconteça, através da nossa espiritualização... Precisamos despertar para uma compreensão maior! Trilhar o caminho da evolução!... Só assim poderemos salvar o nosso planeta da autodestruição!

Com olhar de espanto por explanação de tamanha eloqüência, Cristóvão totalmente desarmado, apenas comenta: - Algumas coisas fazem sentido no que dizes, mas no todo, discordo do teu pensamento. As castas sempre existiram e duvido que desapareçam!... Bem... Tenho que interromper a nossa conversa. O trabalho me espera! Contudo, quero agradecer teus elogios... Penso que foram sinceros, realmente.

Caminhando em direção à sua sala, Daniel, vai pensando mais animado: "O racismo está muito arraigado nele... Será difícil de ser extirpado de seu íntimo... Mas, tendo *furado esse tumor*, acredito que o nosso relacionamento melhore bastante! *Valeu*!..."

Alguns anos se passaram... Anos de estabilidade. A vida em família seguia em harmonia, com as crianças se desenvolvendo sem maiores problemas, fortalecendo os laços fraternos. Adriana colaborando ativamente, se tornou imprescindível no seio da família e Giovana, cercada de muitos alunos, ainda tirava tempo para compor. Entretanto, deixava guardadas por enquanto, esquecidas em uma gaveta, as suas músicas, na esperança de um dia poder lançar um *Long-play*.

Daniel, cada vez mais estimado e conceituado na sua profissão, atraía ouvintes até mesmo das redondezas, a fim de apreciarem as suas defesas. E por vezes era requisitado na Reserva, para prestar alguma orientação em problemas ou atender algum pedido de auxílio. Nunca deixou de dar assistência jurídica aos seus irmãos de raça. Mas, infelizmente não conseguira o Posto de Saúde, junto aos órgãos governamentais, porém na medida do possível, ajudava a quem precisava.

No Fórum, aos poucos, Cristóvão foi mudando a sua maneira de pensar em relação a ele, dando início a uma razoável convivência. Mas nada indicava que pudesse surgir uma amizade entre os dois.

Porém, em compensação, muitas amizades foram se sedimentando com o correr do tempo. Dona Clotilde e seu marido Tibério, foi um casal que se tornou muito amigo, além de outros tantos casais mais jovens, que compartilhavam de festas e agradáveis reuniões. Entretanto, a amizade que se firmou fraterna, familiar, foi com Dona Isaltina e Juraci. Realmente elas se tornaram parte da família. As crianças consideravam Isaltina, a bisavó que não tinham e Juraci aquela tia sempre disponível para fazer as guloseimas de que tanto gostavam.

Inesperadamente, um dia, Isaltina não amanheceu... Foi se deitar cedo como de costume e adormeceu tranqüila. E em paz, atravessou o portal para outro plano de vida...Fez a sua passagem, sem dores, sem traumas. Mas deixou uma grande tristeza que se transformou numa enorme saudade.

Juraci sentiu-se incrivelmente só. Desamparada e sem rumo...

- Sinceramente eu não sei o que fazer da minha vida! - fala esta, com as lágrimas a escorrerem de seus olhos tristes - Dona Isaltina era toda a minha família!

- Tu não podes ficar só neste apartamento... Tu não estás abandonada, somos teus amigos! Venha ficar conosco até resolveres o que desejas fazer... - falou Daniel, apreensivo querendo ajudá-la.

- O Dani tem razão, Juraci... Também não me agrada a idéia de deixá-la aqui sozinha! - diz Giovana, segurando carinhosamente a sua mão - Não fica preocupada, que eu vou te ajudar na arrumação das coisas de Dona Isaltina. Isso tem tempo, não precisa ser agora...

- Apesar da dor da separação e da saudade, Juraci, precisamos ver como ficou a tua situação - como advogado, Daniel faz um alerta - O Juiz e Dona Isaltina, devem ter se preocupado contigo e deixado alguma coisa para te proteger. Sei que eles têm herdeiros legais. São os sobrinhos que eu conheci no enterro, mas com toda a certeza, deves estar amparada. Se desejares, posso te auxiliar nisso.

- Eu lhe agradeço, Doutor Daniel, mas eu tenho algum dinheiro na poupança, que ajudará a me manter razoavelmente até conseguir uma boa colocação. Meu ordenado era bom e eu não tinha quase nenhuma despesa, assim fui guardando no banco o que sobrava. Aliás, sob o conselho de Dona Isaltina.

- Sábio conselho! - fala Giovana - Isso mostra que ela se preocupava com você!

- Eu sempre senti isso... Sei que ela tinha por mim uma amizade tão grande quanto a que eu, da mesma forma, sentia por ela... - ela faz uma pausa e, com uma expressão de profunda dor, suspira longamente - Porém agora, preciso arrumar tudo o que é meu, o mais rápido possível. O locador do apartamento, com certeza vai querer que eu saia logo dele...

- Bem, quanto à casa, os herdeiros virão me procurar, porque daqui para frente serão meus locadores... Assim poderei ver a tua situação também... Mas venha morar conosco! Fica tranqüila que nós iremos te ajudar em tudo.

- Você sabe, Juraci que a nossa casa terá sempre um lugar para você!...

Comovida ela finalmente concorda em ir para a casa deles: - Se eu não conseguir me estabelecer sozinha, já sei que tenho um lar para mim!... Muito obrigada! Se Dona Isaltina tivesse podido ter filhos, na certa ela gostaria que fossem iguais a vocês!...

Assim, no dia seguinte ela se mudou para a casa deles.

Após a missa de sétimo dia, os herdeiros de Dona Isaltina foram tratar de sua herança. O sobrinho mais velho fora indicado pelo Juiz como seu testamenteiro. Dona Isaltina não havia aberto ainda o inventário do marido, uma vez que não possuíam descendentes diretos, não havia premência em fazê-lo.

Para surpresa dos herdeiros, seus bens eram poucos. Além da casa, apenas duas lojas alugadas. Os dois sobrinhos esperavam uma herança bem maior... Dona Isaltina vivia desses aluguéis e da pensão que o Juiz lhe deixara. Esta seria encerrada com a sua certidão de óbito, pois apenas filhas solteiras, dependentes, poderiam herdá-la.

Aberto o testamento, a surpresa foi bem maior! O Juiz um ano antes de morrer, no início da doença que o vitimou, mudara seu testamento. Sem que Juraci tomasse conhecimento, perfilhou-a, deixando para ela todos os seus bens, em usufruto de sua esposa Isaltina. E uma vez que Juraci, assim tornada filha legítima, por continuar solteira, herdava também a sua pensão.

No final do testamento havia uma carta endereçada aos pretensos herdeiros:

"Para meus sobrinhos Arnaldo e Jacinto Junqueira, filhos de minha irmã Cristina Junqueira, deixo como herança umas palavras, na esperança de que calem fundo em seus corações, no intuito de que eles repensem o seu modo de enxergar a vida. O pouco convívio comigo, isento de carinho pelo preconceito racial, restrito apenas a poucas festas natalinas, me deixa à vontade para premiar aquela que por longos vinte e três anos tem servido a mim e a minha esposa, com dedicação e carinho filial."

Foi realmente uma enorme surpresa geral!

À noite, a família reunida com Juraci, comentava sobre os últimos acontecimentos. As crianças já haviam adormecido em seus quartos e os adultos descansavam das emoções do dia, confortavelmente sentados na sala de estar.

- Eu sabia que o doutor Teobaldo e Dona Isaltina gostavam muito de mim... Mas daí a me adotarem como filha, jamais poderia imaginar!... - Que coisa incrível... Da noite para o dia, me tornei herdeira deles! - comovida, chorando mansamente, ela desabafa: - Mas por que eles nunca me disseram que me amavam assim ?! Teria ficado imensamente feliz!... Teria podido falar para eles do amor filial que guardei escondido por tantos anos dentro de mim!... Quantas vezes em meu quarto, eu me perguntava porque não tivera a sorte de ter nascido filha deles!

A essa altura ela soluçava e compreendendo a sua dor, Daniel tenta consolá-la: - Talvez, Juraci, eles tivessem medo de demonstrar o seu carinho e não serem correspondidos da mesma forma... Reconheciam tua dedicação e afeto, mas não conheciam o que se passava em teu coração... Talvez porque, tu mesma, também por medo de ser incompreendida, não demonstraste teus verdadeiros sentimentos. Não será isso...?

Parando de chorar, Juraci olha pensativa para ele, refletindo calada por uns momentos.

- O que Daniel está lhe dizendo, Juraci, é bem verdade! - se interpõe Adriana - Às vezes por receio de sofrermos decepções, não arriscamos a abrir nossos corações.

Enxugando as lágrimas, surpresa com as palavras desta, ela concorda serenamente: - A senhora disse bem! É verdade!... Nunca falei porque tinha medo de perdê-los...

- Então fale com eles em pensamento, hoje à noite, antes de adormecer... - afirma Giovana - Abre seu coração... Eles escutarão você, aonde estiverem. Tenha certeza disso!

Mais tranqüila ela concorda: - Farei o que disse... E agradecerei ao Pai, a oportunidade de ter agora os meios necessários para realizar um sonho secreto, muito antigo!...

- Viajar pelo mundo...? Ou ter a sua própria casa ?! - pergunta Giovana curiosa.

Sorrindo discretamente, ela responde: - Nem uma coisa, nem outra...

- Então podemos saber o quê...? - se interessa Adriana.

Daniel olha em direção a Jacira, mas era como se estivesse vendo através desta... Intrigado, sente um ligeiro arrepio e uma luz violeta se faz em sua mente: "Quem será que está aqui por perto?! Estranho... Sinto alguém me olhando..."

- Bem... Vou contar a estória de minha vida. Só assim poderão me entender!... Nasci na Reserva de Cacique Nonuarã... Bem longe daqui. Vivíamos na maior pobreza... Éramos cinco irmãos, sendo eu a segunda filha, ajudava a cuidar os menores. Meu pai bebia o pouco que ganhava... Minha mãe, coitada, saia pelas ruas da cidade próxima à reserva, carregada de cestos, com a filharada atrás... Meu irmão mais velho ajudava a vendê-los na Rodoviária de Passo Estreito, enquanto os menores mendigavam. As pessoas em sua correria para viajar, nem sequer nos olhavam. Nossa presença as incomodavam... Vez por outra alguém se condoía e nos pagava um sanduíche e este então, era repartido pelos cinco. Mas eram poucas as pessoas que assim faziam...

Sentindo-se angustiada pelas lembranças, ela se cala para dominar a emoção que está sentindo. Seus ouvintes aguardam em silêncio a retomada da narrativa.

Já refeita, ela continua: - E quando retornávamos à nossa casa, já noite fechada, o pai, quase sempre bêbado, nos batia se não tivéssemos dinheiro para lhe entregar. Quem mais sofria era a pobre da mãe que apanhava duplamente, por nos defender e por ela mesma. A nossa vida era um inferno... Somente quando ele estava sóbrio é que tínhamos um pouco de paz. Pelo pouco que me lembro dele, nesses momentos nos tratava bem, quase com carinho... Ficava uma pessoa diferente... Mas alegria era coisa que nós não conhecíamos.

Um certo dia, meu pai resolveu nos acompanhar à cidade para ajudar com a venda. Era a semana anterior a Páscoa. Havíamos feito muitos cestos pequenos e tivemos a sorte de vendê-los todos... Estávamos felizes, íamos voltar para casa de mãos vazias e bolsos cheios de dinheiro... Mas então, aconteceu o pior... Meu pai resolveu parar num bar para tomar "apenas uma pra comemorar a venda." Ficamos do lado de fora esperando por ele... E aí, foi uma dose, outra e mais outra sem parar... Minha mãe nervosa tentava retirá-lo do bar... - nesse ponto da narrativa, Juraci muito emocionada, com a voz embargada, começa a chorar lentamente.

Daniel comovido, levanta-se para servir um copo d'água para ela: - Toma, Juraci... Estás com a garganta seca... Não queres parar um pouco...?! - pergunta preocupado.

- Não, doutor Daniel!... Há muito deveria ter desabafado todo o drama que vive em meu íntimo... - sentindo-se inoportuna, pergunta temerosa - A não ser que eu esteja aborrecendo vocês!

- Em absoluto, minha irmã de raça... Quero conhecer tudo o que ocorre em uma Reserva... Pelo visto, acho que não tem muita diferença com as vilas pobres da cidade...

Giovana e a mãe de tão penalizadas, nada falam. Aguardam emocionadas, o término do relato.

- Encurtando a estória... - ela prossegue - Quando acabou o dinheiro que tinha no bolso, meu pai voltou-se para minha mãe querendo o que ela guardara consigo. Como ela recusou-se a dar e saiu ligeiro para longe do bar, ele foi atrás dela... Quando conseguiu alcançá-la, começou a bater-lhe ali mesmo. Dois homens sairam do bar para acudi-la, mas antes que conseguissem alcançá-los, o pai derrubou-a no chão... - novamente sua voz fica tolhida pela dor que sente com a recordação. Com os olhos cheios d'água volta a falar - Nunca pude me esquecer desse dia... A mãe no chão, levando pontapés, gemendo de dor... Quando os dois homens se aproximaram aos gritos, meu pai fugiu em desabalada carreira. Eles não o

perseguiram... Atenderam a minha mãe, que com a cabeça ensangüentada, estava desfalecendo... Meus irmãos menores choravam agarrados a mim e a meu irmão maior. Tentávamos protegê-los, mas nós dois também estávamos aterrorizados!... Essa foi a última vez que vimos nossos pais... A ambulância levou a mãe para o hospital e nós fomos para o Juizado de Menores. Soubemos depois que ela morrera...

Durante algum tempo ficamos juntos numa instituição para menores carentes, à espera de adoção. Lá recebemos atendimento e carinho das funcionárias do abrigo... Porém, aos poucos foram nos separando... Os primeiros a sair foram eu e meu irmão. Tínhamos 13 e 14 anos. Ele foi levado para trabalhar numa fazenda e eu para uma casa de família, como empregada... Os menores, não soube para onde foram... Nunca mais vi os meus irmãos... Nem nunca tive sequer notícias... A senhora que me tirou do abrigo era solteirona. Com paciência e carinho me ensinou todo o serviço da casa e colocou-me na escola. O que eu sou hoje, em grande parte devo a ela... Porém muita saudade e angústia senti, por não saber de meus irmãos. E muito chorei na calada da noite... Rezava para eles tivessem a mesma sorte que eu... De encontrarem pessoas tão boas quanto a senhora que me acolhera e fossem viver numa casa confortável como aquela em que eu me encontrava.

Mas na minha vida, o encontro com a morte foi sempre uma constante!... Quando estava para fazer dezoito anos, Dona Almerinda faleceu e novamente fiquei só... Contudo já podia me governar... Superei a dor, procurei emprego e encontrei trabalho e carinho na casa desses pais queridos que hoje, tardiamente, eu ganhei... Amor de marido eu também encontrei lá... Um belo amor que até hoje me faz saudosa... Esmeraldo foi tudo o que eu sempre sonhara para um companheiro, mas, infelizmente a morte novamente se atravessou no meu caminho e o levou também... E essa é a minha história... História de bugra guarani!...

Giovana, com os olhos marejados de lágrimas, quer saber ainda: - É uma estória muito, muito triste... Mas qual o sonho secreto, Juraci, que pode compensar todo o seu sofrimento...?!

- Sempre pensei, que se um dia eu pudesse ter dinheiro, gostaria de ajudar crianças bugras, que estivessem no abandono como eu e meus irmãos ficamos um dia... - e com um brilho de alegria no olhar, ela fala agora começando a se entusiasmar - Eu quero conhecer a Reserva Iguamirim... Nunca fui lá... Quero ver o que posso fazer. Esse dinheiro que me caiu nas mãos é muito pra mim... Vai dar para eu sobreviver com folga e ajudar os filhos que nunca tive... Construir uma casa para abrigar crianças abandonadas.

- Juraci...Formidável! Podes contar comigo para te orientar na parte legal e estrutural da tua obra. - fala encantado Daniel.

- Que sonho maravilhoso!...Eu também quero colaborar para que ele se realize! - afirma Giovana, muito emocionada.

- O mesmo digo eu! - confirma Adriana, entusiasmada.

E assim, nesse momento, nascia a obra que cresceria com o passar dos anos. Era a missão ainda embrionária, que começava a tomar forma. Missão que iria se desenvolver em conjunto com parentes e amigos...

Sob forte comoção, Daniel torna a ver em sua mente a luz violeta, de intenso brilho e o quente arrepio correndo em seu corpo. E uma voz masculina, vibrante, se faz ouvir em seu íntimo: " *Compreendes agora, meu jovem Defensor, o que eu quis dizer com a frase aquele que segue adiante de meu caminho...?! Siga em frente com determinação, além do que eu pude fazer para nossos irmãos... Vês como não estás sozinho ? As pedras se unem para formar a base de uma grande obra! Que Xangô ilumine sempre o teu caminho da Justiça!"*

Ainda um pouco tonto, ele pensa: "Interessante, é a segunda vez que o Juiz se refere a Xangô... Por que será...? Preciso estudar a Umbanda..."

Giovana percebendo que ele estava com o olhar longe, desligado, acerca-se dele perguntando preocupada: - O que foi dessa vez, querido...?!

- Foi algo que ouvi em minha mente e que me deixou mais impressionado ainda com esses últimos acontecimentos, tão inesperados!... - e abraçando a esposa, aproxima-se das outras três, que também o olhavam de uma forma inquiridora.

Aumentando a voz, Daniel fala num tom vibrante de emoção: - Temos que reconhecer que nada acontece por acaso... Somos realmente guiados por uma Energia Superior, que ajuda a nos encontramos com as pessoas certas, nos momentos e nos lugares certos!... Apenas temos que estar atentos aos sinais que vêm do Alto! - e contrito, fecha os olhos, fazendo interiormente uma prece.

"*Obrigado Meu Pai, pela Vida!!!*"

TERCEIRA PARTE: Ano 2000

A meia-idade estava chegando... Mas Daniel se encontrava bem. Seu corpo aprumado, seus cabelos ligeiramente grisalhos e sua disposição não denunciavam seus quase sessenta anos, de vida bem vivida. Recostado numa cadeira preguiçosa, apreciava da varanda de seu quarto, o movimento de final da tarde, na praça defronte à sua casa, enquanto seu pensamento vagava...

"E o ano 2000 já está em curso... Quando eu tinha quinze anos ele parecia tão distante!... Apesar de tantas festividades, chegou tranqüilo, tão comum... Mas como a vida se transformou nesse último século!... O progresso *galopou* de uma forma incrível!..."

Fazendo tais considerações, seu olhar foi percorrendo as construções ao redor da praça: "Como o tempo vai modificando tudo... O sobrado do doutor Ambrósio, tão bonito, transformado nesse espigão que mais parece uma caixa de fósforos... Ainda bem que a mansão de Dona Erminda, foi substituída por um belo prédio... Não me conformo mesmo é do Banco de Crédito Sulista ter posto abaixo aquela agência com sua arquitetura de porte senhorial, para construir esta horrível caixa quadrada..."

Estava tão distraído com suas observações, que não percebeu a chegada do filho. Assustou-se quando este falou às suas costas.

- Sonhando acordado, meu pai...?!

- Oh, Maori, que bom que vieste!... - fazendo menção de se levantar é impedido por este. Sorrindo, responde à sua pergunta - Mais ou menos... Estava observando as modificações da nossa praça... Mas que surpresa agradável te ver a essa hora aqui!

- Terminei mais cedo o consultório, assim resolvi ver vocês um pouco. Contar uma novidade e tomar um chimarrão contigo, pai...

- Então vou prepará-lo!

- Não precisa, a mãe já está preparando... Mas, o que observavas...?

- A substituição dos prédios antigos pelos novos... A mutilação das mansões senhoriais, divididas e transformadas em casas comerciais, pintadas em cores berrantes para chamar atenção... Por que uma população não preserva o que existe de belo nas suas raízes ?! Por que a volúpia em destruir...?!

- Não deixas de ter razão, meu pai... Mas fazer o quê...? Se quiséssemos impedir isso, teríamos que entrar na política e esse não é o nosso campo!

- É verdade... Mas ainda bem que nenhum louco botou abaixo essas maravilhosas árvores centenárias de nossa praça!...

- Cuidado, querido!... - fala Giovana que acabara de chegar com o mate chimarrão. - Isso é saudosismo de quem está começando a ficar velho!... Cada geração age de acordo com suas tendências!

- Não, querida, não é bem assim... Então tu achas tolice o trabalho que Pedro está fazendo em busca das raízes do povo guarani ?

Servindo o chimarrão para Maori, ela expõe o seu pensamento: - Muito pelo contrário!...Isso é diferente...Ele está tentando elevar o conceito de uma raça, defendendo os seus direitos. Fazendo com que seus descendentes se orgulhem dela e não se deixem marginalizar, se extinguindo numa total decadência...

- Bravo, mãe! - apoia sorrindo Maori - Aliás, um dos motivos de vir aqui, é para avisar que hoje o Pedro vai dar uma entrevista na TV. Pediu-me que comunicasse a vocês...

- A que horas...?! Aonde...?! - empolgados com a notícia, pai e mãe perguntam ao mesmo tempo.

- Na TV Gaúcha, no Jornal do País, às vinte horas!

- Vou gravar numa fita de vídeo e mandar para o pessoal lá na Alemanha! O Hans e a Matilde estão sempre pedindo notícias sobre o trabalho dele! Vão gostar de assistir também!

- Ah!... Eu imagino o rebuliço lá na Reserva!... A essa altura, devem estar colocando o *telão* no auditório, para todos assistirem!... - comenta Giovana entusiasmada.

- E por falar na Reserva - diz Daniel preocupado - Tem uma semana que eu não vou lá... Preciso ir... Não devo me afastar por muito tempo!

- E por que não vai comigo amanhã, pai ?! Saímos daqui a seguir do almoço... Assim não precisas dirigir e podes ficar a tarde toda, porque tenho muitas consultas marcadas. Tenho paciente até as dezenove horas!

- Eu gostaria muito, meu filho, porém não posso... Esta sexta-feira vou estar muito ocupado no Fórum! Não posso faltar a tarde!... Eu vou no sábado com a tua mãe, se ela estiver bem disposta!

- Ora, ora...- ele fala sorrindo para esta - Quando que essa minha *velhota* tão *charmosa*, não está disposta ?! Está sempre jovem e ativa!

- Que nada, meu filho!... A idade está chegando!... Já não me sinto a mesma!

Maori, estranhando a maneira da mãe falar, observa-a melhor e comenta sério: - Realmente estás um pouco abatida... Faz tempo que não te examino! Gostaria que fosses ao meu consultório para um *chek-up.* Pode ser segunda...?

- Sabes que tens razão, meu querido...?! Vou sim!... Ando meio cansada ultimamente. Queria até conversar com você e a Norma sobre isso.

- Sobre o quê, mãe... ? - pergunta Maori já preocupado.

- Estive conversando com teu pai... Não é, Dani...?

- São uns planos que tua mãe tem em mente, filho... Que, aliás, eu acho bobagem!

- Não é bobagem Dani! Acho que a Norma vai me entender!...

- Mas fala logo, mãe... O que a minha mulher pode te entender e o pai não ?!

- É sobre esta casa, filho... Apesar de termos boas empregadas e eu gostar muito daqui, estou me sentindo cansada... Gostaria de mudar para um apartamento, sem escadas, sem jardim, etc... Vocês não gostariam de vir morar aqui ?

- Mas a nossa casa é muito boa, mãe!... A Norma gosta muito dela!.

- Entretanto outro dia, conversando comigo ela me disse que com as crianças começando a freqüentar a escola, um ponto mais central seria bem melhor... Facilitaria bastante para ela...

- Isso sem dúvida! - concorda Maori. - Onde moramos é meio afastado. Mas... E o Pedro e a Bianca, não ficariam aborrecidos...?!

- Penso que não... O Pedro com as suas constantes viagens de pesquisas, quando está na cidade, vive mais na Reserva do que aqui... Assim, para ele tanto faz ter acomodações na nossa casa ou num apartamento...O importante é ter um ponto conosco... Quanto a Bianca e o Gustavo, estes não pretendem sair de Porto Alegre. Lá estão os interesses deles.

- Nesse caso, podemos pensar no assunto... Porque na verdade, Norma e eu nos preocupamos com vocês dois sozinhos nesta casa tão grande... Talvez um apartamento seja o

melhor mesmo... Mais seguro e menos cansativo... A não ser que vocês quisessem morar junto conosco.

- Oh, meu filho... Eu agradeço muito... *Adoro* a Norma e os meus netos... Mas não tenho vontade de mudar radicalmente o nosso modo de vida... Temos as nossas manias, os nossos horários, tu me entendes...?!

- Tua mãe nesse ponto tem razão, Maori... Estamos muito arraigados na nossa rotina... Mas fico comovido com a tua lembrança! Talvez seja melhor fazer o que tua mãe deseja... Ir para um apartamento!

- Bem... Sendo assim, vou conversar com a Norma. Depois falaremos sobre isso, está bem...?! Agora vou para casa, quero assistir o Pedro na TV, junto com ela. Bem... Vou indo! Depois nos falamos por telefone!

Beijando os pais ele se retira. Estes ficam ainda apreciando o cair da tarde, sentados na varanda.

Nostálgico, Daniel segurando a mão de Giovana, fala suspirando: - Momentos assim, querida, me aperta a saudade dos nossos entes queridos que já partiram... Por onde andarão neste momento...?!

- É... Também sinto saudade deles. Será que do local aonde se encontram, poderão assistir ao Pedro, na sua entrevista...?!

- Provavelmente... - sorrindo satisfeito, ele fala olhando para ela - Em que belo e importante trabalho o nosso filho está empenhado!... Aliás, somos pais que só temos tido motivos de orgulho com os filhos. Graças a Deus!

- Bem verdade! - concorda ela, pensativa.

- Veja o Maori... Médico conceituado com excelente clínica particular e, no entanto, há quantos anos vem ajudando na Reserva... Nunca se recusou a tratar nenhum guarani.

- Mas não se esqueça de que ele teve a sorte de se casar com uma mulher como a Norma, que o apoia nisso... Talvez ele não pudesse realizar tal trabalho, se ela fosse contrária a este! Não vê o Pedro que nunca se acertou com ninguém, em função do seu ideal ?!

- Ora, querida, é claro que reconheço o valor da Norma!... Quando me refiro aos filhos, nora e genro estão incluídos. O mesmo acontece em relação a Bianca e o Gustavo!

- Sim... Aliás, com a vida agitada da capital, a Bianca lecionando na faculdade e o Gustavo sempre assoberbado de trabalho no seu consultório dentário, não sei como aqueles dois conseguem tempo disponível para o coral da Igreja!... Ainda mais com os filhos entrando na pré-adolescência!

- E tu, minha querida, te sentes realizada vendo a nossa filha catedrática na Faculdade de Música...?!

- Claro!... É como se fosse uma extensão minha... Fico feliz dela realizar o que eu não pude... - e sorrindo para o marido, conclui - Mas não penses que alguma vez eu me senti infeliz por não poder levar avante a minha profissão...

- Sério...?!

- Me realizei em muitas outras coisas... A nossa vida em comum tem sido cheia de ricas experiências!... Além do nosso amor, ter filhos como os nossos, é muita felicidade!...

Comovido com tais palavras, Daniel aperta com carinho a mão de Giovana. Ambos se calam, por alguns momentos...

Quebrando o silêncio, ele pergunta: - Lembra, querida, como iniciamos nosso trabalho na Reserva...?

- Claro... Como poderia esquecer...? Foi com a ajuda inesperada de Juraci, que foi possível darmos o primeiro passo!

E os dois de mãos dadas, sentindo a energia do grande amor que sempre os manteve unidos, com a mesma intensidade através dos anos, mergulham em suas lembranças...

Com o auxílio de Juraci, haviam iniciado a construção de uma casa de madeira, que serviria para abrigar crianças abandonadas e um pequeno consultório médico. Apesar das dificuldades que surgiam inesperadamente, começaram a preparar o esquema para o funcionamento dos mesmos.

Felizmente um médico, clínico geral, prontificou-se a atender gratuitamente de quinze em quinze dias, no modesto, porém bem equipado consultório... Não era o ideal, mas já era um começo, visto que até então Daniel não tinha conseguido nenhum apoio junto ao governo municipal, para implantar o tão sonhado posto de saúde.

Por força das circunstâncias, diminuíram bastante as reuniões sociais. Todo tempo livre de que dispunham agora, era para sedimentar a obra em favor dos guaranis. Portanto, os telefonemas de amigos com convites festivos, foram rareando.

Assim, quando chegaram em casa no final de uma tarde de sábado, retornando da Reserva, estranharam um recado deixado sobre a mesa da cozinha. Fora escrito por Zuleida, a nova cozinheira. Semi-analfabeta, não soubera explicar direito. Apenas que uma senhora havia telefonado avisando de uma reunião. Um número de telefone e nada mais.

Quando ligaram, foi uma enorme surpresa... Era Dona Deolinda, a antiga vizinha do primeiro apartamento em que moraram recém-casados, logo que chegaram em Santa Maria...

- Vim passar uma semana com uma prima, que se mudou para aqui, há menos de um ano... O marido dela é Coronel do Exército e veio comandar o 29º GAC - esclarece esta pelo telefone, demonstrando enorme satisfação em ouvi-los - Achei o número de vocês na lista e gostaria muito de encontrá-los, de rever o filho mais velho e conhecer os outros dois... Estou sabendo que vocês tiveram mais uma menina e um menino!

Mas a surpresa maior ficou por conta da reunião... Ela os convidava para conhecerem um Centro de Umbanda Esotérica, que a prima Hortênsia, organizara e estava dirigindo. Ficava num bairro distante de Trilha das Palmeiras.

Enquanto ela falava, Daniel estava a ponto de agradecer e dar uma desculpa para não aceitar o convite, quando se lembrou das mensagens do Juiz Teobaldo, referindo-se a Xangô. Naquela ocasião, se interessara muito em estudar sobre a Umbanda, mas, não tendo encontrado de imediato um grupo que seguisse a linha esotérica, desistiu da procura devido ao excesso de trabalho no Fórum.

Porém agora, surpreso, via surgir inesperadamente a oportunidade. Resolveu assim, aceitar o convite.

Ao chegarem na pequena casa de madeira, ele e Giovana surpreenderam-se com o seu interior. Tudo era branco... Incrivelmente branco! As paredes, o teto e o chão, este recoberto de fórmica. Na ante-sala, uma estante semelhante a uma colmeia, igualmente branca, cobria uma das paredes. Destinava-se aos freqüentadores, para que ali colocassem seus sapatos. Uma pilha de pantufas a um canto ficava à disposição daqueles que não quisessem ficar descalços. E no outro canto, uma pequena mesa com várias fichas numeradas, que as pessoas iam apanhando à medida que chegavam.

No interior da sala de orações, encostado na parede frontal, apenas um altar simples de madeira, coberto por uma toalha rendada. Centralizada bem ao alto deste, uma grande cruz de madeira envernizada, tendo ao seu redor, pintados na parede, os sete símbolos representativos dos Orixás, nas suas cores correspondentes: Oxalá, Yemanjá, Yori, Xangô, Ogum, Oxossi, Yorimá. Apenas rosas e velas brancas enfeitavam o altar.

Em cadeiras também brancas, enfileiradas ao longo das paredes laterais, sentavam-se os fiéis. No centro da sala, os médiuns em pé, com uniformes impecavelmente brancos, formavam um meio círculo defronte ao altar. Após a oração de abertura dirigida a Deus, eles iniciaram os cânticos invocando Oxalá, o Divino Mestre Jesus na Umbanda e a sua Corrente

de Luz. Seguiram-se depois os cânticos dos Orixás. Estavam assim, abertos os trabalhos da noite.

As primeiras entidades a incorporarem nos médiuns, foram os índios caboclos da falange de Xangô. Permanecendo no centro da sala, deram início às consultas.

Ao ouvir o nome Xangô, Daniel ficou atento a tudo o que via e ouvia. E quando chegou a sua vez de consulta, se surpreendeu com a jovem médium de uns vinte anos no máximo, dirigindo-se a ele num tom de voz bem masculino: - O irmão pensa que aqui veio por simples curiosidade, não é...?

Espantado, ele admitiu: - Sim... Mas com quem eu estou falando ?!

- Sou o Cacique Pena Branca!... Cuido dessa Gira de Fé!... Mas o irmão está enganado... Não veio até nós. Foi trazido por aquele que precisa caminhar ao seu lado...

- Como assim...? - pergunta meio desconfiado - Quem precisa caminhar comigo ? Pelo o que sei, tenho um Mestre Oriental que me guia... Não estou entendendo o que está me dizendo.

- O irmão tem realmente um Mestre do Oriente... De muita Luz!... Porém, na missão que se comprometeu a realizar nesta vida, antes de encarnar, tem um irmão ao seu lado... Ambos firmaram esse compromisso!

- Se a missão que me falas é um trabalho junto aos índios guaranis, não estou sozinho! Minha família e alguns amigos já estão comigo.

- Não me refiro aos irmãos encarnados... Mas sim a um que se encontra trabalhando no plano espiritual e com o qual o irmão se comprometeu.

Cada vez mais espantado, Daniel argumenta: - Mas eu desconheço tal compromisso...

- A sua mente física desconhece, porém a sua consciência cósmica sabe... E foi por isso que veio até aqui. Foi o seu espírito quem marcou esse encontro com o seu companheiro desencarnado... E tudo foi preparado através da intuição, para que tal acontecesse.

- Mas não seria mais simples eu ter essa comunicação através de sonhos, como sempre aconteceu comigo...?! - insiste já descrente.

- Nesse caso, não... Porque era preciso que tomasse conhecimento da Falange dos Caboclos, que está protegendo a você e a seu companheiro nesse resgate.

Daniel sente-se inseguro, desconfiado de tudo o que está ouvindo. Nada está fazendo sentido para ele...Resolve então se calar, para não ser indelicado. Fica apenas olhando para a médium.

Esta, sorrindo complacente, continua, na voz masculina: - Eu sei que você não está acreditando no que eu falei... Mas não tenha receio, irmão, você não está sendo indelicado, apenas descrente. O que é natural para quem não conhece a Umbanda... Vou me retirar agora, para que outro possa se manifestar. Que Oxalá o abençoe!

Apanhado de surpresa, Daniel fica sem argumento... A entidade lera seu pensamento!... A médium oscila ligeiramente e nem bem se refaz, já outra voz masculina se faz ouvir, fazendo-o estremecer.

"De onde eu conheço essa voz...?! Não me é estranha!" - pensa intrigado.

- Conheces a minha voz, porque já falei contigo, filho... - responde essa entidade, à semelhança da outra, lendo seu pensamento - O que o Cacique falou, é a verdade! Nos comprometemos, tu e eu, para que no decorrer dessa tua encarnação, ambos pudéssemos reparar em parte, o mal que fizemos ao povo guarani, numa vida anterior. Entendes agora...?

- Tu me chamaste de filho e se referiu a um mal que ambos fizemos em uma existência passada... - admirado, começa a acreditar no que está acontecendo - Então, nesse caso...Tu deves ter sido o meu comparsa na chacina aos guaranis das Missões!...Sendo assim, és o meu pai guarani que me trouxe a esta vida atual! E que me apareceu uma vez em sonho... Por isso então que a tua voz me soou conhecida...

- Exatamente, meu filho...

Emocionado, Daniel pede uma prova: - Por favor, confirma esse sonho e diga o teu nome... Assim poderei ter certeza da veracidade de tudo o que está acontecendo agora.

- Me manifestei no teu campo vibratório, durante o sono, depois que nasceu o teu filho Pedro... Meu nome é Guaraci... E eu e Potira te demos o nome de Maoni, quando nasceste... Acreditas agora...?!

Daniel, muitíssimo impressionado, quer se certificar mais ainda: - Então é verdade... Meu pai!... Mas por que aqui, nesta casa... Por que não continuar se comunicando através de meus sonhos...?!

- O Cacique já te explicou, Daniel... Foi para que tu conhecesses a Corrente da qual faço parte, trabalhando!... Assim, em momentos difíceis à realização da nossa missão, poderás te comunicar comigo, durante a sessão de Umbanda. Precisavas saber que eu estou ao teu lado, fazendo a minha parte.

- Então porque morreste e não continuaste vivo a meu lado ?!

- Porque precisava passar pela triste e sofrida experiência de perder minha família e falecer em sofrimento, por uma questão de resgate. E como tu precisavas nascer guarani, porém criado e educado na raça branca para te tornares o homem que és agora, fui apenas veículo para que tal acontecesse... Assim saí da tua vida em seguida... Se nós dois continuássemos vivendo como guaranis, não poderíamos auxiliar a esse povo destruído...

- Mas isso é incrível... Estou aturdido!

- Entendes agora, Daniel, que somente um guarani culto e educado poderia estimular, com o seu exemplo, aos demais bugres em decadência, a lutarem por uma vida melhor...? Daí a importância da educação dada a ti pelo teu verdadeiro pai nesta vida, o pastor Tomás. Sem ele, essa missão dificilmente se realizaria... Ele faz parte dela!

- Não tinha pensado nisso!... Mas por que faz parte ?!

- Por um ato de amor!... Ele foi um dos jesuítas das Missões, sacrificado por ti naquela época... Sendo um espírito evoluído, perdoou a seu algoz e reencarnou mais duas vezes como pastor luterano. A primeira, colaborando com Karl e a segunda, para te ajudar da melhor forma: Te criando e educando!

Daniel ouvindo isso, se comove até às lágrimas: - Querido pai Tomás!... Foi com muito amor que ele me encaminhou na vida! O quanto eu devo a ele!...

Apreciando o reconhecimento deste, Guaraci explica: - Assim agem os espíritos mais iluminados... Eles sabem amar!

- É realmente incrível!... - torna a dizer Daniel muito impressionado - Mas diga-me, se tu deixaste de ser meu pai nesta vida, quais são os nossos laços de agora...? E como deverei te chamar ?!

- Caboclo Guaraci!... Eu trabalho nessa Corrente de Luz... Agora somos companheiros que trabalham juntos, à semelhança do que fomos naquele passado negro... Porém em planos diferentes e de modo diverso... Com amor! Irmãos amigos, unidos para realizarmos uma missão de resgate, que bem cumprida, dissolverá definitivamente o nosso carma... Caminharei a teu lado, meu irmão!... Que Xangô ilumine os nossos passos!

Sem dar tempo a Daniel de articular mais nenhuma pergunta, ele vai embora. Novamente a médium estremecendo, muda de postura e tom de voz, tornando a receber o Cacique Pena Branca.

- Compreendeu agora, Daniel...?!

- Sim... - responde este agradecido - Entendo que é mais uma oportunidade de evolução!... Compreendo também que os laços de sangue aqui na Terra, são necessários apenas para que espíritos necessitados de vivenciar algo em comum se agrupem em família, tomando corpos e relacionamentos provisórios... Mas que os verdadeiros laços são os da alma, os laços de Amor!

- Exatamente!... Retorne à nossa Gira sempre que desejar... E que Oxalá proteja a você e a todos que caminham contigo. Encarnados e desencarnados...

Sentindo que ele ia também se retirar, Daniel o interrompe perguntando: - Pode me explicar mais uma coisa ?! Eu preciso entender!

- Sim, o quê ?!

- Que eu saiba, por uma explicação que recebi uma vez, Xangô é o nosso Protetor na Justiça... Pensei que sua atuação somente se manifestasse na área judicial... Como nessa situação de agora...?!

Sorrindo, o Cacique responde com paciência: - A Justiça, não está somente na área judicial, meu irmão... A Justiça atua em todos os segmentos da vida... Por acaso, essa sua missão não é um ato de justiça ?! Pense nisso e que Xangô ilumine os seus passos nessa jornada!

A energia do Cacique se dissolve e a médium recupera os seus próprios sentidos. Daniel, profundamente emocionado, agradece a esta, se retirando em seguida.

Já no carro, iniciando a viagem de volta, ele e Giovana trocam suas impressões e relatos sobre as consultas.

- Pena que não ficamos para a Gira dos Pretos Velhos e das Crianças... Vovó Maria Baiana e Pai Tomé são as entidades que coordenam essa gira. Disseram que as consultas com eles são excelentes!

- Mas eu não sabia que demorava tanto... Não podíamos ficar mais, querida... Tua mãe já deve estar preocupada com a nossa demora!

- Eu sei... Mas tem uma coisa, Dani que me deixou um pouco confusa...

- O que foi, querida...?

- Dona Deolinda me disse que na próxima semana vai ter Gira dos Exús... Como eu sempre pensei que esse nome era somente das trevas, fiquei com medo! Aí ela me disse que a maioria das pessoas interpreta mal os Exús... Que existem os que trabalham para o Mal e outros para o Bem.

- Como assim...?! Eu desconheço isso.

- Ela me explicou que a Corrente trabalha como um grande exército. Tem um Mestre de Luz que coordena e protege o trabalho em geral. E cada Gira tem também uma Entidade de Luz dirigindo a sua falange, que por sua vez, tem vários planos de atuação. E os exús, são como os soldados, sua obrigação é acatar as ordens de seus superiores, sejam elas quais forem.

- Interessante... Mas em que atuam os exús...?

- Quando para o Bem, atuam na limpeza das energias negativas, em torno do campo vibratório dos encarnados... São entidades que estão saindo de um plano inferior, despertando para a Luz... Seu ensinamento básico é a obediência...

- Então, por que uns trabalham para o Bem e outros para o Mal...?

- Aqueles que estão no início do seu despertar, mas ainda não sairam das trevas, obedecem às entidades trevosas e os que já se libertaram de lá, obedecem as Entidades de Luz, trabalhando sob a sua orientação, em busca de evolução... Foi mais ou menos assim, o que ela me explicou.

- Faz sentido!... - ele concorda - O nosso plano físico ainda é muito denso. Com tanta maldade, violência e egoísmo pelo mundo, é preciso mesmo que um Exército de Luz nos ajude, para que a Humanidade tenha condições de evoluir! - após refletir sobre o que acabara de ouvir, Daniel se expressa decidido - Precisamos estudar sobre a Umbanda, para compreendermos melhor a sua atuação. O pai tem uns livros que explicam essa linha religiosa. Vou pedir para ele.

- É bom mesmo!...Quando assistimos aquelas sessões em Santa Maria, não recebemos nenhuma explicação, o que acabou por nos deixar confusos... Aliás, Dona Deolinda me falou mesmo sobre ler um livro editado pela FEU... Acho que foi "A Umbanda Essa Desconhecida"... Se não estou enganada, acho que foi esse nome sim!...

- Que coincidência!... Acho que o pai tem esse... Vou telefonar para ele amanhã!

E muitas vezes, no decorrer da implantação e expansão da obra que foi batizada Sociedade Esperança e Realização (SER), sempre que necessário, eles freqüentaram as sessões da Umbanda.

Alguns anos se passaram... De lutas e realizações... Alegrias e tristezas...

Um dia Juraci fez uma participação à família, que causou uma surpresa geral!

- Mas Juraci, tu tens mesmo a certeza de que desejas vender a casa para nós, afim de construir outra na Reserva, para morar lá...?! - pergunta Daniel espantado.

- Claro... - explica ela, rindo - Em primeiro lugar, porque sei que poderei me hospedar com vocês, sempre que quiser!... Vocês são a minha família querida, mas... Já passei dos cinqüenta e cinco anos... Não sei quanto tempo terei de vida útil pela frente!...

- Quê isso, Ju ?! Tens muito tempo ainda! Por que queres nos deixar...?- pergunta Giovana admirada.

- Ah, minha querida, não estou deixando vocês!... É que eu pensei bastante e acho que poderíamos fazer muito mais ainda pelos nossos irmãos guaranis...

- Como assim...?

- Não estou pensando apenas numa casa de moradia para mim... Quero substituir de uma vez a casa de madeira provisória, que construímos juntos, por uma de material com todas as instalações necessárias para melhorarmos mais ainda o trabalho com as crianças.

- E queres mesmo morar lá, Ju...?! - pergunta Adriana impressionada.

- Sim... - responde com a voz enternecida - Eu *adoro* as nossas crianças aqui. Mas...As crianças que foram abandonadas são para mim, os filhos que nunca tive!

- Mas são mais de vinte! - se espanta Adriana, entretanto, concordando com ela - Porém entendo você, minha amiga... Elas estão lhe dando a oportunidade de doar o amor maternal, fechado tantos anos dentro de seu coração!

- Mas nesse caso, tu me deixas mal, Juraci!... Porque se eu tenho o dinheiro para comprar a casa, deveria doá-lo para essa construção que desejas fazer e tu não perderias a casa, que é um patrimônio valioso.

- Não, Daniel!... Tu tens filhos que estão entrando na pré-adolescência... Precisas fazer um patrimônio para garantir o futuro deles! Não és sozinho para despenderes um dinheiro bastante suado, numa obra que, apesar de estar funcionando numa casa de madeira provisória, está sendo muito útil!

- Bem... - concorda ele um tanto a contragosto - Não deixas de ter razão.

- Além do que, Daniel... - expõe outra vez rindo - Tu bem sabes que és o meu único herdeiro... Mais cedo ou mais tarde, esta casa, seria tua! Assim como estou propondo, na verdade, tu estás adiantando o dinheiro para construir o que precisaria ser feito mais tarde! Entendes agora...?!

- Ju, esse teu raciocínio, nada tem de cartesiano... É puramente espiritualista! - comenta Giovana sorrindo para ela.

- Assim sendo, vamos fechar o negócio de uma vez!... Não será com todo o dinheiro na mão!... Tu irás me dando à medida da minha necessidade, *tá* bem assim ?! - ela propõe com um largo sorriso de felicidade.

Tudo acertado, a casa de Santa Maria foi vendida, o dinheiro dado como entrada e o negócio foi realizado.

Dessa forma, a Reserva ganhou não somente uma boa casa para as crianças órfãs. Mas um pequeno clube com uma academia de ginástica, uma piscina e uma sala polivalente.

Desde que iniciaram a obra social na Reserva, Adriana vinha ensinando costura às índias e Giovana, aulas de música. Essas aulas eram ministradas num dia da semana, na escola ao lado da igreja. Tão logo ficou pronta a nova casa, essas aulas foram transferidas para lá.

E a casa de madeira, liberada, com ajuda de doações, recebeu melhorias e se transformou no tão sonhado posto médico, que a essa altura, já possuía além do clínico geral, um ginecologista e um pediatra. Faltava ainda um dentista...

Com a mão de obra comunitária, foi construído um grande açude para criação de peixes, como fonte de renda para todos da Reserva. O plantio, antes somente de mandioca e milho, agora aumentado, cultivava feijão, soja e trigo. E o precário campo de futebol existente, foi melhorado, sendo recoberto de grama e conservado pelos próprios aficionados desse jogo.

Padre Honório tendo conseguido permanecer na Reserva indefinidamente, colaborava em tudo, sob a orientação de Daniel. E sempre que surgia uma grave dificuldade, este ia se aconselhar com o Caboclo Guaraci.

Até que um dia, passados três anos, Guaraci, manifestando-se através da jovem médium que sempre o incorporava, declarou:

- Tudo o que tu precisavas para compreender e acompanhar o trabalho espiritual que acontece no plano astral, exercido pela linha da Umbanda, já aprendeste aqui nesta casa... Por isso, Daniel, estou me despedindo de ti nesta forma de comunicação.

- Mas por que...?! - pergunta ele surpreso.

- Porque é chegado o momento de desenvolveres o contato mediúnico através da psicografia...

- Mas este eu já conheço... Psicografei certa vez uma mensagem do Juiz Teobaldo...

- Disseste bem, irmão! Conheces... Mas não desenvolveste... É hora de praticar essa forma de comunicação.

- Será então assim, dessa maneira, que iremos nos comunicar...?

- Não... Na faixa vibratória da Umbanda, não se usa a psicografia. E eu ainda pertenço a esta faixa.

- Mas então, como será nosso contato? Através dos sonhos...? - ele pergunta entristecido e ao mesmo tempo preocupado.

- Não... Mas estarei sempre ao teu lado, trabalhando contigo... Terás que desenvolver também a tua sensibilidade em perceber não só a minha presença, como a proximidade de outros irmãos, de outros planos.

- Mas não vamos nos falar mais ?! Por que...?

- Para que não cries o hábito da dependência em consultas diretas. Foi necessário este atendimento até agora, para que tu vivenciasses esta forma de auxílio aos encarnados. É um degrau que tinhas que subir, mas permanecer indefinidamente num mesmo patamar de aprendizado, trás um estacionamento na evolução...

- E o que acontecerá agora...?!

- Não te preocupes, estarei junto a ti... Mas será o teu Mestre Oriental quem te orientará nessa tarefa!

- Então, como devo proceder ?!

- Convida a tua mulher para participar desse trabalho. Ela será um ponto de equilíbrio. Será um canal a transmitir mais energia para ti. Assim sentirás mais segurança para iniciar este aprendizado...

- Eu e ela sozinhos...? O que acontecerá...?! - pergunta preocupado.

- Receberás toda a orientação para um novo trabalho espiritual... Que ambos escolham duas noites por semana e marquem uma hora em que possam ficar completamente tranqüilos... Em uma mesa coberta por uma toalha branca, coloquem um copo d'água e uma pequena jarra com rosas brancas, papel e lápis. Apaguem a luz para que não haja interferência da energia elétrica. Colocando-se um defronte ao outro, sentem-se com as mãos espalmadas para cima, sobre a mesa. Façam uma prece a Jesus... A seguir, Daniel, chama por teu Guia Oriental e com fé, segura o lápis, fechando os olhos e deixando a tua mão solta sobre as folhas de papel. E aguarda...

Realmente entristecido por não mais poder conversar com seu companheiro, ele pede ainda um favor: - Então me diga, como está sendo vista esta nossa missão, à luz da espiritualidade ?

- Progredindo com amor... Entretanto, muito mais ainda deverá ser feito... Continuarás tendo a colaboração da Falange dos Pretos velhos e dos Caboclos. Vovó Maria Baiana e Pai Tomé prosseguirão com o seu auxílio e eu também permanecerei ao teu lado, até o término desse nosso compromisso... Que Pai Oxalá nos ilumine, irmão!... Reforça a tua fé!

E sem mais, ele partiu...

Seguindo o conselho de Guaraci, Daniel e Giovana procederam conforme a orientação recebida.

Durante uns poucos dias, Daniel nada escrevia, apenas arabescos foram riscados sobre a folha de papel. Ficou sabendo depois, que era um ajuste à energia que viria assumir a sua mão...

Até que uma primeira frase escrita em letras grandes, surgiu: "O Amor é a Energia mais poderosa do Universo!"

E, um pouco mais abaixo, em letras menores, outras frases foram sendo escritas: "Eu sou o teu mestre espiritual... Coordeno os trabalhos da Corrente da Luz de Jesus... E que esta Luz do Nosso Divino Mestre, ilumine as nossas mentes, nos ajudando a uma expansão maior de nossas consciências...

Louvado seja Deus... Louvado seja Jesus Nosso Mestre Divino e louvada seja Maria, que nos protege com Seu Amor Maternal!..."

Assim se iniciou um desenvolvimento mediúnico, que levaria a um trabalho espiritual, sob a Luz do Oriente.

E o relógio do tempo foi passando... A pequena comunidade guarani, aos poucos, foi prosperando, à medida que a obra se fortalecia, através dos anos de dedicado e amoroso trabalho.

Os filhos de Daniel e Giovana se tornaram adolescentes... Maori, aos dezoito anos, ingressou na Faculdade de Medicina, indo estudar na cidade de Santa Maria.

Iniciou-se então, a fase da saudade pela separação... Era o primeiro pássaro a levantar vôo para fora do ninho... Mas a saudade era compensada pela alegria de ver o filho começar a preparar o seu próprio caminho.

Entretanto outra saudade maior, dessa vez triste e dolorida, foi habitar seus corações. Elisa e Tomás retornando para o Brasil, após uma viagem a Alemanha, faleceram num desastre de avião sobre o Oceano Atlântico.

Foi um terrível golpe para todos!... Além da dor pela perda, ficou a mágoa de não poder enterrar aos dois no cemitério luterano, onde já existia um local reservado para eles.

Poderia se dizer que toda a população de Nova Dresden estava presente ao enterro simbólico e no culto ecumênico que se seguiu àquele. Tomás e Elisa eram muito estimados na cidade onde dedicaram inteiramente suas vidas...

Giovana sem poder conter as lágrimas, tocou ao piano os hinos religiosos que a sogra mais gostava, causando uma comoção geral. Francisco, com a voz embargada pela dor, fez a prece, acompanhado de Daniel e Matilde, que viera da Alemanha no dia seguinte ao desastre. Infelizmente, Hans e os filhos não puderam estar presentes. A família estava atravessando uma fase difícil, de contenção de despesas no momento, não sendo possível a todos viajarem.

Mais tarde, depois que amigos e paroquianos se retiraram, Daniel e Francisco ficaram a sós na igreja. Este, consternado, fala contendo as lágrimas que teimavam em surgir nos seus olhos tristes.

- Eu não perdi amigos queridos, perdi irmãos muito queridos... Vai ficar um vazio impossível de ser preenchido...

- Realmente!...- e Daniel abraçando-o, pergunta penalizado, querendo confortar o amigo - Não gostarias de se transferir para a nossa cidade...?

- Por um lado, sim... Estaria com vocês. Mas não posso abandonar a Fazenda e todo o trabalho do Amor e Dever, que agora vai se ressentir muito, com a ausência de seus pais! Não posso, Daniel... Afinal, se são os desígnios de Deus, como posso abandonar a minha paróquia...?

- É verdade... São nesses momentos de dor, que a nossa Fé é colocada em prova...

Olhando para o púlpito aonde o pai pregava, Daniel lembrou-se de seus tempos de menino, quando escutava embevecido, suas palavras eloqüentes... Olhou para o piano e quase ouviu a mãe tocar... Seu coração se oprimiu de dor e as lágrimas rolaram livremente em suas faces...

De súbito, uma energia quente o envolveu, como se o abraçasse e ele sentiu a presença do pai a seu lado. Com clareza ecoou em sua mente, a voz paterna: *Não chora, meu filho!... Melhor do que ninguém, tu tens a certeza da continuidade da vida... Quero transmitir para ti e para todos os nossos entes queridos, o que se passou comigo e tua mãe. Era chegada a nossa hora da partida... Nada sofremos... Apenas o susto quando uma das turbinas explodiu e o avião iniciou uma queda vertiginosa... Contudo, antes que ele caísse ao mar, perdemos os sentidos... Quando retomamos consciência, estávamos fora da matéria, sendo levados num torvelinho de luz, para o local onde estamos agora... Estamos muito bem!... A paz que aqui existe é indescritível!... Amamos profundamente a vocês... A vida continua, não guardem tristezas em seus corações... Que a saudade seja amorosa e não sofrida!*

O calor do abraço se extingue... Sentindo-se tonto, Daniel fecha os olhos e no quadro da sua mente, começa a se projetar um lindo lugar... À semelhança de uma fazenda européia, com extenso gramado e flores, muitas flores... E muitas árvores copadas, em tons variados de verde... Sentados em uma varanda da acolhedora casa, seus pais acenavam para ele, enquanto suas vozes soavam claramente: *Nós amamos muito a vocês todos! Diga para eles o que estás vendo e ouvindo...Não permitam que a tristeza escureça as suas vidas... Cultivem a alegria e sejam felizes...O Amor e a Vida são eternos!!!*

Lentamente Daniel sai do transe, sentindo uma paz inebriante... Abrindo os olhos, vê Francisco olhando-o atentamente e aguardando ansioso por algum pronunciamento seu.

Sorrindo, ele o satisfaz, com a voz calma e segura: - Eles estão bem, muito bem!... Partiram em paz e na hora certa! Não há porque sofrer, apenas a saudade plena de amor, que jamais se extinguirá...

Oito meses depois, Bianca completaria quinze anos. Tornara-se uma linda moça. Suas feições de leves traços indígenas, emolduradas por uma cascata de cabelos de um negro brilhante e com uma pele de um moreno dourado, davam-lhe uma beleza exótica.

Durante a tarde, Giovana havia conversado com ela a respeito da festa para comemorarem tão significativa data. Apesar de desejar como toda moça, ter a festa dos quinze anos, ficara angustiada... Ainda entristecida pelo acidente com os avós que tanto amava, não sabia se queria realizá-la ou não.

Pensativa, cheia de dúvidas, ela se encontrava olhando o pôr do sol, da varanda de seu quarto. A saudade apertava seu coração amoroso e o belo espetáculo do sol poente, aumentava ainda mais a nostalgia...

Olhando-a do jardim, Daniel percebendo a tristeza que transparecia em sua fisionomia, resolveu subir a seu quarto e conversar com ela.

- Minha filha, sinto que estás triste e saudosa...

- Estou sim, meu pai... Estou confusa também, porque ao mesmo tempo em que me sinto triste com a partida da Vó e do Vô, tenho vontade de ter a minha festa de quinze anos... Isso é errado, pai...?!

- Não é errado, filha... Pelo contrário... Teus avós ficarão felizes vendo-te alegre, dançando na tua festa!

- Mas, pai... Não faz nem um ano que eles morreram...

- Quero que compreendas, minha querida, que teus avós cumpriram a sua missão aqui na Terra... Por isso eles partiram... Terminaram a sua etapa de aprendizado. Mas nós que aqui permanecemos, ainda temos que cumprir o nosso tempo... Tua vida, Bianca, está apenas começando... Tens que vivê-la com alegria...

Abraçando-a, ele continua num tom tranqüilo, apontando o sol que começava a se aproximar da linha do horizonte: - Veja, minha querida, continuamente o sol nasce, trazendo um novo dia, despertando a vida... E se põe adormecendo em paz, para retornar depois a um novo dia... Assim é *o giro do tempo*... Nascemos para uma experiência de vida e depois desta terminada, retornamos para o lugar de onde viemos, a fim de nos prepararmos para um novo despertar!... É o caminho da evolução!

- Então, pai... Eu posso fazer uma festa sem magoar a vocês e a Vó Elisa e ao Vô Tomás ?! Sem remorso...?!

- Claro, minha filha!... E será uma linda festa! E tenho a certeza de que teus avós ficarão felizes por estares comemorando essa data tão bonita, rodeada de amigos!...

Sorrindo, ela beija o rosto de Daniel: - Obrigada, meu pai! Eu te *adoro* !!!

E realmente, foi uma linda festa de quinze anos!

Giovana estava ensaiando com as crianças da Reserva uma apresentação musical para o Natal, que seria daí a quinze dias...

Bianca, que herdara da mãe o talento musical, ajudava-a nessa empreitada. Iria tocar violão juntamente com um menino de treze anos que demonstrara muita habilidade com esse instrumento. Ambos iriam executar uma música composta por Bianca, exatamente para esta ocasião. O pequeno coral, bem afinado, iria entoar Noite Feliz e completando, uma jovem de quatorze anos acompanharia no teclado, a apresentação do presépio ao vivo.

Estavam absortos com o ensaio, quando ouviram uma buzina de automóvel, em frente a casa. Giovana saiu para atender.

- Eu não acredito!- exclama alegremente - Você veio mesmo, Gustavo!!!

Saltando do carro, o rapaz vai ao seu encontro sorrindo: - Como eu poderia negar qualquer coisa para a minha ex-professora tão querida...?!

- Mas, não vai prejudicar tuas provas na faculdade e teus ensaios para o "Raízes dos Pampas", dispor desse tempo conosco...?

- De forma alguma! - abraçando-a, ele a tranqüiliza - Já estou bem preparado para o festival e quanto às provas, já terminei todas!... Não preciso mais ir a Porto Alegre. E ademais, quero lhe contar uma coisa muito importante!

Desconfiada, ela pergunta ansiosa, já prevendo uma boa notícia: - Será que é o que eu estou pensando ?! Não vai me dizer que...

Ele a interrompe, sorrindo feliz: - É o que está pensando sim, *senhora compositora*, a sua música foi aprovada! E sou eu quem irá apresentá-la!

- Que *bárbaro!!!*... Nesse festival de janeiro mesmo...? No "Raízes"...?! - exclama alegre - Então vou disputar o prêmio de compositores com o meu ex-aluno prodígio ?!

- Exatamente!... - fala ele rindo - Mas, se eu perder para a minha ex-professora eternamente querida, não me importo!...Terei ainda a minha *chance* como intérprete!

Rindo entusiasmada, ela brinca com ele: - Faz de conta que eu acredito nisso! - e ansiosa, o convida a entrar: - Vamos para dentro! Estou aflita para que conheças a minha turminha!

- E eu curioso para ver o que está conseguindo com as crianças! E de antemão, vou lhe dizendo que pretendo não só colaborar nos ensaios, quero também participar dessa sua apresentação.

- Gustavo!... - ela volta a exclamar numa felicidade total - Isto é *demais*! Um novo astro que está despontando no meio musical nativista do Estado, se apresentar na nossa modesta Reserva ???

Rindo satisfeitos, os dois entram na sala. Tão logo Giovana faz sua apresentação a todos, Gustavo olha admirado para Bianca, exclamando: - Basta eu ficar alguns meses sem te ver, que te encontro cada vez mais bonita! - e voltando-se para Giovana, fala brincando: - Dá para se acreditar que essa garota linda desse jeito, seja aquela mesma guriazinha chorona que às vezes perturbava as minhas aulas ?!

Bianca fica encabulada e Giovana rindo, confirma: - Tem razão, não dá para acreditar!... O tempo passa muito ligeiro!

- E como passa!...Depois desses anos de faculdade em Porto Alegre, quanta coisa já mudou na nossa cidade... - e virando-se para Bianca, fala com sinceridade:- É sempre uma surpresa muito agradável te reencontrar, Bianca!

- Então vamos deixar de conversa e vamos ao trabalho! - diz Giovana batendo palmas e se dirigindo à turma: - Todos aos seus lugares... Vamos mostrar o que estamos fazendo!

A reserva estava iluminada pelas inúmeras gambiarras coloridas, colocadas nas casas e nas árvores da praça. Cestos iluminados por dentro, à guisa de lanternas, adornavam os postes, aumentando a claridade. Enorme variedade de enfeites, confeccionados pelas hábeis mãos das mulheres, enfeitava o grande pinheiro montado próximo ao tablado, onde seria apresentado o auto de Natal. Padre Honório e Adriana, encarregados da decoração, eram auxiliados pelos adolescentes que entusiasmados, além de colaborarem, também criavam adornos numa mistura de arte tradicional natalina, com arte guarani...

A festa foi comovente... Não só pela apresentação do auto de Natal, muito bem ensaiado. Este foi iniciado com a leitura de um jogral pelos jovens bugres, seguido de apresentação musical e do coral dos meninos, sendo finalizado com a montagem do Presépio ao vivo. Foi marcante também, a participação de toda a aldeia irmanada pela fé religiosa que, aos poucos, ia se sedimentando no coração dessa comunidade guarani.

Daniel, comovido, cumprimenta a todos pelo belo espetáculo e, discretamente, comenta com Giovana: - Quando ouvi o coral, querida, me emocionei demais!... Tive que fazer força para não chorar...Lembrei-me de uma visão que tive quando menino, do coro dos guaranis na Igreja das Missões dos jesuítas!...

Giovana ia perguntar mais, quando Adriana e Juraci se aproximam deles. Esta última, rodeada pelas crianças, participa alegremente: - Pronto, queridos. Já estou com a mala pronta para ir com vocês.

- Finalmente consegui que ela concordasse em deixar as crianças e fosse passar o Natal e o Ano Novo, conosco! - explica Adriana satisfeita.

Após as despedidas muito calorosas, Daniel entra no carro acompanhado pela mulher, a sogra e Juraci. No carro de Gustavo seguem Maori e Bianca, que durante o trajeto, vão conversando animadamente.

- Mas eu não posso compreender que com o talento musical que tens, estás se formando em odontologia... - fala Maori, dirigindo-se a Gustavo.

- Gosto muito de música, mas nunca foi minha intenção seguir a carreira artística! Tenho entrado nesses festivais nativistas, mais por diletantismo...

- Pois eu, não!... - afirma Bianca - Quero fazer a Faculdade de Música. Estou me preparando para isso!

Gustavo olhando para ela, que se achava sentada ao seu lado, sorri encorajando-a: - Tens talento mesmo e se é realmente o que desejas, deves seguir em frente!

E em frente, também seguiu o namoro que se iniciava, nesse momento, entre eles...

Em seguida as festas de fim de ano, Juraci se sentiu mal. Começou com um simples resfriado, evoluindo para uma pneumonia dupla... Acabou tendo que ser internada no hospital.

A família se revezava no acompanhamento a ela. Nesta noite seria Daniel o acompanhante. Seu estado continuava grave e a febre não cedia. Muito apreensivo, ele não se afastava de sua cabeceira, atento ao que ela precisasse. Num dado momento, Juraci começou a delirar...

Em meio a frases desconexas, olhando para ele com os olhos brilhantes de febre, chama-o aflita: - Daniel... Não... Não!...

Este preocupado e cheio de angustia, segura a mão trêmula da amiga: - O que foi, Ju...?! O que estás sentindo...?!

Com a voz entrecortada e os olhos arregalados, ela continua: - Não!... Pelo... Amor... de Deus... Karl... Karl... Salva... a minha... filha...

Ouvindo Juraci chamá-lo assim, Daniel sente-se arrepiar dos pés à cabeça: - Ju, o que é isso ?! Por que me chamas assim...?

Com um olhar desesperado, os olhos incrivelmente abertos, arquejante, sentindo dificuldade em respirar, ela volta a falar de forma entrecortada: - Ka.rl... Kaa...rl.... Me... a...ju...da...

Apavorado com o estado dela e com o que está delirando, ele toca a campainha chamando a enfermeira, que acode prontamente.

- Vou chamar urgente o Doutor Carvalho... Ela deve ir para a UTI! - e sai correndo.

Cada vez mais arquejante, aumentando a falta de ar, Juraci se contorce na cama. Daniel desesperado, não sabe o que fazer. Reza com toda a força de sua fé. De repente ela se acalma, respirando um pouco melhor. Olhando fixamente para ele, murmura vacilante: - Obri...ga...da... Da...ni...el.

Mas em seguida, volta novamente a arquejar, com falta de ar. Nesse instante, chega o médico e os enfermeiros com a maca. Colocando uma máscara de oxigênio em seu rosto, levam-na para a UTI. Daniel segue ao seu lado, porém é barrado na porta da unidade. Aflito, rezando mentalmente, permanece sentado no banco frente à porta. Uns quinze minutos mais tarde, que mais pareceram horas, o médico sai da unidade, consternado, ao seu encontro. Não pudera salvá-la... Ela partira.

Juraci foi enterrada no cemitério da Reserva. Toda a comunidade guarani chorou a sua morte e além da missa católica, reverenciaram-na com um ritual indígena. Ela era extremamente estimada por todos eles.

À noite em seu quarto, Daniel conversa tristemente com Giovana: - É, querida... Os mais velhos estão partindo... Estamos numa fase de nossa vida que, aos poucos, vamos nos separando dos nossos entes queridos.

- É a vida!... - fala ela, suspirando melancólica - Mas ainda bem que acreditamos na reencarnação... Esta crença nos consola!...

- Bem verdade... - concorda ele - E Juraci, tão boa como era, só pode estar num plano de Luz...

Giovana, começando a ficar sonolenta, conclue: - Sendo recebida por teus pais, Isaltina e o Juiz... Certamente, em meio a muita alegria...- e dominada pelo sono, nada mais consegue falar. Adormece.

Daniel sorrindo afaga o seu rosto, porém insone, cuidadosamente se levanta, resolvido a ir para o escritório.

Tão logo entra no aposento, sente-se compelido a apanhar a sua relíquia guarani, guardada dentro do armário. Retirando da caixa o colar, com ele nas mãos, senta-se na sua poltrona predileta. Alisando as contas, detém o olhar na cruz, enquanto pensa nas últimas vinte e quatro horas.

"Por que será que Juraci me chamou de Karl ?! Será que vivemos juntos naquela existência...? Se foi isso, quem era ela ?! E a filha para quem me pedia ajuda... Quem seria ?!"

Pensando e pensando, foi ficando tonto e subitamente entra em transe. Então se vê mais uma vez como Karl, em sua casa no pequeno povoado "Novo Paraíso".

Estava trabalhando na horta com os bugres, quando surge desesperado, correndo, um dos seus ferrenhos opositores na época. Trazendo uma de suas filhas, desmaiada em seus braços, ele suplica apavorado:

- *Por favor, Karl*!... *Salva a minha filha* !!!...

- *O que houve, Eleton*...?! *O que posso fazer*...?! - pergunta aflito.

- *Karla foi mordida por uma cobra venenosa*!... *Eu sei que um dos teus índios conhece um remédio*!... *Pelo amor de Deus, salva a minha filha*! - fala soluçando.

Imediatamente Karl leva-o para dentro de sua casa, chamando por Tupiara e Jurema.

Neste instante, Daniel sai do transe e sem nada mais vivenciar daquele momento de seu passado, retorna ao presente. Ainda meio tonto, depois de alguns instantes, uma luz clara começa a inundar a sua mente. E, dessa vez como espectador, ele se vê como numa projeção de filme, com o Eleton ao seu lado olhando para os índios na plantação. E a voz do alemão ressoa em seus ouvidos internos:

" *Se não fosse por você e os seus amigos índios, minha filha Karla estaria morta... Peço que me deixes colaborar contigo, Karl*!.... *Se me aceitares, daqui em diante, ajudarei também a todos os índios que aqui vierem*..."

Sorrindo, Karl concorda com a cabeça e a voz de Eleton se faz ouvir novamente: "*Obrigado,Karl*!" Porém, para espanto de Daniel, outra voz, agora feminina e bem conhecida, repete o agradecimento: "Obrigada, Daniel!"

Estarrecido, ele conclue, falando baixo para si mesmo: - Então Juraci foi o Eleton!!!... Oh, Meu Pai!... Não nos encontramos nesta vida, uns com os outros, por acaso. Somos pedras que fazem parte de um grande *quebra-cabeças*... A Vida Única!

Muito impressionado, ele apanha de dentro da caixa a sua pedrinha missioneira e apertando-a na mão, fica pensando: "Então foi por isso que Juraci também nasceu guarani e dedicou sua vida a ajudar os bugres... Quando foi Eleton, menosprezou e matou alguns índios, em nome da chamada *civilizada colonização* da raça branca..."

Seu resgate agora findara... Ela estava livre para voar mais alto... Dissolvera o seu carma através do Amor!

Uma paz toma conta de seu coração e, como num abraço uma energia suave o envolve, dando-lhe a certeza de que tudo na vida faz parte de um grande aprendizado... O aprendizado de aprimoramento espiritual! Guardando a relíquia guarani novamente no armário, sobe tranqüilo para seu quarto.

Na Reserva, as crianças custaram a aceitar a falta de Juraci. As menores choravam e as mais velhas ressentiam-se do carinho que ela lhes dava... Todavia, o Tempo é um grande remédio... Uma das índias que ajudavam Juraci nesta tarefa assumiu o lugar deixado por ela... Com carinho e amor, em poucos meses, Jurana foi conquistando o coração das crianças e a vida voltou ao seu ritmo normal.

Quase um ano se passou e se aproximava o dia do aniversário do Pedro. Seus quinze anos.

Daniel se encontrava lendo em seu escritório, quando Pedro entrou: - Pai, posso te interromper um pouco...?

- Claro, meu filho!... O que desejas ?!

- Preciso conversar contigo... Desde hoje pela manhã que quero falar uma coisa...

- Aconteceu algo errado, filho ?! - pergunta Daniel preocupado - Senta a meu lado e conta o que está se passando!

- Não é nada errado, pai... - Pedro titubeia um pouco, ainda indeciso - É que... Preciso saber... Tu tens algo para me dar no meu aniversário...?

Tomado de surpresa com tal pergunta, Daniel responde meio sem graça: - É lógico, Pedro!... Como podes pensar que eu não vou te dar um presente de aniversário...?!

- Não, pai!... Não é isso! Não estou falando de presente de aniversário... É outra coisa!

Daniel olha atônito para o filho, perguntando curioso: - Então o que é, Pedro?! Do que estás falando...?!

- É que nessa noite passada, eu tive um sonho estranho e muito nítido... Parecia real... Não entendi direito!... - e faz uma pausa, olhando indeciso para o pai.

Firmando também o olhar no filho, Daniel pensa desconfiado, enquanto aguarda o relato do sonho: "Será que é algo relacionado com a nossa origem guarani? A caixa sagrada...?! Mas não pode ser!... Eu nunca mencionei nada, nada mesmo, sobre a relíquia guarani para os meus filhos... Só Giovana a conhece... Será que ela contou para ele ?!"

Ansioso, quer logo saber: - Conta, meu filho... Existem sonhos que nos ajudam muito... Talvez este seja um deles!

- Não sei, meu pai... Apesar de muito nítido, é difícil de entender! Mas vou tentar contar tudo direito!... Eu estava caminhando num campo bonito, porém deserto... Caminhava com a sensação de que iria me encontrar com alguém. Mas não existia ninguém... Apenas eu estava ali! Quando de repente, surgiu à minha frente, saindo do nada, um índio alto, tão parecido contigo, pai... que eu até pensei que fosse mesmo você! Só que quando ele falou, eu vi que era outra pessoa.

- E ele te disse o nome dele, filho ?! - quer saber Daniel, muito impressionado e curioso ao mesmo tempo.

- Não... Sem nada me explicar, me disse que tu tinhas algo para me dar... - Pedro interrompe a narrativa, continuando meio confuso - Algo de que eu havia sido guardião... Não entendi o que ele quis dizer... Acho que foi isso!

- Que tu tinhas sido guardião...? E não falou mais nada...?!

- Falou sim... Quando eu disse que não estava entendendo, ele me respondeu que tu entenderias... Que o que tu guardavas, voltando para as minhas mãos, me daria forças para concluir a missão! - ansioso ele exclama - Que sonho confuso, pai! Tu tens mesmo alguma coisa para mim...???

Tomado de grande emoção, Daniel abraça o filho com amor, enquanto pensa: "Oh, Potira, então és tu! Como eu nunca percebi...?!".

Procurando se controlar, Daniel deixa extravasar sua emotividade através das lágrimas que brotam em seus olhos e, soltando o abraço, olha para o rosto de Pedro, falando com profunda afeição: - Compreendi perfeitamente o teu sonho, meu filho... Tenho algo sim, para te dar... Vou passar agora, para as tuas mãos, o que eu recebi de herança da minha mãe guarani.

Apanhando no armário a caixa confeccionada pelo ancestral guarani, Daniel retira para si a pedrinha missioneira. Em seguida, num gesto solene, obedecendo a tradição indígena, coloca o colar no pescoço de Pedro, da maneira como seu pai Tomás descrevera a cerimônia, quando entregara para ele a relíquia guarani ao completar seus quinze anos.

Com o colar colocado ao pescoço, Pedro comovido, segura a caixa de encontro ao peito. Daniel então relata para ele os sonhos que, no seu despertar mediúnico durante a adolescência, elucidaram a história de algumas experiências de vida que teve, através do tempo.

Muito emocionado, Pedro pergunta ansioso: - E que missão é essa que eu tenho de concluir...?

- Nada posso te adiantar, meu filho... Tu terás que descobrir por ti mesmo... A decisão é tua, não posso influenciar na escolha de teu caminho!

Alisando com delicadeza os símbolos da caixa, este comenta: - Interessante!... É como se eu já conhecesse essa relíquia... Não tenho certeza... Mas me parece que eles significam que a Vida é uma só, como se fosse uma Grande Força... Da qual todos nós somos parte... Todo o Universo unido por esta Energia... Uma grande energia de Amor!

Sorrindo, Daniel confirma para ele: Estás certo, meu filho!... "Somos parte de uma Única e Grande Força... O Amor Universal, que nos dá a Vida!" É o que está gravado nestes símbolos!

E com o coração disparado de pura emoção, ele pensa: "Acabaste de me dar a prova definitiva do teu retorno, amada Potira!... Amado filho meu, Pedro!..."

Maori após se formar, foi fazer dois anos de residência no Hospital das Clínicas em São Paulo. Ao término deste, recebeu convite para se integrar ao corpo medico daquele hospital. Apesar de muito importante para o seu currículo profissional, declinou de tal convite, por preferir retornar à sua cidade natal, levando para a sua comunidade, a excelente experiência ali adquirida...Voltou então para casa.

Em seguida a sua chegada, ele foi trabalhar no Hospital Santo Augusto, o mais bem equipado da cidade. Especializara-se em Clínica Geral e, para alegria de seu pai, participou a este que iria também dedicar parte do seu tempo disponível no atendimento médico aos índios da Reserva. E a partir desse dia, suas tardes de sábado foram destinadas a esse trabalho...

Quanto a Bianca, tendo passado no vestibular para a Faculdade de Música em Passo Fundo, mudara-se para um pensionato nesta cidade, a fim de cursar a universidade. Giovana, além da natural saudade, sentiu um enorme vazio na sua vida de musicista, pois ficou sem a companheira que participava ativamente de todos os seus projetos musicais. Mas, em contrapartida, ver a filha seguindo as suas pegadas, deixava-a feliz.

Pedro, ainda indeciso sobre qual carreira deveria seguir, estudava intensivamente o inglês, o alemão e o espanhol. Sua indecisão, entretanto, era motivo de preocupação para os pais. Não se decidira ainda a se preparar para nenhum vestibular, como também, não se interessava por nenhum tipo de trabalho. Contudo, cedendo a um pedido do irmão, concordara em ajudá-lo na organização das consultas e do fichário dos pacientes guaranis. Assim, passara a acompanhar Maori , aos sábados, na Reserva.

Decorrido um ano da chegada do filho, Daniel surpreendeu Maori com uma escritura feita em seu nome, de uma sala localizada num edifício comercial. Era para que este montasse um consultório e desse início à sua clínica particular. Foi intensa a alegria que Maori sentiu! Era a arrancada inicial que precisava para consolidar sua vida profissional em Trilha das Palmeiras.

Entrementes Pedro, no decorrer deste ano, num convívio mais direto com as carências e os problemas dos bugres, acabou por descobrir o seu caminho... Tomara finalmente uma decisão. Iria cursar a Faculdade de Antropologia.

- Quero estudar a fundo, pai, as raízes do nosso povo... - afirmou convicto do que decidira - As nossas raízes! Quero reabilitar a memória da Raça Guarani. Quando estiver preparado, irei levantar esta bandeira!

Daniel comovido com a decisão do filho, sentiu que este finalmente despertara para o seu destino... Chegara o momento da fase preparatória de Pedro, para a conclusão da Missão!

E assim, a nova geração se preparava para cumprir a sua meta de vida. E em meio à tranqüilidade, o tempo foi passando e os fatos se sucedendo... Até que mais uma vez, chegou a tristeza de uma nova separação.

Num almoço familiar de domingo, Maori levou Norma para apresentá-la à família. Ele a conhecera logo que chegara em Trilha das Palmeiras, quando esta fazia um estágio como Técnica de Enfermagem, no hospital em que ele trabalhava. Apaixonaram-se imediatamente e, da mesma forma, a família gostou dela.

O almoço transcorreu em meio a muita alegria, contando também com a presença de Gustavo. Este, já bem encaminhado na sua profissão, aguardava apenas que Bianca conseguisse a transferência da sua faculdade em Passo Fundo para Porto Alegre, para que pudessem se casar. Faltavam poucos anos para que ela se formasse, mas eles não queriam esperar mais esse tempo. Teciam planos e comentavam sobre o apartamento que Gustavo acabara de ganhar de seus pais. Apesar de pequeno, era muito bem localizado. Neste, eles iriam morar depois de casados.

Um tanto afastados dos outros, Pedro conversava com a avó, contando para esta o que estava aprendendo na faculdade, quando subitamente, Adriana começou a sentir uma dor no peito. Alarmado, chamou por Maori, que foi correndo atendê-la.

Era um início de infarto!... Após ministrar o medicamento de emergência, ajudado por Norma e Daniel, ele colocou a avó no carro, partindo em seguida para o hospital. Os demais, angustiados, também se dirigiram para lá. Num estado grave, ela foi direto para a UTI.

A lesão fora grande e não havia esperança de recuperação. Maori, então, conseguiu transferi-la para um quarto especial, com todo o equipamento eqüivalente ao da UTI, para que assim atendida, a família pudesse acompanhá-la.

Já se passara dois dias e Adriana continuava *entubada,* ligada aos aparelhos para receber oxigênio através do respiradouro artificial. Com o braço esquerdo imobilizado, recebia via endovenosa, soro e medicamentos. Isto a deixava aflita, uma vez que se encontrava perfeitamente lúcida.

A tarde chegara ao fim... Anoitecia. Giovana estava sentada à cabeceira da cama, cuidando atentamente da mãe, para que esta, inadvertidamente, não mexesse nos tubos tirando-os do lugar. Durante a noite se fazia necessário atar suas mãos, para que tal não acontecesse. E isto era de uma angústia terrível para Adriana... No momento ela se encontrava calma, apesar de seu estado estar se agravando cada vez mais...

Daniel acabara de chegar... Saíra do Fórum diretamente para o hospital, a fim de permanecer um pouco ao lado dela. Numa tentativa de sorriso, Adriana procurou demonstrar o prazer que estava sentindo com a sua presença. Este, sentando-se ao seu lado, acariciava levemente sua mão imobilizada pelo soro, enquanto mentalmente fazia uma prece para ela.

Estavam assim tranqüilos, quando entra a enfermeira para medicá-la e atar a sua mão livre. Eram os preparativos para a noite.

Adriana começou a se agitar e, com a voz dificultada pela aflição e pelos tubos, pedia que deixasse a sua mão livre... Nesse instante Maori entrou no quarto. Vendo a agonia da avó, agradece a enfermeira, dispensando-a: - Pode deixar, Florinda... Eu mesmo faço isso, tão logo ela adormeça!

Assim que esta se retirou, Adriana se esforçando para falar, em meio a muito sofrimento, pede ao neto que a liberte de todo aquele equipamento: - Querido... estou ...chegando... ao fim... desliga tudo... pelo amor... de.... Deus...

Angustiado, Maori, apesar de condoído pelo visível sofrimento da avó, responde coerente com a sua responsabilidade médica: - Vó, querida!... Não posso fazer isso... Você

sabe que eu não posso! Seria cometer eutanásia...- e contendo as lágrimas, confirma - Enquanto houver vida, há esperança... Não me peça isso, Vó! Não posso...

Giovana chora aflita e Daniel contendo a emoção procura falar serenamente: - Nós não podemos fazer isso, querida...Mas, à nível de alma, a senhora pode se desligar... Se desprender da matéria...

Adriana arregala os olhos para ele e, permanecendo calada, seu olhar cai no vazio por alguns momentos. Logo após, retorna a vitalidade a seus olhos, enquanto vai transparecendo em seu rosto uma profunda serenidade. Com a voz entrecortada, fala para Daniel: - Já desliguei... filho... estou... me... libertando... - e virando o rosto em direção a Giovana, continua - Veja... filha... a porta... está se ... abrindo... muita ... luz...

Com as lágrimas descendo pelo rosto, Giovana murmura para ela: - Mãe, eu te amo!... Muito!!!

Com um pouco mais de facilidade, Adriana continua: - Eu também... amo vocês... - e uma inesperada expressão de alegria ilumina suas feições - Oh... Giordano... querido... veja...filha... seu pai... ele está aqui... - tentando sorrir, sua voz vai enfraquecendo - Vou com ele... vou... a porta abriu... luz... vou em paz... em paz... - repetindo ainda mais uma vez a palavra paz, quase inaudível, seus olhos se fecham lentamente e Adriana faz a sua passagem. Em paz. Com amor e harmonia...

Deixara como a mais preciosa herança a seus descendentes, o exemplo de sua vida plena de dedicação, amor e alegria. E uma lição da transição de um plano de vida para outro, que marcaria profundamente a todos, confirmando a não existência da morte, mas sim a continuidade da vida!

E no *giro do tempo*, outros momentos se sucederam...

Vieram as festas de casamento dos filhos... A chegada dos netos... As novas gerações surgindo... E a partida repentina de Francisco, vitimado por um derrame cerebral. Entretanto, ele partira em paz, deixando a obra do Amor e Dever bem estruturada, podendo atender e recuperar um grande número de *drogadictos*, como era seu desejo. Realizara o seu sonho, cumprindo com amor a sua missão...

Daniel e Giovana fazem um balanço do caminho percorrido. As lutas empreendidas, as realizações, os fracassos e as vitórias, as tristezas e as alegrias...O amor pela Vida! E serenamente aceitam o início do ocaso de suas vidas...

- Só tenho pena do Pedro não ter ainda conseguido formar uma família... Ter seus filhos... - lamenta Giovana - Gostaria de vê-lo feliz, amando e sendo amado...

- Mas, querida, o Pedro é feliz... Ele gosta do que está fazendo!...

- Pode gostar... Mas a mim não me engana! - afirma Giovana, convicta do que está falando - No fundo, bem no fundo, eu sei que ele gostaria de ter uma companheira a seu lado!

- Mas será muito difícil encontrar alguém que queira participar de seu ideal!... - contesta Daniel. Entretanto, se dando conta de que a noite começava a cair, olha o relógio exclamando assustado - Giovana!... Faltam cinco minutos para as oito!... Vamos ligar ligeiro a TV, senão perdemos a entrevista dele!

- Tem razão, querido!... E ainda precisamos colocar a fita no vídeo!

O mais rapidamente possível, dirigem-se para a sala íntima. Quando a imagem do filho surge na tela, eles se emocionam. Com desenvoltura e segurança sobre o que está expondo, Pedro exprime seu ideal, num tocante discurso.

"*Atualmente fala-se muito sobre os 500 anos do Descobrimento do Brasil. Apesar de faltarem ainda alguns meses, o povo tem se manifestado festivamente, de várias formas, em comemoração a esta data... São enaltecidos os descobridores e os colonizadores, como se esta terra na ocasião estivesse abandonada, deserta!*

Então eu lhes pergunto: Como é visto esse descobrimento aos olhos dos verdadeiros donos deste solo, que aqui já o habitavam há séculos...?!

Certamente como uma triste invasão dos pretensos descobridores que, pela força de armas poderosas, usurparam aos legítimos donos da terra, o direito de continuarem a viver sua própria vida!... Triste início de uma colonização!...

Contudo, isso é passado!... De que vale discutirmos sobre algo, que não se pode voltar atrás e refazer...?

O que pode e se deve fazer agora, é reconhecer e valorizar as raízes da raça indígena, existentes no povo brasileiro!... No Norte e no Nordeste do país, é flagrante a sua influência... E aqui, na nossa região Sul, apesar de sua menor preponderância, podemos também ver isto claramente!... Usos e hábitos da Raça Guarani que, absorvidos pelos colonizadores, hoje fazem parte da cultura do povo gaúcho...

E o que dizer do nosso idioma...? Apesar de se originar do português castiço, quantos vocábulos oriundos das diversas línguas indígenas existentes aqui, foram nele incorporados...?! Pode-se dizer até que o nosso idioma, de tão modificado, já se transformou num idioma brasileiro!

Por que então, não incluirmos na História da nossa terra, a cultura que herdamos de nossos ancestrais da raça indígena ?!

Ensinando as crianças nas escolas, a valorizarem as raízes oriundas dos primitivos habitantes de nossa terra, em igualdade às demais raízes que deram origem à nossa raça brasileira!

Irmãos, quinhentos anos é tempo suficiente para terminarmos com discriminações, mágoas e revolta! É tempo suficiente para apagarmos da memória erros passados e tirarmos destes erros, o ensinamento para uma vida melhor para todos!

Não é possível continuar discriminando uma raça, deixando-a se extinguir lentamente, à parte do desenvolvimento da vida de uma nação, da qual, quer queiram ou não, ela é parte integrante!

Por que pensar que esta raça indígena, não tem capacidade de acompanhar a evolução dos tempos... ?!

O que é preciso é levarmos a este povo irmão, que se extingue pela falta de compreensão e apoio da nação, os meios para que reaja à inércia motivada pelo desprezo e passar a se orgulhar de sua origem!...

Para que um dia caia o fantasma da discriminação, extinguindo-se as fronteiras das Reservas e eles se sintam realmente integrados na condição de verdadeiros cidadãos brasileiros... Irmanados e equiparados às diversas raças que aqui habitam este solo, conscientes de que com a miscigenação de todas elas, formamos um só povo forte e altivo... O povo do nosso querido Brasil!

Irmãos, esta é a minha bandeira!"

Ao término desse discurso, Pedro muito aplaudido por seus entrevistadores, foi então alvo de uma série de perguntas... À todas, ele soube responder seguro de si, demonstrando inteligência e conhecimento de causa.

Orgulhosos, seus pais não cabiam em si de contentes e muitos telefonemas foram trocados, não só entre os familiares, mas também com vários amigos. Todos perguntavam quando ele estaria na cidade, para cumprimentá-lo pessoalmente.

Entretanto, somente dois meses depois ele pode voltar a Trilha das Palmeiras...

Era a festa dos sessenta anos de Daniel. Toda a família e um grande número de amigos, entre estes, os síndicos da Reserva Iguamirim com suas esposas, estavam reunidos na casa

preparada especialmente para esta ocasião. Norma havia organizado tudo, com simplicidade e aconchego, como o aniversariante apreciava...

Um grande toldo de lona branca, para proteger os convivas do sereno da noite, cobria todo o jardim, que se encontrava enfeitado por belos arranjos de flores. A noite enluarada e de temperatura amena, colaborava para o encantamento da festa....

Pequenas mesas redondas, cobertas por toalhas de cor marfim, com buquês de flores do campo em seu centro, se achavam espalhadas por sobre o gramado, a varanda e as duas salas da casa. Assim, confortavelmente sentados, os convidados podiam saborear o delicioso jantar, servido em um *buffet*, no interior da sala principal.

Até a família alemã se fazia presente, representada por Fritz, o filho de Hans e Matilde, que trouxera com ele sua sobrinha Fernanda, de dezoito anos.

Ele viera ao Brasil, em viagem de negócios... Diretor executivo da fábrica Hoffmeister de Telefonia, precisava fazer uma pesquisa de mercado. Pretendiam implantar uma filial no Rio Grande do Sul. Coincidentemente, Fernanda estava se preparando para passar um ano no Brasil, num intercâmbio cultural. Escolhera a cidade de Santa Maria, por ser mais próxima a Trilha das Palmeiras, com o intuito de conhecer os parentes brasileiros. A família hospedeira esperava-a somente dentro de um mês. Porém, aproveitando a companhia do tio, antecipara a sua viagem. E assim, eles tiveram a oportunidade de estar presentes no aniversário de Daniel.

- *Pois é...* - dizia Fritz em inglês, após pedir desculpas por não conseguir falar fluentemente o português que, apesar dos esforços feitos durante a sua infância e adolescência por Matilde, ele nunca conseguiu falar bem.- *O pai e a mãe não se sentem encorajados a viajar de avião... Apesar da enorme vontade que têm de rever todos vocês, não tiveram coragem de enfrentar o longo vôo!...Ambos estão com sérios problemas de coluna e não podem ficar sentados por muito tempo...*

- *Que pena!* - fala entristecido Daniel - *Nós também sentimos muita saudade deles... Não sabia que estavam doentes assim...*

- *Não... No geral, eles estão bem de saúde* - retruca Fritz - *Apenas não agüentam muitas horas sentados... Aqueles dois vão longe!...*

- *Ainda bem!... Porque eu e Giovana estamos pretendendo visitá-los, no próximo ano, tão logo eu me aposente.*

- Dani... Pede para ele falar sobre todos! Sua esposa, os outros filhos e todo o resto da família! - fala Giovana para o marido, insegura de conversar com o sobrinho no seu fraco inglês.

Fritz apanhando dois envelopes do bolso do paletó, de um deles retira os retratos de sua família: - *Vim prevenido*! - fala rindo, exibindo-os orgulhosamente e, abrindo o outro envelope, explica - *Este aqui, foi a mana Fernanda quem mandou para vocês*!

Ouvindo isso, Fernanda se dirige a Giovana num português perfeito: - Mas a mãe, tia, também mandou um álbum completo de toda a família, por meu intermédio... Está junto com o presente do tio Daniel.

Pedro que se encontrava próximo a ela, olha-a com admiração: - Mas então a minha jovem prima alemã, além de linda, fala o português fluentemente... E sem sotaque?!

Fernanda, com um sorriso que iluminava todo o rosto, fazendo com que os belos e grandes olhos azuis resplandecessem, responde: - Aprendi com a minha avó Matilde... Sempre conversei muito com ela e desde menina, sonhava em conhecer o Brasil... Acho que também foi influência do meu nome brasileiro...

- Então foi por isso que quiseste aprender o português...? Para conhecer a terra da tua avó ?!

- Sim!... Como eu sempre fui muito unida com os meus avós e o Vô Hans é apaixonado pelo Brasil, sei de muitas coisas daqui... E da família também! Coisas que você nem imagina!

- fazendo um ar misterioso, começa a se afastar do grupo ao redor do tio Fritz, indo em direção ao jardim.

Acompanhando-a, Pedro pergunta curioso e muito interessado: - E posso saber o que eu desconheço...?

- Bem... - ela responde com um sorriso brejeiro - Sei todo o trabalho e toda a luta que você tem empreendido em favor dos índios guaranis...

- Sério...?! - se surpreende ele.

- Verdade!... O Vô é encantado pelas Missões, com o trabalho dos jesuítas e a raça guarani... Sempre achou uma enorme injustiça o que foi feito contra eles... Acha que se não tivessem massacrado os índios guaranis, hoje eles seriam um grande povo... Tudo o que o tio Daniel manda sobre você, o Vô guarda.

- Estou tão impressionado com o que estás me dizendo, que confesso, nem sei o que falar... - diz ele com uma expressão de espanto.

Olhando bem para ele, Fernanda sorri novamente, demonstrando sincera admiração: - Então confesso também: Vi várias vezes no vídeo, a fita que o tio Daniel nos mandou... Fiquei impressionada com o seu jeito de discursar! Você tem carisma, é inteligente e com um enorme *charme*! - e séria, ela fala com ternura - Queria muito conhecer você!...

Cada vez mais surpreso, Pedro se interessa em saber sobre ela: - Tu me deixas muito vaidoso e encabulado, Fernanda... Estás me superestimando! Mas me fala agora sobre a tua vida...

- Bem... Gosto muito de estudar, principalmente línguas... Falo, além do português, o inglês e um pouco de francês. E no ano que vem, quando retornar para Alemanha, pretendo fazer a faculdade de Sociologia.

- Poliglota... Parabéns! E por que sociologia...?

- Por sua causa...

- Por minha causa...? Como...?!

- Influência do seu trabalho... Nas conversas com o Vô Hans, aprendi a apreciar o que você faz.... E a primeira vez que eu vi um retrato seu, eu tinha quatorze anos... - e com um sorriso tão enigmático quanto ao da Mona Lisa, pergunta - E sabe o que eu fiz...?

Pedro cada vez mais surpreendido com as revelações dela, fala muito curioso: - Não faço a menor idéia!...

- Guardei comigo...No meu álbum de recordações! E sozinha no meu quarto, desejei um dia me encontrar com você!

Completamente aturdido com o que ouve, ele nada fala, apenas mergulha o seu olhar nos lindos olhos azuis da jovem prima... De repente, sente surgir um novo sentimento em seu coração... Um misto de ternura e arrebatamento... Bastante confuso com o que está sentindo, sente-se aliviado quando, neste preciso momento, surge Bianca que estava à procura deles.

- Até que enfim os encontrei!... Na verdade, o pai é quem deveria ser o centro da festa hoje... Entretanto, vocês e o primo Fritz estão dividindo as atenções de todos! - e sorrindo para a prima, fala carinhosamente - A turma lá dentro quer conversar contigo e com ele! Querem saber mais detalhes da nossa família alemã e das andanças do Pedro!

- Então vamos!... - responde Fernanda com simpatia.

Bianca, dirigindo-se a Pedro, fala alegre: - Mas antes de entrarmos, *mano*, quero te dizer que *adorei* o teu discurso na TV e que o teu visual na *telinha* estava *demais*! *Um charme só*!!! - rindo, brinca com ele - Com certeza, vais granjear muitas adeptas ao teu projeto!...

Colocando-se entre os dois, ela segura as mãos de ambos, levando-os para dentro de casa.

E por algum tempo respondendo as perguntas, Pedro expõe seus projetos e algumas das dificuldades já superadas. Fritz demonstrando ser um ouvinte atento, se compromete a transmitir tudo aos pais em seu retorno a Alemanha.

Contudo, o ponto máximo da festa foi mesmo quando o bolo, com as sessenta velinhas acesas, foi levado a Daniel pelos seis netos, filhos, nora e genro. Após cantarem o "Parabéns a Você", Gustavo e Bianca tocando violão, cantaram a música que marcou o namoro de Daniel e Giovana. Muito emocionados, ambos choraram ao ouvirem o "Retorno ao Pago"...

Quando todos começaram a se retirar, Fernanda ao se despedir de Pedro, com um olhar profundo pergunta ansiosa: - Quando poderemos continuar a nossa conversa bruscamente interrompida...?! Tenho muito mais a lhe dizer...

Sentindo-se inseguro, ele responde tentando disfarçar o turbilhão de emoções que está se formando dentro dele: - Não sei quando poderei ir a Porto Alegre e tu vais amanhã para lá com a Bianca, não é isso...?

- Sim... Mas quem sabe se você não poderá me visitar lá ?!

Procurando se mostrar o mais natural possível, ele explica: - Gostaria muito... Mas tenho que dar algumas palestras em várias universidades, durante este mês...

O coração de Fernanda dispara e tentando não demonstrar a ansiedade que está sentindo, procura dar um tom de casualidade à pergunta: - E por acaso, Santa Maria está incluída neste roteiro...?!

- Certamente... - responde ele, forçando um sorriso estritamente amistoso, ao dar uma informação apenas profissional - Santa Maria é uma das mais importantes cidades universitárias do Estado.

- Então nos veremos sim!... - ao contrário dele, mostra-se alegre. Ao se despedir com um longo beijo no rosto, afirma audaciosa, esboçando um sorriso maroto: - Estarei lá, te aguardando...Primo...

E juntando-se ao tio, ambos se retiram, acompanhando Norma, Maori e as crianças. Estavam hospedados na casa destes. Foram os últimos a saírem... Já passava da uma hora da manhã.

Apesar de estar se sentindo muito cansada, Giovana sentou-se entre Daniel e Pedro, para conversar ainda com o filho. Este partiria cedo pela manhã para Passo Fundo e tanto ela quanto Daniel, queriam aproveitar um pouco mais a companhia dele.

- Muito boa e alegre a festa, mãe. Parabéns! - fala este, acariciando a sua mão.

- Parabéns para a tua cunhada que cuidou de tudo! - responde esta sorrindo - Eu não movi um dedo!

- Sim... Eu sei. Mas a idéia foi tua!

- Resta saber se o aniversariante gostou... - e pergunta sorridente para o marido - Gostaste, querido...?!

- Muito... E ademais, foi uma bela despedida da casa!

- Vocês têm certeza mesmo, de que querem sair daqui...? - preocupa-se Pedro - Depois de viverem a maior parte de suas vidas nesta casa, será que vão se habituar num apartamento ?!

- É claro que vamos estranhar, filho... Mas a tua mãe anda muito cansada atualmente... Dirigir esta casa está sendo pesado para ela... E eu confesso que tenho vontade também de simplificar a nossa vida. Já estou para me aposentar e quero ter mais liberdade de sair com a Giovana para viajar. E casa é sempre mais complicado de deixar... - meio desanimado, fala nostálgico - Temos que aproveitar o *restinho* de mocidade que ainda existe em nós!

- Quê isso, pai!... Vocês estão ótimos! Soube que o Maori andou fazendo um *chek-up* nos dois... Os exames não deram todos bem ?!

- Os meus sim... Os da tua mãe, infelizmente não estão muito bons - e virando-se para esta, fala apreensivo - Aliás, *dona* Giovana, a *senhora* abusou hoje, hein...? Pensa que eu não vi?... Estavas comendo de tudo o que foi proibido!

- Ora, querido... Hoje foi festa! Amanhã retornarei à dieta...

- Mãe... Precisa tomar cuidado!... Não quero que nada de mal te aconteça!

- Fica tranqüilo, filho!... Esqueça isso, porque agora eu quero é saber de ti... Quando poderás retornar...?

- Dentro de um ou dois meses, talvez... Vou dar palestras em várias faculdades pelo Brasil. Começando pelo nosso estado...

Giovana olha para ele pensativa... Pedro estranha o seu olhar: - O que foi, mãe...? Em que estás pensando tão séria...?!

Suspirando ela comenta: - Uma coisa eu gostaria que acontecesse contigo... Antes que eu vá embora dessa vida!

- Não fala assim, mãe!... Deixa de bobagem... Ainda tens muito tempo conosco! - ele a interrompe, estranhando a sua conversa - Mas, o que gostarias que acontecesse comigo...?!

- Eu ficaria muito feliz, meu filho, se tu encontrasses uma companheira que te amasse o suficiente para abraçar contigo essa tua bandeira... Assim eu sei que tu serias completamente feliz!...

- Mãe, eu sou feliz!... Outra vez pensando nisso ?! Quantas vezes já te disse que eu me casei com o meu ideal... É impossível encontrar alguém que queira levar esse tipo de vida comigo!

- Nada é impossível nesta vida, meu filho! - ela insiste - Tenho dentro de mim que, um dia, tu ainda viverás um grande amor!

Ele acha graça da mãe: - Se sonhar com isso te faz bem, eu não me oponho!... - Todavia, em seguida ele se cala e o seu olhar se perde no espaço.

Daniel que apenas ouvia a conversa, observando o filho, sente algo estranho: - O que está acontecendo contigo, filho...?! Estás preocupado com algo sério...?

Pedro olha para este em silêncio... Entretanto, avaliando seus sentimentos, resolve se abrir com os pais.

- Estranho a mãe tocar nesse assunto logo hoje...

- Estranho por que ?! - pergunta Giovana admirada.

- É que me aconteceu hoje uma coisa inesperada. Mas eu não deveria falar sobre isso...

- Por que tanto mistério, filho...?!

- É que eu tenho medo, pai, de corporalizar o que estou sentindo...

- Mas... O que é de tão sério, filho ?! - insiste Giovana.

- Bem... Aconteceu... - ele titubeia, porém criando coragem, fala de uma vez - Aconteceu uma coisa incrível, quando a Fernanda veio falar comigo! Ela se dirigiu a mim, não como uma jovem prima... Mas como se fosse apaixonada por mim...

- Como...??? A neta do Hans e da Matilde...??? - se assustam Giovana e Daniel ao mesmo tempo - Não será imaginação tua, filho...?! Vocês nunca se encontraram antes!

- Em absoluto, pai!... Eu não sou bisonho!... - e resolve se abrir totalmente - Bem... Eu também levei um susto! E o pior de tudo, é que de repente eu descobri que ela personifica a mulher que eu tenho procurado por toda a minha vida!... Ela reúne tudo o que eu sempre sonhei!...

Admirados, apanhados de surpresa, pai e mãe não sabem o que dizer... Olham para o filho esperando que ele se explique melhor.

Pedro continua enlevado: - Ela é inteligente, culta e decidida! E comunga de meus ideais, a ponto do meu trabalho ter influenciado a escolha da sua profissão!... Como isso pode acontecer...? Nunca nos falamos antes! - e seu olhar se perde outra vez no infinito, com a imagem de Fernanda dominando a sua mente.

Quebrando o silêncio, Daniel, quer saber mais: - E o que disseste a ela, Pedro ?

- Nada, pai... Absolutamente nada, nem alimentei nada, pai!... Fingi que não havia entendido. Porém ela insistiu em voltar a se encontrar comigo... O que eu devo fazer...? Ela é muito jovem e eu sou um cara maduro, com uma vida tumultuada... Não tenho o direito de deixar que algo aconteça entre nós...

- Quanto a isso, meu filho é tolice tua... - ele olha penalizado para o filho - Acho que tu estás exagerando... Nem tão grande assim é a diferença de idade entre vocês... Recém tu fizeste trinta e dois anos, não é isso ?

- Exatamente... E ela ainda não completou dezoito! - e apertando a cabeça com as mãos, Pedro fala angustiado - Isso é total loucura!!! Como foi acontecer tal coisa comigo...?! Me apaixonar à primeira vista...?! - e se assusta com ele mesmo, pois não havia ainda se dado conta de que se apaixonara...

- Mas, filho, não estou entendendo essa tua aflição... - estranha Daniel - Isso é natural! Acontece com muita gente!

- Mas pai, a vida que eu levo, não comporta uma união perfeita! O que eu poderei proporcionar de agradável para uma mulher tão jovem e ainda por cima, criada e educada no Primeiro Mundo ?! Se eu der continuidade a um relacionamento desses, só resultará em sofrimento para todos. A família dela e nós dois!

Giovana que até então não pronunciara nenhuma palavra a mais, num impulso levanta-se e vai abraçar o filho, falando suavemente: - Não é motivo para tanta angústia, Pedro... Não menospreze o que tens a oferecer, pois numa união perfeita, o que importa é o amor, não as circunstâncias de vida!.. Realmente foi inesperado isso que aconteceu... Mas se este for o caminho que ambos terão que trilhar, tudo correrá naturalmente... Caso contrário, essa chama que ardeu subitamente, do mesmo modo se apagará!... Dá tempo ao tempo... Não força nada e peça a Jesus que ilumine a ti e a Fernanda... Entrega teu caminho nas mãos de Deus!

O abraço carinhoso de Giovana transmite uma forte energia que, envolvendo-o, leva a paz ao coração de Pedro. Comovido com o carinho da mãe, ele apenas murmura: - Obrigado, mãe... Te amo!

Daniel apreciando os dois faz mentalmente uma prece: "Jesus, que a Sua Harmonia e o Seu Amor nos envolva a todos... E que se cumpra a vontade do Pai e não a nossa!" - e em voz alta, fala para eles: - Concordo contigo, querida... Confiantes nos desígnios de Deus, vamos dormir agora, que estamos todos muito cansados... Como sempre dizia o meu pai Tomás, "o travesseiro é bom conselheiro".

E os três abraçados, se dirigem para a escada. Subindo para seus quartos, se recolhem para dormir.

Entretanto, Daniel e Giovana não conseguem adormecer, surpresos ainda pelo inusitado caso ocorrido com Pedro.

- É tudo tão inesperado, que me deixou impressionada... - diz Giovana - Como essa menina vem de tão longe, apaixonada por um homem que nunca viu...?!

- Mas ela explicou que tem acompanhado a nossa família, por intermédio dos avós... Hans aprecia o que Pedro faz e comenta com ela...

- E ela então criou uma fantasia a respeito dele... Imaginou-o um herói! Só pode ser isso. - suspirando, fala preocupada - Pobre do nosso filho... Ele tem razão! Essa fantasia da Fernanda, pode fazê-lo sofrer mais uma decepção em sua vida sentimental.

- Mas quem sabe, querida, se isso não tem outra explicação...? Do ponto de vista espiritual... Já te esqueceste como aconteceu conosco...?

Ela fica alguns momentos pensativa... Em seguida, concorda com ele: - É verdade! Conosco também foi assim inesperadamente!... Tens razão! - e fazendo uma introspecção, ela comenta - Aliás, quanta coisa aprendemos, nos abrindo a uma compreensão maior da vida espiritual.

E com este comentário, ambos retornam às lembranças antigas...

Durante dois anos Daniel psicografou regularmente. Recebeu ensinamentos muito importantes e ao mesmo tempo, orientação para estudos mais profundos, que os levariam a formar um grupo.

Após esses anos de preparação, aos poucos, sem que eles próprios convidassem, outros irmãos na fé, começaram a se juntar a eles. Um grupo foi assim formado e uma casa montada, para que os médiuns pudessem se dedicar a esse trabalho espiritual... Apesar das boas intenções de todos, erros foram cometidos por médiuns ainda em desarmonia, ocasionando experiências desagradáveis. Entretanto, estas mesmas experiências, acabaram por gerar profundos aprendizados, para todos os componentes do grupo. Através da fé, da dedicação e do amor, o trabalho foi se fortalecendo, passando a auxiliar no despertar de consciência de muitas pessoas que, através dele, iam em busca de ajuda para seus males.

Esse Centro que, sob a Luz de Jesus, recebia a coordenação do Mestre Orienal, Hi-Cheng, recebeu o nome de "Casa do Amor Cósmico". Com o correr dos anos, o trabalho gradualmente foi se modificando, sob a orientação do Mestre e das demais Entidades de Luz que também davam assistência à casa.

- Lembra, querida, o dia em que parte do grupo viu pela primeira vez, através da vidência, a Nave Azul dos irmãos cósmicos, que protege o nosso trabalho...?!

- Como esquecer, Dani...? Foi tão emocionante! Aliás, todas as vezes que ela se mostrou para nós, sempre ocasionou grande emoção...

- Porém, emoção indescritível, foi quando o irmão Inauama nos levou até ao alto daquela coxilha, meio a um campo deserto... Recordas disso...?

A noite estava escura... O negror profundo do céu, pontilhado de uma infinidade de estrelas brilhantes, exibia com perfeita nitidez as principais constelações do Hemisfério Sul, sobressaindo-se entre elas, o Cruzeiro do Sul.

Os faróis do carro mal iluminavam os inúmeros buracos da precária estrada de terra batida. Após mais de cinqüenta quilômetros em meio a muitos solavancos e pedras soltas pelo caminho, a entidade que se encontrava incorporada no médium, Inauama, mandou que Daniel parasse a caminhonete. Daí para frente, o trajeto seria feito a pé, por mais uns três quilômetros campo adentro, aonde não existia nem plantações nem gado.

O pequeno grupo era formado, além dos dois, por Giovana e mais quatro médiuns. Inauama não permitiu que nenhuma lanterna fosse acesa. Mandou que todos se sentassem sobre a relva, formando um círculo. A seguir foi feita uma prece a Jesus, pedindo a Sua proteção, a orientação de Hi-Cheng e o auxílio da Corrente da Luz de Jesus.

Inesperadamente a noite clareou... Era como se a lua cheia tivesse surgido de repente, derramando seu prateado luar sobre o campo deserto.

Surpreendidos por este espetáculo, nenhum componente do grupo ousava falar qualquer coisa. Apenas seguiam Inauama em direção ao alto da coxilha. Lá chegando, novamente ele mandou que todos se sentassem e ficassem observando o céu. De súbito, várias luzes, quais satélites, começaram a se mover ligeiro, riscando o manto negro do firmamento.

- São as naves dos irmãos cósmicos... - explica Inauama para os aturdidos médiuns - Eles estão a serviço da Humanidade, tentando ajudar na sua transformação... Deixam-se ver somente pelos seres humanos que, tendo acendido em seus corações a chama do anseio pela evolução, iniciam o despertar de suas consciências cósmicas e desejam colaborar no serviço espiritual. Esta chama, que se reflete em suas auras, é vista pela Espiritualidade de Luz, que passa então a dar assistência a eles, nos diferentes níveis de seus trabalhos.

Quebrando o silêncio, Daniel pergunta respeitosamente: - Mas, por que nunca nos falaste sobre isso...?!

- Ainda não era o momento... Agora os trouxe até aqui, para que saibam que os Irmãos Cósmicos se preocupam com os desmandos que ocorrem na Terra... Que numa tarefa em prol da evolução dos seres humanos, procuram ajudá-los à nível mental, para que possam se

libertar desse plano tão primário... Evoluindo, corrigindo seus defeitos, despertando a energia do Amor Cósmico... Foi para ensinar a Amar, que Jesus desceu a Terra, em meio a tanto sacrifício!... Somente assim, seguindo Seus Ensinamentos, é que a Humanidade poderá passar para um plano mais iluminado, mais evoluído, se libertando finalmente dessa roda reencarnatória de tanto sofrimento...

Fazendo uma pausa, a entidade através do médium, olha para todos detidamente, avaliando a reação de cada um às suas revelações.

Daniel, apesar de temer estar sendo inconveniente, volta a perguntar: - Mas podes nos dizer, irmão Inauama, por que este é o momento de tomarmos conhecimento desse grande auxílio cósmico ?!

Sério, este responde: - Uma vez que vocês se dedicam a um trabalho de amor ao próximo, sem aspirarem nenhuma vantagem pessoal ou material, estamos oferecendo uma oportunidade de uma expansão maior de suas consciências, com conhecimentos mais amplos sobre a vida cósmica... Todavia, esse trabalho maior, exige também responsabilidades maiores.

- Como assim...? - questiona preocupado, Daniel - Quais seriam essas responsabilidades maiores ?!

- Vocês teriam que abdicar de hábitos adquiridos no cotidiano da vida física/material e de anseios por realizações pessoais... Teriam que se dedicar quase a um tempo integral ao serviço cósmico. Por isso estamos perguntando se desejam este contato mais próximo conosco... Não são obrigados a aceitar... Meditem sobre isso e façam a sua escolha.

- Mas... Se não desejarmos essa mudança, não teremos mais o seu auxílio...?! Ficaríamos estacionados ?!

- Em absoluto!... Não irão deixar de evoluir por isso. O trabalho que realizam, além de ajudá-los na libertação de seus carmas, facilita a evolução. Quanto ao nosso auxílio, continuarão recebendo sempre, pois ele também é parte da nossa própria evolução. Também estamos evoluindo, só que num outro plano. Já trilhamos os planos físico e astral... Estamos agora no plano mental, de onde desce a Luz do Oriente para a Terra.

- Então que mudança ocasionaria, abraçarmos o trabalho cósmico que tu nos propõe ?!

- Teriam uma visão mais ampla da vida cósmica, num contato mais direto conosco, participando de um trabalho mais vasto e profundo...

- Mas em contrapartida, teríamos que levar uma vida quase monástica. Foi isso que eu depreendi... Ou estou errado...?

- Não... Estás certo. Foi por isso que os trouxe até aqui. Para que pudessem ter esta pálida visão do que poderá ser o nosso contato com vocês, caso aceitem tal compromisso. Além de uma evolução bem mais rápida, evidentemente... Entretanto, volto a afirmar... Não existe obrigatoriedade de tempo para a expansão da consciência... O tempo é a Eternidade. Meditem sobre tudo isso... Na próxima reunião do grupo, na Casa do Amor Cósmico, vocês terão em seus corações, a resposta que escolheram.

Nesse momento, as luzes no céu pararam de se mover e Inauama voltou a falar: - É chegada a hora de retornarem a seus lares... Seguirei ainda com vocês, até a estrada e tão logo iniciem a volta, irei me retirar... E acreditem que de uma forma ou outra continuaremos ao seu lado! Que Jesus ilumine e proteja a todos nós!

- Foi mesmo incrível - recorda Giovana - Assim que entramos no carro, a claridade foi diminuindo e a noite mergulhou novamente na escuridão total!

Suspirando, Daniel fala emocionado pela recordação daquele episódio que marcou fundo em seu coração: - Pena que não estávamos preparados para aceitar o que de maravilhoso nos ofereciam...

- Na verdade, querido, ainda continuamos sem o preparo necessário para tal expansão!... Mas creio que agimos bem, dentro de nossas limitações... - e com um sorriso cansado, ela continua - Comparo o trabalho que desenvolvemos na Casa do Amor Cósmico, com a missão de alfabetização dos professores, nas escolas da Terra... Se éramos canais alfabetizadores, como ainda somos, como ter o necessário preparo para nos tornarmos catedráticos, não achas...?

- Tua maneira de ver a vida, querida, sempre foi simples, porém profunda!... Alfabetizar é necessário e importante... É básico! Um aluno jamais poderá chegar ao ápice de uma carreira profissional, se não souber ler e escrever!

- Da mesma forma, conscientizar as pessoas a compreenderem a expansão da vida... Mostrar que todos fazemos parte de uma Vida Única... É incentivá-las a fazer uma busca espiritual mais profunda... Portanto, um ensino básico!

- Mas muito importante...- concorda Daniel - Ao aprendermos isso, compreendemos que a nossa maneira egoísta de viver, quer queiramos ou não, interfere na vida de nossos semelhantes... Basicamente, nos leva à compreensão de que todos nós somos responsáveis pela Harmonia do Todo!

Eles se achavam deitados na cama. Giovana, com a cabeça apoiada no ombro dele, suspira fundo: - Sabe, querido, recordar todos esses anos em que trabalhamos regularmente na Casa do Amor Cósmico, me deixa saudosa... Pena estarmos afastados da sua direção!

- Mas, querida, cumprimos o nosso tempo. Foram muitos anos de dedicação integral. Agora é o momento de outros mais jovens assumirem a responsabilidade de dirigir a casa... Freqüentar simplesmente as reuniões, como estamos fazendo, nos mantém ligados na Energia, ajudando no que for necessário, com a nossa experiência de vida.

- Eu sei, Dani... Mas é exatamente em função da nossa experiência de vida, que estou tão preocupada com o Pedro...

- Mas o que disseste para ele, foi correto, querida...

- Sim... Mas qual será a reação da família, se esta situação for adiante...?! Sinto um grande aperto em meu coração...

- Querida... Repito o que disseste: Vamos deixar nas mãos de Deus! Afinal, se acreditamos na Sua proteção, não devemos nos angustiar por antecipação... O melhor é rezarmos por todos, para que a harmonia se instale em nossos corações...

E abraçados, assim eles fizeram, mergulhando em seguida num sono reparador...

Num vale, cuja vegetação rasteira se espalhava qual um tapete verde, entre montanhas cobertas por frondosas árvores, corria um límpido rio, por entre seixos rolados. A luz do sol poente refulgia no espelho de suas águas que deslizavam tranqüilas, salpicando-as de dourado.

Daniel se espanta por estar ali... Admirando a beleza do lugar, custa a perceber a figura do Caboclo Guaraci, recostado em uma pedra, sorrindo para ele: - Irmão Guaraci!... Por que estamos os dois neste lugar...?! - pergunta surpreso e alegre ao mesmo tempo.

- Precisava falar contigo... Tive permissão para este encontro.

- Então deve ser algo muito importante. - preocupa-se Daniel.

- Algo esclarecedor, para ser mais exato - fala aquele, novamente sorrindo - Senta ao meu lado!... Quero te mostrar uma coisa.

Intrigado, Daniel senta-se próximo a ele: - O que é dessa vez...?

- Concentra a tua atenção na transparência das águas e olha além delas, como se o teu olhar atravessasse o leito do rio...

Mesmo estranhando o que lhe era dito para fazer, ele obedece. Após algum tempo, uma larga fenda vai se abrindo no fundo, deixando ver numa outra dimensão, um outro local, um outro tempo...

Admirado, Daniel vê como num filme, uma cena bucólica. Um padre de meia-idade, com as mangas da batina arregaçadas e a saia semipresa na cintura, trabalha numa viçosa horta, no terreno atrás de uma pequena igreja católica. No pátio ao lado desta, duas freiras estão colocando em fila várias crianças brancas e loiras, de idades variadas. Vão se encaminhando para uma escola de bom tamanho, toda construída com toras de madeira. Então, ele reconhece o lugar. É Novo Paraíso, já um pouco mais habitado... Rapidamente outra cena se sucede a esta.

Nos fundos da casa de Karl, numa sala de largas janelas, onde a claridade do sol penetra livremente, outra freira leciona para algumas crianças índias que, atentas, olham para ela.

Mais uma vez a cena se transforma... Perplexo, Daniel vê o interior da casa de Karl... Deitada em uma cama tosca, Jurema já bem idosa, falava numa voz fraca, para Tupiara. Karl, sentado aos pés do leito, olhando para os dois, ouvia entristecido.

"O meu tempo está findando... Mas sei que um novo tempo virá... e uma nova vida renascerá para mim... Assim como acontece para todos... filho..."

Tupiara, triste, nada falava, apenas a olhava, afagando sua cabeça embranquecida, com carinho.

"Vou pedir... quando lá na Taba... do Nosso Pai Maior... eu chegar... vou pedir pra que eu continue... do teu lado... num novo caminhar..." - e dirigindo-se para Karl, com o olhar que começava a vagar distante, murmura enfraquecida - Com... o meu amigo branco... também... uma nova... vida..."

E suspirando fundo, um tênue sorriso ilumina as feições envelhecidas num lampejo de felicidade e Jurema, fechando os olhos, deixa cair suavemente a cabeça para o lado. Partira em paz, para a Taba do Pai Maior...

Daniel comovido com o que acabara de ver fica algum tempo em silêncio, observando o correr do rio, que voltara ao seu normal... Porém, curioso, questiona Guaraci: - Por que me mostraste essas cenas...?!

- No quadro em que estás montando, sobre as ligações entre os espíritos que caminham juntos, através de muitas vidas na matéria, não percebeste que estão faltando três pedras...?!

Daniel se surpreende: - Três...? Quem eu deixei de perceber...?!

- Quando o povoado Novo Paraíso começou a crescer, Karl escreveu uma carta para o Império do Brasil, pedindo uma escola. Foi atendido... A Ordem dos Franciscanos se dispôs a realizar o pedido de Karl e um padre e três freiras foram enviados, dando início a um pequeno convento... O que ocasionou, na verdade, muitos atritos de Karl com a população, uma vez que esta, na época, era quase toda luterana. Porém, como se fazia necessário uma escola, pois o povoado estava crescendo relativamente ligeiro, a comunidade acabou por aceitar a igreja católica e seu convento... E o padre, conquistando a amizade do pastor, juntamente com este, desenvolveu o ensino escolar. - neste ponto, Guaraci, interrompe a narrativa para perguntar - Esse padre não te lembra alguém...?

Admirado, Daniel responde com convicção: - Claro... O padre Francisco! Então, a facilidade que ele possuía, de unir no trabalho diferentes segmentos religiosos, vem de outras vivências... Querido padre Francisco!

Sorrindo, Guaraci indaga: - Sim... E nunca percebeste que a amizade entre Francisco e Tomás era muito forte, portanto muito antiga...?

- Nunca pensei nisso!... Mas... Antiga desde quando...?!

- Ambos foram jesuítas nas Missões, que escolheram continuar seu trabalho junto aos guaranis, através do tempo. Percebes agora...?!

- Sim! - diz Daniel pensativo - Por isso eles sempre se entenderam tão bem!

- Bem... Continuando... Uma das freiras, aquela que estava com as crianças índias, ficou muito amiga de Karl e o ajudou bastante ensinando aos filhos dos índios que lá foram viver... Apesar do esforço conjunto do padre e do pastor, a discriminação aos índios permanecia e as

crianças índias não podiam estudar com as alemãs... Mas quem a teu lado nesta vida atual, além de Juraci, te ajudou com as crianças da Reserva...?

- Minha sogra Adriana!... Como eu nunca percebi que existia entre nós um afeto antigo...? Oh, meu Deus!... Não valorizei o quanto devia o seu carinho e a sua dedicação!... Mas... E a terceira pedra, como posso saber...?!

- Não percebeste o grande amor entre Jurema e Tupiara...? Pensa um pouco e ouça a tua voz interior...

Tentando descobrir, Daniel começa a analisar: - Jurema veio Potira... Potira veio Pedro... Pedro... Um grande amor entre Jurema e Tupiara... Tupiara... Tupiara... é Fernanda!!! Então é isso!!!

- Felizmente entendeste... Eles precisam completar o seu trabalho... Era o que eu queria te mostrar! - e apontando para o rio, ele conclui - Veja o rio, Daniel... As águas se juntam para desaguarem no grande oceano... Assim como nossos espíritos se unem para retornarem ao seio do Nosso Criador!

Os dois ficam meditativos, olhando as águas correrem mansamente... Uma expressão de profunda paz vai transformando as feições de Guaraci que, num tom de voz exprimindo plena felicidade, volta a falar: - Este é o momento da nossa despedida, meu amigo...

Daniel volta-se surpreso para ele: - Despedida...? Como assim ?!

- Cumprimos a nossa missão. Finalmente resgatamos o carma adquirido naquele terrível massacre nas Missões... Estamos livres para trilharmos um novo caminho, porém, dessa vez, separados.

- Como...? Logo agora, que nos unimos num amor fraternal, vamos nos separar...?

- Separar, no sentido de não mais nos encontrarmos, não! A Eternidade nos une a todos... Porém é hora de me preparar para renascer novamente na matéria... Vou em busca da minha alma gêmea...

- Então foi por isso que tiveste permissão de conversar, tão longamente, assim comigo ?

- Exatamente!... Entretanto, tu já sabes que conversas tão explicativas assim, são apenas entre as almas... Quando acordares deste sonho, irás recordar somente o necessário... O restante ficará gravado na tua consciência cósmica.

Antes que Daniel pudesse falar mais alguma coisa, a voz de Giovana se faz ouvir chamando-o aflita: - Dani... Dani querido, acorda!...

Ele ainda pôde ver Guaraci sorrindo, acenando em despedida, desaparecendo numa névoa azulada e o sonho terminando bruscamente.

Ainda zonzo, ele fala com Giovana: - O que foi, querida...? Aconteceu alguma coisa ?!

- Eu é que te pergunto! Falavas como se estivesses assustado...

- E o que eu falava ?! - pergunta apreensivo.

- Era meio confuso... Dizias "Potira... Pedro" e depois, quase gritando; "Tupiara... Tupiara... Fernanda" - sentindo medo, ela pergunta - Algo de ruim vai acontecer com o nosso filho e a nossa sobrinha...?! Esse nome Tupiara quer dizer coisa ruim ?!

Sorrindo, apesar de não estar se lembrando bem do que sonhara, ele a tranqüiliza: - Não, querida... Tupiara não é ruim. É o nome de um grande amigo de outros tempos!

Sentindo-se em paz, uma luz se acende em seu íntimo, fazendo-o refletir: "Existe lógica no que eu falei... Acho que é mais uma pedra que se encaixa no quebra-cabeças de minhas vidas!... Jurema / Potira / Pedro... Jurema amava Tupiara... Jurema/Potira/Pedro e Tupiara... Pedro e Fernanda... É isso! Tupiara é Fernanda!!!"

Beijando Giovana, aperta-a de encontro a si, falando com serenidade e convicção: - Nada de ruim, querida, acontecerá com eles... Estão envoltos na energia do Amor Universal!... É madrugada ainda, vamos dormir mais um pouco, amor.

Ela encosta a cabeça de encontro ao coração de Daniel, falando baixinho: - Que bom, querido! Assim me sinto em paz... Vou dormir novamente... - e suspirando fundo, fala

sonolenta - Estou sentindo um cansaço tão grande... E se aconchega mais ainda em seu abraço.

Daniel sorri feliz, afagando os belos cabelos que começavam a pratear...

Porém... Repentinamente Giovana levanta a cabeça e, entre surpresa e alegre, fala um pouco mais alto: - Veja, querido! Tio Francisco está aqui!!!

O coração de Daniel se aperta tão fortemente que chega a doer. Sentindo um triste pressentimento, pensa angustiado: "Oh, não!... Ainda não, meu Deus!!!"

Aflito, sem saber que providências tomar, se ergue um pouco na cama, abraçando-a com firmeza: - Estás sonhando, querida!...

Giovana continua com a voz mais firme: - Não estou sonhando, Dani... Tem tanta luz!... Ele está me chamando...

Tomado de medo e angústia, soltando um dos braços e se inclinando para o lado, ele tenta apanhar o telefone: - Querida, vou chamar o Maori... Ele vai te medicar!...

Entretanto, sem prestar atenção ao que ele está falando, Giovana continua olhando longe, falando ininterruptamente: - É um jardim... Tem muita flor, Dani... Um grande portão aberto no jardim... Que lindo, meu amor!...

Daniel aperta-a de encontro a si e com o coração batendo disparado, murmura baixinho: - Não, meu amor, não vá para o portão!!! Não me deixa!!!

Ela olha então para ele, um tanto aflita, dizendo: - Tio Francisco está dizendo... todos estão me esperando... uma grande festa... Dani, meu amor... te amo... te amo... estou com sono.... muito sono... muito...- e sua voz foi ficando fraca e Giovana descansando a cabeça em seu peito, deixa escapar um último suspiro...

Abraçando-a fortemente, Daniel beija-a repetidas vezes, enquanto as lágrimas rolam em seu rosto. E por entre os beijos, repete uma única frase: - Irei me encontrar contigo, amor, o mais rápido que eu puder... Amo-te além da vida!!!

Giovana partiu em paz, nos braços de sua alma gêmea...

Dessa vez, num encontro de profunda tristeza, a família novamente se reuniu... Fritz, tendo podido adiar seus compromissos em Porto Alegre, também permaneceu em Trilha das Palmeiras. A dor une os seres humanos e os faz pensar na transitoriedade da vida terrena... Estavam todos estarrecidos pelo inesperado e triste acontecimento. Tinham acabado de voltar do cemitério...

Daniel deixando a todos na sala, foi para seu escritório... Queria ficar um pouco a sós... Apesar de estar conformado com o inevitável, uma enorme saudade machucava-o por dentro. Sentando-se na poltrona *bergère*, pensava no imprevisível da vida: "Anteontem unidos numa alegre festa e hoje separados numa triste despedida..."

Mal acabara de pensar, um perfume de rosas inundou o ambiente e uma luz lilás se fez em sua mente. Daniel sentiu então a presença de Giovana a seu lado... Comovido, começou a falar para ela mentalmente: "Que bom que estás aqui, junto a mim!... Obrigado, amor, por vir me consolar... Mas tenho a certeza, minha querida, de que tu estás bem e quero que estejas alegre junto de nossos entes queridos... Não te preocupes comigo, eu vou superar esta dor... A dor de não mais poder te olhar, conversar contigo, te acariciar... A saudade dói!... Dói muito, mas não há de demorar demais o nosso reencontro... Te amo, amor! Estejas tranqüila e feliz neste plano de luz, que certamente, é o lugar aonde te encontras... Te amo! Segue em paz, amor, neste novo caminho... Nosso amor é eterno... Em breve estaremos juntos novamente!"

O perfume de rosas envolve Daniel como um cálido abraço e a voz de Giovana ressoa em sua mente: "*Estarei sempre junto a ti, meu amor... Estarei te esperando na hora certa... Sei que ainda tens algo a cumprir junto à nossa família querida... Estarei ao teu lado, te ajudando... Beijo-te com todo o meu amor!"*

Muito emocionado, ele sente em seus lábios o calor de um beijo seu... Uma paz infinita o envolve e tomado de uma forte energia, levanta-se e vai ao encontro de sua família, que se achava reunida na sala.

Ao vê-los conversando tristonhos, alguns com os olhos ainda vermelhos de choro, Daniel se dirige a eles, expressando seu carinho: - Não fiquem tristes, queridos. A mãe, a avó, que vocês tanto amam está bem... Muito bem! Ela deseja vê-los felizes, seguindo os seus caminhos... Do plano aonde ela se encontra, estará sempre olhando por todos nós!

Pedro cancelou suas palestras em Passo Fundo, para ficar fazendo companhia para o pai, até a missa de sétimo dia.

Num final de tarde, no meio da semana, Daniel foi convidado a ir na Casa do Amor Cósmico. Uma bela e tocante prece foi feita... Naquele momento, apesar do conforto que estava recebendo e da certeza da continuidade da vida, recordar os anos em que ele e Giovana ali trabalharam, aumentou a saudade que dela sentia.

Todavia, quase ao término da prece, quando seus olhos já estavam marejados de lágrimas, ele sentiu que o abraçavam. Foi tão quente e amoroso o abraço, que ele se virou para o lado, para ver quem o abraçava com tanto carinho. Não era ninguém... Muito emocionado, sentiu que era Giovana. Um perfume de rosas inebriou-o... E em sua mente escutou sua doce voz: "*Não chora, amor!... Estou aqui ao teu lado, como sempre estarei até o momento do nosso reencontro... Nossos filhos ainda irão precisar de ti...Tão logo termine a tua tarefa junto a eles, virás ao meu encontro... Porque será chegada a tua hora... Te amo!!!*"

O aroma de rosas evaporou e à medida que o calor do abraço foi se extinguindo, Daniel começou a se sentir revigorado. Desaparecendo por completo a dor da saudade, uma energia de paz penetrou em seu coração.

Tão feliz ele havia ficado com esse amoroso contato, que só percebeu o que Giovana quis dizer quanto a tarefa de auxílio aos filhos quando, ao chegar em casa, encontrou Fernanda e Pedro sentados juntos no sofá da sala. Conversavam distraídos e de uma forma íntima.

Surpreendidos com a chegada de Daniel, ambos se levantam, indo ao seu encontro: - Viemos te buscar, pai... Norma e Maori fazem questão da tua companhia no jantar... A Bianca e o Gustavo já estão lá com as crianças.

Não dando mostras de que percebera algo entre os dois, Daniel aceita: - Está bem filho... Vou avisar a dona Constância e em seguida podemos ir.

Enquanto se dirigiam para a garagem, Fernanda comunica a Daniel: - Tio, não vou mais para Porto Alegre... Aceitei o convite da Norma e vou ficar com ela, até o dia da minha ida para Santa Maria. Quero conhecer mais sobre a minha família brasileira e sobre as Missões... O Pedro me disse que ninguém melhor do que o senhor para me contar tudo... - e com o seu cativante sorriso, pergunta antes de entrar no carro - Não vou incomodá-lo com isso... ?!

- Em absoluto, querida... Será um prazer! - ele concorda, porém pensa apreensivo, enquanto se acomoda no carro: "As coisas estão se encaminhando mais depressa do que eu esperava..."

Assim que o jantar terminou, Maori, abraçando o pai se encaminha com ele para a sala de estar: - Pai, Norma e eu queremos te dizer uma coisa - e voltando-se para a mulher, pede: - Venha, querida, venha sentar-se conosco... E vocês dois também! - chama por Gustavo e Bianca - Devemos conversar todos juntos!

Tão logo se acomodam, Daniel adianta a conversa: - Acho que sei o que vocês querem me falar... É sobre a mudança da casa, não é isso...?!

- Sim, isso mesmo... Só que não estamos querendo fazer o que a mãe propôs!... Já trocamos idéias com a Bianca e o Gustavo sobre isso - diz Maori - Só não conversamos ainda com o Pedro!

- Então, o que vocês resolveram fazer ?! - pergunta este.

- Nada, *mano*...- responde Maori - Não resolvemos nada, porque sabemos o quanto o pai gosta da casa dele!... Não achamos justo ele ter que abandoná-la! Meditamos sobre o fato da mãe, várias vezes, se dizer muito cansada e querer sair de lá... E chegamos à conclusão de que ela assim falava, inconscientemente, como um sinal do que estava para acontecer... Não te parece, pai...?!

Daniel olha pensativo para o filho, dizendo uns segundos depois: - Não tinha me dado conta disso... Acho que vocês têm razão!

- Foi o que nós pensamos...- fala Norma, entristecida - Na verdade, concordamos com a mudança, mais para satisfazer Dona Giovana... Reconheço que morar num ponto mais central seria mais prático para os nossos filhos... Mas nunca havíamos pensado em sair da nossa casa.

- Eu sei... - diz Daniel compreensivo - Mas agora que ela partiu, o que pretendem fazer...?!

- Bem, pai... - diz Maori - Não sabemos o que fazer... Por isso precisamos conversar juntos. O problema é que não gostaríamos que tu te afastasses das tuas coisas... Mas ao mesmo tempo, não agrada a nenhum de nós te ver sozinho naquela casa tão grande... O Pedro pouco fica contigo e isso nos preocupa muito...

- O que o senhor sugere, doutor Daniel...? Gostaríamos que nos dissesse com sinceridade o que deseja fazer! - fala Norma, olhando pesarosa para o sogro.

Daniel sorri, comovido com a preocupação deles a seu respeito e não demora muito em responder: - Acho que tenho uma solução que talvez seja conveniente para todos! Mas é preciso que Pedro esteja de acordo!

- Pai, o que tu decidires, para mim estará ótimo! Faça o que achares melhor! - este apressa em se manifestar.

- Obrigado filho! Então assim vou dar a minha sugestão - e com sinceridade, expõe o seu desejo - Na verdade, não gostaria de ficar sozinho naquela casa, em meio a tantas lembranças, que não me permitem amenizar a enorme saudade que sinto de Giovana... Mas... Por outro lado, também não me agrada ficar afastado das coisas pelas quais estou habituado há tantos anos... Assim... Se todos concordarem... Eu mudo para o meu escritório, evitando desse modo as escadas, que já não me agradam muito!... Quanto a ti, meu filho - dirigindo-se a Pedro, sugere - Penso que se ficares no estúdio da tua mãe, terás independência e suficiente espaço para tudo o que é teu... - e olhando em direção a Maori e a Norma, completa a sua idéia - E vocês assumirão a casa toda... O que acham...?!

A solução agradou a toda família e a mudança se realizou um mês depois. E, como nada acontece por acaso, o tempo iria mostrar que esta mudança já estava predestinada.

No intuito de amenizar a solidão de Daniel, todos passaram a dedicar mais tempo ao seu lado. Bianca e Gustavo, acompanhados dos filhos, começaram a vir de Porto Alegre duas vezes por mês, para visitá-lo. Com maior freqüência, Pedro aparecia nos fins de semana e Fernanda nunca permaneceu em Santa Maria além do necessário para o estudo.

E assim, o que era para acontecer, aconteceu... A família, reunindo-se com maior freqüência, acabou por perceber o amor que se tornava maior a cada dia entre Pedro e Fernanda. Contudo, no início nem todos aprovaram... E críticas surgiram, provocando um clima de desarmonia entre os membros da família. E quanto mais desaprovavam o namoro, mais força ganhava a decisão dos apaixonados de se unirem... Foi preciso muita habilidade da parte de Daniel, para que finalmente a família brasileira aceitasse de bom grado a possibilidade de um casamento entre Pedro e Fernanda.

Faltava agora a aprovação da família alemã, que por enquanto de nada sabia.

Poucos meses depois, chegou a aposentadoria de Daniel... Tempos atrás, isso seria motivo de alegria para ele, que pensava em viajar com Giovana. Agora, entretanto, fora motivo de depressão... Sem ter o suporte do trabalho no Fórum, os dias ficaram mais longos e tristes. Com maior freqüência ia na Reserva, mas ele já não era tão necessário ali, quanto antes. A administração implantada funcionava bem.

Uma pequena clínica bem equipada, coordenada por Maori, recebera recentemente a colaboração de mais dois médicos, perfazendo assim, uma equipe de oito colaboradores. Os novos médicos, uma pediatra e um ginecologista eram motivo de orgulho da comunidade. Eram guaranis, formados pela Universidade Federal de Santa Maria. Estes faziam parte da nova geração de bugres da pequena Iguamirim, que se impunha com igualdade de condições aos demais cidadãos brasileiros, graças ao apoio de pessoas interessadas no real desenvolvimento da Raça Guarani.

Outros dois que também se formaram em Administração de Empresas e Informática, se tornaram os Síndicos que exerciam a atual administração. Assim sobrava para Daniel, apenas a orientação jurídica a um jovem casal de advogados, também guaranis formados pela UNICRUZ, em Cruz Alta. Sendo estes, os substitutos de Daniel em seu trabalho.

Sentado no jardim, enquanto aguardava o lanche, Daniel pensava nesses acontecimentos...

"Sinto-me em paz, vendo a Reserva progredindo assim... O quanto tem ajudado o trabalho de Pedro junto a eles, incentivando-os a se orgulharem de si mesmos, fazendo com que eles desejem crescer, mudando a vida para melhor!... Incentivando-os com o seu exemplo... Quanto me deixa feliz, ver aquela juventude abrindo novos caminhos, através do despertar da inteligência... Tomara que o trabalho de Pedro alcance outras reservas por este nosso Brasil afora!... Que maravilhoso seria..."

Seu olhar perdido no tempo, em virtude de tais pensamentos, casualmente recai sobre a frondosa S*patódea,* ao fundo do jardim. Esta árvore, que há mais de trinta anos vinha resistindo ao tempo, estava coberta por suas flores grandes. Isto o levou a recordar o dia em que ele levara Giovana pela primeira vez, para conhecer a casa.

A saudade que ainda não havia minorado recrudesceu mais fortemente... Suspirando longamente, dirige-se a ela em pensamento: "Querida, a tua árvore está florida... Olhando essas flores rubras, como eram os teus cabelos, lembro nitidamente quando te trouxe aqui a primeira vez e sinto uma dor intensa em meu coração... Cinco meses se passaram, desde que tu partiste... Por que minha hora não chega...?! A minha missão junto aos guaranis de Iguamirim, já terminou... Não precisam mais de mim... Como eu ficaria feliz se pudesse estar aí contigo!"

Uma brisa suave, surgindo de repente, faz com que as belas flores balancem nos galhos da árvore predileta de Giovana. O coração de Daniel palpita mais forte.

"Meu amor, sinto que estás junto a mim... Me leva contigo!" - continuando a olhar as flores rubras, surpreso, percebe entre elas o rosto rejuvenescido e sorridente de Giovana, enquanto a sua voz ressoa em seus ouvidos:

"*Dani, querido... Como resgate, a tua missão junto aos guaranis, já terminou... Mas o teu exemplo continua servindo de incentivo para eles... Portanto, não te afastes muito de lá... Ao contrário do que pensas, és útil na Reserva... Não se abandona um trabalho de amor, porque findou um resgate... O trabalho continua, porque a nossa jornada é norteada pelo serviço do Amor... Tua hora não chegou ainda... Não te angusties, estarei te aguardando... Todos os nossos entes queridos que aqui estão, te esperam ansiosamente também... Será uma festa plena de alegria para todos nós, quando aqui retornares... Te amo!* "

Sem dar tempo de Daniel responder, sua imagem se desfaz assim que a sua voz silencia... Entretanto a energia da felicidade o envolveu, porque ele pôde, pelo menos num lampejo, tornar a ver aquele rosto tão amado.

As palavras de Giovana deram-lhe um novo ânimo... Ele ainda poderia ser útil!... Quando a voz de Norma chamando-o para o lanche, retirou-o de seu devaneio, foi com um andar cheio de um novo vigor, que entrou em casa.

- Tio Daniel, o Pedro vai me levar amanhã para conhecer as Missões! O senhor não gostaria de ir conosco para passear um pouco...?! - pergunta Fernanda, ao telefone.

Surpreso com o convite, ele aceita alegremente: - É claro que será ótimo passear com vocês! Ainda mais naquele local que foi tão importante para mim, na adolescência!... Só não quero atrapalhar o programa de vocês.

Rindo, ela brinca com ele: - Se atrapalhasse, eu não convidaria!... - e séria, conclui - A sua companhia, tio Daniel, só nos dá prazer!

- Obrigado, querida!... - fala demonstrando satisfação - E a que horas vai ser o passeio ?!

- Pedro combinou comigo para antes do almoço... Ele quer almoçar no caminho... Está bem assim para o senhor...?!

- Claro, meu bem... Está ótimo!

- Estou lhe telefonando com antecedência, para que o senhor não programe nada para amanhã, nem de dia nem de noite, porque conforme for, iremos assistir ao espetáculo de Som e Luz. Dizem que é maravilhoso!...

- As pessoas que viram, falam isso...Que realmente é muito bonito... Mas vou confessar uma coisa! Sabes que eu nunca assisti...?

- Não acredito, tio! - ela exclama surpresa - Morando tão perto e nunca assistiu...?! Incrível!

- É assim, filha... Quase sempre aquilo que está próximo do nosso alcance, acabamos por deixar sempre para depois... E às vezes, "o depois" não chega nunca!

- Comigo vai ser diferente! Não vou deixar para depois!...Estou animadíssima para ir até lá!...Lembra daquela fita que o senhor nos mandou há três anos atrás...? Do tenor Carreras cantando nas Missões ?!

- Sim, lembro!

- Desde que eu assisti o espetáculo no vídeo, fiquei com vontade de conhecê-las. Ainda mais com todas as histórias contadas pelo Vô Hans, espero não perder esta oportunidade!...

- Pois então está combinado! Foi bom teres me avisado, porque ia convidar o meu amigo Alfredo para irmos na Reserva, amanhã à tarde.

- Então eu adivinhei!... - fala rindo - OK!... Um beijo e até logo mais à noite!- desligando o telefone, Fernanda foi arrumar a mala. No final da tarde iria pegar o ônibus para Trilha das Palmeiras... Só iria se encontrar com o Pedro, no dia seguinte. Saindo de Porto Alegre no ônibus da meia-noite, ele só chegaria em casa, por volta das seis horas da manhã.

"Apesar de me agradarem, estou cansada de ficar aqui no meio dessas pessoas estranhas, que não têm nada a ver comigo!... Felizmente já é sexta-feira... *Adoro* ir para a casa da Norma! Estou gostando muito da minha família brasileira!...

E enquanto arrumava o quarto, seu pensamento estava com Pedro: "Que bom que vamos passar mais um fim de semana juntos!... Mas eu preciso resolver a nossa vida... Estou certa, certíssima dos meus sentimentos!... Não vejo porque protelar o momento de nos unirmos... Ao lado dele, sinto como se já nos conhecêssemos há muito tempo!..."

Viajando estrada a fora, no confortável ônibus, Fernanda não conseguia descansar a mente. O filme exibido pela pequena TV frente à sua poltrona, não a impedia de pensar. Estava muito ansiosa...

"Não parece que Pedro e eu estamos namorando apenas há quatro meses!... Se não fosse o tio Daniel nos apoiar, teria sido o caos... Ele deu a maior força... Eu gosto tanto dele!... Será que ele iria a Alemanha comigo para me ajudar junto a minha família...? Seria *uma boa*!... Afinal, reconheço que quatro meses é um tempo muito curto para se falar em casamento! Minha família inteira vai cair em cima de mim!... Norma acha melhor eu não precipitar os acontecimentos... Acho que ela tem razão!... Como a Norma tem sido minha amiga... Também gosto muito dela!"

Em tudo isso Fernanda pensava enquanto o ônibus seguia pela estrada. Esses seus pensamentos, não eram muito diferentes dos de Pedro. Ele também achava desnecessário levarem muito mais adiante o namoro... Sua intenção, neste fim-de-semana, era ter uma séria conversa com ela.

Chegaram nas Missões por volta das três horas da tarde. O tempo firme e o céu de um azul profundo, sem nuvens, realçava mais ainda a beleza daquelas ruínas.

Fernanda, encantada, quis olhar todos os cantos e recantos... Juntamente com o Pedro, foi até uma sala de projeção de *slides* onde eram exibidas fotos de documentos antigos, pertencentes a Companhia de Jesus, enquanto que um historiador relatava a história dos Sete Povos das Missões.

Aguardando a ambos, Daniel começou a caminhar pelo lado de fora. Queria ir no local onde se sentara pela primeira vez ainda menino, quando conhecera as Missões

Ao chegar lá, retirou do bolso a pedrinha missioneira, que levara propositadamente com ele. Colocando-a na palma da mão, fala para esta: - Há quase meio século que te conservo comigo, meu querido talismã... Me proporcionaste momentos muito importantes... Agora é a ocasião propícia para retornares de onde saíste. Por isso te trouxe comigo... Termina um ciclo de vida, neste momento!... O espírito que faltava retornar a este local, onde teve início tudo o que me aconteceu nessas últimas experiências de vida, se encontra hoje aqui...

Procurando uma cavidade, entre os tijolos da ruína, que melhor escondesse a pequena pedra, sente uma pequena vertigem. Apoiando-se no muro, fecha os olhos para se equilibrar...Surge então, no quadro de sua mente por alguns instantes, a figura amedrontada da jovem bugra guarani, fechando em seus braços as duas crianças, numa tentativa de protegê-las do mercenário português... Aquela mãe com seus filhos, que ele poupara da morte... E que a partir de então, caminharam os três a seu lado, através dos séculos, num resgate de Amor.

Voltando ao seu normal, Daniel impressionado e muito comovido, coloca a preciosa pedra bem escondida numa brecha profunda, enquanto pensa: "Eu fui o primeiro a voltar aqui... Depois trouxe Giovana, mais tarde Pedro e agora Fernanda... Após quase três séculos, retornamos ao local daquela chacina hedionda... O meu crime redimido, pela energia do Amor Cósmico, Universal, que tão bem eles três souberam praticar!..."

Nisso ele ouve em seu íntimo, a voz de Giovana: "*Mas tu, meu amor, conquistaste a tua redenção... Pois através desse tempo, aprendeste a praticar este Amor Divino... Senão tivesse havido da tua parte, a vontade de evoluir, não poderíamos ter seguido ao teu lado!... Te amo... Estou te aguardando... Tua hora se aproxima!..."*

Sob o impacto dessa comunicação, Daniel sente uma forte emoção e uma dor qual uma punhalada penetrando em seu peito, corre pelo braço esquerdo. Entretanto, ele se recupera ligeiro. Muito emocionado ainda, retoma o caminho de volta ao centro das Ruínas, procurando por Pedro e Fernanda.

- Tio Daniel, é fantástico isso aqui! - esta exclama entusiasmada, assim que o encontra - Me arrepiei várias vezes, ao tocar as belas obras de arte... Elas possuem uma energia que tocam o nosso coração!...

- É a tua sensibilidade, querida, que permite sentires isso... São as energias de um tempo passado!...

- Mas aconteceu uma coisa muito estranha comigo...Que me deixou encabulada! - voltando-se para Pedro, pede: - Conta, Pedro...Conta para o tio!

- É que estávamos seguindo o guia, quando nos fundos do que teria sido uma sala, Fernanda parou frente a uma entrada para um corredor. Curiosa, perguntou ao guia se não poderíamos entrar ali... Ao que ele respondeu que nada havia ali atrás para ser visto, que o corredor dava para o terreno baldio... Para espanto geral, ela quis saber: "Mas o que foi feito da escada subterrânea que levava a uma passagem secreta...?!"

- Disseste isso por que, minha filha...? - indaga Daniel muito interessado - Leste isso em algum livro...?

- Foi o que o guia me perguntou também... E eu fiquei muito sem graça, sem ter coragem de dizer que eu, não sei como, tinha visto além da parede! Iriam me achar louca!... Então Pedro veio em meu socorro, dizendo que eu havia lido sim, num livro de ficção... Mas foi uma situação muito enjoada, porque quase todos riram de mim.

- Fernanda, querida... Tiveste uma vidência... Enxergaste uma construção de um tempo passado! - explica Daniel.

- Foi assim que o Pedro me consolou!... - concorda ela, rindo.

- Não, querida... Não foi consolo... Isso realmente acontece com as pessoas que já tem a mediunidade desperta, quando visitam lugares antigos... - confirma Daniel - É mais comum do que tu pensas!

Porém, sem nada demonstrar, interiormente ele sorri, pensando: "Foi uma prova de que viveste aqui no passado, neste local, Fernanda..."

Ficaram para assistir ao espetáculo Luz e Som... A noite estava cálida, com o céu estrelado. O jogo de luzes, conjugado com o som vibrante e o relato da História pelas vozes de excelentes atores, levaram os três ao auge da emoção. Quando este terminou, saíram com os olhos marejados de lágrimas. Em silêncio, entraram no carro e iniciaram a viagem de volta.

À medida que foram comentando a beleza do espetáculo, a comoção que sentiam foi se esvanecendo. Quando pararam num restaurante à beira da estrada, para jantar, a descontração e a alegria pelo passeio já haviam retornado.

Apesar de simples, era uma aconchegante taberna italiana, servida pelo próprio dono e sua família. Estava quase vazia àquela hora.

Enquanto aguardavam a pizza calabresa, Pedro comunica a Daniel: - Pai, Fernanda e eu não queremos esperar muito tempo para resolvermos a nossa vida... Estamos certos do nosso amor e pretendemos nos casar quando ela retornar a Alemanha, agora no final do ano. O que achas...?

- Se é o que vocês desejam... Se ambos têm a certeza de que é o caminho que devem trilhar, não vejo porque adiá-lo por muito tempo!.. - e olhando para Fernanda, pergunta um tanto preocupado - Mas já comunicaste esses planos aos teus pais ?!

- Ainda não... - responde esta insegura - Por isso Pedro e eu queremos fazer um pedido ao senhor, tio Daniel... Poderias ir para a Alemanha conosco...?! O seu apoio será de grande auxílio para nós!

- Mas é claro, minha filha... Irei com vocês sim! Além do que, é uma excelente oportunidade de rever minha família alemã!

Os últimos meses passaram ligeiro... Com vistas a retornar ao Brasil já casada, Fernanda fez o vestibular para Sociologia, na PUC de Porto Alegre. Tendo passado neste, levou consigo a matrícula da Universidade, para a Alemanha.

O casamento se realizou dois meses após a chegada deles em Berlim. Daniel, apoiado por Matilde e Hans, conseguiu a aprovação geral da família. Após a lua-de-mel pela Europa, Pedro e Fernanda fixaram sua residência em Porto Alegre.

Chegara o outono... A noite estava amena e Daniel, que se mudara para o estúdio de Giovana após o casamento de Pedro, se encontrava sentado no jardim interno.

Apreciando a noite estrelada, cuja lua nova se mostrava num fino traço brilhante sobre o escuro céu, fixou seu olhar numa refulgente estrela...

Nisso, uma nuvem foi se aproximando e cobriu essa estrela. Desviando o olhar para o lado direito, à procura de novas estrelas, se surpreende ao ver noutro plano de visão, à sua esquerda a mesma estrela sobre a nuvem... Surpreso, retorna o olhar para o ponto inicial e

nada vê, apenas a nuvem encobrindo aquele local. Retorna mais uma vez o olhar para a sua direita e a estrela surge novamente sobre a nuvem, no local à sua esquerda. Intrigado, repete por mais duas vezes o mesmo processo, que confirma os diferentes níveis de sua visão. Uma voz então se faz ouvir em sua mente:

"*Quando o ser humano aprender a olhar além da matéria, vislumbrará, com os olhos de sua alma cósmica, outros planos de vida..."*

Reconhecendo a voz de seu Mestre Hi-Cheng, Daniel enxerga, mais surpreso ainda, a brilhante Nave Azul deslizando sobre o manto negro do céu estrelado... Muito emocionado, dirige seu pensamento ao Criador:

"Pai, como será a vida da Humanidade após o seu despertar...? E quando isso acontecerá?!"

Novamente escuta a voz de seu Mestre, respondendo a esta pergunta: *"A Humanidade tem o tempo da Eternidade para alçar este vôo maior... Entretanto, a Fé e o Amor tornam este caminho mais rápido!"*

A voz se cala e a nave desaparece... Uma paz profunda o envolve e Daniel sentindo-se sonolento, resolve entrar para seus aposentos e se deitar. Acomodado na cama, uma estranha letargia deixa seu corpo imobilizado...Uma luz azulada, intensa, ilumina todo o quarto e aparece um belo portal se abrindo para um florido jardim... Encantado, ele se sente atraído por tamanha paz e beleza. Seu corpo espiritual se desprende do físico e, tomado de um sentimento indescritível de felicidade, se encaminha para lá.

Em meio à névoa azulada, surge Giovana, novamente jovem, sorridente... Estendendo suas mãos para ele, fala com doçura: *"Venha amor... Venha comigo... Terminaste teu aprendizado... Tua hora chegou!..."*

Em paz, Daniel mergulha num sono profundo para despertar na Espiritualidade.

FIM

MARIZA BANDARRA

SEQUÊNCIA REENCARNATÓRIA

TOMÁS:
JESUÍTA: 1715 / 1756 Sacrificado nas Missões.
PASTOR LUTERANO: Emigrante alemão 1811/ 1882 Povoado Novo Paraíso.
PASTOR LUTERANO: Porto Alegre 1910 / 1966 Nova Dresden.
(Pai adotivo de Daniel em 1938)

DANIEL:
MERCENÁRIO PORTUGUÊS no Massacre aos Índios e Jesuítas nas Missões - 1756
Portugal 1716 / 1758 Rio Grande do Sul.
FIRMINO: Menino escravo negro 1786 / 1790 Estância no Rio Grande do Sul.
KARL: Emigrante Alemão 1830 / 1885 - Povoado Novo Paraíso.
MAONI - Índio guarani DANIEL (por adoção) 1938 / 2001 Trilha das Palmeiras.

GIOVANA:
CRIANÇA ÍNDIA: 1754 / 1756 filha da índia Guarani (que foram poupadas da morte no massacre nas Missões)
GRETCHEN: Emigrante alemã 1835 / 1860 Povoado Novo Paraíso.
GIOVANA: Mineira de Juiz de Fora 1939 / 2000 Trilha das Palmeiras.

ADRIANA:
FREIRA CATÓLICA: Rio de Janeiro 1828 / 1889 Povoado Novo Paraíso.
ADRIANA: Porto Alegre 1921 / 1990 Trilha das Palmeiras.

FRANCISCO:
JESUÍTA: Rio de janeiro 1704 / 1756 Sacrificado nas Missões.
PADRE CATÓLICO: Rio de janeiro 1822 / 1887 Povoado Novo Paraíso.
PADRE CATÓLICO: Porto Alegre 1925 / 1989 Nova Dresden.

JURACI:
ELETON: Emigrante alemão 1815 / 1890 Povoado Novo Paraíso.
JURACI: Índia Guarani 1919 / 1983 Trilha das Palmeiras

PEDRO:
ÍNDIA GUARANI: Mãe das duas crianças, salva do massacre de 1756 - Missões 1736 / 1774 Tribo na Mata.
JUREMA: Índia Guarani: Tribo da Mata 1830 / 1880 Povoado novo Paraíso.
POTIRA: Índia Guarani (Mãe de Maoni / Daniel) Reserva Indígena: 1920/1938 Nova Dresden.
PEDRO: Índio Guarani - Adotado por DANIEL
Cidade vizinha à Reserva Iguamirim 1968.

FERNANDA:
ÍNDIO GUARANI: (filho da índia missioneira salva do massacre de 1756)
Missões 1752 / 1782 Tribo da Mata.
TUPIARA: Tribo da Mata 1846 / 1910 Povoado Novo Paraíso.
FERNANDA: neta de HANS e MATILDE - Alemanha - Berlim 1982.

FIM